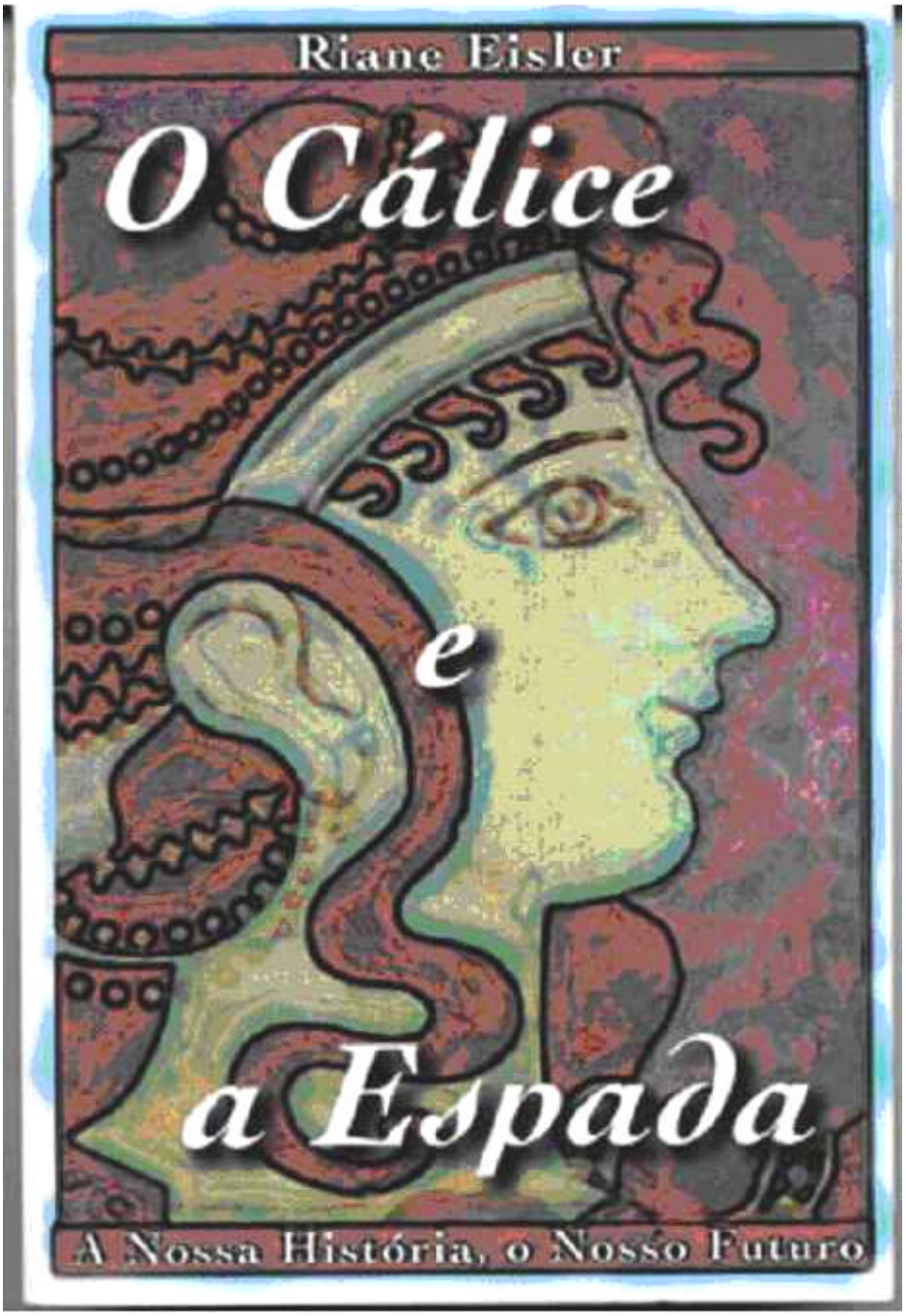
Riane Eisler
O Cálice
e
a Espada
A Nossa História, o Nosso Futuro

O Cálice e a Espada

NOSSA HISTÓRIA, NOSSO FUTURO

RIANE EISLER

O Cálice e a Espada

NOSSA HISTÓRIA, NOSSO FUTURO

(Série Diversos)

Direção de

JAYME SALOMÃO

Imago editora

-Rio de Janeiro-

Sumário

AGRADECIMENTOS 7

INTRODUÇÃO: O CÁLICE E A ESPADA 9

Possibilidades humanas: duas alternativas 10

As encruzilhadas evolutivas 12

Caos ou transformação 14

CAPÍTULO l 17

JORNADA A UM MUNDO PERDIDO: OS PRIMÓRDIOS DA CIVILIZAÇÃO 17

O paleolítico 17

O neolítico 21

A Europa antiga 24

CAPITULO 2 27

MENSAGENS DO PASSADO: O MUNDO DA DEUSA 27

Arte neolítica 28

O Culto à Deusa 30

Se não é patriarcado, então tem de ser matriarcado 32

CAPITULO 3 36

A DIFERENÇA ESSENCIAL: CRETA 36

A explosão arqueológica 36

O amor à vida e à natureza 37

Uma civilização excepcional 39

A invisibilidade do óbvio 42

CAPÍTULO 4 45

AS TREVAS COMO RESULTADO DO CAOS: DO CÁLICE À ESPADA 45

Os invasores periféricos 45

A metalurgia e a supremacia masculina 47

A mudança na evolução cultural 48

Guerras, escravidão e sacrifícios 49

A civilização mutilada 51

A destruição de Creta 53

Um mundo em desintegração 54

CAPITULO 5 56

LEMBRANÇAS DE UMA ERA PERDIDA: O LEGADO DA DEUSA 56

Evolução e transformação 56

Uma raça dourada e a lenda de Atlântida 57

O jardim do Éden e as tábuas da Suméria 59

Os legados da civilização 60

Uma nova visão do passado 65

CAPITULO 6 69

A REALIDADE DE PERNAS PARA O AR: PARTE I 69

Matricídio não é crime 69
As mentalidades de dominação e de parceria 71
A metamorfose do mito 73
CAPITULO 7 77
A REALIDADE DE PERNAS PARA O AR: PARTE II 77
A nova rota da civilização 77
Sexo e economia 81
Ética do dominador 82
O conhecimento é nocivo, o nascimento é torpe, a morte é sagrada 84
CAPÍTULO 8 87
O OUTRO LADO DA HISTÓRIA: PARTE I 87
Nossa herança oculta 88
A unidade cíclica da natureza e a harmonia dos astros 90
A Grécia antiga 92
O certo e o errado na androcracia 96
CAPITULO 9 98
O OUTRO LADO DA HISTÓRIA: PARTE II 98
Jesus e a gilania 98
As escrituras proibidas 101
As heresias gilânicas 103
O pêndulo retrocede 105
CAPITULO 10 108
MODELOS DO PASSADO: GILANIA E HISTÓRIA 108
A história se repete 112
As mulheres como força na história 116
O *ethos* feminino 118
O fim da linha 120
CAPITULO II 122
LIBERTAÇÃO: A TRANSFORMAÇÃO INCOMPLETA 122
O malogro da razão 122
O desafio às premissas androcrátícas 124
As ideologias seculares 126
O modelo dominador para as relações humanas 128
Avanço ou retrocesso? 130
CAPÍTULO 12 133
O COLAPSO DA EVOLUÇÃO: UM FUTURO DOMINADOR 133
Os problemas insolúveis 133
Questões humanas e questões femininas 135
A solução totalitária 138
Novas realidades e antigos mitos 140
CAPITULO 13 142

RUPTURA NA EVOLUÇÃO: RUMO A UM FUTURO DE PARCERIA 142

Uma nova visão da realidade 143

Nova ciência e nova espiritualidade 145

Nova política e nova economia 148

Transformação 150

Figuras 155

Notas 164

AGRADECIMENTOS

De muitas formas este livro representa um esforço cooperativo, ao recorrer às visões e trabalho de um sem-número de homens e mulheres, muitos dos quais recebem agradecimentos nas notas. Houve ainda muitos outros cujas críticas, sugestões, ajuda na redação e edição e, acima de tudo, apoio e encorajamento ao longo dos últimos dez anos foram inestimáveis.

A contribuição de David Loye, a quem este livro é dedicado, foi tão significativa que não sei como expressar minha gratidão. Não é exagero afirmar que este livro não teria sido possível sem a parceria integral e ativa, no decorrer de muitos anos, deste homem notável, o qual com freqüência colocou de lado seu próprio trabalho, bastante importante, de cientista social pioneiro, de forma a generosamente oferecer sua erudição, reflexões, habilidade na redação e compreensão com dedicação e paciência altruístas, que realmente transcenderam os limites humanos.

Entre as muitas mulheres que se dedicaram generosamente a este livro, ofereço minha especial gratidão a minha amiga e colega Annette Ehrlich, a qual encontrou tempo, em meio a uma vida atribulada como professora de psicologia e consultora editorial científica, para ler inúmeras vezes os manuscritos bem mais extensos de onde finalmente surgiu O Cálice e a Espada. Suas críticas editoriais francas e seu apoio constante foram de enorme valia para meu estado de espírito e energia por vezes vacilantes. Também ofereço meus maiores agradecimentos a Carole Anderson, Fran Hosken, Mara Keller, Rebecca McCann, Isolina Ricci e a já falecida Wilma Scott Heide. Todas leram todo ou quase todo o manuscrito em diferentes estágios, fazendo importantes sugestões e oferecendo com generosidade seu apoio e amor. O Cálice e a Espada e eu temos enorme dívida de gratidão para com Ashley Montagu, o qual deixou de lado a conclusão de dois livros seus para examinar este livro linha por linha, nota por nota. Esta e outras manifestações de crença em meu trabalho vindas de um homem que devotou a maior parte de sua vida longa e extraordinariamente produtiva à melhoria da humanidade me foram de grande auxílio e estímulo.

Seria preciso outro volume para agradecer adequadamente a todos que contribuíram para este livro de maneira fundamental: minhas filhas Andrea e Loren Eisler, minha agente Ellen Levine, meu editor Jan Johnson, bem como muitos outros da Harper & Row, incluindo Clayton Carison, Tom Dorsaneo, Mike Kehoe, Yvonne Keller, Dorian Gossy e Virgínia Rich, além de todos os outros que cuidaram tão bem deste livro em seus estágios finais de produção.

Entre os que leram, segundo a perspectiva de suas várias disciplinas, trechos de O Cálice e a Espada como um trabalho em preparo, oferecendo importantes contribuições, incluo os arqueólogos Marija Gimbutas e Nicolas Platon, as sociólogas Jessie Bemard e Joan Rock-well, a psiquiatra Jean Baker Miller, os historiadores de arte e cultura Elinor Gadon e Merlin Stone, a especialista em literatura comparada Gloria Qrenstein, o biólogo Vilmos Csanyi, os teóricos do "caos" e "sistemas auto-organizacionais" Ervin Laszio e Ralph Abraham, o físico Fritjof Capra, os futurólogos Hazel Henderson e Robert Jungk, e a teóloga Carol Christ. Entre outros que leram trechos do manuscrito ou ofereceram importantes sugestões estão: Andra Akers, Lettie Bennett, Anna Binicus, June Brindei, Marie Cantion, Olga Eleftheria-des, Julia Eisler, Maier Greif, Mary Hardy, Helen Helmer, AUie Hix-son, Elizabeth Holm, Barbara Honegger, Al Ikof, Ed Jarvis, Abida Khanum, Samson Knoll, Pat Laia, Susan Mehra, Mary e Lloyd Morain, Hilkka Pietila e Cosette Thomson. A lista não termina aqui, mas as limitações de espaço impossibilitam citar todos; peço desculpas por este e quaisquer outros lapsos de memória. Gostaria de ter citado os nomes de todos que, ao longo de muitos anos de pesquisa e escrita, me proporcionaram estímulo intelectual e apoio emocional.

Quero agradecer especialmente àqueles que participaram do preparo aparentemente interminável do manuscrito, em particular Jeannie Adams, Ryan Bounds, Kedron Bryson, Kathy

Campbell, Sylvia Edgren, Elizabeth Dolmat, DiAna, Elizabeth Harrington, Cherie Long, Jeannie McGregor, Mike Rosenberg, Cindy Sprague, Susanne Shavione, Elizabeth Wahbe e Jo Warley.

INTRODUÇÃO: O CÁLICE E A ESPADA

Este livro abre uma porta. A chave para destrancá-la foi moldada por muitas pessoas e livros, e vários outros serão necessários para explorar integralmente as amplas perspectivas por trás deste. Mas o simples ato de abrir um pouco esta porta revela um fascinante conhecimento novo sobre nosso passado — e uma nova visão de nosso futuro potencial.

Para mim, a busca desta porta tem sido uma jornada de vida inteira. Bem no começo de minha existência, percebi que o que pessoas de diferentes culturas consideravam como determinado — o jeito como as coisas são — não é o mesmo em todos os lugares. Também muito cedo desenvolvi apaixonado interesse pela condição humana. Quando era bem pequena, o mundo aparentemente seguro que eu conhecera foi destruído pelo domínio nazista da Áustria. Vi meu pai ser levado, e quando milagrosamente minha mãe obteve a soltura dele da Gestapo, eu e meus pais escapamos para nossas vidas. Neste vôo, primeiro para Cuba e finalmente para os Estados Unidos, vivenciei três culturas diferentes, cada qual com suas próprias verdades. Comecei também a fazer inúmeras perguntas, as quais para mim não são, e nunca foram, abstraías.

Por que caçamos e perseguimos uns aos outros? Por que nosso mundo está tão cheio da infame desumanidade do homem para com o homem - e para com a mulher? Como os seres humanos podem ser tão bestiais com seres de sua própria espécie? O que é que nos impulsiona tão cronicamente em direção à crueldade ao invés da bondade, em direção à guerra ao invés da paz, em direção à destruição ao invés da realização?

De todas as formas de vida neste planeta, apenas nós podemos plantar e semear os campos, compor música e poesia, buscar a verdade e a justiça, ensinar uma criança a ler e escrever - ou mesmo a rir e chorar. Em razão de nossa habilidade incomparável para imaginar novas realidades e concretizá-las através de tecnologias ainda mais avançadas, somos literalmente parceiros em nossa própria evolução. No entanto, esta mesma espécie maravilhosa parece dedicar-se a dar um fim não só a nossa evolução mas à grande maioria da vida no globo, ameaçando nosso planeta com a catástrofe ecológica ou a aniquilação nuclear.

Com o passar do tempo, enquanto prosseguia em meus estudos profissionais, tinha filhos e cada vez mais voltava minha pesquisa e escritos para o futuro, minhas preocupações expandiam-se e aprofundavam-se. À semelhança de muita gente, convenci-me de que estamos nos aproximando rapidamente de uma encruzilhada na evolução — e que nunca antes o caminho por nós escolhido foi tão critico. Mas que direção devemos tomar?

Socialistas e comunistas asseguram que a raiz de nossos problemas é o capitalismo; capitalistas insistem em que o socialismo e o comunismo estão nos levando à ruína. Alguns argumentam que nossos problemas se devem a nosso "paradigma industrial", que nossa "visão científica" do mundo é a culpada. Outros ainda culpam o humanismo, o feminismo e até o secularismo, insistindo em uma volta aos "bons tempos" de uma época mais religiosa, mais simples e modesta.

Contudo, se olharmos para nós mesmos — como somos forçados a fazer com a televisão ou o ritual diário e sombrio da leitura de jornais pela manhã —, veremos como as nações capitalistas, socialistas e comunistas estão enredadas na corrida armamentista e em todas as outras irracionalidades que ameaçam a nós e a nosso meio ambiente. E se olharmos para nosso passado — para os massacres rotineiros realizados por hunos, romanos, viquingues e assírios ou os morticínios cruéis das cruzadas cristãs e da Inquisição —, veremos que existia ainda mais violência e injustiça nas sociedades mais simples, pré-científicas e pré-industriais que nos precederam.

Já que retroceder não é a resposta, como prosseguir? Muito se tem escrito a respeito de uma nova era, uma transformação cultural global sem precedentes.[1] Mas em termos práticos, o

que isso significa? Uma transformação de que em quê? Em termos de nossas vidas diárias e nossa evolução cultural, precisamente o que seria diferente, ou mesmo possível, no futuro? A mudança de um sistema que leva a guerras crônicas, injustiça social e desequilíbrio ecológico para um sistema de paz, justiça social e equilíbrio ecológico é uma possibilidade realista? E, o que é mais importante, que mudanças na estrutura social tomariam possível tal transformação?

A busca de respostas a estas questões me levou a um reexame de nosso passado, presente e futuro, nos quais se baseia este livro. *O Cálice e a Espada* **relata parte deste novo estudo da sociedade humana, diferindo da grande maioria dos principais estudos, pois este trabalho leva em consideração** *toda* **a história humana (incluindo nossa pré-história), bem como** *toda* **a humanidade (suas metades fêmea e macho).**

Ao reunir evidências da arte, arqueologia, religião, ciências sociais, história e muitos outros campos de indagação em novos modelos que se adequam melhor aos elementos disponíveis, *O Cálice e a Espada* **conta uma nova história de nossas origens culturais. Mostra que a guerra e a "guerra dos sexos" não são de ordem divina nem biológica. E oferece evidências de que um futuro melhor é possível — na verdade está firmemente enraizado no drama obsessivo daquilo que de fato aconteceu em nosso passado.**

Possibilidades humanas: duas alternativas

Estamos todos familiarizados com as lendas sobre uma era primitiva, mais harmoniosa e pacífica. A Bíblia fala de um jardim onde o homem e a mulher viviam em harmonia consigo mesmos e com a natureza — antes de um deus masculino decretar que dali em diante a mulher seria subserviente ao homem. O *Tao Te Ching* **chinês descreve uma época em que o** *yin*, **ou princípio feminino, ainda não era governado pelo princípio masculino, ou** *yang*, **uma época em que a sabedoria materna ainda era honrada e respeitada acima de tudo. O antigo poeta grego Hesíodo escreveu a respeito de uma "raça dourada", a qual cultivava o solo com "paz e tranqüilidade" antes de uma "raça menor" introduzir seu deus da guerra. Mas embora os estudiosos concordem que em muitos aspectos estes trabalhos se baseiam em acontecimentos pré-históricos, referências a um tempo em que mulheres e homens viviam em parceria são tradicionalmente consideradas como nada além de fantasia.**

Quando a arqueologia ainda se encontrava em seus primórdios, as escavações de Heinrich e Sophia Schliemann ajudaram a estabelecer a realidade da Tróia de Homero. Hoje novas escavações arqueológicas, juntamente com reinterpretações de antigas escavações usando métodos mais científicos, revelam que histórias tais como nossa expulsão do jardim do Éden também se originam de realidades mais antigas: de recordações populares das civilizações agrárias (ou neolíticas) primitivas, as quais plantaram os primeiros jardins nesta terra. Da mesma maneira (como já sugeriu o arqueólogo grego Spyridon Marinatos quase cinqüenta anos atrás), a lenda de como a gloriosa civilização de Atlântida desapareceu no mar também pode ser uma recordação truncada da civilização minóica — que hoje se acredita ter acabado quando Creta e as ilhas dos arredores foram atingidas profundamente por terremotos e ondas gigantescas.[2]

Assim como na época de Colombo a descoberta de que a Terra não era plana possibilitou encontrar um novo mundo surpreendente que ali estivera durante todo aquele tempo, estas descobertas arqueológicas — oriundas do que o arqueólogo britânico James Mellaart denomina uma verdadeira revolução arqueológica — revelam o mundo surpreendente de nosso passado oculto.[3] Elas mostram um longo período de paz e prosperidade enquanto prosseguia nossa evolução social, tecnológica e cultural: muitos milhares de anos em que todas as tecnologias básicas sobre as quais a civilização foi construída se desenvolveram em sociedades que não eram dominadas pelo homem, nem violentas ou hierárquicas.

Outras comprovações de que havia sociedades antigas organizadas de maneira muito diferente da nossa são as imagens, que não teriam outra explicação, da deidade como fêmea na arte, no mito e até mesmo em escritos históricos remotos. De fato, a idéia do universo como uma mãe generosa sobreviveu até nossa época (embora de forma modificada). Na China, as deidades femininas Ma Tsu e Kuan Yin ainda são amplamente cultuadas como deusas beneficentes e piedosas. Na verdade, o antropólogo P.S. Sangren observa que "Kuan Yin sem duvida é a mais popular das deidades chinesas".[4] Da mesma maneira, o culto a Maria, Mãe de Deus, é muito difundido. Embora na teologia católica ela tenha sido rebaixada a um *status* não-divino, sua divindade é reconhecida implicitamente por seu título Mãe de Deus, assim como nas orações de milhões de pessoas que diariamente buscam sua proteção e conforto de misericórdia. Mais ainda, a história do nascimento, morte e ressurreição de Jesus apresenta notável semelhança com os antigos "cultos do mistério" que giram em tomo de uma mãe divina e seu filho (ou, como no culto a Ceres e Perséfone, sua filha).

Naturalmente faz sentido que a antiga representação do poder divino em forma humana tenha sido de fêmea, e não de macho. Quando nossos ancestrais começaram a se fazer as eternas perguntas (De onde viemos antes de nascer? Para onde vamos depois que morrermos?), devem ter percebido que a vida emerge do corpo de uma mulher. Teria sido natural para eles imaginar o universo como uma mãe generosa de cujo útero surge toda vida e para onde, assim como nos ciclos da vegetação, ela retoma após a morte, para renascer. Também faz sentido que sociedades com esta imagem dos poderes que governam o universo tivessem uma estrutura social muito diferente das sociedades que adoram um Pai divino, o qual empunha um raio e/ou uma espada. Parece lógico não fossem elas consideradas subservientes em sociedades que conceptualizavam os poderes que governam o universo em forma de fêmea — e que qualidades "femininas" tais como cuidado, compaixão e não-violência fossem altamente valorizadas nestas sociedades. O que *não* faz sentido é concluir que as sociedades em que os homens não dominavam as mulheres eram sociedades em que as mulheres dominavam os homens.

Contudo, quando os primeiros indícios de tais sociedades vieram à luz no século XIX, concluiu-se que elas deveriam ter sido "matriarcais". Então, quando a evidência pareceu não sustentar tal conclusão, de novo tomou-se costume argumentar que a sociedade humana sempre foi — e sempre será — dominada por homens. Mas, se nos libertarmos dos modelos prevalentes de realidade, evidentemente haverá outra alternativa lógica: podem existir sociedades nas quais a diferença não é necessariamente comparada à inferioridade ou à superioridade.

Um dos resultados do reexame da sociedade humana a partir de uma perspectiva holística tem sido a nova teoria da evolução cultural. Esta teoria, a qual denominei teoria da transformação cultural, propõe que, subjacente à grande diversidade superficial da cultura humana, há dois modelos básicos de sociedade.

O primeiro, que eu denominaria modelo *dominador*, é popularmente chamado patriarcado ou matriarcado – a *supremacia* de uma metade da humanidade sobre a outra. O segundo, no qual as relações sociais se baseiam primordialmente no princípio de *união* em vez da supremacia, pode ser melhor descrito como modelo de *parceria*. Neste modelo – a começar pela mais fundamental diferença em nossas espécies, entre macho e fêmea — a diversidade não é equiparada à inferioridade ou à superioridade.[5]

A teoria da transformação cultural propõe também que o rumo original de nossa evolução cultural apontava para a parceria, mas, seguindo-se a um período de caos e quase completa ruptura cultural, ocorreu uma fundamental mudança social. A maior disponibilidade de dados de sociedades ocidentais (devido à ênfase etnocêntrica da ciência social ocidental) toma possível documentar esta mudança mais detalhada-mente através da análise da evolução cultural ocidental. No entanto, há também indicações de que, em geral, esta mudança de direção de um modelo de parceria para o modelo dominador, teve seu paralelo em outras partes do mundo.[6]

O titulo *O Cálice e a Espada* **origina-se deste ponto de mutação cataclísmico durante a pré-história da civilização ocidental, quando o rumo de nossa evolução cultural foi literalmente virado ao contrário. Nesta encruzilhada crítica, a evolução cultural das sociedades que cultuavam os poderes alimentadores e geradores de vida do universo – em nossa época ainda simbolizados pelo antigo cálice ou graal – foi interrompida. No horizonte pré-histórico surgem agora invasores das áreas periféricas de nosso globo, os quais anunciavam uma forma de organização social muito diferente. Como escreveu a arqueóloga da Universidade da Califórnia, Marija Gimbutas, estas pessoas cultuavam "o poder letal da espada"[7] – o poder de tirar, em vez de dar a vida, o poder definitivo para estabelecer e impor a dominação.**

As encruzilhadas evolutivas

Hoje nos encontramos em outro ponto de bifurcação potencialmente decisivo. Numa época em que o poder letal da espada — amplificado um milhão de vezes pelos megatons das ogivas nucleares — ameaça pôr um fim a toda a cultura humana, as novas descobertas sobre as histórias moderna e antiga apresentadas em *O Cálice e a Espada* **não oferecem simplesmente um novo capítulo na história de nosso passado. Fundamental é o que este novo conhecimento nos mostra a respeito de nosso presente e futuro potencial.**

Durante milênios os homens combateram em guerras, e a espada tem sido o símbolo masculino. Mas isto não significa que os homens sejam inevitavelmente violentos e belicosos.[8] Ao longo da história registrada, existiram homens pacíficos e não-violentos. Além disso, é óbvio que nas sociedades pré-históricas houve tanto homens como mulheres em que o poder de dar e alimentar, simbolizado pelo cálice, era supremo O problema subjacente não são os homens enquanto sexo. A raiz do problema está no sistema social em que o poder da espada é idealizado — em que homens e mulheres são ensinados a relacionar a verdadeira masculinidade com a violência e a dominação, e a ver os homens que não combinam com este ideal como "demasiado indulgentes" ou "afeminados".

Para muita gente é difícil acreditar ser possível alguma outra forma de estruturação da sociedade humana — muito menos que nosso futuro possa depender de algo relacionado com a mulher ou com a feminilidade. Um dos motivos para tais crenças repousa no fato de que, nas sociedades dominadas pelo homem, qualquer coisa associada à mulher ou à feminilidade é automaticamente considerada tarefa secundária, ou feminina — a só receber atenção, se é que vai mesmo recebê-la, após a solução dos "problemas mais importantes". Outro motivo está em que não dispomos de informação necessária. Embora seja óbvio que a humanidade consiste de duas metades (mulheres e homens), na grande maioria dos estudos sobre a sociedade humana o protagonista, e até muitas vezes o único ator, tem sido o homem.

Como resultado do que tem sido literalmente o "estudo do homem", a maioria dos cientistas sociais tem sido obrigada a trabalhar com dados tão incompletos e distorcidos que em qualquer outro contexto se teria reconhecido sua completa imperfeição. Até hoje as informações sobre as mulheres são primordialmente relegadas ao gueto intelectual dos estudos femininos. Além disso, o que é bastante compreensível em vista de sua importância imediata (embora por muito tempo ignorada) para a vida das mulheres, a maioria das pesquisas realizadas por feministas vem enfocando as implicações do estudo das mulheres pelas mulheres.

Este livro é diferente na medida em que enfoca as implicações de como organizamos as relações entre as duas metades da humanidade para a *totalidade* **do sistema social. Está claro que a maneira como estas relações se estruturam tem implicações decisivas para as vidas pessoais tanto de homens quanto de mulheres, para nossos papéis do dia-a-dia e nossas opções de vida. Mas igualmente importante, embora em geral ainda seja ignorado, é algo que, uma vez articulado, parece óbvio. O modo como estruturamos a mais fundamental de todas as relações humanas (sem**

a qual nossa espécie não poderia prosseguir) exerce grande influência em todas as nossas instituições, valores e — como mostrarão as páginas seguintes — na direção de nossa evolução cultural, particularmente se ela será pacífica ou belicosa.

Se pararmos para pensar nisso, há apenas duas formas básicas de estruturar as relações entre as metades masculina e feminina da humanidade. Todas as sociedades são configuradas por um modelo dominador — no qual as hierarquias humanas em última análise se baseiam no uso da força ou na ameaça de força — ou por um modelo de parceria, com variações entre elas. Além disso, se reexaminarmos a sociedade humana de uma perspectiva que leve em consideração *tanto* **homens** *quanto* **mulheres, também poderemos perceber a existência de padrões, ou configurações sistêmicas, que caracterizam uma organização social de dominação ou então de parceria.**

Por exemplo, de uma perspectiva convencional, a Alemanha de Hitler, o Irã de Khomeini, o Japão dos samurais e os astecas da América Central são sociedades radicalmente diferentes, com raças, origens étnicas, desenvolvimento tecnológico e localização geográfica diferentes. Mas, segundo a nova perspectiva da teoria de transformação cultural, a qual identifica a configuração social característica de sociedades rigidamente dominadas pelo homem, percebemos surpreendentes semelhanças. Todas essas sociedades, muito divergentes em outros aspectos, são não apenas fortemente dominadas pelo homem, como também em geral possuem uma estrutura social hierárquica e autoritária, além de um alto grau de violência social, particularmente guerras.[9]

Por outro lado, também podemos perceber notáveis semelhanças entre sociedades bem diferentes em outros aspectos, as quais são mais igualitárias sexualmente. A característica dessas sociedades "de modelo de parceria" é a tendência a serem bem mais pacíficas, mas também bem menos hierárquicas e autoritárias. Isso fica evidente com os dados antropológicos (i.e., os BaMbuti e os !Kung), estudos atuais sobre tendências de sociedades modernas e sexualmente mais igualitárias (i.e., nações escandinavas tais como a Suécia), e dados históricos e pré-históricos que serão detalhados nas páginas seguintes.[10]

Utilizando os modelos de dominação e parceria na organização social para análise tanto de nosso passado como de nosso futuro potencial, podemos também começar a transcender as polaridades convencionais entre direita e esquerda, capitalismo e comunismo, religião e secularismo, e mesmo entre masculinismo e feminismo. O quadro mais amplo que emerge daí indica que todos os movimentos modernos pós-Iluminismo em prol da justiça social, fossem eles religiosos ou seculares, assim como os movimentos mais recentes, feministas, pacifistas e ecológicos, são parte de uma tendência subjacente à transformação do sistema de dominação em um modelo de parceria. Além disso, em nossa época de tecnologias de poder sem precedentes, estes movimentos podem ser vistos como parte do impulso evolucionista de nossa espécie rumo à sobrevivência.

Se considerarmos toda a extensão de nossa evolução cultural do ponto de vista da teoria de transformação cultural, veremos que as raízes de nossas atuais crises globais remontam à mudança fundamental na pré-história, a qual trouxe grandes modificações não só na estrutura social, mas também na tecnologia. Foi a mudança na ênfase dada a tecnologias que sustentam e elevam a vida para as tecnologias simbolizadas pela lâmina: tecnologias destinadas a destruir e dominar. Esta tem sido a ênfase tecnológica ao longo de grande parte da história registrada. E é esta ênfase tecnológica, em vez da tecnologia por si só, que hoje ameaça toda a vida no planeta.[11]

Sem dúvida haverá os que argumentarão que a mudança pré-histórica de um modelo de parceria para o de dominação na sociedade reflete uma mudança adaptativa. No entanto, o argumento de que pelo fato de alguma coisa acontecer durante a evolução ela deve ser adaptativa não é pertinente — como mostra tão bem a extinção dos dinossauros. Em qualquer acontecimento, em termos evolucionistas, a extensão da evolução cultural humana é muito limitada para que se faça tal julgamento. Na verdade, a questão seria que, dado nosso atual elevado nível de desenvolvimento tecnológico, um modelo de dominação na organização social é inadequado.

Como hoje este modelo de dominação aparentemente está chegando a seus limites lógicos, muitos homens e mulheres rejeitam princípios duradouros de organização social, incluindo seus papéis sexuais estereotipados. Para muitos outros, estas mudanças não passam de sinais de colapso dos sistemas, rupturas caóticas que devem ser sufocadas a qualquer preço. Mas precisamente porque o mundo que conhecemos está mudando com tanta rapidez, um número cada vez maior de pessoas em mais e mais lugares deste mundo está conseguindo enxergar outras alternativas.

O Cálice e a Espada **investiga estas alternativas. Mas, embora o material que se segue mostre a possibilidade de um futuro melhor, de forma alguma ele implica que (como poderíamos ser levados a crer) inevitavelmente superaremos a ameaça do holocausto nuclear ou ecológico, e entraremos em uma nova e melhor era. Em ultima análise, esta escolha depende de nós.**

Caos ou transformação

O Cálice e a Espada **baseia-se no que os cientistas sociais denominam pesquisa aplicada.[12] Não se limita apenas a um estudo do que foi, ou é, ou mesmo do que pode vir a ser mas também a uma investigação de como podemos intervir de maneira mais eficaz em nossa própria evolução cultural. O restante desta introdução destina-se em princípio ao leitor interessado em saber mais sobre este estudo. Os outros leitores poderão passar diretamente ao capítulo l, retomando talvez a esta seção mais tarde.**

Até agora, a maioria dos estudos sobre a evolução cultural focalizou em princípio a progressão dos níveis mais simples aos mais complexos do desenvolvimento tecnológico e social.[13] Tem sido dada especial atenção às principais modificações tecnológicas, tais como o advento da agricultura, a Revolução Industrial e, mais recentemente, a passagem para nossa era pós-industrial ou nuclear/eletrônica.[14] Naturalmente este tipo de movimento possui implicações sociais e econômicas muito importantes. Mas ele só nos fornece parte da história humana.

A outra parte da história remete a um tipo de movimento diferente: as mudanças sociais rumo a um modelo de dominação ou de parceria da organização social. Como já observado, a tese central da teoria de transformação cultural baseia-se na grande diferença existente quanto à direção da evolução cultural nas sociedades de dominação e de parceria.

Parte desta teoria provém de uma importante distinção que em geral não é feita, qual seja, a de que o termo *evolução* **possui um duplo sentido. No jargão científico, este termo descreve a história biológica e, por extensão, cultural de espécies viventes. Porém, evolução é também um termo normativo. Na verdade, ele é usado com freqüência como sinônimo de progresso: movimento dos níveis mais inferiores para os mais elevados.**

Na realidade, nem mesmo nossa evolução tecnológica tem sido um movimento linear de níveis mais inferiores aos mais elevados, mas ao contrário um processo pontuado por regressões enormes, tais como a Grécia homérica e a Idade Média.[15] No entanto, pelo visto há uma tendência subjacente em direção a uma maior complexidade tecnológica e social. Da mesma maneira, parece haver um impulso humano rumo a objetivos mais elevados: rumo à verdade, à beleza e à justiça. Mas, quando demonstram com muita intensidade a brutalidade, opressão e guerras que caracterizam a história registrada, o movimento em direção a tais objetivos não tem sido linear. De fato, como documentam os dados que examinaremos, aqui também tem havido regressões enormes.

Ao reunir dados para elaboração de gráficos e testes da dinâmica social que tenho estudado, juntei achados e teorias de muitos campos, tanto nas ciências sociais quanto naturais. Duas fontes foram particularmente úteis: os novos conhecimentos do feminismo e as novas descobertas científicas sobre a dinâmica da mudança.

Uma reavaliação da formação, manutenção e mudança dos sistemas vem se difundindo com rapidez em muitas áreas da ciência, por meio de trabalhos tais como os do ganhador do prêmio Nobel, Ilya Prigogine, e Isabel Stengers, em química e sistemas gerais, Robert Shaw e Marshall Feigenbaum, em física, e Humberto Maturana e Francisco Varela, em biologia.[16] Este grupo, que agora surge de teorias e dados, por vezes identifica-se com a "nova física" popularizada em livros como *O Tao da Física* **e** *O Ponto de Mutação* **de Fritjof Capra.[17] Vez por outra, esta teoria é também denominada teoria do "caos" porque, pela primeira vez na história da ciência, ela enfoca as mudanças súbitas e fundamentais — o tipo de mudança que nosso mundo cada vez mais vem experimentando.**

De particular interesse são os novos trabalhos que investigam a mudança evolutiva, realizados a termo por biólogos e paleontólogos tais como Vilmos Csanyi, Niles Eldredge e Stephen Jay Gould, assim como especialistas de renome como Erich Jantsch, Ervin Laszlo e David Loye, os quais estudam as implicações da teoria do "caos" na evolução cultural e nas ciências sociais.[18] De forma alguma pretende-se com isso sugerir que a evolução cultural da humanidade é igual à evolução biológica. Mas, embora existam importantes diferenças entre as ciências naturais e sociais, e o estudo dos sistemas sociais deva evitar o reducionismo mecanicista, há também importantes semelhanças no que se refere à mudança e auto-organização de ambos os sistemas.

Todos os sistemas mantêm-se através da interação mutuamente reforçada de suas partes críticas. Em conseqüência, em alguns notáveis aspectos a teoria de "transformação cultural" apresentada neste livro e a teoria do "caos" que está sendo desenvolvida por cientistas naturais e de sistemas assemelham-se ao que nos dizem a respeito do que aconteceu — e pode voltar a acontecer hoje — nos pontos de bifurcação e nas encruzilhadas críticos dos sistemas.[19]

Por exemplo, Eldredge e Gould propõem que, em vez de sempre prosseguir através de estágios gradualmente ascendentes, a evolução consiste de longos períodos de equilíbrio, ou ausência de maiores mudanças, pontuados por encruzilhadas e bifurcações evolutivas quando novas espécies surgem na periferia ou beira de um habitat de uma espécie de genitores.[20] Embora existam diferenças óbvias entre a divisão de novas espécies e modificações de um tipo de sociedade a outra, como veremos, há surpreendentes semelhanças entre o modelo de Gould e Eldredge de "isolamento periférico" e os conceitos de outros teóricos do "caos" no que aconteceu e pode estar atualmente acontecendo de novo em nossa evolução cultural.

A contribuição dos conhecimentos trazidos pelo feminismo para um estudo holístico da evolução cultural — abrangendo toda a extensão da história humana e ambas as metades da humanidade – é mais óbvia: ela fornece os dados que faltavam, não encontrados nas fontes convencionais. De fato, a reavaliação de nosso passado, presente e futuro apresentada neste livro não teria sido possível sem o trabalho de especialistas como Simone de Beauvoir, Jessie Bemard, Ester Boserup, Gita Sen, Mary Daly, Dale Spender, Florence Howe, Nancy Chodorow, Adrienne Rich, Kate Millett, Barbara Gelpi, Alice Schiegel, Annette Kuhn, Chariotte Bunch, Carol Christ, Judith Plaskow, Catharine Stimpson, Rosemary Radford Ruether, Charlene Spretnak, Catharine Mackinnon, Wilma Scott Heide, Jean Baker Miller e Carol Gilligan, para citar apenas algumas.[21] Datando do tempo de Aphra Behn no século XVII e até antes,[22] mas só tendo surgido durante as duas décadas passadas, o conjunto, que agora vai surgindo, de dados e *insights* **fornecidos pelas especialistas feministas está abrindo, assim como a teoria do "caos", novas fronteiras para a ciência.**

Apesar de na origem serem pólos distintos — um proveniente do masculino tradicional, o outro de uma experiência e visão de mundo feminina radicalmente diferente –, as teorias feministas e do "caos" na verdade têm muito em comum. A luz das principais ciências, ambas ainda são consideradas atividades misteriosas no limiar ou além de esforços já consagrados. E, em sua ênfase na *transformação*, **essas duas vertentes do pensamento compartilham a consciência crescente de que o atual sistema está sucumbindo, de que precisamos encontrar formas de abrir caminho para um futuro diferente.**

Os capítulos que se seguem exploram as raízes – e caminhos – de nosso futuro. Eles contam uma história iniciada milhares de anos antes de nossa história registrada (ou escrita): a história de como a direção original rumo à parceria na cultura sofreu uma guinada para um atalho sangrento e dominador de cinco mil anos. Eles mostram que nossos problemas crescentes e globais são em grande parte a conseqüência lógica de um modelo dominador de organização social em nosso nível de desenvolvimento tecnológico – daí não poderem ser resolvidos dentro dele. E mostram também existir outro caminho, pelo qual, como co-autores de nossa própria evolução, ainda podemos optar. Esta é a alternativa de *abertura de caminho*, **em vez da destruição: como, através de novos rumos na estruturação da política, economia, ciência e espiritualidade, poderemos passar a uma nova era em um mundo de parceria.**

CAPÍTULO l

JORNADA A UM MUNDO PERDIDO: OS PRIMÓRDIOS DA CIVILIZAÇÃO

Preservada no santuário de uma caverna por mais de vinte mil anos, uma figura feminina nos fala sobre as mentalidades de nossos ancestrais ocidentais. Ela é pequena e esculpida na pedra: uma das chamadas estatuetas de Vênus encontradas em toda a Europa pré-histórica.

Desenterradas em escavações feitas em extensa área geográfica – dos Bálcãs na Europa Oriental ao lago Baikal na Sibéria, indo rumo ao oeste até Willendorf, próximo de Viena e da Grotte du Pape na França —, estas estatuetas têm sido descritas por alguns estudiosos como expressões do erotismo masculino: isto é, um análogo remoto da atual revista *Playboy*. Para outros estudiosos, não passam de artigos utilizados em ritos de fertilidade primitivos e presumivelmente obscenos.

Mas qual o verdadeiro significado dessas esculturas antigas? Podem ser elas realmente tratadas como os "produtos da incorrigível imaginação masculina"?[1] Será que o termo *Vênus* é ao menos apropriado para descrever estas figuras de quadris largos, por vezes grávidas, altamente estilizadas e em geral sem rosto? Ou essas esculturas pré-históricas nos apresentam algo importante a respeito de nós mesmos, de como, um dia, mulheres e homens veneraram os poderes que proporcionavam *vida* no universo?

O paleolítico

Junto com as pinturas murais, santuários em cavernas e sítios de sepultamento, as estatuetas femininas de pessoas do paleolítico são importantes registros psíquicos. Elas confirmam o temor de nossos antepassados, tanto diante do mistério da vida como do mistério da morte. Indicam que nos primórdios da história humana a vontade de viver encontrou expressão e confiança em diversos rituais e mitos que parecem ter sido associados à crença ainda muito difundida de que os mortos podem voltar à vida através do renascimento.

"Em um grande santuário rupestre como Lês Trois Frères, Niaux, Font de Gaume ou Lascaux", escreve o historiador religioso E. O. James, "as cerimônias deviam representar uma tentativa organizada de parte da comunidade (. . .) para controlar as forças e processos naturais através de meios sobrenaturais voltados para o bem comum. A tradição sagrada, seja em relação ao suprimento de alimentos, ao mistério do nascimento e da reprodução, ou à morte, surgiu e funcionou, ao que parece, em reação à vontade de viver aqui e em outro mundo."[2]

A tradição sagrada encontrou expressão na extraordinária arte do paleolítico. Um componente integral dessa tradição sagrada foi a associação dos poderes que governam a vida e a morte com a mulher.

Podemos ver nos túmulos do paleolítico esta associação entre o feminino e o poder de dar a vida. Por exemplo, no abrigo de rochas conhecido como Cro-Magnon em Les Eyzies, França (onde em 1868 foram encontrados os primeiros restos de nossos ancestrais do paleolítico superior), em volta e por cima dos cadáveres havia conchas cauris cuidadosamente dispostas. Estas conchas, com o formato discretamente denominado por James "o portal através do qual uma criança vem ao mundo", parecem ter sido associadas a algum tipo de culto primitivo a uma deidade feminina. Como ele escreve, o cauri era um agente proporcionador de vida. O mesmo

ocorria com o ocre vermelho, que nas tradições posteriores ainda era o substituto do sangue proporcionador de vida ou menstrual da mulher.[3]

Ao que parece, a ênfase estava sobretudo na associação da mulher com o proporcionamento e manutenção da vida. Ao mesmo tempo, contudo, a morte — ou, mais especificamente, a ressurreição — também parece ter sido um tema religioso central. Tanto a disposição ritualizada das conchas cauris em volta e por cima do morto e a prática de cobrir tais conchas e/ou o morto com pigmento ocre vermelho (simbolizando o poder vivificante do sangue) aparentemente faziam parte dos ritos funerários destinados a trazer o morto de volta através do renascimento. Mais especificamente, como observa James, eles "indicam rituais mortuários como um ritual proporcionador de vida intimamente ligado às estatuetas femininas e outros símbolos do culto à Deusa".[4]

Além dessa evidência arqueológica dos ritos funerários do paleolítico há também indícios de ritos aparentemente destinados a estimular a fecundidade de animais e plantas selvagens que proporcionavam a sobrevivência a nossos antepassados. Por exemplo, na galeria da caverna inacessível de Tuc d'Audoubert em Ariège, no chão de barro mole abaixo das pinturas murais de deis bisões (uma fêmea seguida por um macho), encontramos impressões de pés humanos, os quais os estudiosos acreditam terem sido feitas durante rituais de dança. Da mesma forma, no abrigo de rocha em Cogui, na Catalunha, descobrimos uma cena de mulheres, possivelmente sacerdotisas, dançando em volta de uma pequena figura masculina desnuda de tamanho menor, no que parecia uma cerimónia religiosa.

Estes santuários em cavernas, estatuetas, sepultamentos e ritos parecem todos ter uma relação com a crença de que a mesma fonte de onde se origina a vida humana é também a fonte de toda vida vegetal e animal – a grande Deusa-Mãe ou Provedora que ainda encontramos em períodos posteriores da civilização ocidental. Eles sugerem também que nossos ancestrais primitivos reconheceram que nós e nosso meio ambiente natural somos partes essencialmente interligadas do grande mistério da vida e da morte, e que conseqüentemente toda a natureza deve ser tratada com respeito. Esta consciência — mais tarde enfatizada nas estatuetas da Deusa, cercadas de símbolos naturais tais como animais, água e árvores ou elas mesmas parcialmente animais — representa um papel central em nossa herança psíquica perdida. Também fundamental nesta herança perdida é este temor e assombro aparentes diante do grande milagre de nossa condição humana: o milagre do nascimento personificado no corpo da mulher. A julgar por estes registros psíquicos primitivos, este era um tema primordial nas crenças ocidentais pré-históricas.

O que desenvolvemos até aqui ainda não é a opinião de muitos especialistas. Tampouco é a visão ensinada na maioria das aulas de pesquisa sobre as origens da civilização. Pois aí, como na grande maioria de trabalhos sobre o tema, ainda prevalecem os preconceitos de antigos estudiosos que consideravam a arte paleolítica em termos do estereótipo convencional do "homem primitivo": sanguinários, caçadores belicosos, na verdade muito diferentes de algumas sociedades coletoras-caçadoras mais primitivas descobertas nos tempos modernos.[5] Com base nesta interpretação dos materiais extremamente fragmentados restantes dos tempos do paleolítico, foram elaboradas as teorias, centradas no masculino, da organização social proto e pré-histórica. E mesmo quando foram feitas novas descobertas, estas em geral também foram interpretadas pêlos estudiosos de forma a se adequarem aos antigos moldes teóricos.

Segundo uma das suposições desses estudiosos, apenas o homem pré-histórico foi o responsável pela arte paleolítica. Esta suposição tampouco se baseia em qualquer evidência factual. Ao contrário, foi o resultado de preconceitos de estudiosos, os quais na verdade vão contra as descobertas que mostram, por exemplo, que entre os vedas contemporâneos em Sri Lanka (Ceilão) na verdade são as mulheres e não os homens que fazem as pinturas nas rochas.[6]

A base destes preconceitos foi a idéia, como explica John Pfeiffer em *O Surgimento do Homem*, **de que "a caça dominava a atenção e imaginação do homem pré-histórico" e que "se ele se assemelhava um pouco ao homem moderno, em diversas ocasiões usava o ritual para ajudar a**

reabastecer e aumentar seu poder".[7] Aceitando-se esta tendência, as pinturas murais do paleolítico foram interpretadas como relacionando-se com a caçada, mesmo quando mostravam mulheres dançando. Da mesma forma, como já observado, a evidência de uma forma de culto antropomórfico centrado na fêmea — tais como achados de representações femininas de quadris largos e grávidas – precisava ser ignorada ou classificada apenas como objeto sexual masculino: "Vênus" obesas e eróticas ou "imagens bárbaras da beleza".[8]

Apesar das exceções, o modelo evolutivo do homem guerreiro-caçador coloriu a maioria das interpretações da arte paleolítica. Só nas escavações do século XX realizadas na Europa Ocidental e Oriental e na Sibéria, a interpretação de antigas e novas descobertas gradualmente começou a mudar. Alguns dos novos pesquisadores são mulheres, as quais observaram as imagens da genitália feminina e também se debruçaram sobre explicações religiosas mais complexas, em vez de "mágica da caçada" para a arte paleolítica.[9] E como muitos estudiosos eram cientistas seculares, em vez de monges como o abade Breuil (cujas interpretações "morais" das práticas religiosas tanto influenciaram a pesquisa paleolítica do século XIX e começo do século XX), alguns dos que reexaminaram as pinturas rupestres, estatuetas e outros achados do paleolítico também começam a questionar dogmas anteriormente aceitos pêlos estudiosos.

Um exemplo interessante deste questionamento refere-se às formas pontudas e lineares pintadas nas paredes das cavernas paleolíticas e esculpidas em objetos de osso ou pedra. Para muitos estudiosos, parece óbvio serem elas representações de armas: flechas, anzóis, lanças, arpões. Mas, como escreve Alexandre Marshack em *Raízes da Civilização* **um dos primeiros trabalhos a desafiar esta interpretação padrão, estas pinturas e esculturas poderiam simplesmente representar plantas, árvores, galhos, bambus e folhas.[10] Mais ainda, esta nova interpretação explicaria de outra forma a notável ausência de representações dessa vegetação entre um povo que, à semelhança dos povos coletores-caçadores contemporâneos, devia contar inteiramente com a vegetação como alimento.**

Em *Arte Rupestre Paleolítica*, **Peter Ucko e Andrée Rosenfeld também questionaram a ausência peculiar da vegetação na arte paleolítica. Eles também observaram outra interessante incongruência. Todas as demais evidências demonstravam que um tipo especial de arpão denominado bisseccionado não apareceu senão no fim da era paleolítica ou magdaleniana – embora os estudiosos continuassem a "encontrá-los" em "gravetos" milhares de anos antes, em pinturas murais rupestres pré-históricas. Além disso, por que os artistas do paleolítico desejariam retratar tantas caçadas** *fracassadas*? **Se os gravetos e linhas eram de fato arpões, nos quadros eles erravam os alvos repetidamente.[11]**

Para investigar tais mistérios, Marshack, que não era arqueólogo, e portanto não estava limitado pelas convenções tradicionais, examinou com minúcia as gravações em um objeto de osso, as quais haviam sido descritas como desenhos de um arpão. Ao microscópio, ele descobriu que não apenas as farpas deste suposto arpão estavam voltadas para o lado errado, assim como as pontas da longa haste. Mas o que essas gravações representavam se não eram "armas do lado errado"? Como foi demonstrado, as linhas adaptavam-se com facilidade ao ângulo próprio de galhos que cresciam na beira de um comprido caule. Em outras palavras, estas e outras gravações, convencionalmente descritas como "sinais farpados" ou "objetos masculinos", talvez não passassem de representações estilizadas de árvores, galhos e plantas.[12]

Assim, repetidamente, sob minucioso exame, a visão tradicional da arte paleolítica como mágica de caçada primitiva pode ser entendida como uma projeção de estereótipos, em vez de uma interpretação lógica do que é visto. O mesmo ocorre com a explicação das estatuetas femininas do paleolítico como objetos sexuais obscenos masculinos ou expressões de um culto primitivo à fertilidade.

Devido à escassez de relíquias e ao longo período de tempo existente entre nós e elas, provavelmente nunca teremos absoluta certeza do significado específico que as pinturas, estatuetas e símbolos representavam para nossos antepassados do paleolítico. Mas, depois do impacto da

primeira publicação das pinturas rupestres do paleolítico em magníficas pranchas coloridas, o poder evocativo desta arte se tornou lendário. Algumas das reproduções de animais são tão delicadas quanto qualquer trabalho dos melhores artistas modernos, oferecendo uma visão estimulante que poucos artistas modernos conseguem captar de novo. Em conseqüência, uma coisa podemos ter certeza: a arte paleolítica vai bem além de rabiscos grosseiros de primitivos não-desenvolvidos. Ao contrário, esta arte retraía as tradições psíquicas que precisamos compreender se quisermos saber não somente como foram e são os seres humanos, mas também em que podem se transformar.

Como escreveu André Leroi-Gourhan, diretor do Centro de Estudos Pré-Históricos e Proto-Históricos da Sorbonne, em um dos mais importantes estudos recentes sobre a arte paleolítica, é "insatisfatório e ridículo" encarar o sistema de crença do período como "um culto primitivo à fertilidade". Segundo ele, podemos, "sem forçar os materiais, considerar toda a arte paleolítica figurada como expressão de conceitos sobre a organização do natural e sobrenatural do mundo vivo acrescentando que o povo do período paleolítico "sem dúvida entendia a divisão do mundo animal e humano como metades que se confrontavam, e compreendeu que a união dessas duas metades comandava a economia dos seres vivos".[13]

A conclusão de Leroi-Gourhan de que a arte paleolítica reflete a importância que nossos antepassados conferiam a sua observação da existência de dois sexos se baseou na análise de milhares de pinturas e objetos em cerca de sessenta cavernas escavadas do paleolítico. Embora fale em termos de estereótipos sadomasoquistas do tipo macho-fêmea, e em certos aspectos obedeça a convenções arqueológicas antigas, ele verificou expressar a arte paleolítica alguma forma de religião primitiva em que as representações e símbolos femininos assumiam papel primordial. Neste sentido, ele faz duas fascinantes observações. Caracteristicamente, as figuras femininas e os símbolos por ele interpretados como femininos localizavam-se em posição central nas câmaras escavadas. Em contraste, os símbolos masculinos ocupavam de modo típico posições periféricas ou eram dispostos em volta das estatuetas e símbolos femininos.[14]

As descobertas de Leroi-Gourhan estão de acordo com a visão por mim proposta anteriormente: que as conchas cauris em formato de vaginas, o ocre vermelho nos túmulos, as denominadas estatuetas de Vênus e as estatuetas primitivas híbridas de mulher-animal que os antigos escritores trataram sumariamente como "monstruosidades" relacionam-se todos com uma forma primitiva de culto, no qual os poderes proporcionadores de vida femininos representavam papel principal. Eram todos expressões das tentativas de nossos antepassados para compreender o mundo, tentativas de responder a questões humanas universais, tais como de onde viemos ao nascer e para onde vamos após nossa morte. E confirmaram o que logicamente presumiríamos: junto com a primeira consciência do eu em relação a outros humanos, aos animais e ao restante da natureza, deve ter havido a consciência do mistério espantoso — e da importância prática — do fato de a vida surgir do corpo de uma mulher.

Seria no mínimo lógico exercer o visível dimorfismo, ou a diferença de forma entre as duas metades da humanidade, profundo efeito nos sistemas de crença do paleolítico. E seria também lógico o fato de tanto a vida humana quanto a animal serem geradas do corpo feminino e, à semelhança das estações e da lua, o corpo da mulher também passar por ciclos, conclusões estas que devem ter levado nossos ancestrais a ver os poderes proporcionadores e mantenedores da vida em forma feminina e não masculina.

Em suma, em vez de materiais fortuitos e desconexos, os vestígios paleolíticos de estatuetas femininas, o ocre vermelho em câmaras mortuárias e as conchas cauris em formato de vagina parecem constituir antigas manifestações do que mais tarde se desenvolveria em uma complexa religião centrada no culto a uma Deusa-Mãe como fonte e regeneradora de todas as formas de vida. Este culto à Deusa, como observaram James e outros estudiosos, sobreviveu a períodos históricos, "na figura múltipla da Magna Mater dos Bálcãs e do mundo greco-romano".[15] Percebemos com nitidez esta continuidade religiosa em deidades tão conhecidas quanto Ísis, Nut e

Maat, no Egito; Ishtar, Astarte e Lilith, no Crescente Fértil; Deméter, Core e Hera, na Grécia; e Atárgatis, Ceres e Cibele, em Roma. Mesmo depois, em nossa própria herança judaico-cristã, ainda podemos identificá-la na Rainha dos Céus, cujos arvoredos são queimados na Bíblia, na Shekhina da tradição cabalística hebraica e na Virgem Maria Católica, a Sagrada Mãe de Deus.

Ressurge a questão do motivo, sendo estas conexões tão óbvias,por que foram durante tanto tempo descartadas, ou simplesmente ignoradas, na literatura arqueológica convencional. Uma razão já observada está no fato de estas conexões não se adequarem ao modelo proto pré-histórico de uma forma de organização social centrada e domina pelo homem. Outro motivo está em que só após a Segunda Guerra Mundial surgiram alguns dos novos e mais importantes indícios da tradição religiosa que se estendeu por milhares de anos, até o período fascinante e longo que se seguiu ao paleolítico. Esse foi o período que em nossa evolução cultural, se situou entre os primeiros e cruciais desenvolvimentos da cultura humana durante o paleolítico e as civilizações posteriores da idade do bronze: a época em que nossos antepassados se estabeleceram nas primeiras comunidades agrárias do neolítico.

O neolítico

Aproximadamente ao mesmo tempo que Leroi-Gourhan escreveu a respeito de seus achados, nosso conhecimento da pré-história teve um grande avanço com a excitante descoberta e escavação de dois sítios neolíticos: as cidades de Çatal Hüyük e Hacilar. Elas foram descobertas no que se costumava chamar de planícies de Anatólia, atual Turquia. De acordo com o estudioso responsável por essas escavações para o Instituto Britânico de Arqueologia de Ankara, James Mellaart, foi de particular interesse o conhecimento desenterrado nestes dois locais, mostrando uma estabilidade e continuidade no crescimento ao longo dos milhares de anos, em direção a culturas de adoração à Deusa cada vestis mais avançadas.

"A brilhante reavaliação de A. Leroi-Gourhan sobre a religião paleolítico superior", escreveu Mellaart, "esclareceu muitos equívocos (...) a interpretação resultante da arte paleolítica superior centrada tema do complexo simbolismo feminino (na forma de símbolos e animais) mostra marcantes semelhanças com o imaginário religioso Çatal Hüyük." Mais ainda, há também influências evidentes do paleolítico superior "em numerosas práticas de culto, das quais os sepultamentos com ocre vermelho, os pisos manchados de vermelho e a coleção de estalactites, fósseis, conchas são apenas alguns exemplos".[16]

Mellaart observou ainda que, enquanto se pensava não passar a arte paleolítica superior altamente desenvolvida e estilizada de "uma expressão da mágica da caçada, visão tomada como empréstimo de sociedades retrógradas como as dos aborígines australianos", houve pouca esperança de se estabelecer "qualquer ligação com os posteriores cultos à fertilidade dos Bálcãs, os quais giravam em tomo da figura da Grande Deusa e seu filho, embora a presença de tal Deusa no paleolítico superior raramente pudesse ser negada, o que de fato não foi". Mas hoje, declarou ele, esta posição "sofreu uma mudança radical à luz dos dados disponíveis".[17]

Em outras palavras, a cultura neolítica de Çatal Hüyük e Hacilar forneceu informações substanciais a respeito de uma peça há muito perdida do quebra-cabeça de nosso passado — o elo perdido entre a era paleolítica e as eras posteriores e tecnologicamente mais adiantadas do calcolítico, do cobre e do bronze. Como escreve Mellaart, "Çatal Hüyük e Hacilar estabeleceram um elo entre duas grandes escolas artísticas. Uma continuidade na religião pode ser evidenciada desde Çatal Hüyük e Hacilar até as grandes 'Deusas-Mães' de tempos arcaicos e clássicos".[18]

Como na arte paleolítica, as estatuetas e símbolos femininos ocupam posição fundamental na arte de Çatal Hüyük, onde relicários e estatuetas da Deusa são encontrados por toda a parte. Além disso, as estatuetas da Deusa são uma característica da arte neolítica em outras áreas dos Bálcãs e Oriente Médio. Por exemplo, no sítio neolítico no Oriente Médio, Jericó (hoje em

Israel), onde, em 7000 a.C., as pessoas já moravam em casas de tijolos e reboco – algumas dispondo de fornos de barro com chaminés e até mesmo de cavidades para ombreiras de portas – estatuetas de barro da Deusa foram encontradas.[19] Em Tell-es-Sawwan, às margens do Tigre, notável por avançada agricultura de irrigação e extraordinária cerâmica geometricamente decorada conhecida como Samarra, foram desenterradas diversas estatuetas, entre elas um depósito de esculturas com figuras femininas pintadas altamente sofisticadas. Em Cayonu, um sítio neolítico na Síria setentrional, onde encontramos o mais primitivo uso de cobre forjado e de tijolos de barro, foram desenterradas estatuetas femininas semelhantes, algumas remontando aos níveis mais antigos do local. Estas pequenas estatuetas da Deusa encontram paralelos posteriores em Jarmo, e mesmo a oeste, em Aceramic Sesklo, onde eram manufaturadas até antes do advento da cerâmica.[20]

Embora tampouco seja de conhecimento geral, as numerosas escavações do período neolítico que produziram estatuetas e símbolos da Deusa estendem-se por uma ampla área geográfica, muito além dos Bálcãs e Oriente Médio. A leste, em Harappa e Mohenjo-Daro na Índia, inúmeras estatuetas femininas em terracota haviam sido encontradas antes. Estas também, como escreveu Sir John Marshall, provavelmente representavam uma Deusa "com atributos bem semelhantes àqueles da Grande Deusa-Mãe, a Senhora dos Céus".[21] Também foram encontradas estatuetas da Deusa em sítios europeus a oeste, onde as chamadas culturas megalíticas construíram os enormes monumentos de pedra planejados com cuidado em Stonehenge e Avebury, na Inglaterra. E algumas destas culturas megalíticas estenderam-se ao sul, até a ilha mediterrânea de Malta, onde um gigantesco ossário de sete mil sítios de sepultamento aparentemente era também importante santuário para ritos oraculares e de iniciação nos quais, escreveu James, "a Deusa-Mãe provavelmente representava papel importante".[22]

Aos poucos, vai emergindo um novo quadro das origens e desenvolvimento, tanto da civilização quanto da religião. A economia agrária do neolítico foi a base para o desenvolvimento da civilização que atravessou milhares de anos até chegar ao nosso tempo. E quase universalmente estes locais onde se deram as primeiras grandes rupturas na tecnologia social e material tinham um ponto em comum: o culto à Deusa.

Quais são as implicações destas descobertas para nosso presente e futuro? E por que deveríamos acreditar nesta nova visão de nossa evolução cultural, em vez do antigo saber consagrado e androcêntrico de tantos livros com excelentes ilustrações sobre arqueologia de cama e mesa?

Um motivo está em que os achados de estatuetas femininas e outros registros arqueológicos atestando uma religião ginocêntrica (ou fundamentada na Deusa) no período neolítico são tão numerosos que o simples fato de catalogá-los encheria vários volumes. Mas o principal motivo reside nesta nova visão da pré-história como resultado de profunda mudança tanto no método quanto na ênfase dada à investigação arqueológica.

A escavação para descobrir o tesouro enterrado da Antiguidade é tão velha quanto os ladrões de túmulos que saqueavam as tumbas dos faraós egípcios. Mas a arqueologia como ciência remonta apenas ao fim do século XIX. Mesmo assim, as primeiras escavações arqueológicas, embora igualmente motivadas pela curiosidade intelectual sobre nosso passado, serviam basicamente a um objetivo semelhante ao dos profanadores de tumbas: a aquisição de formidáveis antiguidades para museus da Inglaterra, França e outras nações coloniais. A concepção de escavação arqueológica como maneira de extrair o máximo de informação de um determinado sítio — contivesse ele ou não tesouros arqueológicos — só surgiu muito depois. Na verdade, só após a Segunda Guerra Mundial a arqueologia estabeleceu-se de fato como indagação sistemática a respeito da vida, pensamento, tecnologia e organização social de nossos antepassados.

Cada vez mais, novas escavações estão sendo realizadas não pelo estudioso ou explorador solitário, mas por equipes de cientistas — zoólogos, botânicos, climatologistas, antropólogos, paleontólogos, assim como arqueólogos. Este enfoque interdisciplinar que caracteriza escavações

mais recentes como as de Mellaart em Çatal Hüyük vem produzindo uma compreensão muito mais acurada de nossa pré-história.

Mas talvez o mais importante seja o fato de um grande número de evoluções tecnológicas notáveis, tais como a datação com radiocarbono ou C-14, criada pelo ganhador do Prêmio Nobel, Willard Libby, e os métodos dendrocronológicos de análise de datas pela circunferência das árvores aumentaram em muito a compreensão do passado. Datas antigas em grande parte eram uma questão de conjetura — de comparações entre objetos que se estimava serem menos, igualmente ou mais "adiantados" em relação a outro. Mas, como a avaliação tomou-se uma função de técnicas repetíveis e verificáveis, tomou-se impossível escapar impunemente afirmando que, se um artefato era mais desenvolvido em termos artísticos ou tecnológicos, ele deveria datar de um período posterior e assim presumivelmente mais civilizado.

Em conseqüência, vem ocorrendo dramática reavaliação das seqüências de tempo, o que por sua vez obrigou a uma mudança radical dos antigos conceitos sobre a pré-história. Hoje sabemos que a agricultura — domesticação de plantas, assim como animais selvagens — data de muito antes do que se acreditava. Na verdade, os primeiros sinais do que os arqueólogos denominam a revolução neolítica ou agrícola começam a surgir em períodos remotos como 9000 ou 8000 a.C. — há mais de dez mil anos.

A revolução agrícola foi, sozinha, a mais importante evolução na tecnologia material de nossa espécie. Da mesma forma, os primórdios do que denominamos civilização ocidental também são muito anteriores ao que se julgava.

Com o suprimento alimentar regular e por vezes excedente, houve um aumento na população e o surgimento das primeiras cidades de tamanho considerável. Ali viviam e trabalhavam centenas, às vezes milhares, de pessoas, no cultivo e, em muitos locais, também na irrigação da terra. A especialização tecnológica, assim como o comércio, acelerou-se no neolítico. E, como a agricultura liberava a energia e imaginação humanas, floresceram artes como a cerâmica e a confecção de cestos, tecelagem e artesanato em couro, jóias e entalhe em madeira, além de trabalhos como pintura, modelagem em gesso e entalhe na pedra.

Ao mesmo tempo, a evolução da consciência humana espiritual prosseguiu. A primeira religião antropomórfica, centrada no culto à Deusa, depois transformada em um complexo sistema de símbolos, rituais e ordens e proibições divinas, todos estes encontraram expressão na rica arte do período neolítico.

Alguns dos indícios mais intensos dessa tradição artística ginocêntrica chega-nos com as escavações de Mellaart em Çatal Hüyük. Ali, no maior sítio neolítico conhecido nos Bálcãs, há 16 hectares de restos arqueológicos. Foi escavada apenas a vigésima parte, mas isso foi suficiente para revelar um período estendendo-se por cerca de oitocentos anos, por volta de 6250 a 5400 a.C. Descobria-se ali um centro artístico extraordinariamente desenvolvido, e inúmeras estatuetas da Deusa feitas de argila, todas enfocando o culto à deidade feminina.

"Seus numerosos santuários", escreveu Mellaart a respeito de Çatal Hüyük, resumindo as três primeiras temporadas de trabalho (de 1961 a 1963), "confirmam uma religião avançada, completa, com simbolismo e mitologia; suas construções, o nascimento da arquitetura e do planejamento consciente; sua economia, as práticas avançadas na agricultura e criação de gado; suas numerosas importações, um florescente comércio de matérias-primas."[23]

Mas enquanto as escavações realizadas em Çatal Hüyük, assim como as das proximidades de Hacilar (habitada por volta de 5700 a 5000 a.C.), ofereceram algumas das informações mais preciosas sobre esta antiga civilização, a planície sulista de Anatólia é apenas uma das diversas áreas onde foram arqueologicamente documentadas sociedades agrícolas estabelecidas que cultuavam a Deusa. Na verdade, por volta de 6000 a.C., não só a revolução agrícola era fato consumado, como também — para citar Mellaart — "sociedades exclusivamente agrícolas começaram a expandir-se para territórios até então marginais, tais como as planícies aluviais da Mesopotâmia, Transcaucásia

e Transcáspia por um lado, e em direção ao sudeste .da Europa por outro". Mais ainda,"parte deste contato, como em Creta e Chipre, definitivamente foi realizada por mar", e em cada caso, "os recém-chegados trouxeram uma economia neolítica com todos os recursos".[24]

Em resumo, embora há apenas 25 anos os antigos arqueólogos *ainda* **estivessem falando da Suméria como o "berço da civilização" (e embora esta ainda seja a impressão predominante entre o público em geral), hoje sabemos não ter havido apenas um berço da civilização, mas vários, todos datando de milênios antes do que se sabia previamente — remontando ao neolítico. Como escreveu Mellaart em seu trabalho de 1975,** *O Neolítico e os Bálcãs***, "a civilização urbana, durante muito tempo considerada invenção da Mesopotâmia, teve seus predecessores em sítios como Jericó ou Çatal Hüyük, na Palestina e em Anatólia, durante longo tempo considerados atrasados".[25] Além do mais, hoje também sabemos mais alguma coisa de grande importância para o desenvolvimento original de nossa evolução cultural, qual seja, que em todos esses lugares onde houve os primeiros adventos significativos de nossa tecnologia material e social – para usar a frase que Merlin Stone imortalizou como título de um livro — Deus era mulher.**

Compreensivelmente o novo conhecimento de que a civilização é muito mais antiga e difundida do que se acreditava antes vem produzindo "novos" trabalhos de estudiosos, com enormes reavaliações de antigas teorias arqueológicas. Mas a questão de interesse central, no sentido de que nessas primeiras civilizações a ideologia era ginocêntrica, não tem, exceto entre estudiosas feministas, gerado muito interesse. Quando mencionada por estudiosos não-feministas, em geral o é de passagem. Mesmo aqueles que, como Mellaart, se referem a este ponto, em geral o fazem por uma questão de importância puramente artística e religiosa, sem investigar suas implicações sociais e culturais.

De fato, a visão pré valente ainda é a de que a dominação masculina, a propriedade privada e a escravidão eram todos subprodutos da revolução agrícola. E esta visão se mantém a despeito da evidência de que, ao contrário, a igualdade entre os sexos — e entre todas as pessoas — era a norma geral no período neolítico.

Acompanharemos essa fascinante evidência nos próximos capítulos. Mas primeiro nos voltaremos para outra importante área, onde antigas noções arqueológicas vêm sendo demolidas hoje em dia por novas descobertas.

A Europa antiga

Parte dos indícios mais reveladores de como foi a vida durante os milhares de anos até então desconhecidos da cultura humana chegou-nos de local totalmente inesperado. De acordo com a teoria, há muito aceita, de que o Crescente Fértil no Mediterrâneo foi o berço da civilização, a antiga Europa foi durante muito tempo considerada apenas região atrasada culturalmente, que mais tarde floresceu por breve período nas civilizações minóica e grega, e unicamente como resultado de influências orientais. Mas o quadro atual é bem diferente.

"Uma nova designação, *civilização da Europa antiga***, é aqui introduzida em reconhecimento da identidade e aquisições coletivas de diferentes agrupamentos culturais na Europa do sudeste neolítico-calcolítico", escreve a arqueóloga Marija Gimbutas, da Universidade da Califórnia, em** *Deusas e Deuses da Europa Antiga***. Esse trabalho inovador cataloga e analisa centenas de achados arqueológicos em uma área que vai aproximadamente do norte dos mares Egeu e Adriático (incluindo as ilhas) até a Tchecoslováquia, Polônia meridional e Ucrânia ocidental.[26]**

Os habitantes do sudeste da Europa há sete mil anos dificilmente seriam aldeãos primitivos. "Ao longo dos dois milênios de estabilidade agrícola, seu bem-estar material prosperou continuamente com a exploração cada vez mais eficiente dos vales férteis do rio", relata Gimbutas.

"Trigo, cevada, ervilhaca, ervilhas, e outros legumes eram cultivados, e criavam-se todos os animais domésticos existentes hoje nos Bálcãs, à exceção do cavalo. A tecnologia de cerâmica e trabalhos em osso e pedra desenvolveram-se, e a metalurgia do cobre foi introduzida na Europa centro-oriental por volta de 5500 a.C. O comércio e as comunicações, que se expandiram ao longo de milênios, devem ter proporcionado um grande ímpeto mútuo ao crescimento cultural. (...) O uso de barcos foi evidenciado a partir do sexto milênio através de representações entalhadas em cerâmica."[27]

Entre cerca de 7000 e 3500 a.C. estes europeus primitivos desenvolveram uma complexa organização social, envolvendo a especialização artística. Criaram instituições religiosas e governamentais complexas. Usaram metais como o cobre e o ouro para fazer ornamentos e ferramentas. Desenvolveram inclusive o que parecia uma escrita rudimentar. Nas palavras de Gimbutas, "caso se defina civilização como a habilidade de um dado povo em ajustar-se a seu meio ambiente e desenvolver artes, tecnologia, escrita e relações sociais adequadas, é evidente que a antiga Europa obteve um grande avanço".[28]

A imagem do europeu antigo que a maioria de nós tem hoje é a daquelas tribos de terríveis bárbaros dirigindo-se para o sul, sobrepujando por fim até mesmo os romanos em carnificinas e saqueando Roma. Por esse motivo, um dos traços mais notáveis e instigantes da antiga sociedade européia revelada pela pá arqueológica é seu caráter essencialmente *pacífico*. "Os europeus antigos jamais tentaram viver em locais adversos, tais como colinas altas e íngremes, como o fizeram os indo-europeus posteriores, os quais construíram fortificações em locais inacessíveis e com freqüência cercaram seus fortes nas colinas com gigantescos muros de pedra", relata Gimbutas. "As locações dos europeus antigos eram escolhidas por seu cenário aprazível, água potável, bom solo e disponibilidade de pastagens para os animais. Vinca, Butmir, Petresti e Cucuteni são áreas de colonização notáveis por suas excelentes paisagens, mas não por seu valor defensivo. A ausência característica de fortificações pesadas e armas pontiagudas evidencia o caráter pacífico da maioria destes povos adoradores da arte."[29]

Além do mais, tanto aí quanto em Çatal Hüyük e Hacilar – que não mostram sinais de destruição pela guerra por um período de tempo de mais de 15 mil anos[30] —, evidências arqueológicas indicam que a dominância masculina não era regra. "A divisão do trabalho entre os sexos foi demonstrada, mas não a superioridade de algum deles", escreve Gimbutas. "No cemitério de Vinca, com 53 túmulos, mal se percebe alguma diferença em riqueza de equipamento entre túmulos masculinos e femininos. (...) No que se refere ao papel das mulheres na sociedade, indícios em Vinca sugerem uma sociedade igualitária e claramente não-patriarcal. Pode-se concluir o mesmo sobre a sociedade de Vama: percebi não haver ali relação de superioridade conjugada a uma escala de valores patriarcal masculino-feminina."[31]

Em suma, assim como em Çatal Hüyük, evidências indicam uma sociedade de modo geral não estratificada e basicamente igualitária, sem distinções marcantes com base em classe social ou sexo. Mas a diferença reside no fato de o trabalho de Gimbutas não se limitar a mencionar de passagem este ponto. Ele é repetidamente citado por esta notável pioneira na arqueologia, a qual teve a coragem de enfatizar o que tantos outros preferiram ignorar: nestas cidades não há sinais de desigualdade sexual, que todos nós aprendemos como sendo simplesmente a "natureza humana".

"Uma sociedade igualitária masculino-feminina é evidenciada nos túmulos de praticamente todos os cemitérios conhecidos da antiga Europa", escreve Gimbutas. Ela observa também numerosos indicadores de ter sido esta uma sociedade matrilinear – isto é, com linhagem e herança traçadas por parte de mãe."[32] Além disso, ela observa que as evidências arqueológicas deixam poucas dúvidas de que as mulheres representavam papéis-chave em todos os aspectos da vida na Europa antiga.

"Nos modelos de santuários caseiros e templos, e nos restos atuais de templos", continua Gimbutas, "as mulheres são mostradas supervisionando a preparação e realização de rituais dedicados aos vários aspectos e funções da Deusa. Despendia-se notável energia na produção de

equipamentos de culto e oferendas votivas. Desenhos de templos mostram a moagem de grãos e o cozimento do pão sagrado. (. . .) Nas oficinas do templo, as quais em geral constituem metade da construção ou ocupam o andar abaixo do templo propriamente dito, as mulheres faziam e decoravam vários potes adequados aos diferentes rituais. Junto ao altar do templo, havia um tear vertical onde provavelmente eram tecidas as vestes sagradas e os acessórios do templo. As criações mais sofisticadas da Europa antiga — os vasos, esculturas, etc. mais refinados conservados até hoje — eram tarefa das mulheres."[33]

O legado artístico que nos foi deixado por estas comunidades primitivas — onde o culto à Deusa era primordial em todos os aspectos da vida — ainda está sendo desenterrado pela pá arqueológica. Por volta de 1974, quando Gimbutas publicou pela primeira vez um compêndio de achados de suas próprias escavações e de mais de três mil outros sítios, nada menos de trinta mil esculturas em miniatura de argila, mármore, osso, cobre e ouro haviam sido descobertas, além de enormes quantidades de vasos rituais, altares, templos e pinturas tanto em vasos quanto nas paredes de santuários.[34]

Desses achados, os vestígios mais eloqüentes desta cultura européia neolítica são as esculturas. Elas fornecem informações sobre as facetas da vida que de outra maneira seriam inacessíveis ao arqueólogo: modelos de vestes e até mesmo penteados. Proporcionam também uma visão em primeira mão das imagens míticas dos rituais religiosos daquele período. E estas esculturas mostram, como no caso das cavernas do paleolítico e posteriormente nas planícies abertas de Anatólia e outros sítios neolíticos do Oriente Médio e Bálcãs, que também aí figuras e símbolos femininos ocupavam posição primordial. E, até mais do que isso, elas fornecem evidências impressionantes, apontando para a próxima etapa na evolução social e estética desta civilização antiga e perdida. Tanto no estilo quanto no tema, muitas destas estatuetas e símbolos femininos apresentam notável semelhança com as de um local ainda hoje visitado por centenas de milhares de turistas com total desconhecimento do que estão contemplando: a civilização da idade do bronze que posteriormente floresceu na lendária ilha de Creta.

Antes de passarmos os olhos por Creta — a única civilização "superior" conhecida onde o culto à Deusa sobreviveu até tempos históricos —, vamos primeiro examinar mais detalhadamente o que podemos deduzir dos restos arqueológicos da idade neolítica no que se refere à antiga orientação da evolução cultural ocidental — e sua importância para nosso presente e futuro.

CAPITULO 2

MENSAGENS DO PASSADO: O MUNDO DA DEUSA

Que tipo de pessoas eram nossos ancestrais pré-históricos que adoravam a Deusa? Como era a vida durante os milênios de nossa evolução cultural anteriores à história registrada ou escrita? E o que podemos aprender daqueles tempos que seja relevante ao nosso?

Como não nos deixaram relatos escritos, podemos apenas supor, à semelhança de Sherlock Holmes transformado em cientista, como pensava, sentia e se comportava o povo do paleolítico e do pensamento posterior e mais adiantado do neolítico. Mas quase tudo que sabemos a respeito da Antiguidade se baseia em conjeturas. Até mesmo os registros que possuímos de antigas culturas históricas tais como Suméria, Babilônia e Creta são no mínimo escassos, fragmentados e bastante voltados para inventários de bens e outras questões mercantis. Os relatos escritos posteriores mais detalhados sobre a pré-história e a história antiga dos períodos grego, romano, hebraico e cristão clássicos também se baseiam sobretudo em inferências — feitas até mesmo sem auxílio dos modernos métodos arqueológicos.

De fato, a maior parte do que aprendemos a pensar como nossa evolução cultural tem sido mera interpretação. Além do mais, como vimos no capítulo anterior, esta interpretação em geral tem representado a projeção da visão de mundo dominadora ainda prevalente. Ela consiste de conclusões retiradas dos dados fragmentados, interpretados de forma a adaptarem-se ao modelo tradicional de nossa evolução cultural, como uma progressão linear do "homem primitivo" ao chamado "homem civilizado", os quais, a despeito das muitas diferenças, compartilhavam uma preocupação comum com a conquista, o assassínio e a dominação.

Através de escavações científicas de sítios primitivos, nos últimos anos arqueólogos obtiveram grande quantidade de informações fundamentais sobre a pré-história, particularmente no que se refere ao neolítico, quando nossos ancestrais primeiro se estabeleceram em comunidades mantidas pela agricultura e criação de gado. Analisadas sob uma nova perspectiva, estas escavações proporcionam os dados básicos para uma reavaliação e reconstrução de nosso passado.

Importante fonte de dados são as escavações de construções e seus conteúdos — incluindo vestes, jóias, alimentos, mobília, recipientes, ferramentas e outros objetos de uso diário. Outra fonte fundamental é a escavação de sítios de sepultamento, que nos falam não apenas das atitudes das pessoas em relação à morte, mas também de suas vidas. E sobrepondo-se a essas duas fontes de dados está nossa mais rica fonte de informação sobre a pré-história: a arte.

Mesmo quando há tanto uma tradição escrita quanto literária oral, a arte é uma forma de comunicação simbólica. A arte extensa do neolítico — sejam pinturas murais sobre a vida diária ou outros importantes mitos, estatuário de imagens religiosas, frisos retratando rituais, ou simplesmente decorações de vasos, imagens em sinetes ou gravações em jóias — nos diz muito sobre como eles pensavam, pois em sentido bem real a arte neolítica é um tipo de linguagem ou taquigrafia que expressa simbolicamente como as pessoas daquela época vivenciavam, e por sua vez representavam, o que chamamos realidade.[1] E se deixarmos esta linguagem falar por si só, sem projetar sobre ela modelos predominantes de realidade, ela nos contará uma história fascinante – e, em comparação ao estereótipo, bem mais promissora — de nossas origens culturais.

Arte neolítica

O mais notável na arte neolítica é o que ela *não* retrata. Pois o que um povo não representa em sua arte pode nos falar tanto a seu respeito quanto aquilo que ele representa.

Em agudo contraste com a arte posterior, um tema notável por sua ausência na arte neolítica é o das imagens idealizando o poder armado, a crueldade e a força baseada na violência. Aí não há imagens de "guerreiros nobres" ou cenas de batalhas. Tampouco existem sinais de "conquistadores heróicos" arrastando cativos em correntes ou outros indícios de escravidão.

Também em profundo contraste com os vestígios deixados pelos invasores de domínio masculino mais primitivos e antigos, notável nestas sociedades neolíticas de culto à Deusa é a ausência de grande quantidades de sepultamentos de "chefes de grupos". E apresentando também forte contraste com as civilizações de domínio masculino posteriores, como a do Egito, não há sinal de soberanos poderosos, os quais levavam consigo na vida após a morte seres humanos menos poderosos, sacrificados por ocasião de sua morte.

Tampouco encontramos aí, outra vez em contraste com as sociedades dominadoras posteriores, grandes depósitos para armas ou qualquer outro sinal de aplicação intensiva de tecnologia material e recursos naturais para as armas. A conclusão de que esta foi uma era muito mais, e mesmo tipicamente, pacífica é reforçada por outra ausência: a de fortificações militares. Estas só começam a surgir aos poucos, ao que parece como reação a pressões de bandos nômades belicosos oriundos de regiões longínquas do globo, o que examinaremos depois.

Na arte neolítica, nem a Deusa nem seu filho consorte carregam os emblemas que aprendemos a associar ao poder — lanças, espadas ou raios, símbolos de um soberano e/ou deidade terrestre que exige obediência matando e mutilando. Mesmo distante, a arte desse período é extraordinariamente desprovida de imagens dominador-dominado, senhor-objeto tão características de sociedades dominadoras.

O que encontramos por toda a parte - em santuários e casas, nas pinturas murais, nos motivos decorativos de vasos, em esculturas nas estatuetas redondas de barro e em baixos-relevos – é uma rica coleção de símbolos da natureza. Associados ao culto à Deusa, estes símbolos atestam a admiração e respeito pela beleza e pelo mistério da vida.

Há os elementos de manutenção à vida, ao sol e à água, por exemplo, os padrões geométricos de formas onduladas denominados meandros (os quais simbolizavam águas correntes) entalhados e um antigo altar europeu de aproximadamente 5000 a.C. na Hungria. Encontramos as gigantescas cabeças de touros de pedra com enormes chifres retorcidos pintados nas paredes de santuários em Çatal Hüyük, ouriços-cacheiros em terracota no sul da Romênia, vasos rituais em forma de corças na Bulgária, esculturas em pedra em forma de ovo com cabeças de peixe e vasos de culto em forma de pássaros.[2]

Encontramos serpentes e borboletas (símbolos da metamorfose), as quais em tempos históricos ainda são identificadas com o poder de transformação da Deusa, como na impressão do selo de Zakro, na região leste de Creta, retratando a Deusa com as asas de uma borboleta com olhos. Até mesmo o posterior machado de dois gumes, de Creta, reminiscência das enxadas usadas para limpar terrenos agrícolas, era uma estilização da borboleta.[3] Assim como a serpente, que muda de pele e "renasce", ele fazia parte da epifania da Deusa, ainda outro símbolo de seus poderes de regeneração.[4]

E em toda parte – murais, estátuas e figuras votivas – encontramos imagens da Deusa. Nas várias encarnações como Donzela, Ancestral ou Criadora, ela é a Senhora das águas, dos pássaros e do outro mundo, ou simplesmente a Mãe divina embalando o filho divino em seus braços.[5]

Algumas imagens são tão realistas que parecem estar vivas, como a cobra deslizando em um prato encontrado em um primitivo cemitério do quinto milênio antes de Cristo na região oeste da Eslováquia. Outras são tão estilizadas que chegam a ser mais abstratas do que nossa arte mais "moderna". Entre estas estão o grande vaso ou cálice sacramental estilizado em forma de uma Deusa entronizada, entalhada com ideogramas da cultura Tisza do sudeste da Hungria, a Deusa com cabeça em pilar e braços cruzados de 5000 a.C. na Romênia e a estatueta em mármore da deusa de Tell Azmak, região central da Bulgária, com braços entrelaçados e um triângulo púbico exagerado, datando de 6000 a.C. Há outras imagens de estranha beleza, como um conjunto com chifres e seios femininos em terracota de oito mil anos de idade, de certa forma lembrando a estátua grega clássica chamada Vitória Alada, e os vasos Cucuteni pintados com graciosas figuras e desenhos espiralados em formato de serpentes com rica geometria. E outras, tais como cruzes entalhadas no umbigo ou próximo aos seios da Deusa, suscitando interessantes questões sobre os antigos significados de alguns de nossos mais importantes símbolos.[6]

Há uma sensação de fantasia em muitas destas imagens, uma qualidade sonhadora e por vezes bizarra, sugerindo rituais arcanos e mitos há muito esquecidos. Por exemplo, uma mulher com rosto de pássaro em uma escultura vinca e um bebê também com rosto de pássaro que ela leva nos braços poderiam ser os protagonistas mascarados de antigos ritos, provavelmente representando uma história mitológica sobre uma Deusa-pássaro e seu filho divino. Da mesma forma, uma cabeça em terracota de um touro com olhos humanos da Macedônia de 4000 a.C. sugere uma protagonista mascarada de algum ritual e mito do neolítico. Algumas dessas figuras mascaradas parecem representar poderes cósmicos, sejam benevolentes ou ameaçadores. Outras provocam um efeito de humor, tais como o homem mascarado com calções acolchoados e ventre exposto do quinto milênio a.C., em Fafkos, descrito por Gimbutas como provavelmente um ator cômico. Encontramos também o que Gimbutas denomina ovos cósmicos. Estes também são símbolos da Deusa, cujo corpo é o cálice divino contendo o milagre do nascimento e o poder de transformar a morte em vida através da regeneração misteriosa e cíclica da natureza.[7]

De fato, ao que parece, o tema da unidade de todas as coisas da natureza, como é personificado pela Deusa, permeia a arte neolítica. Pois aqui o poder que governa o universo é a Mãe divina que dá vida a seu povo, proporcionando-lhe alimento material e espiritual, e com quem mesmo na morte se pode contar como levando seus filhos de volta ao útero cósmico.

Por exemplo, nos santuários de Çatal Hüyük encontramos representações da Deusa grávida e dando à luz. Muitas vezes ela está acompanhada de animais poderosos, tais como leopardos e particularmente touros.[8] Como símbolo de unidade de toda a vida na natureza, em algumas das suas representações ela mesma é parte humana e parte animal.[9] Inclusive em seu aspecto mais sinistro, o qual estudiosos denominam ctônico, ou térreo, ela ainda é retratada como parte da ordem natural. Assim como toda a vida nasce dela, esta vida também retoma a ela na morte, para renascer.

Poder-se-ia afirmar que o que os estudiosos denominam aspecto ctônico da Deusa – sua representação em forma surrealista e às vezes grotesca — representava a tentativa de nossos antepassados de lidar com os aspectos mais sinistros da realidade, dando nome e forma a nossos medos humanos do desconhecido indistinto. Estas imagens ctônicas – máscaras, pinturas murais e estatuetas simbolizando a morte em formas fantásticas e por vezes humorísticas – também poderiam destinar-se a conferir ao iniciado religioso um sentido de unidade mística ao mesmo tempo com as forças perigosas e benignas do mundo.

Assim, da mesma forma que a vida era celebrada em imagens e rituais religiosos, os processos destrutivos da natureza também eram reconhecidos e respeitados. Ao mesmo tempo que ritos e cerimônias religiosas se destinavam a proporcionar ao indivíduo e à comunidade um senso

de participação e controle sobre os processos de oferecimento e preservação da natureza, outros ritos e cerimônias tentavam conter os processos mais desagradáveis.

Mas, com tudo isso, as muitas imagens da Deusa em seu aspecto dual de vida e morte aparentemente expressavam uma visão de mundo na qual o objetivo primordial da arte e da vida não era a conquista, pilhagem e espólio, mas o cultivo da terra e o fornecimento de meios materiais e espirituais para uma existência satisfatória. De modo geral, a arte neolítica, e sobretudo a arte minóica mais desenvolvida, parece expressar uma visão na qual a função primordial dos misteriosos poderes que governam o universo não é a de exigir obediência, punir e destruir, mas, ao contrário, a de dar.

Sabemos que esta arte, particularmente a arte religiosa ou mítica, reflete não só atitudes de povos, mas também sua forma particular de cultura e organização social. A arte centrada na Deusa, a qual examinamos, com sua notável ausência de imagens de dominação ou guerras masculinas, parece ter refletido uma ordem social na qual as mulheres, primeiramente cabeças de clãs e sacerdotisas e depois representando outros importantes papéis, detinham papel fundamental, e na qual tanto homens quanto mulheres trabalhavam juntos em parceria igualitária em prol do bem comum. Se aqui não havia glorificação de deidades masculinas coléricas ou governantes portando raios ou armas, ou de grandes conquistadores arrastando escravas abjetas em correntes, não deixa de ter sentido deduzir que isso se deve ao fato de não haver imagens correlatas àquelas na vida real.[10] E se a imagem religiosa central era a de uma mulher dando à luz e não, como em nosso tempo, um homem morrendo em uma cruz, não deixaria de ter sentido deduzir que a vida e o amor à vida – em vez da morte e do medo à morte – dominavam a sociedade, assim como a arte.

O Culto à Deusa

Um dos aspectos mais interessantes do culto pré-histórico à Deusa é o que o historiador religioso e mitólogo Joseph Campbell denomina seu "sincretismo".[11] Em essência, isto significa que o culto à Deusa era ao mesmo tempo monoteísta e politeísta. Era politeísta por ser a Deusa adorada sob nomes e formas diferentes. Mas era também monoteísta – pois podemos falar corretamente em fé na Deusa, da mesma forma como falamos em fé em Deus como uma entidade transcendente. Em outras palavras, há notáveis semelhanças entre os símbolos e imagens associados em vários locais ao culto à Deusa em seus vários aspectos de mãe, ancestral ou criadora, e virgem ou donzela.

Uma possível explicação para esta notável unidade religiosa poderia residir no fato de, ao que parece, a Deusa ter sido originalmente cultuada em todas as antigas sociedades agrícolas. Encontramos evidências de deificação da fêmea — a qual em sua característica biológica dá à luz e proporciona nutrição, assim como a terra — nos três principais centros de onde se originaram a agricultura: Ásia Menor e sudeste da Europa, Tailândia a sudeste da Ásia e posteriormente também na América Central.[12]

Em muitas das primeiras histórias da criação conhecidas nos mais diferentes pontos do mundo, encontramos a Deusa-Mãe como fonte de toda a existência. Nas Américas, ela é a Senhora da Saia de Serpentes – de interesse também porque, assim como na Europa, no Oriente Médio e na Ásia, a serpente é uma das suas manifestações mais básicas. Na antiga Mesopotâmia este mesmo conceito do universo é encontrado na idéia da "montanha do mundo" como o corpo da Deusa-Mãe do universo, idéia esta que sobreviveu através de períodos históricos. E como Nammu, a Deusa suméria que concebeu o céu e a terra, seu nome é expresso em um texto cuneiforme de cerca de 2000 a.C. (hoje no Louvre) por um ideograma simbolizando o mar.[13]

A associação do princípio feminino às águas também primordiais é um tema onipresente. Por exemplo, na cerâmica decorada da antiga Europa, o simbolismo da água – muitas vezes em

associação ao ovo primordial — é um motivo freqüente. Aqui a Grande Deusa, de quando em vez na forma de Deusa-pássaro ou serpente, governa a força proporcionadora de vida da água. Tanto na Europa quanto em Anatólia, motivos de chuva e fornecimento de leite se misturam, e recipientes e vasos de rituais são equipamento comum em seus santuários. Sua imagem associa-se também aos recipientes para água, os quais às vezes se apresentam em sua forma antropomórfica. Como a deusa egípcia Nut, ela é a unidade harmoniosa das águas celestes primordiais. Posteriormente, como a deusa Ariadne (a Mui Sagrada Deusa), de Creta, e a deusa grega Afrodite, ela surge do mar.[14] De fato, esta imagem ainda é tão poderosa na Europa cristã que chegou a inspirar a famosa Vênus de Botticelli erguendo-se do mar.

Embora raramente estes fatos sejam incluídos no que aprendemos sobre nossa evolução cultural, muito do que surgiu nos milênios de história neolítica ainda se encontra hoje entre nós. Como escreveu Mellaart, "ela formou a base sobre a qual todas as culturas e civilizações posteriores se formaram".[15] Ou como expõe Gimbutas, mesmo após a destruição do mundo que representavam, as imagens míticas de nossos antepassados neolíticos adoradores da Deusa "permaneceram na essência que nutriu o desenvolvimento posterior da cultura européia", enriquecendo em muito a psique desse continente.[16]

De fato, se analisarmos com atenção a arte neolítica, é verdadeiramente surpreendente quanto deste imaginário da Deusa sobreviveu -e não terem essas obras comuns da história da religião ressaltado este fato fascinante. Assim como a Deusa neolítica grávida era descendente direta das "Vênus" paleolíticas de ventres protuberantes, esta mesma imagem sobrevive na Maria grávida da iconografia cristã medieval. A imagem neolítica da jovem Deusa ou Virgem ainda é adorada no aspecto de Maria como a Virgem Santa. E naturalmente a figura neolítica da Deusa-Mãe levando seu filho divino nos braços ainda é dramaticamente mostrada em toda parte como a Madona cristã e seu filho.

Imagens tradicionalmente associadas à Deusa, tais como as do touro e do bucrânio, ou chifres de touro como símbolos do poder da natureza, também sobreviveram nos períodos clássico e posteriormente cristão. Apossaram-se do touro como um símbolo central da mitologia patriarcal "pagã" que surgiu posteriormente. Mais tarde ainda, o Deus com chifres de touro foi convertido na iconografia cristã de símbolo de poder masculino a símbolo de Satã ou do demônio. Mas, no período neolítico, os chifres de touro que hoje associamos rotineiramente ao demônio possuíam significado diferente. Imagens de chifres de touro foram encontradas em escavações de casas e santuários em Çatal Hüyük, onde por vezes chifres de consagração formavam filas ou altares sob representações da Deusa.[17] E o próprio touro ainda é aqui uma manifestação do poder máximo da Deusa. Ele é um símbolo do princípio masculino, mas, como todo o resto, descende de um útero divino provedor – como representado graficamente em um santuário em Çatal Hüyük onde a Deusa é mostrada dando à luz um jovem touro.

Mesmo o imaginário neolítico da Deusa em duas formas simultâneas - tais como as deusas gêmeas encontradas em Çatal Hüyük – sobreviveu a tempos históricos, como nas imagens clássicas de Ceres e Perséfone representando dois aspectos da Deusa: Mãe e Virgem, como símbolos da regeneração cíclica da natureza.[18] Realmente, os filhos da Deusa são todos ligados aos temas do nascimento, morte e ressurreição. Sua filha sobreviveu no período grego como Perséfone, ou Core. E seu filho-amante/marido, da mesma maneira, sobreviveu aos tempos históricos sob nomes tão diversos quanto Adônis, Tammutz, Átis – e por fim Jesus Cristo.[19]

Esta aparentemente notável continuidade de simbolismo religioso toma-se mais compreensível se considerarmos que tanto no neolítico-calcolítico da Europa antiga quanto na posterior civilização da idade do bronze minóica-micênica a religião da Grande Deusa parece ter sido a única característica importante e manifesta da vida. No sítio de Çatal Hüyük, em Anatólia, o culto à Deusa parece permear todos os aspectos da vida. Por exemplo, dos 139 compartimentos escavados entre 1961 e 1963, mais de quarenta parecem ter servido como santuários.[20]

Este mesmo modelo prevalece na Europa neolítica e calcolítica. Além de todos os santuários dedicados a vários aspectos da Deusa, as casas possuíam recantos sagrados com fomos, altares (bancos) e locais de oferenda. E o mesmo se aplica à civilização posterior de Creta, onde, como escreve Gimbutas, "santuários de um tipo ou outro são tão numerosos que há motivo para crer que não apenas todo palácio mas toda casa particular tinha tal uso. (...) A julgar pela freqüência de santuários, chifres de consagração e o símbolo do machado de dois gumes, todo o palácio de Cnossos devia assemelhar-se a um santuário. Para onde quer que nos voltemos, pilares e símbolos fazem lembrar a presença da Grande Deusa".[21]

Dizer que o povo adorador da Deusa era profundamente religioso seria eufemismo. Pois ali não havia distinção entre o secular e o sagrado. Como apontam os historiadores religiosos, na pré-história e, em grande parte, nos tempos históricos, a religião era vida, e vida era religião.

Um motivo por que esta questão é pouco conhecida é o fato de no passado os estudiosos se referirem rotineiramente ao culto à Deusa não como religião, mas como um "culto à fertilidade", e a Deusa como uma "mãe-terra". Contudo, embora a fecundidade das mulheres e da terra fosse, e ainda seja, um requisito para a sobrevivência das espécies, esta caracterização é muito simplista. Seria comparável, por exemplo, a caracterizar o cristianismo apenas como um culto à morte porque a imagem central em sua arte é a Crucificação.

A religião do neolítico – assim como a religião atual e as ideologias seculares — expressava a visão de mundo de seu tempo. O quanto essa visão era diferente da nossa é exemplificado de forma impressionante se compararmos o panteão religioso neolítico ao cristão. No neolítico, o chefe da família sagrada era uma mulher: a Grande Mãe, a Rainha dos Céus, ou a Deusa em seus variados aspectos e formas. Os membros masculinos deste panteão — seu esposo, irmão e/ou filho — também eram divinos. Em contraste, o cabeça da família sagrada cristã é um Pai todo-poderoso. O segundo homem no panteão – Jesus Cristo – representa outro aspecto do ente supremo. Mas embora pai e filho sejam imortais e divinos, Maria, a única mulher neste fac-símile religioso da organização familiar de cunho patriarcal, é uma simples mortal — claramente, como seus congêneres terrestres, de ordem inferior.

Religiões onde a mais poderosa ou única deidade é masculina costumam refletir uma ordem social em que a linhagem é patrilinear (traçada por parte do pai) e o domicílio é patrilocal (a esposa vai viver com a família ou clã do marido). Ao contrário, religiões em que a mais poderosa ou única deidade é feminina costumam refletir uma ordem social na qual a linhagem é matrilinear (traçada por parte da mãe) e o domicílio, da mesma forma, é matrilocal (o marido vai viver com a família ou clã da esposa).[22] Além disso, uma estrutura social dominada pelo homem, em geral hierárquica, tem sido historicamente refletida e mantida por um panteão religioso dominado pelo homem e por doutrinas religiosas em que a subordinação feminina é considerada como sendo de ordem divina.

Se não é patriarcado, então tem de ser matriarcado

Ao aplicar estes princípios aos indícios crescentes de que durante milênios da história humana a deidade suprema era feminina, diversos estudiosos do século XIX e princípio do XX chegaram a uma conclusão aparentemente essencial. Se a pré-história não era patriarcal, ela deve ter sido matriarcal. Em outras palavras, se os homens não dominavam as mulheres, elas devem ter dominado os homens.

Então, quando as evidências pareceram não apoiar esta conclusão quanto à dominação feminina, muitos estudiosos voltaram à visão mais convencionalmente aceita. Afinal de contas, se nunca houve um matriarcado, raciocinaram eles, a dominação masculina deve ter sido sempre a norma humana.

No entanto, a evidência não apóia qualquer destas conclusões. Para começar, os dados arqueológicos de que dispomos atualmente indicam que em sua estrutura geral a sociedade pré-patriarcal era, por qualquer padrão contemporâneo, notadamente igualitária. Em segundo lugar, embora nestas sociedades a linhagem pareça ter sido traçada por parte da mãe, e as mulheres como sacerdotisas e chefes de clãs pareçam ter representado papéis de liderança em todos os aspectos da vida, há pouca indicação de que a posição dos homens neste sistema social fosse de alguma maneira comparável à subordinação e supressão das características femininas no sistema de domínio masculino que o substituiu.

Com suas escavações em Çatal Hüyük, onde a reconstrução sistemática da vida dos habitantes da cidade era o objetivo arqueológico principal, Mellaart concluiu que, embora alguma desigualdade social seja sugerida no tamanho das construções, equipamentos e oferendas no sepultamento, ela jamais foi "gritante".[23] Por exemplo, em Çatal Hüyük não há grandes diferenças entre as casas, a maior parte das quais mostra um plano retangular padronizado cobrindo cerca de 25 metros quadrados de chão. Até mesmo os santuários não são, em relação à estrutura, diferentes das casas, nem maiores em tamanho. Além disso, estes santuários misturam-se às casas em quantidade considerável, mais uma vez indicando uma estrutura baseada na comunidade e não centralizada, hierárquica, social e religiosamente.[24]

O mesmo quadro geral surge na análise dos costumes de sepultamento em Çatal Hüyük. Ao contrário dos túmulos posteriores de líderes indo-europeus, que revelam com nitidez uma estrutura social piramidal governada por um homem forte, temido e temível, no topo, os túmulos de Çatal Hüyük não indicam marcantes desigualdades sociais.[25]

Quanto ao relacionamento entre homem e mulher, é verdade, como ressalta Mellaart, que a família divina de Çatal Hüyük é representada "em ordem de importância como mãe, filha, filho e pai",[26] o que decerto refletia as famílias dos habitantes da cidade, as quais naturalmente eram matrilineares e matrilocais. Também é verdade que em Çatal Hüyük e outras sociedades neolíticas as representações antropomórficas da Deusa – a jovem Virgem, a Mãe madura e a velha Avó ou Ancestral, de volta à Criadora original — são, como mais tarde observou o filósofo grego Pitágoras, projeções dos diversos estágios na vida de uma mulher.[27] Outro aspecto que marca uma organização social matrilinear e matrilocal é o fato de em Çatal Hüyük a plataforma para dormir onde os objetos pessoais da mulher e sua cama ou divã se localizavam é sempre encontrada no mesmo lugar, do lado leste dos aposentos de dormir. Já o local para o homem difere, além de ser menor.[28]

Mas, apesar de tais evidências da supremacia das mulheres tanto na religião quanto na vida, não há indicação de desigualdade gritante entre homens e mulheres. Tampouco se percebem quaisquer sinais de que as mulheres subjugassem ou oprimissem os homens.

Em agudo contraste com as religiões de nosso tempo, dominadas pelo homem, nas quais em quase todos os casos até há pouco tempo só os homens podiam tornar-se membros da hierarquia religiosa, existe a evidência de sacerdotisas e sacerdotes. Por exemplo, Mellaart observa que, embora pareça provável serem as sacerdotisas principais que oficiavam o culto à Deusa em Çatal Hüyük, há também indícios que indicam a participação de sacerdotes. Ele relata a descoberta de dois grupos de objetos só em túmulos e santuários: espelhos de obsidiana e belas fivelas de cintos em osso. Os primeiros foram encontrados apenas nos corpos das mulheres, e os últimos só nos homens. O que levou Mellaart a concluir serem estes "atributos de certas sacerdotisas e sacerdotes o que explicaria tanto sua raridade como sua descoberta em santuários".[29]

Revelador é também o fato de as esculturas de homens mais velhos, às vezes em posição similar à famosa escultura O pensador, de Rodin, sugerirem que os velhos, assim como as mulheres idosas, tinham papéis importantes e respeitados.[30] Também revelador é o touro e o bucrânio, ou chifres da consagração, que possuíam papel central nos santuários neolíticos de Anatólia, Ásia Menor e Europa antiga, e posteriormente nas imagens dos períodos minóico e micênico, todos símbolos do princípio masculino, assim como as imagens de falos e javalis, que

surgem mais tarde no neolítico, sobretudo na Europa. Além disso, algumas das estatuetas primitivas da Deusa são não apenas híbridos de traços humanos e animais, mas também possuem muitas vezes características, tais como pescoços muito compridos, que podem ser interpretadas como andróginas.[31] E naturalmente o jovem deus, o filho consorte da Deusa, representa papel recorrente no milagre central da religião pré-patriarcal, o mistério da regeneração e renascimento.

Assim, fica claro que, embora o princípio feminino seja o principal símbolo do milagre da vida que permeava a arte e ideologia do neolítico, o princípio masculino também representava importante papel. A fusão destes dois princípios, através dos mitos e rituais do Sagrado Matrimônio, na verdade ainda era celebrada no mundo antigo, chegando até tempos patriarcais. Por exemplo, na Anatólia dos hititas, o grande santuário de Yazilikaya dedicava-se a esse objetivo. E mesmo depois, na Grécia e em Roma, a cerimônia sobreviveu como o *hieros gamos*.[32]

Dessa forma, é interessante a existência de imagens neolíticas indicando uma compreensão dos papéis interligados de mulheres e homens na procriação. Por exemplo, uma pequena placa de pedra de Çatal Hüyük mostra uma mulher e um homem em abraço carinhoso; bem ao lado deles está o relevo de uma mãe com uma criança nos braços, rebento da união.[33]

Todas estas imagens refletem marcante diferença nas atitudes prevalentes no neolítico sobre o relacionamento entre homem e mulher — atitudes em que a união, em vez da dominação, parece ter sido predominante. Como escreve Gimbutas, ali "o mundo do mito não era polarizado em fêmea e macho, como nos indo-europeus e em muitos outros povos nômades e pastorais das estepes. Ambos os princípios manifestavam-se lado a lado. A divindade masculina na forma de um jovem ou um animal macho parece afirmar e fortalecer as forças da fêmea criativa e ativa. Nenhuma força subordina-se a outra: complementando-se, seus poderes são duplicados".[34]

Mais uma vez descobrimos que a discussão sobre se alguma vez houve ou não o matriarcado, a qual irrompe periodicamente em trabalhos acadêmicos e populares, mais parece uma função de nosso paradigma predominante do que de qualquer evidência arqueológica.[35] Isto é, em nossa cultura construída sobre idéias de hierarquia e dominação de um grupo contra outro, são enfatizadas diferenças rígidas ou polaridades. Nossa cultura é caracteristicamente do tipo se-não-é-isto-então-tem-de-ser-aquilo, pensamento dicotomizado do um-ou-outro que filósofos antigos advertiram poder levar a uma interpretação errônea e simplista da realidade. E de fato os psicólogos de hoje descobriram ser essa a marca do estágio de desenvolvimento psicológico menor ou *inferior* **no desenvolvimento cognitivo e emocional.[36]**

Aparentemente, Mellaart tentou superar este emaranhado isto-ou-aquilo, se-não-é-patriarcado-tem-de-ser-matriarcado, ao escrever a seguinte passagem: "Se a Deusa presidia a todas as diferentes atividades de vida e morte da população neolítica em Çatal Hüyük, então seu filho de certa forma também o fazia. Mesmo se o papel dele fosse estritamente subordinado ao dela, o papel masculino na vida parece ter sido inteiramente realizado."[37] Mas na contradição entre um papel "inteiramente realizado" e um "estritamente subordinado" de novo nos encontramos enredados nas suposições culturais e lingüísticas inerentes a um paradigma dominador: o de que as relações humanas devem adequar-se a algum tipo de ordem superior-inferior.

No entanto, considerada de um ponto de vista estritamente analítico ou lógico, a primazia da Deusa – e com esta a centralização dos valores simbolizados pelos poderes de nutrição e regeneração encarnados no corpo feminino — não justifica a dedução de que neste caso as mulheres dominavam os homens. Isto se toma mais evidente se partirmos de uma analogia com uma relação humana que, mesmo nas sociedades dominadas pelo homem, em geral não é conceptualizada em termos de superioridade-inferioridade, qual seja, o relacionamento entre mãe e filho – e na verdade o modo como o percebemos pode constituir um vestígio do conceito pré-patriarcal de mundo. A mãe adulta maior e mais forte é claramente, em termos hierárquicos, superior ao filho menor e mais fraco. Mas isto não significa o que normalmente pensamos da criança, como inferior ou de menos valor.

Ao traçarmos uma analogia a partir desta estrutura conceitual diferente, podemos perceber que o fato de as mulheres representarem papel primordial e marcante na religião e vida pré-histórica não implica necessariamente que os homens fossem percebidos e tratados como subservientes. Pois aqui tanto homens quanto mulheres eram filhos da Deusa, assim como filhos das mulheres que comandavam as famílias e os clãs. E embora esse fato com certeza proporcionasse às mulheres muito poder, fazendo uma analogia com nosso relacionamento atual mãe-filho, aquele parece ter sido um poder mais equiparado à responsabilidade e ao amor do que a opressão, privilégio e medo.

Em suma, contrastando com a visão ainda prevalente do poder simbolizado pela Espada — o poder de usurpar ou dominar —, uma visão muito diferente de poder parece ter sido a norma nas sociedades neolíticas de culto à Deusa. Sem dúvida, a visão do poder como poder "feminino" de alimentar e dar nem sempre foi a norma, pois estas eram sociedades de gente de carne e osso, e não de utopias ilusórias. Mas ainda assim esse era o ideal normativo, o modelo a ser imitado tanto por mulheres quanto por homens.

A visão de poder simbolizado pelo Cálice — para o qual proponho o termo *poder de realização*, **distinguindo-o do** *poder de dominação* **— obviamente reflete um tipo de organização social muito diversa daquela a que estamos acostumados.[38] Podemos concluir, pelas evidências do passado examinadas até agora, não poder ele ser denominado matriarcal. Assim como tampouco pode ser chamado patriarcal, pois não se ajusta ao paradigma convencional e dominador de organização social. Contudo, utilizando a perspectiva da teoria de transformação cultural que vimos desenvolvendo, ela se enquadra a outra alternativa para a organização humana: uma sociedade de parceria na qual nenhuma metade da humanidade é dominada pela outra, e a diversidade não é igualada à inferioridade ou superioridade.**

Como veremos nos capítulos que se seguem, estas duas alternativas têm afetado muito nossa evolução cultural. A evolução tecnológica e a social tendem a tornar-se mais complexas, independente de qual modelo prevaleça. Mas a direção da evolução cultural — incluindo o fato de um sistema social ser belicoso ou pacífico — depende de possuirmos uma estrutura social dominadora ou de parceria.

CAPITULO 3

A DIFERENÇA ESSENCIAL: CRETA

A pré-história é como um imenso quebra-cabeça com mais da metade de suas peças destruída ou perdida. É impossível reconstruí-la completamente. Mas o maior obstáculo para a reconstrução acurada da pré-história não é a falta de tantas peças; é o fato de o paradigma predominante tomar tão difícil a interpretação das peças de que dispomos e projetar o verdadeiro modelo no qual elas se ajustam.

Por exemplo, quando pela primeira vez *Sir* **Flinders Petrie fez um relato das escavações da tumba de Meryet-Nit no Egito, automaticamente presumiu que Meryet-Nit era um rei. No entanto, pesquisas posteriores estabeleceram que Meryet-Nit era mulher e, a julgar pela riqueza de sua tumba, uma rainha. O professor de Morgan cometeu o mesmo erro com a descoberta da tumba gigantesca em Nagadeh. Também se presumiu fosse aquele o local de sepultamento de um rei, Hor-Aha, da primeira dinastia. Mas, como escreveu o egiptologista Walter Emery, pesquisas posteriores mostraram ser aquele o sepulcro de Nit-Hotep, mãe de Hor-Aha.[1]**

Estes exemplos de como preconceitos culturais levaram a erros são meras exceções, como observa a historiadora de arte Merlin Stone, já que depois foram corrigidos. Stone viajou por todo o mundo, olhando escavação após escavação, arquivo após arquivo e objeto após objeto, reexaminando fontes primitivas e verificando em seguida como haviam sido interpretadas. Descobriu que em geral, quando havia evidência de um período de tempo anterior em que homem e mulher viviam como iguais, esse período simplesmente era ignorado.[2]

Nas páginas seguintes, quando examinarmos a extraordinária civilização antiga descoberta na virada do século XX na ilha mediterrânea . de Creta, veremos como este preconceito levou a uma visão incompleta " e, na verdade, muito distorcida, não só de nossa evolução cultural como também do desenvolvimento de civilização superior.

A explosão arqueológica

A descoberta da cultura antiga, de uma tecnologia adiantada e complexidade social, da Creta minóica — assim chamada pelos arqueólogos por causa do lendário rei Minos — foi uma espécie de explosão. Como disse o arqueólogo Nicolas Platon, o qual por volta de 1980 havia escavado a ilha por mais de cinqüenta anos: "Os arqueólogos ficaram atônitos. Não conseguiram entender como a existência mesma de uma civilização tão desenvolvida podia ter permanecido desconhecida até então."[3]

"Desde o começo", escreve Platon, que durante muitos anos foi superintendente de antiguidades em Creta, "surpreendentes descobertas foram feitas". Com o progresso do trabalho, "diversos palácios de muitos andares, *villas***, fazendas, bairros de cidades populosas e bem organizadas, instalações de um porto, redes de estradas cruzando a ilha de uma extremidade a outra, locais de adoração e de sepultamento organizados foram descobertos".[4] Com o prosseguimento das escavações pelos arqueólogos, quatro alfabetos (hieroglífico, protolinear, linear A e linear B) foram descobertos, trazendo a civilização de Creta, por definição arqueológica, para o período histórico ou literário. Muito se aprendeu sobre a estrutura social e os valores das fases minóica e micênica, anterior e posterior. E, o que talvez seja mais surpreendente, com o progresso das escavações e mais e mais afrescos, esculturas, vasos, entalhes e outras obras-de-arte foram**

desenterrados, chegando-se à percepção de que ali estavam os restos de uma tradição artística única nos anais da civilização.

A história da civilização de Creta começa por volta de 6000 a.C, quando uma pequena colônia de imigrantes, provavelmente de Anatólia, chegou pela primeira vez ao litoral da ilha. Foram eles que trouxeram a Deusa, bem como uma tecnologia agrária que classifica estes primeiros colonizadores como neolíticos. Nos quatro mil anos seguintes houve progresso tecnológico lento e estável, na cerâmica, tecelagem, metalurgia, gravação, arquitetura e outras artes, bem como um comércio florescente e uma gradual evolução do estilo artístico vivo e alegre tão característico de Creta. Em seguida, aproximadamente 2000 a.C, Creta entrou no que os arqueólogos denominam o período minóico médio ou palaciano antigo.[5]

Este período já estava bem dentro da Idade do Bronze, período este em que o restante do mundo então civilizado da Deusa estava sendo gradativamente substituído pelos deuses guerreiros masculinos. Ela ainda era venerada – como Hathor e Isis no Egito, Astarte ou Ishtar na Babilónia, ou a Deusa do Sol de Arina em Anatólia. Mas agora não passava de uma deidade secundária, descrita como a consorte ou mãe dos deuses masculinos mais poderosos, pois aquele era um mundo onde cada vez mais o poder das mulheres se achava também em declínio, um mundo onde a dominação masculina e as guerras de conquista e contra-conquista passavam a ser a norma em toda a parte. Na ilha de Creta, onde a Deusa ainda era suprema, não havia sinais de guerra. Ali a economia prosperava e as artes floresciam. E mesmo quando, no século XV a.C, por fim a ilha caiu sob domínio aqueu — quando os arqueólogos não mais falaram de uma cultura minóica mas sim minóica-micênica —, a Deusa e o modo de pensar e viver por ela simbolizados ainda pareciam prevalecer.

Sob a influência minóica mais antiga — também encontrada no continente grego, o qual da mesma forma começava a entrar no período micênico — os novos senhores indo-europeus da ilha aparentemente adotaram muito da cultura e religião minóicas. Por exemplo, nas imagens do famoso sarcófago Hagia Triada do século XV a.C, já bem mais rígido e estilizado, mas ainda indiscutivelmente cretense, ainda é a Deusa quem comanda a carruagem em forma de grifo, levando o homem morto para sua nova vida. E ainda são as sacerdotisas da Deusa, e não os sacerdotes em longos robes femininos, que representam papel central nos rituais retratados em afrescos sobre calcário. São elas que lideram a procissão e estendem as mãos para tocar o altar.

Como observou a historiadora da cultura Jacquetta Hawkes, na singular linguagem tão típica dos estudiosos: "Se isto ainda era verdade no século XIV, sua prevalência em tempos anteriores devia ser quase igualmente certa."[6] Assim, no grande palácio de Cnossos era uma mulher — a Deusa, suas altas sacerdotisas ou talvez, como acredita Hawkes, a rainha cretense — quem estava no centro, enquanto duas procissões de homens se aproximavam para prestar-lhe tributo.[7] E por toda a parte encontram-se figuras femininas, muitas delas com os braços erguidos em gesto de bênção, algumas com serpentes ou machados de duas lâminas nas mãos, como símbolos da Deusa.

O amor à vida e à natureza

Estes gestos de bênção reverente parecem captar de muitas maneiras a essência da cultura minóica. Pois, como coloca Platon, essa era uma sociedade em que "a totalidade da vida era impregnada por ardorosa fé na Deusa Natureza, fonte de toda criação e harmonia". Em Creta, pela última vez na história registrada, um espírito de harmonia entre mulheres e homens, como participantes iguais e alegres na vida, parece difundido. Este espírito parece brilhar na tradição artística cretense, tradição esta que, outra vez nas palavras de Platon, é excepcional em seu "prazer com a beleza, a graça e o movimento" e em seu "deleite com a vida e a proximidade da natureza".[8]

Alguns estudiosos descreveram a vida minóica como uma "expressão perfeita da idéia de *homo ludens*" — do "homem" expressando nossos mais elevados impulsos através de rituais e atividades artísticas divertidas e ao mesmo tempo significativamente míticas. Outros tentaram resumir a cultura cretense com palavras e expressões como "sensibilidade", "encanto da vida" e "amor à beleza e à natureza". Embora existam poucos (por exemplo, Ciro Gordon) que tentem desmerecer ou de certa forma redefinir o fenômeno cretense de maneira a fazê-lo ajustar-se aos preconceitos tão comumente aceitos da Antiguidade como mais belicoso e (exceto pelos hebreus) menos desenvolvido espiritualmente do que nós, a grande maioria dos estudiosos, e com certeza aqueles que realizaram extensos trabalhos de campo na ilha, aparentemente mostram-se bastante incapazes de conter sua admiração, e mesmo assombro, ao descrever seus achados.[9]

Encontramos ali uma civilização tecnologicamente rica e culturalmente adiantada na qual, como escrevem os arqueólogos Hans-Günther Buchholtz e Vassos Karageorghis, "todos os meios de comunicação artísticos — na verdade, tanto a vida quanto a morte em sua totalidade — se embutiam profundamente em uma religião penetrante e onipotente". Mas, em contraste marcante com outras civilizações elevadas do período, esta religião – centrada no culto à Deusa – parece ao mesmo tempo refletir e reforçar uma ordem social na qual, para citar Nicolas Platon, "o medo da morte era praticamente obliterado pela onipresente alegria de viver".[10]

Estudiosos sérios como *Sir* Leonard Woolley descreveram a arte minóica como "a mais inspirada do mundo antigo". [11]Arqueólogos e historiadores de arte de todo o mundo têm usado expressões como "o encantamento de um mundo mágico" e "a mais completa aceitação do dom de viver jamais vista".[12] E não foi unicamente a arte cretense – os magníficos afrescos de perdizes multicoloridas, grifos fantásticos e mulheres elegantes, delicadas miniaturas de ouro, as jóias refinadas e as estatuetas graciosamente moldadas – como também a sociedade cretense a impressionar os estudiosos por sua singularidade.

Por exemplo, um traço notável da sociedade cretense, o que a distingue radicalmente de outras antigas civilizações desenvolvidas, é a aparente divisão justa da riqueza. "O padrão de vida — até mesmo de camponeses – parece ter sido elevado", relata Platon, "nenhuma das casas encontradas até o momento sugeria condições de vida muito inferiores".[13]

Isso não significa que Creta fosse mais rica, ou mesmo tão rica quanto o Egito ou a Babilônia. Mas, em vista do abismo econômico e social existente entre aqueles situados no topo e na base, característico de outras civilizações "superiores", é importante observar que desde o começo o modo como Creta usava e distribuía sua riqueza parecia ser nitidamente diferente.

Desde os primeiros povoados, a economia da ilha era basicamente agrária. Com o passar do tempo, a criação de gado, a indústria e particularmente o comércio — através de uma grande esquadra mercantil que navegava, e aparentemente comandava, todo o Mediterrâneo — assumiram crescente importância, com grande contribuição para a prosperidade econômica do país. E, embora a base da organização social no princípio fosse o *genos* ou clã matrilinear, por volta de 2000 a. C. a sociedade cretense tomou-se mais centralizada. Durante o que Sir Arthur Evans denominou períodos minóico médio e recente, e Platon chama de períodos palacianos antigo e novo, há indícios de administração governamental centralizada em diversos palácios cretenses,

Mas ali a centralização não acarretou a norma autocrática. Tampouco trouxe o uso de tecnologia avançada para benefício só de poucos poderosos ou o tipo de exploração e brutalização das massas tão notável em outras civilizações daquele período. Pois, embora em Creta houvesse uma afluente classe dominante, não há indicação (senão em mitos gregos posteriores tais como o de Teseu, rei Minos e o Minotauro) de que ela fosse sustentada por forte poder armado.

"O desenvolvimento da escrita levou ao estabelecimento da primeira burocracia, como demonstrado por um pequeno número de tábuas em linear A", escreve Platon, que em seguida observa como as rendas governamentais extraídas da riqueza cada vez maior da ilha eram empregadas judiciosamente para melhorar as condições de vida, as quais, pelos padrões ocidentais,

eram bem "modernas". "Todos os centros urbanos possuíam sistemas de esgotos perfeitos, instalações sanitárias e utensílios domésticos". Acrescenta ele: "Não há dúvida de que extensas obras públicas – pagas pelos cofres públicos – foram realizadas na Creta minóica. Embora até o momento muito poucos vestígios tenham sido encontrados, eles são reveladores: viadutos, estradas pavimentadas, postes de observação, abrigos de estrada, canos de água, fontes, reservatórios, etc. Há indícios de trabalhos de irrigação em grande escala com canais para levar e distribuir a água."[14]

Apesar dos terremotos periódicos, os quais destruíram por completo antigos palácios e por duas vezes interromperam o desenvolvimento de novos centros de palácios, a arquitetura palaciana de Creta é também única na civilização. Estes palácios são um notável misto de traços enaltecedores da vida e agradáveis aos olhos, em vez de monumentos à autoridade e ao poder, característicos do Egito e de outras sociedades primitivas, belicosas e de dominação masculina.

Nos palácios cretenses havia vastos átrios, fachadas majestosas e centenas de aposentos dispostos nos "labirintos" organizados que se tomaram o sinônimo de Creta nas lendas gregas posteriores. Nesses labirintos havia inúmeros apartamentos dispostos em vários andares, em diferentes alturas, arrumados de forma assimétrica em volta de um átrio central. Havia aposentos especiais para o culto religioso. Os cortesãos possuíam seus próprios aposentos no palácio ou ocupavam casas encantadoras nas redondezas. Havia também alojamentos para a criadagem do palácio. Longas filas de quartos para despensa com corredores de acesso eram utilizadas para estocar mantimentos e tesouros. E extensos salões com filas de elegantes colunas eram usados para audiências, recepções, banquetes e reuniões da assembléia.[15]

Os jardins eram uma característica essencial em toda a arquitetura minóica, assim como o planejamento das construções que enfatizavam a privacidade, boa luz natural e utensílios domésticos e, talvez, acima de tudo, a atenção ao detalhe e à beleza. "Eram usados materiais locais e importados", escreve Platon, "todos trabalhados com meticuloso cuidado, pilastras de gesso e tufo, fachadas, paredes, prismas de iluminação e átrios perfeitamente compostos. Tabiques eram decorados com estuque, com murais em muitos casos, e com acabamento em mármore. (...) Não só as paredes, mas com freqüência os tetos e assoalhos eram decorados com pinturas, mesmo em vilas, casas de campo e habitações simples da cidade. (...) os motivos inspiravam-se sobretudo em plantas terrestres e marinhas, em cerimônias religiosas e na vida alegre da corte e do povo. O culto à natureza tudo permeava."[16]

Uma civilização excepcional

O grande palácio de Cnossos, famoso por sua grandiosa escadaria de pedra, suas varandas com colunas e seu esplêndido salão de recepção, é também típico da cultura minóica por sua ênfase estética, em vez de monumental, em sua sala do trono e aposentos reais, expressando talvez o que a historiadora da cultura Jacquetta Hawkes denomina o "espírito feminino" da arquitetura cretense.[17]

Cnossos, provavelmente com cem mil habitantes, ligava-se aos portos da costa sul por uma bela estrada pavimentada, a primeira do gênero na Europa. Suas ruas, à semelhança daquelas de outros centros palacianos tais como Mallia e Phaistos, eram pavimentadas e possuíam escoadouros, e eram ladeadas por casas simples de dois ou três andares, com telhados retos, por vezes com terraço para uso nas noites quentes de verão.[18]

Hawkes descreve as cidades em tomo dos palácios como "bem projetadas para a vida civilizada", e Platon caracteriza a "vida particular" do período como tendo "obtido um alto grau de refinamento e conforto". Conforme resume Platon: "As casas eram adaptadas a todas as necessidades práticas da vida, e um ambiente atraente era criado ao redor delas. Os minóicos eram muito ligados à natureza, e sua arquitetura tinha como objetivo permitir-lhes usufruir a natureza o mais livremente possível."[19]

O vestuário cretense também era tipicamente desenhado para obtenção de efeitos estéticos e práticos, permitindo liberdade de movimentos. O exercício físico e os esportes envolviam tanto homens quanto mulheres e eram praticados como divertimento. Quanto à alimentação, uma grande variedade de grãos era cultivada, os quais, juntamente com a criação de gado, piscicultura, apicultura e preparação de vinho, proporcionavam uma dieta saudável e variada.[20]

O divertimento e a religião entrelaçavam-se com freqüência, tornando as atividades de lazer cretenses ao mesmo tempo agradáveis e significativas. "A música, o canto e a dança eram acrescentados aos prazeres da vida", descreve Platon. "Havia freqüentes cerimônias públicas, na maioria religiosas, seguidas de procissões, banquetes e demonstrações de acrobacia realizadas em teatros construídos para este fim ou em arenas de madeira", entre as quais os famosos *taurokatharpsia* ou jogos com touro.[21]

Outro estudioso, Reynold Higgins, resume este aspecto da vida cretense da seguinte maneira: "A religião para os cretenses constituía uma ocupação feliz, sendo celebrada em santuários de palácios ou então em santuários ao ar livre nos topos das montanhas e em cavernas sagradas. (...) Sua religião ligava-se intimamente à recreação. No primeiro lugar em importância vinham os esportes com touros, os quais provavelmente eram realizados nas quadras centrais dos palácios. Homens e mulheres jovens reunidos em times agarravam os chifres de um touro em posição de ataque e davam um salto mortal sobre suas costas."[22]

A parceria igualitária de homens e mulheres, que parecia caracterizar a sociedade minóica, talvez nunca seja ilustrada com tanta nitidez como nestes jogos sagrados com o touro, onde mulheres e homens jovens se apresentavam juntos e confiavam sua vida um ao outro. Estes rituais, que combinavam emoção, perícia e fervor religioso, também parecem ter sido característicos do espírito minóico em outro aspecto importante; destinavam-se não só ao prazer individual ou à salvação, m também a invocar o poder divino capaz de trazer bem-estar a toda a sociedade.[23]

Mais uma vez, é importante salientar que Creta não era uma sociedade ideal ou utópica, mas uma sociedade humana real, cheia de problemas e imperfeições. Era uma sociedade que se desenvolvia há milhares de anos, quando ainda nada havia semelhante à ciência que conhecemos, quando os processos da natureza ainda eram em geral explicados — e tratados — por meio de crenças animistas e ritos expiatórios.[24] Além do mais, era uma sociedade que funcionava em meio a um universo cada vez mais belicoso e dominado pelo homem.

Sabemos, por exemplo, que os cretenses possuíam armas – algumas, como adagas lindamente adornadas, de grande qualidade técnica. Provavelmente, com o aumento da belicosidade e pirataria no Mediterrâneo eles também vieram a travar batalhas marítimas, a fim de preservar seu vasto comércio marítimo e o litoral. Mas, em contraste com outras civilizações desenvolvidas de seu tempo, a arte cretense não idealiza a guerra. Como já mencionei, até mesmo o famoso machado de duas lâminas simbolizava a fertilidade abundante da terra. Talhado na forma das enxadas usadas na limpeza da terra para a plantação de sementes ele era também a estilização da borboleta, um dos símbolos da Deusa da transformação e do renascimento.

Tampouco há indicações de que os recursos materiais cretenses fossem – como o são em nosso mundo moderno, a cada dia de forma mais esmagadora – pesadamente investidos em tecnologias de destruição. Ao contrário, a evidência mostra que a riqueza cretense era investida em primeiro lugar na vida harmoniosa e estética.

Como escreveu Platon: "Toda a vida impregnava-se de fé ardente na Deusa Natureza, fonte de toda criação e harmonia. Isso levou ao amor pela paz, ao horror pela tirania e ao respeito pela lei. Mesmo entre as classes dominantes, ambições pessoais pareciam desconhecidas; em lugar nenhum encontramos o nome de um autor ligado a uma obra-de-arte nem o registro dos feitos de um soberano."[25]

Em nossa época, quando "o amor à paz, o horror à tirania e o respeito à lei" podem ser requisitos para nossa sobrevivência, as diferenças entre o espírito de Creta e os de seus vizinhos

guarda interesse mais do que acadêmico. Nas cidades cretenses sem fortificações militares, as *villas* **"desprotegidas" à beira-mar e a falta de qualquer sinal de que as diversas cidades-estados no interior da ilha lutassem umas com as outras ou participassem de guerras agressivas (em marcante contraste com as cidades muradas e violentas guerras que em outras partes já eram norma), encontramos esta firme confirmação de nosso passado demonstrando que nossas esperanças de uma coexistência humana pacífica não são, como em geral nos dizem, "sonhos utópicos". E nas imagens míticas de Creta – a Deusa como Mãe do universo, e os seres humanos, animais, plantas, água e céu como suas manifestações na terra — descobrimos o reconhecimento de nossa unidade com a natureza, tema que hoje também ressurge como pré-requisito para a sobrevivência ecológica.**

Contudo, talvez o mais notável em termos do relacionamento da sociedade e ideologia é o fato de, particularmente em seu período minóico primitivo, a arte cretense aparentemente refletir uma sociedade em que o poder não equivale a dominação, destruição e opressão. Nas palavras de Jacquetta Hawkes, uma das poucas a escrever sobre "a idéia de um monarca guerreiro triunfando na humilhação e morticínio do inimigo" neste caso mostra-se ausente. "Em Creta, onde soberanos santificados comandavam a riqueza e o poder e viviam em esplêndidos palácios, dificilmente encontravam-se traços destas manifestações de orgulho masculino e crueldade irracional."[26]

Traço extraordinário da cultura cretense é a ausência de estátuas ou relevos daqueles que se sentavam nos tronos de Cnossos ou qualquer dos palácios. Além do afresco da Deusa – ou talvez rainha/sacerdotisa – no centro de uma procissão de doação, aparentemente não houve retratos reais de qualquer tipo até a última fase. Mesmo então, como única possível exceção, o relevo pintado, às vez identificado como o jovem príncipe, mostra um jovem de cabelos longos, desarmado, nu até a cintura, coroado de plumas de pavão e caminhando entre flores e borboletas.

Igualmente notável e reveladora na arte da Creta minóica é a ausência de quaisquer cenas grandiosas de batalhas ou caçadas. "A ausência dessas manifestações do soberano masculino todo-poderoso tão difundida nesse período e nessa etapa do desenvolvimento cultural, a ponto de ser quase universal", observa Hawkes, "é um dos motivos que leva a supor poderem os ocupantes dos tronos minóicos ter sido rainhas."[27]

Esta é também a conclusão da antropóloga Ruby Rohrlich-Leavitt. Escrevendo a respeito de Creta a partir de uma perspectiva feminista, ela observa que foram os arqueólogos modernos que apresentaram o jovem acima descrito como o "jovem príncipe" ou o "rei-sacerdote", quando na verdade ainda não foi encontrada uma única representação de um rei ou deus masculino dominador. Ela observa também que a ausência de idealizações de violência masculina e poder destrutivo na arte de Creta caminha lado a lado com o fato de ter sido nessa sociedade que "a paz durou por 1.500 anos, tanto em sua ilha quanto no exterior, em uma época de guerras incessantes".[28]

Platon, que também caracteriza os minóicos como um "povo excepcionalmente pacífico", escreveu a respeito dos ocupantes dos tronos minóicos como reis. No entanto, ficou igualmente impressionado, como ele mesmo disse, de "cada rei governar seus próprios domínios em harmonia estreita e 'coexistência pacífica' com os demais". Platon analisa os estreitos elos entre governo e religião, característica típica da antiga vida política. Mas observa que neste caso, mais uma vez em gritante contraste com outras cidades-estados contemporâneas, "a autoridade do rei provavelmente era limitada pelos conselhos de altos oficiais nos quais outras classes sociais deviam estar representadas".[29]

Estes dados ainda bastante ignorados a respeito da civilização pré-patriarcal da antiga Grécia fornecem-nos alguns fascinantes indícios, os quais aprofundaremos mais tarde, sobre as origens de muito do que valorizamos na civilização ocidental. Especialmente notável é o modo como nossa atual crença de que o governo deve representar os interesses do povo parece ter sido prenunciado na Creta minóica muito antes do chamado nascimento da democracia nos tempos

gregos clássicos. Além disso, a moderna conceptualização que ia surgindo, do poder como responsabilidade em vez de dominação, parece ser um ressurgimento de antigas visões.

Pois as evidências indicam que em Creta o poder era basicamente relacionado com a responsabilidade da condição de mãe, em vez da cobrança de obediência a uma elite masculina dominadora através da força ou do temor à força. Esta é a definição de poder característica do modelo de parceria da sociedade, no qual mulheres e traços associados à mulher não são sistematicamente desvalorizados. E é esta a definição de poder prevalente em Creta à medida que sua evolução social e tecnológica se tornava mais complexa, afetando profundamente sua evolução cultural.

Particularmente interessante é o fato de muito depois de Creta entrar na Idade do Bronze, ao mesmo tempo em que a Deusa, enquanto provedora e alimentadora de toda a vida na natureza, ainda é venerada como a personificação suprema de todos os mistérios deste mundo, as mulheres continuaram a manter sua posição de destaque na sociedade cretense. Ali, como escreve Rohrlich-Leavitt, as mulheres são "temas centrais, as mais retratadas nas artes e ofícios. E elas são retratadas sobretudo na esfera pública".[30]

Portanto, não se confirma a afirmação de que a cidade-estado – ou o que alguns estudiosos modernos denominam "estadismo"– exige estruturalmente belicosidade, hierarquia e a submissão das mulheres. Nas cidades-estados de Creta, lendárias por sua riqueza, artes e ofícios magníficos e comércio florescente, é notável que as novas tecnologias, e com elas uma escala de organização social mais extensa e complexa, incluindo especialização crescente, não ocasionem qualquer deterioração na condição feminina.

Em contrapartida, na Creta minóica as redistribuições de papéis que acompanharam as mudanças tecnológicas aparentemente fortaleceram, em vez de enfraquecerem, o status feminino. Como ali não havia modificações sociais e ideológicas fundamentais, os novos papéis requeridos pelos avanços tecnológicos não acarretavam o tipo de descontinuidade histórica que vemos em outras localidades. Nas sociedades da Mesopotâmia meridional, encontramos rígida estratificação social e constantes guerras por volta de 3500 a.C, juntamente com o declínio da situação feminina. Na Creta minóica, embora houvesse urbanização e estratificação social, não havia belicosidade, e o status da mulher não declinava.[31]

A invisibilidade do óbvio

Sob o paradigma predominante, onde a hierarquia é o principal princípio organizacional, se as mulheres possuem uma elevada posição social, conclui-se que a posição social do homem deve ser inferior. Já vimos como as evidências de herança e linhagem matrilinear, a mulher como deidade suprema e sacerdotisas e rainhas com poder temporal são interpretadas como indícios de uma sociedade "matriarcal". Mas esta conclusão é inteiramente injustificada à luz das evidências arqueológicas. Tampouco infere-se do alto *status* das mulheres cretenses que os homens de Creta possuíssem condição social comparável à de mulheres em sistemas sociais dominados pelo homem.

Na Creta minóica, todo o relacionamento entre os sexos — não só definições e valores dos papéis dos sexos como também atitudes em relação à sensualidade e ao sexo — naturalmente era muito diferente do nosso. Por exemplo, o estilo de vestir de seios nus das mulheres e as roupas escassas enfatizando a genitália masculina demonstravam franca apreciação das diferenças sexuais e o prazer possível a partir dessas diferenças. Pelo que sabemos hoje com a moderna psicologia humanística, este "vinculo de prazer" teria fortalecido um sentido de mutualidade entre homens e mulheres enquanto indivíduos.[32]

As atitudes cretenses mais naturais em relação ao sexo também teriam acarretado outras conseqüências de percepção igualmente difícil sob o paradigma predominante, no qual o dogma

religioso considera o sexo como pecado maior do que a violência. Como escreveu Hawkes: "Os cretenses parecem ter reduzido e desviado sua agressividade com uma vida sexual livre e sensata."[33] Aliadas ao seu entusiasmo pelos esportes e pela dança e sua criatividade e amor à vida, essas atitudes liberadas em relação ao sexo parecem ter contribuído para o espírito pacífico e harmonioso geral predominante na vida cretense.

Como se sabe, é esta questão de espírito que destaca Creta das outras civilizações desenvolvidas daquele período. Segundo Arnold Hauser, "a cultura minóica é excepcional nas diferenças essenciais de seu espírito em relação à de seus contemporâneos".[34]

Mas então surgiu o bloqueio eterno, o ponto onde os estudiosos encontraram a informação automaticamente excluída sob a visão predominante de mundo, pois quando se trata de unir essa diferença essencial ao fato de a Creta minóica ter sido a última sociedade, e a mais adiantada, em que a predominância masculina *não* **era norma, a grande maioria dos estudiosos de repente se omite ou logo se vira para outra direção. No máximo, eles contornam a dificuldade com uma estratégia de enviar o assunto para a periferia. Eles podem observar que, em marcante contraste com outras civilizações antigas e contemporâneas, em Creta as virtudes "femininas" de concórdia e sensibilidade tinham prioridade social. E podem observar também que, em contraste com outras sociedades, as mulheres cretenses possuíam posições sociais, econômicas, políticas e religiosas elevadas.** *Mas* **eles só se referem a isso de passagem, sem dar maior ênfase, mostrando desta forma ao leitor que é receptivo a sua autoridade ser este tema secundário ou periférico.**

Ao se verificar a maior parte da literatura sobre Creta, é possível recordar a curiosa nota de pé de página de Charles Darwin em *A Estirpe do Homem***. Darwin lembrou que, quando esteve no Egito, observou serem os traços de uma estátua do faraó Amenófis III notavelmente negróides. Mas ao dizer isso, mesmo em uma simples nota de pé de página, logo qualificou o que vira com seus próprios olhos — e que desde então tornou-se firmemente estabelecido — como a existência de faraós negros no Egito. Embora tenha providenciado por conta própria para que suas observações fossem verificadas com mais detalhe por duas pessoas que o acompanhavam na ocasião, sentiu-se compelido a citar duas autoridades conhecidas no assunto, J.C. Nott e George R. Gliddon, os quais em seu livro Tipos Humanos descreveram os traços dos faraós como "notavelmente europeus", afirmando não ser a estátua em questão uma "mistura negra".[35]**

No começo deste capítulo observamos incidentes semelhantes relacionados com evidências de mulheres faraós, por exemplo, Meryet-Nit e Nit-Hotep. Mas, enquanto na egiptologia se encontra este tipo de cegueira autoritária, na maior parte da literatura abalizada sobre Creta ela é disseminada, com desvios constantes, tornando invisível ou, na melhor das hipóteses, trivializando a mensagem excepcionalmente clara da arte cretense. Muito depois de Darwin, quando foram descobertas mais estátuas e evidências visualmente mais claras da existência histórica de soberanos negros, os especialistas (cuja esmagadora maioria constituída de brancos, é claro) ainda afirmavam que era impossível haver qualquer "mistura negra".[36] Da mesma forma, indícios notáveis da diferença essencial que distingue Creta de outras sociedades ainda são sistematicamente negados ou atenuados pela maioria dos estudiosos.

O papel central representado pelas mulheres na sociedade cretense é tão extraordinário que, desde a primeira descoberta da cultura minóica, os estudiosos têm-se mostrado incapazes de ignorá-lo por completo.. Assim como Darwin, contudo, eles se sentem compelidos a ajustar o que viram com seus próprios olhos à ideologia predominante. Por exemplo, quando *Sir* **Arthur Evans começou a realizar escavações na ilha no começo do século XX, reconheceu que os cretenses adoravam uma deidade feminina. Constatou também que a arte de Creta retratava o que ele denominou "cenas de intimidade feminina". Mas, ao comentar tais cenas, Evans sentiu-se forçado a equipará-las de imediato com nada mais do que aquilo a que chamou "tagarelice" feminina dos "escândalos da sociedade".[37]**

Por um lado, a postura de Hans-Günther Buchholtz e Vassos Karageorghis tende a uma caricatura da atitude alemã estereotipada em relação às mulheres. Por outro lado, até mesmo eles

observam que a "supremacia feminina em todas as esferas da vida refletia-se no panteão", e que, mesmo depois, "a alta estima das mulheres é discernível também na religião da civilização micênica mais masculina".[38] Só uma mulher, Jacquetta Hawkes, caracteriza com objetividade a civilização minóica como "feminina" mas inclusive ela pára antes de buscar as implicações totais deste importante *insight***.**

Platon observa especificamente que "o importante papel representado pelas mulheres é visível em todas as esferas". Além disso, escreve que "não há dúvida de que as mulheres — ou ao menos a influência da sensibilidade feminina — ofereceram notável contribuição à arte minóica". Ele escreve que "o papel predominante representado pelas mulheres na sociedade fica evidente pelo fato de elas assumirem ativo papel em todos os aspectos da vida do novo período palaciano". Mas em seguida, após reconhecer a elevada condição social e a ativa participação da mulher em todos os aspectos da vida como característica essencial da cultura cretense, até Platon sente-se forçado a acrescentar que "isso devia ocorrer em razão da ausência de homens, distantes em longas jornadas marítimas". Em todos os outros aspectos, esse é um trabalho excelente, no qual ele observa especificamente: "embora fosse um engano descrevê-la (Creta) como um matriarcado, há muitas evidências — até mesmo de períodos helênicos — de que a sucessão era passada pela linhagem feminina".[39]

Assim, outra vez vemos como, sob o paradigma predominante, nosso verdadeiro passado — e o impulso original de nossa evolução cultural — só podem ser vistos através de uma lente sombria. Mas, uma vez diante da implicação total do que este passado prenunciou — o que nós, em nosso nível de desenvolvimento tecnológico e social, poderíamos ter sido e ainda podemos vir a ser —, defrontamo-nos com uma questão incessante. O que acarretou a mudança radical na orientação cultural, o deslocamento que nos levou da ordem social sustentada pelo Cálice para a ordem dominada pela Espada? Quando e como se deu isso? E o que esta mudança cataclísmica nos diz sobre nosso passado — e nosso futuro?

CAPÍTULO 4

AS TREVAS COMO RESULTADO DO CAOS: DO CÁLICE À ESPADA

Medimos em séculos o tempo que nos ensinaram como sendo o da história humana. Mas a extensão do segmento primitivo de uma história bem diferente é medida em milênios. O paleolítico remonta a um período superior a trinta mil anos. A era neolítica da revolução cultural aconteceu há mais de dez mil anos. Çatai Hüyük foi construída há 8.500 anos. E a civilização de Creta caiu só há 3.200 anos.

Nesse espaço de milênios — muitas vezes superior à história medida em nossos calendários desde o nascimento de Cristo —, na maior parte das sociedades européias e do Oriente Próximo enfatizavam-se as tecnologias que sustentavam e desenvolviam a qualidade de vida. Durante os milhares de anos do neolítico, grandes avanços foram dados na produção de alimentos através da agricultura, assim como da caça, pesca e domesticação de animais. A habitação desenvolveu-se por meio de inovações na construção, tapeçaria, mobília e outros artigos domésticos, e até mesmo (como em Çatal Hüyük) planejamento urbano.[1] O vestuário deixou o período das peles e couros bem para trás com a invenção da tecelagem e costura. E, enquanto eram estabelecidos os alicerces materiais e espirituais para uma civilização mais desenvolvida, as artes também floresceram.

Como regra geral, provavelmente a linhagem era traçada por parte da mãe. As mulheres mais velhas ou chefes dos clãs administravam a produção e distribuição dos frutos da terra, que eram considerados pertencentes a todos os membros do grupo. Ao lado da posse comum dos principais meios de produção e a percepção do poder social como responsabilidade ou administração para benefício de todos surgiu o que parece ter sido uma organização social basicamente cooperativa. Tanto mulheres quanto homens — às vezes até mesmo, como em Çatal Hüyük, pessoas de diferentes grupos raciais trabalhavam em cooperativa em prol do bem comum.[2]

Ali a força física masculina superior não era a base para a opressão social, a guerra organizada ou a concentração da propriedade privada nas mãos dos homens mais fortes. Tampouco oferecia ela as bases para a supremacia dos machos sobre as fêmeas ou dos valores "masculinos" ' sobre os "femininos". Ao contrário, a ideologia prevalente era ginocêntrica, ou centrada na mulher, a deidade representada em forma feminina.

Simbolizados pelo Cálice feminino ou fonte da vida, os poderes geradores, alimentadores e criativos da natureza — não os poderes de destruição — tinham, como já vimos, o mais elevado valor. Ao mesmo tempo, a função de sacerdotisas e sacerdotes parecia não ser a de servir e oferecer sanção religiosa a uma feroz elite masculina, e sim beneficiar todos os membros da comunidade da mesma forma como chefes dos clãs administravam as posses comuns e o trabalho das terras.[3]

Mas então ocorreu a grande mudança — de tal ordem que, de tudo que sabemos a respeito da evolução cultural humana, nada se compara a ela em magnitude.

Os invasores periféricos

No princípio era como a proverbial nuvem bíblica, "do tamanho da mão de um homem" — as atividades dos bandos nômades aparentemente insignificantes vagando pelas áreas periféricas menos aprazíveis de nosso globo em busca de pasto para seus rebanhos. Ao que parece, eles permaneceram ali, ao longo de milênios, nos territórios agrestes, desprezados, mais frios e

despovoados dos limites da Terra, enquanto as primeiras grandes civilizações agrícolas se espraiavam junto aos lagos e rios das terras férteis centrais. Para esses povos agrícolas, usufruindo o prematuro auge da evolução da humanidade, paz e prosperidade devem ter parecido o eterno estado abençoado da raça humana, e os nômades nada mais do que uma novidade periférica.

Dispomos apenas de especulações sobre como estes bandos nômades aumentaram em número e em ferocidade e sobre a duração do período em que isso aconteceu. [4] Mas, por volta de 5000 a.C, ou aproximadamente há sete mil anos, começamos a encontrar evidências do Mellaart denomina um padrão de ruptura das antigas culturas neolíticas dos Bálcãs.[5] Restos arqueológicos mostram claros sinais de tensão nesse período em muitos territórios. Encontram-se evidências de invasões, catástrofes naturais e por vezes as duas, causando destruição e transtorno em larga escala. Em diversas áreas, as antigas tradições da cerâmica desaparecem. Pouco a pouco, numa gradual devastação, estabelece-se um período de regressão e estagnação. Por fim, durante esse tempo de caos crescente, cessa o desenvolvimento da civilização. Como escreveu Mellaart, serão necessários outros dois mil anos antes que surjam as civilizações da Suméria e do Egito.[6]

Na Europa antiga, a ruptura física e cultural das sociedades neolíticas adoradoras da Deusa também parece iniciar-se no quinto milênio a.C, que Gimbutas denomina Primeira Onda Kurga. "Graças ao número crescente de datações com radiocarbono, hoje é possível traçar as várias ondas migratórias dos pastoralistas da estepe ou povo kurgo, as quais varreram a Europa pré-histórica", relata Gimbutas. Estas repetidas incursões e os choques culturais e mudanças de população daí resultantes concentraram-se em três investidas principais: Primeira Onda, de 4300-4200 a.C; Segunda Onda, de 3400-3200 a.C; e Terceira Onda, de 3000-2800 a.C (as datas são ajustadas pela dendrocronologia).[7]

Os kurgos consistiam no que os estudiosos denominam indo-europeus ou grupo de linguagem ariana, tipo que nos tempos modernos seria idealizado por Nietzsche, e em seguida Hitler, como a única raça pura européia. Na verdade, eles não eram os europeus originais, pois caíram como um enxame sobre aquele continente, provenientes do nordeste asiático e europeu. Tampouco eram originalmente indianos, pois havia outro povo, os bravídicos, os quais habitavam a índia antes de os invasores arianos conquistá-los.[8]

Mas permaneceu o termo indo-europeu. Ele caracteriza uma longa sucessão de invasões do norte asiático e europeu por povos nômades. Governados por poderosos sacerdotes e guerreiros, eles trouxeram consigo seus deuses masculinos da guerra e das montanhas. E como os arianos na índia, os hititas e mittani no Crescente Fértil, os luwians em Anatólia, os kurgos na Europa Oriental, os aqueus e posteriormente os dórios na Grécia, gradualmente impuseram suas ideologias e modos de vida sobre as terras e povos que conquistaram.[9]

Houve também outros invasores nômades. Os mais famosos foram um povo semita por nós denominado hebreu, proveniente dos desertos do sul, o qual invadiu Canaã (posteriormente chamada de Palestina pelos filisteus, um dos povos que viveram na região). Os preceitos morais que associamos tanto ao judaísmo quanto ao cristianismo e a ênfase na paz em muitas igrejas e sinagogas modernas de hoje obscurecem o fato histórico de que originalmente esses primeiros semitas eram um povo guerreiro governado por uma casta de sacerdotes-guerreiros (a tribo levita de Moisés, Aarão e Josué). À semelhança dos indo-europeus, eles também trouxeram um deus da guerra e das montanhas, violento e colérico (Jeová ou Javé). E aos poucos, segundo a Bíblia, eles também impuseram muito de sua ideologia e modo de vida aos povos das terras por eles conquistadas.

Essas notáveis semelhanças entre os indo-europeus e os antigos hebreus levaram a algumas conjeturas de que podem existir origens comuns, ou ao menos alguns elementos de difusão cultural neste caso.[10] Contudo, não é nos laços de parentesco ou nos contatos culturais impossíveis de serem encontrados que reside tamanho interesse. Mas o que definitivamente une estes povos de localidades e períodos de tempo tão diferentes é a estrutura de seus sistemas sociais e ideológicos.

A única coisa que todos eles tinham em comum era um modelo dominador de organização social: **um sistema social no qual a dominação e a violência masculina e uma estrutura social em geral hierárquica e autoritária eram a norma. Outro ponto em comum era, em contraste com as sociedades que estabeleceram os alicerces da civilização ocidental, o modo característico como adquiriam riqueza material, não desenvolvendo tecnologias de produção, mas através de tecnologias cada vez mais eficazes de destruição.**

A metalurgia e a supremacia masculina

Na obra marxista clássica *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado***, Friedrich Engels foi um dos primeiros a relacionar o surgimento de hierarquias e estratificação social baseadas na propriedade privada e a dominação masculina sobre as mulheres. Depois, Engels estabeleceu a ligação entre a mudança do matriarcado para o patriarcado e com o desenvolvimento da metalurgia do cobre e do bronze.[11] No entanto, embora este tenha sido um** *insight* **pioneiro, apenas fez ligeira referência ao tema. Só à luz de pesquisas recentes conseguimos enxergar os modos específicos — e sociologicamente fascinantes — como a metalurgia do cobre e do bronze redirecionaram de forma radical o curso da evolução cultural na Europa e Ásia Menor O que acarretou tais mudanças radicais parece não se relacionar com a descoberta daqueles metais. Ao contrário, elas estão relacionadas com uma questão fundamental que temos feito sobre tecnologia: os** *usos* **dados àqueles metais.**

A suposição, sob o paradigma predominante, é de que todas as importantes descobertas tecnológicas primitivas devem ter sido realizadas pelo "caçador" ou pelo "guerreiro" com o objetivo de matança eficaz. Em matérias universitárias e em épicos populares modernos (como o filme baseado na obra de Arthur C. Clarke, *2001, Uma Odisséia no Espaço***, aprendemos terem estas descobertas surgido com primeiros aperfeiçoamentos grosseiros em madeira e pedra, que, seguindo-se esta lógica, consistiam em porretes e facas para extermínio de inimigos.[12] Daí supor-se também terem sido aqueles os primeiros metais usados como armas. No entanto, indícios arqueológicos mostram que metais como o cobre e o ouro há muito eram conhecidos pelo povo do neolítico, que os utilizavam apenas com fins religiosos e de ornamentação, além da manufatura de ferramentas.[13]** „

Novas técnicas de datação inexistentes no tempo de Engels indicam que a metalurgia na Europa surgiu no sexto milênio a.C. entre povos que viviam ao sul dos montes Cárpatos e na região dos Alpes Dináricos e da Transilvânia. Estas primeiras descobertas de uso do metal manifestam-se em forma de jóias, estatuetas e objetos rituais. No quinto e no começo do quarto milênio a.C, o cobre também parece ser de uso geral para confecção de machados planos e enxadas com hastes, ferramentas em forma de cunha, anzóis, sovelas, agulhas e pinos com espiral dupla. No entanto, como salienta Gimbutas, os machados de cobre da antiga Europa "eram ferramentas trabalhadas em madeira, e não machados de batalha ou símbolos do poder divino como eram conhecidos nas culturas proto-históricas e históricas indo-européias".[14]

Assim, evidências arqueológicas sustentam a conclusão de que não foram os metais *per se***, mas sim seu uso no desenvolvimento de tecnologias cada vez mais eficazes de destruição, o que representou papel tão crítico no que Engels denominou "a derrota histórica mundial do sexo feminino".[15] Tampouco a dominação masculina tornou-se regra na pré-história ocidental, como sugere Engels, quando os povos caçadores-coletores começaram a domesticar e criar animais (em outras palavras, quando a criação de animais se tornou sua principal tecnologia de produção). Ao contrário, essa dominação iniciou-se bem depois, durante as incursões de hordas pastorais ao longo de milênios, rumo a terras mais férteis, onde a agricultura se tornara a principal tecnologia de produção.**

Como vimos, as tecnologias de destruição não eram prioridades sociais importantes para os agricultores da idade neolítica européia. Mas, para as hordas guerreiras provenientes das regiões áridas do norte, assim como dos desertos do sul, tais tecnologias eram fundamentais. E é nesta conjuntura crítica que os metais representaram seu papel letal na formação da história humana: não como avanço tecnológico geral, mas como armas para matar, saquear e escravizar.

Gimbutas reconstruiu com minúcia este processo na antiga Europa. Ela começou com o fato de não existir cobre nas regiões de onde provinham os pastoralistas, as áridas estepes ao norte do mar Negro. "Isso leva à hipótese", escreve ela, "de que o povo kurgo das estepes, que usava cavalos como montaria, conhecia a tecnologia do metal, existente em 5000-4000 a.C. ao sul das montanhas cáucasas. Provavelmente antes de 3500 a.C. eles haviam aprendido as técnicas metalúrgicas com os transcaucasianos, e logo depois partiram para a exploração dos minérios do Cáucaso."[16] Ou, mais especificamente, logo depois começaram a forjar, a partir do metal, armas de maior eficiência destruidora.[17]

Os dados de Gimbutas baseiam-se nas inúmeras escavações realizadas após a Segunda Guerra Mundial, bem como na introdução de novas técnicas de datação. Em termos extremamente resumidos, pode-se dizer que eles indicam que a transição da idade do cobre para a do bronze (quando as ligas cobre-arsênico ou cobre-estanho surgiram pela primeira vez) ocorreu no período entre 3500 e 2500 a.C, bem antes da data *circa* 2000 a.C. tradicionalmente aceita por antigos estudiosos. Além disso, a rápida difusão da metalurgia em bronze por todo o continente europeu está ligada a evidências de incursões cada vez mais freqüentes dos povos pastoralistas errantes, belicosos, hierárquicos e masculinos das estepes do norte, os quais Gimbutas denominou kurgos. "O surgimento de armas de bronze — adagas e alabardas —, juntamente com machados de bronze finos e afiados, bem como maças e achas de pedras semipreciosas e cabeças de flecha em sílex, coincide com as rotas de dispersão do povo kurgo", escreve Gimbutas.[18]

A mudança na evolução cultural

De forma alguma isto significa que a radical mudança na evolução cultural da sociedade ocidental não passou de conseqüência das guerras de conquista. Como veremos, o processo foi bem mais complexo. No entanto, parece haver poucas dúvidas de que desde o princípio a guerra foi um instrumento essencial na substituição do modelo de parceria pelo modelo dominador. E a guerra e outras formas de violência social continuaram a representar papel fundamental no desvio de nossa evolução cultural na direção da parceria para a de dominação.

Como constataremos, a mudança do modelo de parceria para o de dominação na organização social foi um processo gradual e, de certa forma, previsível. Contudo, os acontecimentos que deflagraram tal modificação foram relativamente súbitos e, na época, imprevisíveis. Os registros arqueológicos apresentam uma coerência surpreendente com o novo pensamento científico, no que se refere à imprevisível mudança — ou de que maneira estados equilibrados ou próximos ao equilíbrio há muito estabelecidos podem com relativa rapidez mudar para um estágio distante do equilíbrio, ou caótico. Ainda mais impressionante é o quanto esta mudança radical em nossa evolução cultural sob certos aspectos se ajusta ao modelo não-linear evolucionista de "equilíbrio intercalado" proposto por Eldredge e Gould, com o surgimento de "isolados periféricos" em "pontos de bifurcação" críticos.[19]

Os "isolados periféricos" que então surgiram do que são literalmente as extremidades de nosso globo (as estepes áridas do norte e os desertos estéreis do sul) não são uma espécie diferente. Mas, interrompendo um longo período de desenvolvimento estável guiado por um modelo de sociedade baseado na parceria, acarretaram um sistema inteiramente diferente de organização social.

Na essência do sistema dos invasores, havia a importância do poder que toma a vida, ao invés de dá-la. Esse poder era simbolizado pela Espada "masculina", a qual, revelam os entalhes rupestres kurgos primitivos, esses invasores indo-europeus literalmente cultuavam.[20] Em sua sociedade dominadora, governada por deuses — e homens — de guerra, esse era o poder supremo.

Com o aparecimento desses invasores nos horizontes pré-históricos — e não, como às vezes se afirma, com o fato de eles descobrirem que também representavam um papel na procriação — ,a Deusa e as mulheres foram reduzidas a consortes ou concubinas dos homens. Gradativamente a dominação masculina, a guerra e a escravidão de mulheres e dos homens mais fracos, mais "afeminados", tornaram-se a norma.

A seguinte passagem do trabalho de Gimbutas resume como eram fundamentalmente diferentes esses dois sistemas sociais e como foram cataclísmicas as mudanças de normas forçadas por esses "isolados periféricos" — agora transformados em "invasores periféricos":

"As antigas culturas européia e kurga eram a antítese uma da outra. Os europeus antigos eram horticultores sedentários propensos a viver em grandes comunas bem planejadas. A ausência de fortificações e armas atesta a coexistência pacífica dessa civilização igualitária que provavelmente era matrilinear e matrilocal. O sistema kurgo compunha-se de unidades patrilineares, socialmente estratificadas, pastoris, que viviam em pequenas aldeias ou colônias sazonais, enquanto seus animais pastavam em vastas áreas. Uma economia baseada na agricultura e a outra na criação de animais e no pastoreio produziram duas ideologias contrastantes. O sistema de crenças da Europa antiga se concentrava no ciclo de nascimento, morte e regeneração agrícola, personificado pelo princípio feminino, a Mãe Criadora. A ideologia kurga, como é conhecida pela mitologia indo-européia comparativa, exaltava deuses guerreiros viris e heróicos provenientes do céu brilhante e trovejante. Não havia armas nas imagens da antiga Europa; enquanto isso a adaga e a acha eram os símbolos predominantes dos kurgos, os quais, à semelhança de todos os indo-europeus historicamente conhecidos, glorificavam o poder letal da lâmina afiada."[21]

Guerras, escravidão e sacrifícios

Talvez o mais importante seja o fato de encontrarmos nas representações de armas gravadas na pedra, estelas ou rochas, que também começaram a surgir *após* as invasões kurgas, aquilo que Gimbutas descreve como "as primeiras imagens visuais conhecidas de deuses guerreiros indo-europeus".[22] Algumas figuras são "semi-antropomórficas", relata Gimbutas a respeito das escavações de uma série de gravuras na rocha nos Alpes suíços e italianos; estas imagens possuem cabeças e braços. Mas a maioria consiste em imagens abstratas "nas quais o deus é representado apenas por suas armas, ou por armas em combinação com um cinto, colar, pingente em espiral duplo e o animal divino — um cavalo ou veado. Em diversas representações, um sol ou veado com chifres aparece no lugar onde deveria estar a cabeça do deus. Em outras, os braços do deus são representados como alabardas ou machados com longos cabos. Uma, três, sete ou nove adagas são colocadas no centro do desenho, em geral acima ou abaixo do cinto".[23]

"As armas obviamente representavam as funções e poderes do deus", escreve Gimbutas, "e eram adoradas como representações do próprio deus. A característica sagrada da arma fica bem evidenciada em todas as religiões indo-européias. Sabemos por Heródoto que os citas faziam sacrifícios a sua adaga sagrada, Akenakes. Não são conhecidas gravações ou imagens anteriores de divindades armadas na região alpina neolítica."[24]

Essa glorificação do poder letal da lâmina afiada acompanhava um modo de vida em que o massacre organizado de outros seres humanos, junto com a destruição e pilhagem de suas propriedades e a subjugação e a exploração de seu povo, era aparentemente normal. A julgar pela

evidência arqueológica, os primórdios da escravidão (a posse de um ser humano por outro) aparentemente mantiveram estreita ligação com estas invasões armadas.

Por exemplo, estas descobertas indicam que em alguns campos kurgos a maioria da população feminina *não* era kurga, mas sim proveniente da população neolítica da antiga Europa.[25] Isto sugere que os kurgos massacraram a maioria dos homens e crianças nativos, mas pouparam alguma mulheres, as quais levaram com eles como concubinas, esposas ou escravas. Indícios de que essa prática era generalizada são encontrados em relatos do Antigo Testamento, vários milênios depois, quando as tribos hebraicas nômades invadiram Canaã. Em Números 31:32-35, por exemplo, lemos que entre os espólios da guerra tomados pelos invasores em sua batalha contra os madianitas, havia, nesta ordem, ovelhas, gado, asnos e trinta e duas mil jovens que não haviam tido relações com um homem.

A violenta redução das mulheres, assim como de sua prole feminina e masculina, à condição de simples posses masculinas também é documentada nas práticas funerárias kurgas. Como observa Gimbutas, entre as primeiras evidências conhecidas de *kurganização*, havia vários túmulos datando de algum período anterior a 4000 a.C. — em outras palavras, logo após a primeira onda de invasores kurgos haver varrido a Europa.[26]

Estes são os "túmulos de líderes", característicos da supremacia indo-européia, indicando radical mudança na organização social, com uma elite poderosa no topo. Nestas sepulturas — nas palavras de Gimbutas claramente um "fenômeno cultural alienígena" — também se evidencia profunda modificação nos ritos e práticas de sepultamento. Em contraste com as sepulturas da antiga Europa, que mostravam pouca indicação de desigualdade, aqui se vêem diferenças marcantes no tamanho dos túmulos, bem como no que os arqueólogos denominam "oferendas funerárias": conteúdos encontrados na tumba, além do morto.[27]

Entre estes conteúdos, pela primeira vez nos túmulos europeus, encontramos junto com um esqueleto masculino excepcionalmente alto e largo os esqueletos de mulheres sacrificadas — as esposas, concubinas ou escravas dos homens que morreram. Tal prática, que Gimbutas descreve como *suttee* (termo emprestado ao nome indiano para a imolação de viúvas, prática esta que continuou até o século XX), aparentemente foi introduzida pelos kurgos indo-europeus na Europa. Ela surge pela primeira vez a oeste do mar Negro, em Suvorovo, no delta do Danúbio.[28]

Estas inovações radicais nas práticas funerárias são, além do mais, características de todas as três invasões kurgas. Por exemplo, na chamada cultura da Ânfora Globular, a qual dominava o norte da Europa, quase mil anos após a primeira onda dos kurgos, prevaleciam as mesmas práticas funerárias brutais, como reflexo do mesmo tipo de organização social e cultural. Segundo Gimbutas, "a possibilidade de mortes coincidentes é anulada pela freqüência destes sepultamentos múltiplos. Em geral, o esqueleto masculino é enterrado com suas oferendas em uma extremidade do túmulo cista, enquanto dois ou mais indivíduos são agrupados na outra extremidade. (...) A dominação masculina é confirmada pelos túmulos da Ânfora Globular. A poliginia é documentada pela tumba cista em Vojtsekhivka em Volynia, onde um esqueleto masculino é flanqueado em ordem heráldica por duas mulheres e quatro crianças, além de um jovem e uma jovem deitados a seus pés".[29]

Tais sepulturas de alto status eram também repositórios de outros artigos considerados importantes para estes homens da classe dominadora não só em vida mas também na morte. "Uma consciência guerreira anteriormente desconhecida na antiga Europa", relata Gimbutas, "é evidenciada no equipamento que cobria os túmulos kurgos: arcos, lanças, 'facas' de corte e lançamento (proto-adagas), machados e ossos de cavalos."[30] Objetos simbólicos tais como mandíbulas e presas de porco ou javali, esqueletos de cães e auroques ou omoplatas de bois também são encontrados nestes túmulos, fornecendo mais evidências arqueológicas de ter havido ali mudanças sociais e ideológicas radicais.

Estes sepultamentos mostram o elevado valor social depositado nas tecnologias de destruição e dominação. Oferecem também indícios de uma estratégia para obliteração e domínio ideológicos, que se mostrarão cada vez mais acentuados: apropriação, pelos homens, de importantes símbolos religiosos que seus povos dominados outrora associaram as mulheres no culto à Deusa.

"A tradição de depositar mandíbulas de porco e de javali, restos de cães e omoplatas de auroques ou de bois, exclusiva dos túmulos masculinos", observa Gimbutas, "remonta aos túmulos kurgos HI (Srednij Stog) na estepe pôntica. A importância econômica depositada no porco e no javali como fonte alimentar é ofuscada pelas implicações religiosas dos ossos desses animais só sendo encontrados em associação aos homens de alta posição na comunidade. Os laços simbólicos evidentes entre os homens e o javali, o porco e o cão são uma inversão da importância religiosa desses animais na Europa antiga, onde o porco era a companhia sagrada da Deusa da Regeneração."[31]

A civilização mutilada

Estendendo-se em direção oeste e sul, a paisagem arqueológica da Europa antiga é traumaticamente alterada. "Tradições milenares foram mutiladas", descreve Gimbutas, "cidades e aldeias desintegradas, cerâmicas magnificamente pintadas desapareceram, assim como santuários, afrescos, esculturas, símbolos e manuscritos."[32] Ao mesmo tempo, surge uma nova arma de guerra, o homem armado sobre um cavalo — que à época deve ter causado o impacto de um tanque ou avião entre os primitivos de nosso tempo. No rastro da devastação kurga, encontramos os túmulos tipicamente guerreiros com seus sacrifícios humanos de mulheres e animais, e os esconderijos de armas circundando os chefes mortos.[33]

Antes das escavações das décadas de 60 e 70, e antes da organização sistemática feita por Gimbutas dos dados novos e antigos lançando mão das últimas técnicas de datação pelo carbono e dendrocronologia, o historiador da Europa pré-histórica, V. Gordon Childe, descreve o mesmo modelo geral. Childe caracteriza a cultura dos europeus primitivos como "pacífica" e "democrática", sem traços de "chefes concentrando a riqueza das comunidades".[34] Mas em seguida ele observa como tudo isso sofreu mudança gradativa, à medida que a guerra e, particularmente, o uso de armas de metal foram introduzidos.

Assim como Gimbutas, Childe observa que, com o crescente aparecimento de armas nas escavações, os túmulos e casas dos chefes evidenciam com nitidez a estratificação social, o governo de homens fortes tornando-se a norma. "Com freqüência, colônias eram estabelecidas nos topos de colinas", escreve Childe. Tanto no topo quanto nos vales elas agora passam a ser "freqüentemente fortificadas". Além disso, ele enfatiza também que, como a competição pela terra assumia caráter belicoso, e armas tais como achas eram especializadas para a guerra, "não só a organização social, mas também a ideológica, da sociedade européia sofreram fundamental alteração".[35]

Sendo ainda mais específico, Childe observa de que forma, à medida que a guerra se transforma em regra, "a conseqüente preponderância dos membros masculinos das comunidades é responsável pela desaparição geral das estatuetas femininas". Ele observa como essas estatuetas femininas, tão onipresentes nos níveis anteriores, agora não "estão mais em evidência", concluindo em seguida: "A antiga ideologia foi modificada, o que pode refletir uma mudança da organização da sociedade, de matrilinear para patrilinear."[36]

Gimbutas mostra-se ainda mais específica. Baseando-se no estudo sistemático das cronologias da Europa antiga, e utilizando-se de seu trabalho e do trabalho de outros arqueólogos, ela descreve com minúcia como, no rastro de cada nova onda de invasões, não ocorre só a devastação física, mas também o que os historiadores denominam empobrecimento cultural. Já

como resultado da Primeira Onda, a destruição é tão violenta que sobrevivem apenas pontos da colonização da Europa antiga — por exemplo, o complexo Cotofeni no vale do Danúbio de Oltênia, Muntênia do oeste e do noroeste e o sul de Banat e Transilvânia. Mas mesmo aí encontram-se sinais de importantes mudanças, notadamente o surgimento de mecanismos de defesa tais como fossos e baluartes.[37]

Para a maioria das colônias da Europa antiga, tais como as dos fazendeiros de Karanovo na bacia do Baixo Danúbio, as invasões kurgas foram, nas palavras de Gimbutas, catastróficas. Houve a destruição material indiscriminada de casas, santuários, artefatos finamente trabalhados e obras-de-arte, os quais nenhum significado ou valor possuíam para os invasores bárbaros. Muitas pessoas foram massacradas, escravizadas ou afugentadas. Em conseqüência, começaram a ocorrer deslocamentos de população como reações em cadeia.[38]

Nessa etapa começaram a surgir o que Gimbutas denominou "culturas híbridas". Essas culturas baseavam-se na "subjugação dos grupos remanescentes da Europa antiga e na rápida assimilação da economia pastoral e das sociedades estratificadas de parentesco agnático".[39] Mas estas novas culturas híbridas são bem menos desenvolvidas tecnológica e culturalmente do que as culturas que substituíram. A economia passa a basear-se basicamente na criação de gado. Mesmo com algumas das técnicas da Europa antiga ainda em evidência, agora a cerâmica se torna incrivelmente uniforme e inferior. Por exemplo, nas colônias Cernavoda III que aparecem na Romênia após a Segunda Onda Kurga, não há sinais de pintura em cerâmica ou dos desenhos simbólicos da Europa antiga. Na região leste da Hungria e a oeste da Transilvânia, o padrão é semelhante. "O tamanho reduzido das comunidades — não mais que entre trinta e quarenta pessoas — indica um sistema social reestruturado em pequenas unidades de pastoreio", explica Gimbutas.[40] E fortificações começam a surgir em toda a parte, à medida que a acrópole ou a fortificação em colinas substituem aos poucos os antigos povoados sem muros.

E assim, como evidenciam as escavações, a paisagem arqueológica da antiga Europa é transformada. Encontramos não só crescentes sinais de destruição física e regressão cultural na esteira de cada onda de invasões; a direção da história cultural também sofre profunda alteração.

Bem devagar, enquanto os antigos europeus, na maior parte das vezes sem sucesso, tentam se proteger de seus invasores bárbaros, novas definições do que é normal para a sociedade e a ideologia começam a surgir. Por toda a parte vemos a mudança nas prioridades sociais que é semelhante a uma flecha lançada para perfurar nossa era com sua ponta nuclear: a mudança rumo a tecnologias de destruição mais eficazes, acompanhada por uma mudança ideológica fundamental. O poder de dominar e destruir através da lâmina afiada suplanta aos poucos a visão de poder como a capacidade de sustentar e alimentar a vida. Pois não só a evolução das civilizações primitivas de parceria foi mutilada pelas conquistas armadas; aquelas sociedades que não foram simplesmente exterminadas sofreram mudança radical.

Agora, por toda a parte, os homens com maior poder de destruição — os mais fortes fisicamente, mais insensíveis, mais brutais — chegam ao topo, enquanto por toda a parte a estrutura social se torna mais hierárquica e autoritária. As mulheres — que enquanto grupo são fisicamente menores e mais fracas do que os homens, e mais identificadas com a antiga visão de poder simbolizada pelo cálice que dá e mantém a vida — vão sendo gradualmente reduzidas à condição que deverão manter doravante: tecnologias de produção e reprodução controladas pelo homem.

Ao mesmo tempo, a própria Deusa pouco a pouco se torna simplesmente a esposa ou consorte de deidades masculinas, as quais com seus novos símbolos de poder representados por armas destrutivas ou raios são agora supremas. Em suma, através do processo gradual de transformação social e ideológica, nos capítulos subseqüentes examinaremos com pormenores a história da civilização, do desenvolvimento de tecnologias mais avançadas social e materialmente, o familiar e sangrento período que se estende da Suméria até hoje: a história da violência e da dominação.

A destruição de Creta

O violento fim de Creta é um assunto particularmente obcecante — e instrutivo. Como era uma ilha que ficava ao sul do continente europeu, durante algum tempo Creta foi protegida das hordas belicosas pelo mar mediterrâneo. Mas acabou sendo invadida também, caindo assim a ultima civilização baseada em um modelo de organização de parceria e não de dominação.

O início da decadência seguiu o padrão do continente. Durante o período micênico, controlada pelos aqueus indo-europeus, a arte de Creta tornou-se menos espontânea e livre. E, nitidamente visível nos registros arqueológicos cretenses, observa-se uma preocupação e ênfase bem maiores em relação à morte. "Antes de caírem sob a influência aquéia, era característica dos cretenses não se preocuparem muito com a morte e ritos funerários", observa Hawkes. "A atitude da elite aquéia era bem diferente."[41] Agora encontramos evidência de grande investimento em riqueza e trabalho em preparativos para a morte real e nobre. E, com mais intensidade, devido em parte à influência aquéia e em parte à crescente ameaça de outra onda de invasões do continente europeu, evidenciam-se claros sinais de crescente espírito militar.

Mas é ainda objeto de muitas controvérsias o período de início e fim da era micênica em Creta. Uma teoria afirma que a tomada aquéia, tanto de Creta quanto do que parecem ter sido colônias minóicas no continente grego, aconteceu no rastro de uma série de terremotos e maremotos que enfraqueceram a civilização minóica a ponto de ela não mais conseguir resistir à pressão dos bárbaros do norte. A dificuldade está em que o período em geral atribuído a essas catástrofes fica em torno de 1450 a.C, e nessa época não há evidência de invasão armada a Creta.[42] No entanto, seja por uma conquista seguindo-se a terremotos, por um golpe dado por pressões militares, ou por chefes aqueus desposando rainhas cretenses, sabemos que, nos últimos séculos da civilização cretense, a ilha caiu sob domínio de reis aqueus de língua grega. Embora esses homens adotassem muitas das maneiras minóicas mais civilizadas, também trouxeram consigo uma organização social e ideológica mais orientada para a morte do que para a vida.

Parte de nosso conhecimento sobre o período micênico nos chega através das conhecidas tábuas lineares-B, encontradas tanto em Creta quanto no continente grego, que vêm sendo decifradas. Nomes de divindades estão catalogados nas tábuas descobertas em Cnossos e Pilos (colônia micênica na extremidade sul da Grécia). Para profunda satisfação daqueles que durante muito tempo afirmaram haver uma continuidade entre Creta e a Grécia clássica, esses achados revelam que as deidades posteriores do panteão do Olimpo (Zeus, Hera, Atena, Artemis, Hermes, etc.) já eram adoradas, embora em formas e contextos diferentes, séculos antes de voltarmos a ouvir falar delas em Hesíodo e Homero.[43] Em conjunção com os indícios arqueológicos, estas tábuas revelam também, como explica Hawkes, "um casamento equilibrado entre as divindades cretenses e aquéias".[44]

Mas este casamento micênico das culturas minóica e aquéia teria vida curta. Através das tábuas de Pilos, muitas das quais foram, nas palavras de Hawkes, "redigidas nos últimos dias de paz como parte de um esforço vão de evitar a catástrofe", aprendemos que o *wanax* micênico, ou rei, recebera um aviso com antecedência de que Pilos seria atacada. "Enfrentaram a emergência sem pânico", escreve Hawkes, "os funcionários continuaram em seus postos registrando com paciência tudo que era feito." Remadores foram colocados em posição, formando uma esquadra defensiva. Foram enviados pedreiros, talvez para construir fortificações ao longo do extenso litoral desprotegido. Para equipar os soldados, foi colhida cerca de uma tonelada de bronze e reuniram-se quase duzentos ferreiros de bronze. Até mesmo os pertences em bronze dos santuários à Deusa foram requisitados no que Hawkes denomina "testemunho comovente da crise de passagem da paz para a guerra".[45]

Mas tudo isso de nada adiantou. "Não há sinais de que os muros tão necessários tenham sido erigidos em Pilos", escreve Hawkes. "Depois das tábuas que registraram os esforços para salvar o reino, é preciso voltar a atenção para as instalações do átrio real e descobrir que tais esforços fracassaram. Os guerreiros bárbaros invadiram Pilos. Devem ter ficado surpresos com as salas pintadas e o tesouro que continham. (. . .) Quando terminaram a pilhagem, não deram atenção à construção com seus adornos exóticos e pacíficos. Atearam fogo, e o prédio foi tomado pelas chamas. (...) O calor era tão forte que parte dos vasos de cerâmica nas despensas derreteram, transformando-se em massas vítreas, enquanto as pedras eram reduzidas a cal. (. . .) Nos depósitos e na repartição tributária as tábuas abandonadas foram cozidas até atingir uma rigidez tal que as preservaria para sempre."[46]

Assim, uma a uma, tanto no continente grego quanto nas ilhas gregas e em Creta, as realizações dessa civilização que atingiu um elevado degrau na evolução cultural foram destruídas. "Talvez a história seja a mesma em toda a parte, pois Micenas, Tirinto e todos os outros baluartes reais, com exceção de Atenas, foram sendo engolfados pela maré de barbárie", escreve Hawkes. "Naquela época os dórios tomaram todo o Peloponeso, exceto a Arcádia, e continuaram até dominar Creta, Rodes e as demais ilhas vizinhas. A mais venerável de todas as casas reais, Cnossos, pode ter estado entre as últimas a cair."[47]

Por volta do século XI a.C. tudo estava terminado. Após alcançarem as montanhas, de onde durante algum tempo lutaram contra as colônias dórias, sucumbiram os últimos focos de resistência cretense.[48] Juntamente com inúmeros imigrantes, o espírito que certa vez tornara Creta, nas palavras de Homero, "uma terra rica e adorável" deixava agora a ilha que por tanto tempo fora seu lar.[49] Com o passar dos séculos, até mesmo a existência de mulheres — e homens — autoconfiantes da Creta minóica seria esquecida, assim como a paz, a criatividade e os poderes mantenedores de vida da Deusa.

Um mundo em desintegração

A queda de Creta, há cerca de três mil anos, pode ser considerada o marco do fim de uma era, fim esse que fere seu início, como vimos, milênios antes. Na Europa, por volta de 4300 ou 4200 a.C, o mundo antigo foi golpeado por sucessivas ondas de invasões bárbaras. Após o período inicial de destruição e caos, surgiram aos poucos as sociedades celebradas nos textos de nossas escolas e universidades como marcos dos primórdios da civilização ocidental

Mas, oculta no interior desse começo supostamente grandioso e glorioso, havia a fenda que foi se alargando e se transformando no mais perigoso abismo de nosso tempo. Após milênios de movimento ascendente em nossa evolução tecnológica, social e cultural, uma rachadura ameaçadora estava em formação. À semelhança das profundas fissuras deixadas por violentos movimentos terrestres naquela época, o hiato entre nossa evolução tecnológica e social, por um lado, e nossa evolução cultural, por outro, aumenta gradativamente. Retomou-se o movimento tecnológico e social em direção a uma maior complexidade na estrutura e função. Mas as possibilidades de desenvolvimento cultural foram aprisionadas — rigidamente encarceradas em uma sociedade dominadora.[50]

Em toda a parte a sociedade tornou-se dominada pelo homem, hierárquica e belicosa. Em Anatólia, onde o povo de Çatal Hüyük viveu em paz durante milhares de anos, os hititas e o povo indo-europeu citado na Bíblia tomaram o poder. Embora seus restos arqueológicos, tais como o grande santuário em Yazilikaia, mostrem que a Deusa ainda era cultuada, ela foi se4ndo cada vez mais relegada à condição de esposa ou mãe de novos deuses masculinos da guerra e do trovão. O modelo era semelhante na Europa, Mesopotâmia e Canaã. Não só a Deusa não era mais suprema, como também foi transformada em padroeira de guerra.

De fato, para o povo que viveu naqueles tempos aterrorizantes, deve ter parecido que os próprios céus, antes considerados como a morada de uma Deusa generosa, haviam sido tomados por forças sobrenaturais anti-humanas, aliadas a seus representantes brutais na terra. Não só a dominação e belicosidade crônicas do homem forte "divino" tornaram-se a norma em toda a parte; há também considerável evidência de que o período de 1500 a 1100 a.C. foi uma época marcada pelo caos cultural e físico extraordinariamente intenso.

Durante esse tempo, uma série de violentas erupções vulcânicas, terremotos e maremotos sacudiram o mundo mediterrânico. Na verdade, a desordem e reorganização ambientais foram tão profundas que este fato pode ter sido o responsável pela lenda de Atlântida, um continente inteiro que supostamente afundou durante um desastre natural inconcebivelmente extenso e devastador.

Associado a essas catástrofes naturais, ocorreu um terror ainda maior provocado pelo homem. Ao norte os dórios cada vez mais penetravam na Europa. Por fim, a Grécia e até mesmo Creta caíram sob a investida violenta de suas armas de ferro. Em Anatólia, o império hitita guerreiro sucumbiu sob a pressão de novos invasores. Por sua vez, esse golpe levou os hititas rumo ao sul, para a Síria. As terras do Levante também foram invadidas durante esse período, tanto por mar quanto por terra, por povos desalojados, dentre eles os filisteus, os quais são citados na Bíblia.

Mais ao sul, a Assíria tornou-se, de repente, uma potência mundial, avançando contra a Frigia, a Síria, a Fenícia e até mais distante, em Anatólia e nas montanhas Zagros a leste. A extensão do barbarismo ainda pode ser vista hoje em dia nos baixos-relevos comemorativos das façanhas "heróicas" de um rei assírio posterior, Teglat-Falasar. Aqui se vê o que parecem populações inteiras fincadas vivas em estacas que iam da virilha aos ombros.

Até no Egito, ao sul, sentiram-se as repercussões, enquanto os invasores denominados nos hieróglifos o Povo do Mar (os quais muitos estudiosos acreditam terem sido refugiados mediterrâneos) tentaram tomar o delta do Nilo no princípio do século XI a.C. Eles foram derrotados por Ramsés III, mas ainda podemos vê-los hoje nos murais do templo funerário desse faraó em Tebas, por onde passam em barcos, carruagens e a pé com suas famílias e carros de boi.

Em Canaã, no que os estudiosos bíblicos acreditam ter sido três ondas migratórias, as tribos hebraicas, consolidadas sob o governo de sacerdotes-guerreiros levitas, iniciam uma série de guerras de conquista.[51] Como ainda podemos ler na Bíblia, a despeito das promessas de vitória de seu deus guerreiro Jeová, foram necessárias centenas de anos para vencerem a resistência Cananéia – que é explicada diferentemente na Bíblia como decretada por Deus a fim de proporcionar a seu povo a prática da guerra, de testá-los e puni-los, ou para proteger as áreas cultivadas da desolação até que o número de invasores aumentasse o suficiente.[52] Ainda de acordo com a Bíblia, por exemplo em Deuteronômio 3:3-6, a prática desses invasores "inspirados pelo divino" era a "profunda destruição de homens, mulheres e crianças de cada cidade".

Em todo o mundo antigo, populações são lançadas contra populações, enquanto homens são lançados contra mulheres e outros homens. Vagando pela extensão e amplitude desse mundo em desintegração, massas de refugiados de toda a parte fugiam de suas terras natais, desesperados à procura de refúgio – um lugar seguro para onde ir.

Mas esse lugar não mais existia neste novo mundo. Pois agora este é um mundo onde, tendo tirado violentamente todo o poder da Deusa e da metade feminina da humanidade, deuses e homens guerreiros passaram a governar. Esse era um mundo em que a Espada, e não o Cálice, dali em diante seria o senhor supremo, um mundo em que a paz e a harmonia só seriam encontradas, nos mitos e lendas de um passado há muito perdido.

CAPITULO 5

LEMBRANÇAS DE UMA ERA PERDIDA: O LEGADO DA DEUSA

A queda do Império Romano, a Idade Média, a Peste, as duas guerras mundiais — todos os outros períodos por nós conhecidos de aparente caos são inferiores em comparação ao que aconteceu em uma época sobre a qual até o momento sabemos tão pouco: a encruzilhada evolutiva em nossa pré-história, quando a sociedade humana foi violentamente transformada. Hoje, milhares de anos depois, quando nos encontramos frente à possibilidade de uma segunda transformação social — desta vez a mudança de uma sociedade dominadora para uma versão mais adiantada de sociedade de parceria —, precisamos compreender o máximo possível este surpreendente período de nosso passado. Pois, nesta segunda encruzilhada evolutiva, pode estar em jogo, quando possuímos as tecnologias de total destruição outrora atribuídas só a Deus, nada menos do que a sobrevivência de nossa espécie.

Contudo, mesmo quando confrontado com a autoridade da nova pesquisa, com a nova arqueologia e a confirmação das ciências sociais, este bloco verdadeiramente imenso de novos conhecimentos sobre milênios da história humana contradiz de tal forma tudo que nos foi ensinado que sua influência sobre nossas mentes é como uma mensagem escrita na areia. O novo conhecimento pode permanecer ali durante um dia, ou mesmo uma semana. Mas a força inexorável do ensinamento de séculos trabalha para solapar este conhecimento, até restar apenas a impressão efêmera de um tempo de grande efervescência e esperança. Só com o reforço de outras fontes — tanto familiares quanto desconhecidas - poderemos esperar reter este conhecimento por tempo suficiente para que ele nos pertença.

Evolução e transformação

Uma fonte de reforço, como já vimos, provém dos novos achados científicos sobre a estabilidade e mudança dos sistemas. Este corpo de conhecimento, surgido há pouco tempo, popularmente identificado com a "nova física" e por vezes denominado teoria "auto-organizacional" e/ou teoria do "caos", pela primeira vez fornece uma estrutura adequada para que se comece a compreender o que nos aconteceu durante nossa pré-história - e o que pode, em uma direção diferente — voltar a nos acontecer.

Dentro da perspectiva desta nova estrutura conceitual, quando a incorporamos na teoria de transformação cultural, o que temos examinado são dois aspectos da dinâmica social. O primeiro se refere à estabilidade social — como durante milhares de anos houve sociedades humanas organizadas de forma diferente da que nos ensinaram como sendo a organização de todos os sistemas humanos. O segundo se refere à forma como os sistemas sociais, assim como outros sistemas, podem passar, e de fato passam, por mudanças fundamentais.

No capítulo anterior vimos a dinâmica da primeira grande modificação social em nossa evolução cultural: como, após um período de desequilíbrio dos sistemas ou caos, houve uma bifurcação crítica da qual surgiu um sistema social de todo diferente. Tudo que encontramos a respeito desta primeira transformação de sistemas, fornecendo-nos uma compreensão do que ocorre em períodos de mudança fundamental ou "caótica", ilumina não só nosso passado, mas também nosso presente e futuro.

Contudo, pode-se argumentar, se a mudança de uma sociedade de parceria para uma sociedade dominadora introduziu um período mais recente na história de nossa espécie, isto não implica que afinal um sistema dominador seja um passo evolutivo? Aqui voltamos aos dois pontos mencionados na introdução. O primeiro é o uso confuso do termo evolução como descritivo e normativo, palavra que descreve o que aconteceu no passado, conotando movimento de níveis "inferiores" para "superiores" (com o julgamento implícito de que o que vem depois deve ser melhor). O segundo ponto é o fato de nem mesmo nossa evolução tecnológica ter sido um movimento linear ascendente, mas ao contrário uni processo interrompido por grandes regressões.

Retornamos também a um outro ponto, de igual importância: a diferença essencial entre evolução cultural e biológica. A evolução biológica acarreta o que os cientistas denominam especiação; o surgimento de uma grande variedade de formas de vida cada vez mais complexas. Em contraste, a evolução cultural humana relaciona-se com o desenvolvimento de uma espécie bem complexa — a nossa —, a qual se apresenta de duas formas: a feminina e a masculina.

Este dimorfismo humano, ou diferença na forma, como vimos, atua como uma coerção fundamental das possibilidades de nossa organização social, a qual pode basear-se tanto na supremacia quanto na união das duas metades da humanidade. A diferença crítica que outra vez deve ser enfatizada é a de que qualquer um dos dois modelos resultantes possui um tipo característico de evolução tecnológica e social. Em conseqüência, a direção de nossa evolução cultural — especialmente no que se refere a saber se ela será pacífica ou belicosa — depende de qual destes possíveis modelos será o guia para a evolução.

Nossa evolução social e tecnológica pode — o que, como vimos, de fato aconteceu — passar de níveis mais simples aos mais complexos, primeiro sob uma sociedade de parceria e depois sob uma sociedade de dominação. No entanto, nossa evolução cultural, que direciona os usos que fazemos das maiores complexidades tecnológicas e sociais, é radicalmente diferente para cada modelo. E, por sua vez, esta direção na evolução cultural afeta profundamente a direção de nossa evolução social e tecnológica.

O exemplo mais óbvio é a tecnologia. Sob a direção cultural do paradigma de parceria, enfatizam-se as tecnologias com fins pacíficos. Mas com a ascensão do paradigma dominador, houve a grande mudança para o desenvolvimento de tecnologias de destruição e dominação, que ascenderam gradativamente ao longo de séculos, até nossa época ameaçada.

Como não estamos acostumados a considerar a história em termos de um modelo de dominação ou de parceria da sociedade, que molda nosso passado, presente e futuro, é para nós difícil enxergar o profundo efeito que esses dois modelos exerceram em nossa evolução cultural. Por este motivo, é tão importante outra fonte de confirmação da mudança em nossa direção cultural há cerca de cinco mil anos. Ao contrário da teoria do "caos", esta segunda fonte não chega a ser nova. Na verdade, já a conhecemos, há muito implantada em nossas mentes: o armazenamento da mitologia sagrada, secular e científica da civilização ocidental, que só agora pode ser vista de forma a revelar a realidade de um passado primitivo e melhor.

Uma raça dourada e a lenda de Atlântida

Ao escrever no período final do que os historiadores ocidentais denominam Grécia homérica — os três ou quatro mil anos que se seguiram às invasões dórias — o antigo poeta Hesíodo relata-nos que certa vez houve uma "raça dourada". "Todas as boas coisas", escreve Hesíodo, "pertenciam a eles. A terra fértil despejava seus frutos espontâneos com fartura ilimitada. Com pacífica naturalidade eles mantinham suas terras com grande abundância, ricas em rebanhos e caras aos imortais."[1]

Mas após essa raça, a qual Hesíodo denomina "espíritos puros" e "defensores contra o mal", veio uma raça inferior "de prata", que por sua vez foi substituída por uma "raça de bronze,

de forma alguma semelhante à de prata, terrível e poderosa, proveniente de raios de cinzas". Hesíodo prossegue na explicação de como esse povo — que, hoje é evidente para nós, eram os aqueus da idade do bronze — trouxe consigo a guerra. "Os trabalhos pecaminosos e lamentáveis de Ares eram sua preocupação principal." Ao contrário dos dois povos anteriores, eles não eram pacíficos agricultores. "Não se alimentavam de grãos, mas tinham corações de pedra, obstinados e indomáveis."[2]

Ao comentar a terceira "raça de homens" de Hesíodo, o historiador John Mansley Robinson escreve: "Sabemos quem eram esses homens. Eles vieram do norte, há cerca de 2000 a.C, portando armas de bronze. Dominaram o continente, construíram os grandes fortes micênicos e deixaram-nos os documentos em linear B que hoje sabemos serem uma forma primitiva de grego. (...) Podemos reconstituir a extensão de seu poder ao sul de Creta e a leste do litoral da Ásia Menor, onde saquearam a cidade de Tróia perto do início do século XII a.C."[3]

Mas para Hesíodo os descendentes micênicos dos aqueus e os povos que eles conquistaram eram uma quarta "raça" distinta. "Esta era mais justa e mais nobre do que a anterior", escreve Hesíodo.[4] A semelhança de Homero, ele idealiza este povo, o qual deixou de lado parte de seu barbarismo e adotou muitos dos costumes mais civilizados dos antigos europeus.

Mas então surgiu no horizonte histórico da Europa uma "quinta raça de homens", os quais formavam o povo que na época de Hesíodo ainda governava a Grécia e de quem o próprio Hesíodo descendia. "Quisera não ter tido participação nesta quinta raça de homens", escreve ele. "Quisera ter eu morrido antes ou depois de nascer." Pois agora "um homem saqueará a cidade de outro. (...) A justiça dependerá do poder e acabará a piedade".[5] Como observa Robinson, o povo dessa "quinta raça" eram os dórios, "os quais, com suas armas de ferro, destruíram os baluartes micênicos e se apoderaram da terra".[6]

A historicidade das raças de bronze e ferro de Hesíodo, como os invasores aqueus e dórios indo-europeus da Grécia, em geral é reconhecida pelos estudiosos. Mas a descrição de Hesíodo da "raça dourada" de agricultores pacíficos, ainda lembrados no seu tempo, os quais ainda não adoravam Ares, o deus da guerra, tem sido consistentemente interpretada como mera fantasia.

Por um longo tempo, isso também se aplicou ao que é provavelmente o mito grego mais conhecido sobre um tempo primitivo e melhor: a lenda de Atlântida, onde, de acordo com Platão, certa vez floresceu uma grandiosa e nobre civilização, engolfada pelo mar.

Platão localizou essa civilização perdida de Atlântida no oceano Atlântico, possivelmente baseando-se nos informantes egípcios de Solon, os quais afirmaram situar-se este continente "bem a oeste", atribuindo-lhe uma data muito posterior. No entanto, como escreveu J. V. Luce em *O Fim de Atlântida*, alguns dos elementos da Atlântida de Platão eram "um esboço surpreendentemente acurado do império minóico do século VI a.C."[7] Ou, segundo o arqueólogo grego Nicolas Platon, "a lenda transmitida por Platão a respeito da Atlântida submersa pode ser uma referência à história da Creta minóica e sua repentina destruição". Pois, segundo Platão, Atlântida foi destruída por "violentos terremotos e dilúvios", da mesma maneira como, segundo hoje acreditam os estudiosos, a civilização minóica recebeu seu golpe mortal, que possibilitou a tomada, pelos aqueus, tanto de Creta quanto das colônias minóicas na Grécia.[8]

Esta teoria foi proposta pela primeira vez em 1939 pelo professor Spyridon Marinatos, diretor do Serviço Arqueológico Grego. Mais recentemente, encontrou respaldo em evidências geológicas de que, em torno de 1450 a.C, houve no Mediterrâneo uma série de erupções vulcânicas de tal violência que provocaram o afundamento de parte da ilha de Tera (agora uma estreita faixa de terra às vezes denominada Santorini) para dentro do mar. Estas erupções também acarretaram violentos terremotos e maremotos. A ocorrência e gravidade dessas catástrofes naturais, que parecem ser a base das recordações populares sobre a massa de terra submersa que Platão denominou Atlântida, foi também constatada nas escavações arqueológicas em Terá e

Creta. Ali encontram-se evidências de grandes destruições provocadas por terremotos e maremotos durante o mesmo período.[9]

De acordo com Luce, hoje parece que "os maremotos eram o verdadeiro 'touro vindo do mar' enviado como castigo para os governantes de Cnossos".[10] E da mesma forma, ao que parece, a história de Atlântida na verdade não passa de recordação popular deturpada, não de um continente perdido denominado Atlântida, mas da civilização minóica de Creta.[11]

O jardim do Éden e as tábuas da Suméria

Uma época ancestral em que os seres humanos levavam vidas mais harmoniosas é também tema recorrente nas lendas da Mesopotâmia. Aí encontram-se repetidas referências a um tempo de abundância e paz, antes da grande inundação, onde mulheres e homens viviam em um jardim idílico. Essas são histórias de onde hoje em dia os estudiosos bíblicos acreditam que o mito do Antigo Testamento do jardim do Éden seja em parte derivado.

À luz das evidências arqueológicas que vimos examinando, a história do jardim do Éden também se baseia claramente em lembranças populares. O jardim é uma descrição alegórica do neolítico, quando mulheres e homens começaram a cultivar o solo, criando, assim, o primeiro "jardim". A história de Caim e Abel em parte reflete o real confronto de um povo pastoral (simbolizado pela oferta de Abel de seu carneiro sacrificado) e um povo agrícola (simbolizado pela oferta de Caim dos "frutos da terra" rejeitada pelo deus pastoral Jeová). Da mesma forma, os mitos do jardim do Éden e a expulsão do Paraíso em parte resultam de eventos históricos reais. Como será detalhado nos capítulos seguintes, estas histórias refletem a cataclísmica mudança cultural que estivemos examinando: a imposição da dominação masculina e a conseqüente modificação de paz e parceria para dominação e luta.

Nas lendas mesopotâmicas encontramos também repetidas referências a uma Deusa como deidade suprema ou "Rainha dos Céus" — designação encontrada mais tarde no Antigo Testamento, mas no contexto dos profetas contra o ressurgimento de antigas crenças religiosas. De fato, as antigas inscrições mesopotâmicas são repletas de referências a uma deusa. Uma oração suméria exalta a gloriosa rainha Nana (um nome da Deusa) como "a Senhora Poderosa, a Criadora". Outra tábua refere-se à deusa Nammu como "a Mãe que deu à luz os céus e a terra".[12] Tanto nas lendas sumérias como nas babilónicas posteriores, encontramos relatos de como mulheres e homens foram criados simultaneamente ou em pares pela Deusa[13] — histórias que, em uma sociedade já dominada pelo homem, pareceriam retroceder a um tempo em que as mulheres não eram consideradas inferiores aos homens.

A existência, nessa região, durante tanto tempo considerada o berço da civilização, de um tempo primitivo em que a ascendência ainda era matrilinear e as mulheres não eram controladas pelo homem, pode ser deduzida de outras tábuas. Por exemplo, mesmo em 2000 a.C. lemos em um documento legal de Elam (cidade-estado pouco a leste da Suméria) que uma mulher casada, recusando-se a compartilhar sua herança com o esposo, passou toda a sua propriedade para a filha. Aqui sabemos também que só depois a deusa de Elam passou a ser conhecida como a "Grande Esposa", ficando relegada a uma posição secundaria em relação à de seu marido Humbam. Mesmo na Babilônia posterior, já rudemente dominada pelo homem, há provas documentais de que algumas mulheres ainda mantinham e dirigiam sua própria propriedade, em particular sacerdotisas, cuja participação nos negócios era ampla.[14]

Além disso, como escreve o professor H.W.F. Saggs, "na antiga religião suméria, posição de destaque é ocupada pelas deusas, que depois praticamente desapareceram, a não ser — à exceção de Ishtar — como consortes de deuses determinados". Isto vem corroborar a conclusão de que, outra vez nas palavras de Saggs, "a condição das mulheres com certeza era bem mais elevada na cidade-estado da Suméria anterior do que subseqüentemente".[15] A ocorrência nas terras do

Crescente Fértil de uma época anterior à dominação masculina e à supremacia de deidades masculinas armadas e terríveis é também indicada nas tumbas como a da rainha Shub-Ad, da primeira dinastia de Ur, pois aí — embora os arqueólogos afirmem que o túmulo junto ao dela, contendo um esqueleto masculino, era o de um rei — se encontra apenas a inscrição do nome dela. E sua tumba é a mais suntuosa e opulenta.[16] Da mesma forma, embora as histórias sumérias em geral falem de "reinados" de Lugalanda e Urukagina, referindo-se a suas esposas Baranamtarra e Shagshag apenas de passagem, uma consulta a documentos oficiais revela que na verdade tais documentos eram datados com os nomes das duas rainhas,[17] o que suscita a questão: essas mulheres eram de fato simples "consortes" sob o governo e dominação masculinos?

Tal indagação também se faz presente se olharmos com mais atenção o texto das chamadas reformas da Suméria de Urukagina, de cerca de 2300 a.C. Nesse texto sabemos como, daí em diante, as árvores frutíferas e os alimentos plantados nas terras do templo deveriam ser usados pelos que deles tivessem necessidade, em vez de, como se tornara norma, só pelos sacerdotes — e de que maneira essa prática remontava ao modo como as coisas eram feitas em tempos primitivos. Mas a questão não é só o fato de essas reformas ocorrerem durante períodos em que as rainhas ainda (ou mais uma vez) controlavam o poder; como observa a historiadora Merlin Stone, isto sugere também terem sido as antigas sociedades da Suméria menos hierárquicas e mais voltadas para a comunidade.[18]

Além disso, este fato nos mostra que costumes e leis mais humanos, tais como a exigência de que os necessitados fossem ajudados pela comunidade, também remontam à era das sociedades de parceria — e a esse respeito as reformas de Urukagina representavam uma simples reafirmação dos preceitos morais e éticos de um tempo primitivo. De acordo com Stone, esta conclusão é confirmada pela palavra utilizada para classificar estas reformas. Elas são chamadas *amargi*, que em sumério possui o significado duplo de "liberdade" e "retorno à mãe". Outra vez sugere-se a recordação de uma época mais antiga e menos opressora, em que as mulheres como chefes dos clãs ou rainhas detinham o poder como responsabilidade e não como forma de controle autocrático.[19]

Também nas tábuas sumérias aprendemos que a deusa Nanshe, de Lagash, era venerada como "a que conhece o órfão, conhece a viúva, busca a justiça para os pobres e abrigo para os fracos".[20] No dia de Ano-Novo era ela que julgava toda a espécie humana. E nas tábuas da vizinha Erech lemos que a deusa Nidaba era conhecida como "a Sábia dos Aposentos Sagrados, a que ensina as Leis".[21] Estas antigas denominações da Deusa como Provedora da Lei, da Justiça e da Misericórdia e Primeira Juíza também parecem indicar a existência de antigas codificações de leis, e talvez até mesmo de um sistema judiciário de alguma complexidade, onde as sacerdotisas sumérias que serviam à Deusa talvez atuassem como juízas nas disputas e na administração da justiça.

Nas tábuas mesopotâmicas lemos ainda de que maneira a deusa Ninlil era venerada por dar a seu povo uma compreensão dos métodos de plantio e colheita.[22] Além disso, há indícios lingüísticos apontando para as origens da agricultura. As palavras encontradas nos textos sumérios para agricultor, arado e sulcos *não* são sumérias. Tampouco o são as palavras para tecelão, trabalhadores de couro, cesteiros, ferreiros, pedreiros e cerâmica. O que parece indicar terem sido todas estas tecnologias básicas da civilização tomadas pelos invasores posteriores dos antigos povos adoradores da deusa da região, cuja linguagem de outra forma se perdeu.[23]

Os legados da civilização

De maneira geral, supõe-se que, por mais sanguinários que tenham sido, os atos realizados desde os dias dos sumérios e assírios não passavam de um infeliz pré-requisito para o avanço tecnológico e cultural. Se os "selvagens" que existiram antes de nossas "mais remotas" civilizações eram pacíficos, conclui-se que naturalmente teriam produzido, na falta da motivação adequada,

pouca coisa de valor duradouro, pois o incentivo à guerra, dirão o homem comum e o teórico do Pentágono, tem sido necessário para provocar todo o avanço tecnológico e, em conseqüência, cultural. No entanto, os dados que ora examinamos, assim como muitos outros mitos e lendas antigos, revelam-nos a mesma coisa que aprendemos com as escavações arqueológicas, qual seja, que um dos segredos históricos mais bem guardados mostra que praticamente todas as tecnologias materiais e sociais fundamentais à civilização foram desenvolvidas antes da imposição de uma sociedade dominadora.

Os princípios do cultivo de alimentos, bem como da tecnologia de construção, recipientes e vestuário, já eram todos conhecidos pelos povos do neolítico cultuadores da Deusa,[24] assim como os usos cada vez mais sofisticados de recursos naturais tais como madeira, fibras, couro e, mais tarde, metais na manufatura. Da mesma forma, nossas mais importantes tecnologias não-materiais, tais como a lei, o governo e a religião, remontam ao que, lançando mão do termo de Gimbutas, Europa antiga, podemos denominar a sociedade antiga. O mesmo ocorre com os conceitos correlatos de oração, magistratura e sacerdócio. A dança, o teatro ritual e a literatura oral e folclórica, bem como a arte, a arquitetura e o planejamento de cidades, também são oriundos da sociedade pré-dominadora.[25] O comércio, realizado por terra e mar, é outro legado dessa era antiga,[26] assim como a administração, a educação e até mesmo a previsão do futuro, pois a primeira identificação do poder oracular ou profético se faz com as sacerdotisas da Deusa.[27]

A religião sustenta e perpetua a organização social que reflete. Em diversos textos religiosos antigos que permaneceram até hoje, é a Deusa — e não uma das deidades masculinas então dominantes — que se identifica como aquela que proporcionou ao povo as "dádivas da civilização".[28] Os mitos que atribuem nossas principais invenções físicas e espirituais a uma deidade feminina podem assim refletir o fato de realmente terem sido inventadas por mulheres.[29]

Tal hipótese é praticamente inconcebível sob o paradigma predominante, pois retrata a mulher como dependente e secundária em relação ao homem, não só no sentido intelectual mas, de acordo com a Bíblia, tão menos desenvolvida espiritualmente que a culpa de nossa queda em desgraça é toda dela.

Contudo, nas sociedades que conceptualizavam o poder supremo do universo como uma Deusa, reverenciada como sábia e justa fonte de todas as nossas dádivas materiais e espirituais, as mulheres se inclinariam a internalizar uma auto-imagem bem diferente. Com modelo tão poderoso, elas tenderiam a considerar seu direito a ter participação ativa e assumir a liderança no desenvolvimento e uso das tecnologias materiais e espirituais. Elas se inclinariam a considerar-se competentes, independentes e quase certamente criativas e inventivas. De fato, há crescentes evidências da participação e liderança das mulheres no desenvolvimento e administração das tecnologias materiais e não-materiais sobre as quais foi mais tarde sobreposta uma ordem dominadora.

Retrocedendo ao tempo em que nossos primatas ancestrais começaram a transformar-se em seres humanos, os estudiosos começam a reconstruir uma visão bem mais equilibrada de nossa evolução — na qual as mulheres, e não só os homens, representavam papéis centrais. O antigo modelo evolucionista baseado no "homem caçador" atribui os primórdios da sociedade humana à "união masculina" necessária à caçada. Salienta também que nossas primeiras ferramentas foram desenvolvidas pelos homens para matar sua presa — e também para exterminar seres humanos mais fracos ou competidores. Um modelo evolutivo alternativo foi agora proposto por cientistas como Nancy Tanner, Jane Lancaster, Lila Leibowitz e Adrienne Zihlman.[30]

Segundo esta visão alternativa, a postura ereta necessária à libertação das mãos não está ligada à caçada, mas ao contrário à mudança do ato de pilhagem (ou ir comendo à medida que se move) para a coleta e transporte de alimentos, a fim de que pudessem ser divididos e estocados. Além do mais, o impulso para o desenvolvimento de nosso cérebro, maior e mais eficiente, e seu uso tanto para construir ferramentas como para processar e dividir informações com maior eficiência não se deram com o elo existente entre os homens necessário para matar; mas, ao

contrário, com o elo entre mães e filhos, naturalmente necessário à sobrevivência humana. De acordo com esta teoria, os primeiros artefatos humanos não foram armas. Ao contrário, eram recipientes para transportar alimentos (e bebês), bem como instrumentos usados pelas mães a fim de amolecer alimento vegetal para seus filhos, os quais necessitavam tanto do leite materno quanto de sólidos para sua sobrevivência.[31]

Esta teoria é mais coerente, diante do fato de os primatas, assim como as mais primitivas tribos existentes, contarem de início com a coleta e não com a caçada. Também faz sentido a evidência de que a carne representava apenas papel menor na dieta dos ancestrais primatas, hominídeos e primeiros seres humanos. Tal teoria é sustentada ainda pelo fato de os primatas diferirem dos pássaros e outras espécies, sendo tipicamente as mães a compartilharem o alimento com sua prole. Entre os primatas, percebemos também o desenvolvimento das primeiras ferramentas, *não* para matar, mas para coleta e processamento de alimento. E entre alguns dos primatas e chimpanzés existentes que foram minuciosamente observados, vemos fêmeas utilizando estes instrumentos com mais freqüência.[32]

Assim, como Tanner escreve a respeito do tempo ainda muito mais antigo que forneceu os pilares para a antiga sociedade que conhecemos, "a mulher coletora", em vez do "homem caçador", parece ter representado papel primordial na evolução de nossa espécie.[33] "A prole com mães suficientemente inteligentes para achar, reunir, pré-mastigar e compartilhar alimento com eles levava uma vantagem seletiva", observa Tanner. "Entre aquelas crianças sobreviventes, as mais capazes de aprender e desenvolver as técnicas de sua mãe, e aquelas que, à semelhança da mãe, estavam dispostas a compartilhar, por sua vez tiveram filhos com maiores probabilidades de viver o suficiente para se reproduzirem."[34]

"É bem improvável", prossegue ela, "que naquela época as ferramentas fossem usadas para matar animais, pois as presas eram poucas e indefesas, e poderiam ser apanhadas e mortas com as mãos." Além do mais, é "bem provável que fossem as mulheres com seus filhos a desenvolverem a nova tecnologia de coleta" — não só as ferramentas mas o bipedalismo humano ou o uso independente das mãos e pés, pré-requisito para a coleta em contraponto à pilhagem. As mulheres deviam precisar mais das mãos livres para transportar comida e bebês.[35]

É também muito provável terem as mulheres inventado a mais fundamental de todas as tecnologias materiais, sem a qual a civilização não poderia ter-se desenvolvido: a domesticação de plantas e animais.[36] De fato, muito embora isso raramente seja mencionado nos livros e aulas onde aprendemos a história do "homem primitivo", a maioria dos estudiosos de hoje concorda que possivelmente as coisas se passaram assim. Observam que nas sociedades coletoras-caçadoras contemporâneas as mulheres, e não os homens, encarregam-se tipicamente do processamento de alimentos. Assim, teria sido bem mais provável serem as mulheres a primeiro jogar as sementes no solo de seus acampamentos, assim como a iniciar a domesticação de filhotes de animais, alimentando-os e cuidando deles como faziam com sua prole. Os antropólogos apontam também o fato de nas culturas horticultoras primárias de tribos e nações "em desenvolvimento", ao contrário das suposições ocidentais, o cultivo do solo encontrar-se até o momento nas mãos das mulheres.[37]

Esta conclusão também é reforçada pelos inúmeros mitos religiosos primitivos que atribuem explicitamente a invenção da agricultura à Deusa. Por exemplo, nos registros egípcios a deusa Ísis é repetidamente referida como a inventora da agricultura. Nas tábuas mesopotâmicas, a deusa Ninlil é venerada por ensinar seu povo a cultivar.[38] Encontram-se também na arqueologia e nos mitos numerosas associações não-verbais da Deusa e da agricultura. Estas abrangem uma grande extensão de tempo, desde Çatal Hüyük, onde as ofertas de grãos eram feitas em santuários à Deusa, até a época grega clássica, quando ofertas similares ainda eram feitas a deidades femininas como Ceres e Hera.[39]

Baseados em extensas pesquisas de mitos pré-históricos, estudiosos como Robert Briffault e Erich Neumann também concluíram ter sido a cerâmica inventada pelas mulheres. Houve uma

época em que a cerâmica era considerada processo sagrado relacionado ao culto da Deusa, em geral associado às mulheres. A tecelagem e fiação, da mesma forma, na maior parte das mitologias primitivas relacionavam-se com a mulher e com deidades femininas, as quais, à semelhança das Parcas gregas, dizia-se ainda fiarem os destinos dos "homens".[40]

Também há indícios no Egito e Europa, assim como no Crescente Fértil, de que a associação da feminilidade com a justiça, sabedoria e inteligência remonta a épocas muito antigas. Maat é a deusa egípcia da justiça. Mesmo após a imposição masculina, a deusa egípcia Isis e a deusa grega Ceres ainda eram ambas conhecidas como legisladoras e sábias, as quais ministravam sabedoria virtuosa, conselho e justiça. Registros arqueológicos da cidade de Nimrud, no Oriente Médio, onde Ishtar, já uma deusa marcial, era adorada, mostram que mesmo então algumas mulheres ainda serviam como juízas e magistradas nos tribunais da lei. Através das lendas pré-cristãs da Irlanda aprendemos também que os celtas veneravam Cerridwen como a deusa da inteligência e do conhecimento.[41] As Parcas gregas, executoras das leis, e as Musas gregas, que inspiravam todo empenho criativo, naturalmente eram mulheres. Assim como a imagem de Sofia, ou a Sabedoria, predominante até os tempos medievais cristãos, junto com a imagem da Deusa como Nossa Senhora da Misericórdia.[42]

Há igualmente grandes evidências de que a espiritualidade, e em particular a visão espiritual característica de sábios videntes, já foi associada à mulher. Nos registros arqueológicos mesopotâmicos soubemos que Ishtar da Babilônia, sucessora de Innana, ainda era conhecida como a Senhora da Visão, Aquela que Orienta os Oráculos, e a Profetisa de Kua. As tábuas babilônicas contêm numerosas referências a sacerdotisas que oferecem conselhos proféticos nos santuários de Ishtar, algumas das quais são importantes nos registros de eventos políticos.[43]

Sabemos, através dos registros egípcios, que a representação de uma naja era o sinal hieroglífico para a palavra *Deusa* e que a naja era conhecida como o Olho, *uzait*, símbolo de compreensão e sabedoria místicas. A deusa naja conhecida como Ua Zit era a deidade feminina do baixo Egito (norte) em tempos pré-dinásticos. Posteriormente, tanto a deusa Hathor quanto Maat ainda eram conhecidas como o Olho. O *uraeus*, uma serpente empinada, é encontrada com freqüência sobre as frontes da realeza egípcia. Além disso, um santuário profético, possivelmente sítio de um antigo santuário à deusa Ua Zit, elevava-se na cidade egípcia Per Uto, que os gregos chamavam Buto, nome grego para a própria deusa naja.[44]

O famoso santuário oracular de Delfos também se elevava em um sítio originalmente identificado com o culto da Deusa. E mesmo em épocas gregas clássicas, após ter sido dominado pelo culto a Apoio, o oráculo ainda falava através dos lábios de uma mulher. Ela era uma sacerdotisa chamada Pítia, a qual se sentava sobre um mocho trípode em tomo do qual havia uma serpente chamada Píton enroscada. Lemos ainda em Ésquilo que nesse templo, que era o mais sagrado, a Deusa era venerada como a profetisa primeva. Outra vez sugere-se que mesmo na idade clássica grega a tradição de uma sociedade de parceria em busca da revelação divina e da sabedoria profética através das mulheres ainda não fora esquecida.[45]

Pelos escritos de Diodoro de Sicflia, no primeiro século a.C., sabemos que mesmo nessa época não só a justiça mas também a cura ainda eram associadas a mulheres. Quando viajou pelo Egito, ele descobriu que a deusa Ísis, sucessora de Ua Zit e Hathor, ainda era cultuada não só como a primeira a estabelecer a lei e a justiça mas também como a grande curandeira.[46] A este respeito, é interessante notar que as serpentes entrelaçadas conhecidas como caduceus ainda são nos dias de hoje o símbolo da profissão médica. Segundo a lenda, esta tradição originou-se da identificação das cobras com sacerdotes do deus grego Esculápio. Mas pode-se argumentar que a associação de serpentes à cura remonta a uma tradição bem mais antiga: a associação da serpente com a Deusa, a qual, como vimos, provavelmente aplicava-se tanto à cura quanto à profecia.[47]

Até mesmo a invenção da escrita, há muito considerada como remontando a cerca de 3200 a.C. na Suméria, parece ter raízes bem anteriores, e possivelmente femininas. Nas tábuas sumérias, a deusa Nidaba é descrita como a escriba dos céus sumérios, bem como inventora das

tábuas de argila e da arte da escrita. Na mitologia indiana, a deusa Sarasvati é considerada a inventora do alfabeto original.[48] E hoje, com base em escavações arqueológicas na Europa antiga, Gimbutas descobriu que os primórdios da escrita organizada remontam ao neolítico. Além do mais, esses primórdios parecem, como na Suméria, não se relacionar com uma escrita "comercial-administrativa" destinada a tomar nota dos acúmulos materiais. Ao contrário, o uso primeiro deste instrumento mais poderoso da comunicação humana parece ter sido espiritual: uma escrita sagrada associada ao culto da Deusa.[49]

É provável que as descobertas mais conhecidas que comprovam esta nova teoria se originem do sítio europeu de Vinca, 21 quilômetros a leste de Belgrado, na Iugoslávia. Assim como em inúmeros outros sítios, quando a cultura vinca foi originalmente descoberta acreditou-se ser ela muito mais recente do que na realidade, em razão de seu alto grau de sofisticação artística. O professor M. Vasic, que promoveu escavações da cultura vinca entre 1908 e 1932, concluiu inicialmente ter sido ela um centro da civilização egéia do segundo milênio a.C. Em seguida, concluiu que era oriunda de um período ainda mais posterior, na verdade uma colónia grega – conclusões estas, como acentua Gimbutas, que continuam a ser citadas em algumas modernas histórias dos Balcãs.[50]

Essas teorias, propagadas antes de a arqueologia dispor de instrumentos científicos de datação tais como os métodos com radiocarbono e dendrocronológicos, harmonizavam-se com o paradigma arqueológico então predominante, o qual afirmava não existir cultura nativa adiantada nos Bálcãs primitivos. Mas as datações de radiocarbono obtidas hoje em oito sítios de diferentes fases da cultura vinca estabelecem sua origem no período entre 5300 e 4000 a.C. – isto é, há cerca de 7000 anos.[51] Esses dados, além das evidências arqueológicas mostrando ter sido a Deusa a deidade suprema, situam Vinca diretamente no período de sociedade de parceria.

Foi em Vinca que as denominadas tábuas de Tártara e outros sinais inscritos em estatuetas e cerâmica foram descobertos. Gimbutas relata como estes achados, associados à "evidência de pronunciada intensificação da vida espiritual em geral",[52] levaram a outra teoria, ainda de certa forma coerente com o antigo paradigma arqueológico de que não havia adiantamento cultural nativo nos Balcãs. Estabelecia esta teoria que a cultura vinca fora importada de Anatólia, ou mesmo da Mesopotâmia. Mas hoje a cultura vinca já está estabelecida como nativa dos Bálcãs. Assim, se as marcas inscritas nas tábuas, estatuetas e outros objetos neolíticos escavados em Vinca, bem como em outros sítios europeus, são o que parecem — uma forma rudimentar de escrita linear —, as origens da escrita são bem mais antigas do que se acreditava anteriormente, remontando a época muito anterior à era da dominação.[53]

Decerto, há crescentes evidências que sustentam tal conclusão. Em 1980, a professora Gimbutas relatou serem conhecidos "no presente mais de sessenta sítios que produziram objetos inscritos. (...) A maioria dos sítios é de grupos culturais vinca e tisza e da cultura karanovo na Bulgária Central. Sinais pintados ou inscritos são também conhecidos nas cerâmicas Dimini, Cucuteni, Petresti, Lengyel, Butmir, Bukk e linear". Estas descobertas indicam que "não é mais correto falar em uma 'escrita vinca' ou da tábua tártara", já que "atualmente a escrita parece ser uma característica universal da antiga civilização européia".[54]

Além disso, esta escrita aparentemente foi conseqüência da antiga tradição de uso da arte como uma espécie de taquigrafia visual destinada a comunicar conceitos importantes. Em toda a Europa antiga encontram-se estatuetas altamente estilizadas da Deusa com sinais simbólicos gravados, tais como meandros, asnas, Vs, Xs, vórtices, círculos e linhas múltiplas. Como escreve Gimbutas, essas imagens representavam meios aprovados e compreendidos coletivamente para comunicação das suposições básicas que explicavam o mundo daquele tempo. Depois essa forma de comunicação simbólica deu um passo à frente, no que provavelmente se tomou a primeira forma de escrita humana. São ideogramas nos quais os sinais simbólicos existentes (já presentes no paleolítico e difundidos no neolítico) foram modificados por linhas, curvas e pontos.

Gimbutas, trabalhando no sentido de decifrar a antiga escrita européia, acredita também que alguns destes ideogramas adquiriram aos poucos valor fonético. "O V", escreve ela, "é uma das marcas encontradas com maior freqüência nas estatuetas e outros objetos de culto. Em minha opinião, ele era usado na escrita com valor fonético derivado do signo-ideograma. O M, provavelmente um ideograma para água como em egípcio, deve ter tido valor fonético já em tempos remotos, pelo menos não posteriores ao sexto milênio a.C.".[55]

Através do estudo intensivo de símbolos e sinais encontrados primeiro em imagens, surgindo depois cada vez mais em cerâmica, lacres, discos e tábuas, Gimbutas tentou decifrar seus significados por meio de associações. Por exemplo, ela apresenta a hipótese de que os glifos V podiam consistir em um modo de representar a Deusa em sua epifania do pássaro, e que os objetos com tais marcas originalmente eram dedicados ao culto da Deusa. Ela observa ainda como os agrupamentos repetitivos de Vs (bem como de Ms, Xs e Ys), quando sinais posteriores são inscritos em filas, como no prato Gradeshika, podiam representar votos, preces ou entregas de oferendas à Deusa.[56]

Gimbutas aponta também as "semelhanças inquestionáveis entre os caracteres da Europa antiga e os da linear-A, cipro-minóico e cipriota clássico".[57] Isso levanta a forte possibilidade de a linear-A, a escrita mais primitiva e ainda não decifrada, encontrada na Creta minóica, possivelmente ter sido um desenvolvimento posterior dessa tradição de escrita neolítica já existente — e não, como até então se supunha, tomada de empréstimo pelos cretenses ao povo com quem comerciavam na Ásia Menor e Egito.[58]

Uma nova visão do passado

A vasta quantidade de informações sobre nosso passado perdido inevitavelmente acarreta um conflito entre o velho e o novo em nossas mentes. A antiga visão afirmava terem as primeiras relações humanas de parentesco (e posteriormente econômicas) se desenvolvido a partir do homem caçador e matador. A nova visão estabelece que os pilares para a organização social originaram-se de mães e filhos.[59] A antiga visão mostrava a pré-história como a história do "homem caçador e guerreiro". A nova visão mostra tanto homens quanto mulheres utilizando nossas inigualáveis faculdades humanas de forma a sustentar e implementar a vida.

Assim como algumas das sociedades mais primitivas existentes, como as dos BaMbuti e !Kung, não se caracterizam por homens das cavernas belicosos que arrastavam as mulheres pelos cabelos, hoje em dia parece que o paleolítico foi um período de tempo notavelmente pacífico. E, assim como Heinrich e Sophia Schliemann desafiaram os estudiosos de seu tempo, provando não ter sido a cidade de Tróia uma fantasia homérica, mas um fato pré-histórico, novas descobertas arqueológicas confirmam as lendas sobre uma época antes que um deus masculino decretasse que a mulher seria para sempre subserviente ao homem, período em que a humanidade vivia em paz e plenitude.

Em suma, segundo a nova visão da evolução cultural, a dominação e violência masculinas e o autoritarismo não são legados inevitáveis e eternos. E em vez de um "sonho utópico", um mundo mais pacífico e igualitário é uma possibilidade real para nosso futuro.

Mas o legado que nos deixaram essas sociedades de culto à Deusa não se limita à incessante lembrança de um tempo em que a "árvore da vida" e a "árvore do conhecimento" ainda eram consideradas dádivas da Mãe Natureza tanto para homens quanto para mulheres. Tampouco consiste apenas na sensação comovente do que poderia ter acontecido à humanidade, caso se houvesse permitido que ela chegasse à maioridade livre para usufruir essas dádivas. Como já vimos, as tecnologias básicas sobre as quais foi construída a civilização posterior são nosso legado destas sociedades primitivas de parceria.

Nada disso implica terem sido perfeitas essas sociedades. Embora tenham dado grandes contribuições à cultura humana e mais tarde tenham sido lembradas como uma época mais inocente e melhor, elas não eram sociedades utópicas. É importante frisar que uma sociedade pacífica não significa ausência de toda e qualquer violência; estas eram sociedades formadas por seres humanos de carne e osso, com fraquezas e falhas humanas.

Além disso, com toda a sua engenhosidade e promessa, as tecnologias materiais do neolítico ainda eram bastante primitivas em comparação ao que temos hoje. Embora haja evidências de escrita, aparentemente não havia literatura escrita. E, apesar do muito que se conhecia a respeito de questões que iam da agricultura à astronomia, provavelmente não havia ciência como a conhecemos hoje.

Na verdade, na arte religiosa do neolítico, podemos perceber como, na falta de nosso tipo de conhecimento científico, nossos antepassados tentaram explicar, e influenciar, o universo de uma forma que atualmente nos parece primitiva e supersticiosa. E embora as maiores evidências de sacrifício humano tenham sido encontradas nas sociedades dominadoras posteriores, há alguns indícios de que a prática do sacrifício ritual possa remontar a esse tempo primitivo.[60]

Uma perspectiva útil dos prós e contras é oferecida pelo que podemos deduzir, através dos indícios, deste tipo de mentalidade característica de tempos primitivos. A arte neolítica por vezes é caracterizada como irracional, em razão da riqueza de imagens, que associamos a contos de fadas, filmes de terror e até mesmo ficção científica. Mas se definirmos o racional com base em quaisquer padrões humanitários, como o uso de nossas mentes de forma a transcender parte da brutalidade e destrutividade da natureza, e definirmos o irracional como pensamento e comportamento destrutivos, seria mais acurado afirmar que a arte neolítica reflete não tanto uma visão de mundo irracional, mas sim pré-racional.[61] Em contraste com o pensamento mais empírico tão valorizado em nossa era secular, ela foi o produto de uma mente caracterizada por uma consciência fantasiosa, intuitiva e mística.

Não se quer sugerir com isso, como argumentou o psicólogo Julian Jaynes, que estes povos primitivos usavam exclusivamente o lado direito do cérebro. Jaynes declarou que a verdadeira consciência humana — a qual relacionamos apenas com o uso de nosso lado esquerdo do cérebro, mais lógico — originou-se dos choques cataclísmicos proporcionados pela seqüência sanguinária de invasões e desastres naturais que examinamos. Na verdade, ele argumentou que até então éramos pouco mais do que autômatos dominados por Deus e limitados ao lado direito do cérebro.[62] Mas basta olharmos os santuários de Stonehenge e Avebury para percebermos que já no período neolítico os pensamentos lógico, seqüencial e linear característicos do funcionamento do lado esquerdo do cérebro já estavam bem estabelecidos. É evidente que a relação dessas enormes pedras com os movimentos do Sol e da Lua, bem como seu formato, transporte e colocação, exigiram avançada compreensão de matemática, astronomia e engenharia.[63] E decerto o povo de Creta — o qual construía viadutos e estradas pavimentadas, planejava palácios de complexo desenho arquitetônico, e tinha encanamento interno, um comércio próspero e grande conhecimento sobre navegação — também deve ter feito extenso uso do lado esquerdo do cérebro, bem como do lado direito. Pois as aquisições materiais de Creta são surpreendentes até mesmo para os padrões modernos, superando inclusive as de sociedades mais desenvolvidas da atualidade.

Ainda mais impressionante, quando comparadas a nosso mundo moderno, é o fato de nessas sociedades pré-históricas de parceria os avanços tecnológicos terem sido basicamente usados para tornar a vida mais agradável, e não para dominar e destruir. O que traz de volta a distinção fundamental entre a evolução cultural das sociedades de dominação e parceria. Com isso, conclui-se que, neste importante aspecto, nossas primitivas sociedades de parceria, menos adiantadas tecnológica e socialmente, eram mais evoluídas do que as sociedades altamente tecnológicas de nosso mundo atual, onde milhões de crianças são condenadas a morrer de fome todos os anos enquanto bilhões de dólares são despejados em formas cada vez mais sofisticadas de extermínio.

Nesta perspectiva, a busca atual de uma espiritualidade ancestral perdida pode ser considerada sob uma luz nova e bastante útil. Em essência, hoje a busca por parte de tantas pessoas de uma sabedoria mística que remonte a tempos primitivos é a busca do tipo de espiritualidade característica de uma sociedade de parceria, e não de dominação.

Tanto evidências míticas quanto arqueológicas indicam ter sido talvez a mais notável qualidade da mente pré-dominadora o reconhecimento de nossa unidade com toda a natureza, que repousa no cerne do culto neolítico e do culto cretense à Deusa. Cada vez mais, o trabalho de ecologistas modernos indica ser esta qualidade mais antiga da mente, muitas vezes associada em nossa época a alguns tipos de espiritualidade orientais, bem mais adiantada, à frente da ideologia de destruição ambiental da atualidade. De fato, ela prenuncia novas teorias científicas de que toda a matéria viva terrestre, juntamente com a atmosfera, os oceanos e o solo, formam um sistema de vida complexo e interligado. De modo bem apropriado, o químico James Lovelock e a microbiologista Lynn Margulis chamaram a isso hipótese Gaia — sendo esse um dos antigos nomes gregos para a Deusa.[64]

A idéia que a sociedade antiga fazia sobre os poderes que governam o universo como provenientes de uma mãe provedora e alimentadora também proporciona psicologicamente uma tranqüilidade maior — e socialmente produz menos tensão e ansiedade — do que a idéia de deidades masculinas punitivas, as quais ainda dominam grande parte de nosso globo terrestre. Na verdade, a tenacidade com que, ao longo de milênios da história ocidental, mulheres e homens se agarraram ao culto de uma mãe compassiva e misericordiosa na figura da Virgem Maria cristã atesta a ânsia da humanidade com relação a tal imagem tranqüilizadora. No entanto, à semelhança de tantos outros aspectos igualmente intrigantes da história, esta tenacidade só é compreensível dentro do contexto do que hoje conhecemos a respeito da tradição milenar de adoração à Deusa na pré-história.

Mas, precisamente por este novo conhecimento sobre a direção original de nossa evolução cultural lançar luz tão diferente sobre nosso passado — e nosso futuro potencial —, é tão difícil para nós lidarmos com ele. E como tal conhecimento representa grave ameaça a nosso sistema atual, há grandes esforços para suprimi-lo.

Dentro da pesquisa que hoje nos fornecem os achados arqueológicos aqui relatados, dispomos de muitos exemplos da dinâmica da supressão de informação atuante na sociedade dominadora. Exemplo surpreendente é o modo como, embora os níveis mais inferiores e antigos do sítio arqueológico ainda não tenham sido atingidos, James Mellaart recebeu ordens para interromper as escavações do sítio neolítico de Hacilar, sob argumento de que "mais trabalhos no local só produziriam resultados repetitivos, sem qualquer valor científico".[65] Essa decisão foi tomada a despeito dos protestos de Mellaart, embora na época as regiões remotas dos túmulos, incluindo os cemitérios circundantes (uma fonte comum dos dados arqueológicos mais ricos na maior parte das escavações), ainda não tivessem sido exploradas. Mas sem apoio financeiro ou institucional, as escavações tiveram de ser interrompidas. E o sítio, desde então devastado de forma não-cientffica por caçadores de tesouros, hoje não tem mais utilidade arqueológica.

Sem dúvida, outros fatores contribuíram para a decisão de interromper prematuramente escavações arqueológicas tão importantes — decisão denominada por Mellaart "um dos capítulos mais trágicos na história da arqueologia".[66] Mas permanece a indagação: até que ponto essa decisão foi tomada — embora inconscientemente — em razão do conhecimento que ia surgindo no sentido de que por trás das atividades artísticas abundantes e diversificadas de Hacilar "existe", como escreveu Mellaart, "a grande força inspiradora, a antiga religião de Anatólia, o culto à Grande Deusa"?[67]

Como veremos nos capítulos seguintes, os esforços de intelectuais para adaptar a realidade a uma visão de mundo dominadora remonta à pré-história. Com certeza, o principal instrumento para a mudança dramática em nossa evolução cultural foi a Espada. Mas havia outro, que a longo prazo tornou-se mais poderoso: o instrumento do escriba e do estudioso — a pena ou estilete para

marcar as tábuas com palavras. Particularmente em nossa época, quando estamos tentando criar uma sociedade pacifica, é instrutivo saber que a pena pode ser tão poderosa quanto a Espada. Pois acabou sendo esta ferramenta aparentemente frágil o que literalmente colocou a realidade de pernas para o ar.

CAPITULO 6

A REALIDADE DE PERNAS PARA O AR: PARTE I

Oréstia **é uma das tragédias gregas mais famosas e freqüentemente encenadas. Nesse clássico, no julgamento de Orestes pelo assassinato de sua mãe, o deus Apolo explica que os filhos não guardam parentesco com as mães. "A mãe não é aparentada ao que se denomina seu filho", explica ele. Ela não passa "de criadora da nova semente plantada que está em crescimento".[1]**

"Vou mostrar-vos provas do que expliquei", prossegue Apoio. "Pode haver um pai sem uma mãe. Lá está ela, a testemunha viva, filha de Zeus do Olimpo, ela que jamais foi criada na escuridão do útero, contudo, nenhuma deusa poderia dar à luz tal criança."[2]

Nesse ponto a deusa Atena, que de acordo com a antiga religião grega brotou adulta da cabeça de seu pai, Zeus, entra e confirma a declaração de Apoio. Só os pais têm relação de parentesco com os filhos. "Nenhuma mãe gerou-me", afirma ela, acrescentando, "e exceto pelo casamento, estou sempre favorável aos homens, e inteiramente ao lado de meu pai."[3]

Assim, enquanto o coro — as Eumênides, ou as Fúrias, representando a antiga ordem — exclama horrorizado, "Deuses da mais jovem geração, suprimistes as leis de tempos imemoriais, arrancando-as de minhas mãos",[4] Atena lança o voto decisivo. Orestes é absolvido de qualquer culpa pelo assassínio da mãe.

Matricídio não é crime

Por que, poder-se-ia indagar, alguém tentaria negar a mais poderosa e óbvia de todas as relações humanas? Por que um dramaturgo brilhante como Ésquilo iria escrever uma trilogia dramática sobre esse tema? E por que essa trilogia – que em seu tempo não era o teatro como o conhecemos, mas drama ritual especificamente destinado a apelar às emoções e exigir o conformismo às normas prevalecentes – seria apresentada a todo o povo de Atenas, incluindo até mesmo mulheres e escravos, em importantes ocasiões cerimoniais?

Ao tentar responder às questões sobre a função normativa da *Oréstia*, a interpretação estudiosa tradicional afirma ter ela tentado explicar as origens do areópago grego, ou tribunal de homicídio. Nesse tribunal, inovação em seu tempo, a justiça devia ser obtida supostamente através dos mais impessoais instrumentos legais de estado, em vez da vingança do clã.[5] Mas, como observa a socióloga inglesa Joan Rockwell, tal interpretação é disparatada. Nem mesmo se refere à questão central de saber por que este caso, considerado o primeiro julgado por um tribunal grego de homicídio, é o assassínio da mãe pelo próprio filho. Tampouco enfoca a indagação central de como, no que é supostamente a "lição moral" destinada a sustentar a justiça administrada pelo estado, um filho pode ser absolvido de assassinato vingativo, premeditado e a sangue-frio de sua mãe – e ainda mais sob alegação evidentemente despropositada de que ele não tinha parentesco com a mãe.[6]

Para responder à questão sobre que tipo de normas a *Oréstia* de fato expressa e afirma, precisamos analisar a trilogia como um todo. Na primeira peça, *Agamêmnon*, a rainha Clitemnestra atua vingando o sangue vertido de sua filha. Sabemos que a caminho de Tróia, seu marido, Agamêmnon, induziu-a a enviar-lhe a filha de ambos, Ifigênia, pretensamente com o fito de desposar Aquiles, mas na verdade para ser sacrificada, obtendo ele em troca um vento promissor para sua esquadra, presa em uma calmaria. Quando do retomo de Agamêmnon da Guerra de Tróia, Clitemnestra atira-lhe uma rede, de forma a aprisioná-lo, e o esfaqueia até a

morte. Ela deixa claro estar realizando tal feito não só por seu sofrimento e ódio pessoais, mas em razão de seu papel social como chefe do clã, responsável pela vingança do derramamento de sangue familiar. Em resumo, Clitemnestra age dentro das normas de uma sociedade matrilienar, na qual, como rainha, é seu dever promover o cumprimento da justiça.

Na segunda peça. As *Coéforas***, seu filho Orestes retorna a disfarçado. Adentra o palácio materno como hóspede, mata o novo consorte da mãe, Egisto, e por fim, após alguma hesitação, em vingança à morte do pai, assassina a mãe. A terceira peça, Eumnênides, apresenta o julgamento de Orestes no templo de Apoio em Delfos. Sabemos que as Eumênides, como representantes da antiga ordem e em seu papel de protetoras da sociedade e executoras da justiça, perseguiram Orestes. E agora um júri de 12 cidadãos atenienses, presididos pela deusa Atena, deverá decidir se ele deve ser ou não absolvido. No entanto, como o voto dos jurados é igualmente dividido, caberá a Atena o voto decisivo: Orestes é absolvido sob alegação de não ter vertido sangue de parente.**

Assim, a *Oréstia* **nos leva de volta a uma época em que ocorreu o que estudiosos clássicos como H. D. F. Kitto e George Thompson denominam o conflito entre as culturas matriarcal e patriarcal.[7] Em nosso termos, ela reconstitui — e justifica — a mudança de normas de parceria para as dominadoras.** ç|

De acordo com Rockwell, ela nos leva da "total aprovação da justiça no caso de Clitemnestra, na primeira peça, até o ponto em que sua filha é esquecida, seu fantasma eclipsado, e seu caso tomado inexistente, porque as mulheres não tinham os direitos e atributos por ela reivindicados",[8] pois "se uma criatura poderosa como Clitemnestra, a pretexto da morte de sua filha Ifigênia, não tem direito à vingança, que mulher o terá?"

Com a lição sobre o que acontece a essa mulher "orgulhosa", mesmo com causa tão justa, todas as mulheres estão efetivamente impedidas até mesmo de considerar a idéia de atos de rebelião. Além do mais, o papel de Atena neste drama normativo é, segundo Rockwell, "demonstração magistral de diplomacia cultural; é muito importante em uma mudança institucional que uma figura líder do partido derrotado seja vista acatando o novo poder".[9]

Com Atena, descendente direta da Deusa e deidade protetora da cidade de Atenas, declarando-se favorável à supremacia masculina, a mudança para a dominação masculina deve ser aceita por todo ateniense, assim como a mudança do que antes era um sistema de propriedade basicamente comunal ou dirigido pelo clã (no qual a linhagem era traçada através das mulheres) para um sistema de propriedade privada dos bens *e* **das mulheres pelos homens. Como descreve Rockwell: "Se o primeiro julgamento no novo tribunal de homicídios prova que o matricídio não é um crime blasfemo, em razão da inexistência de relacionamento matrilinear, que melhor argumento para a descendência patrilinear única?"[10]**

Na *Oréstia* **todo ateniense percebe como até mesmo as antigas Fúrias ou Parcas, acabam cedendo. A ordem de dominação masculina fora estabelecida, as novas normas substituíram as antigas, e sua fúria de nada valeu. Completamente derrotadas, elas se retiram para as cavernas sob a Acrópole, com Atena "persuadindo-as" a permanecerem em Atenas – após reiterar o argumento notável de que a morte de uma mãe não implica derramamento de sangue de parente, dando seu voto decisivo. Claramente subservientes, elas agora se comprometem a invocar seus poderes antigos, poderes da Deusa, e prometem, pelo bem de Atenas, ajudar a guardar "esta cidade governada por Zeus todo-poderoso e Ares" (Ares, é claro, é o deus da guerra).[11]**

Como últimos vestígios do poder feminino em épocas pré-olímpicas, ainda serão as Fúrias a definir os destinos de mulheres e homens, a determinar quando é tempo de os mortais morrerem e nascerem. "Assim como mãe-Kali na mitologia hindu", escreve Rockwell, "a mulher proporciona o nascimento e a morte."[12] Mas estas últimas representantes dos antigos poderes são levadas para último plano, como figuras inferiores e basicamente marginais em um panteão masculino de novos deuses.

As mentalidades de dominação e de parceria

A *Oréstia* destinou-se a influenciar e alterar a visão das pessoas sobre a realidade. Notável ser ela ainda necessária quase mil anos depois do controle de Atenas pelos aqueus no quinto século a.C. Ainda mais impressionante é a maneira como o próprio coro, falando em nome das Eumênides, resumiu o que de fato consistia a *Oréstia*: "Puderam eles tratar-me assim! Eu, a mentalidade do passado, ser levada ao subsolo, proscrita, como lodo!"[13]

Embora no tempo de Ésquilo essa mentalidade do passado — guardando as lembranças de um tempo primitivo — ainda não tivesse sido destruída por completo, tomou-se possível em uma grande cerimônia proclamar publicamente que os erros dos homens contra as mulheres, até mesmo o assassínio de uma filha pelo próprio pai, deviam ser simplesmente esquecidos. A mente das pessoas havia sido tão fundamentalmente transformada que nesse momento já se podia considerar dade que mãe e filho não tinham parentesco; a sociedade matrilinear não encontrava base na realidade; em contraste, só a relação patrilinear o conseguia.

Mais de dois mil anos depois, alguns dos gigantes da ciência ocidental, por exemplo, Herbert Spencer no século XIX, ainda "explicavam" a dominação masculina afirmando que as mulheres não passavam de incubadoras do esperma masculino.[14] À luz de evidências científicas, as quais mostraram que uma criança recebe igual número de genes de cada genitor, esta idéia de inexistência de parentesco entre mãe filho não é mais ensinada nas escolas e universidades. Contudo, até hoje nossos mais poderosos líderes religiosos, bem como muitos de nossos mais respeitados cientistas, ainda nos dizem serem as mulheres criaturas colocadas na terra, por Deus ou pela natureza, principalmente para conceder filhos aos homens — de preferência filhos homens.

Em nossa época, continuamos a identificar os filhos com sobrenomes que nos falam unicamente da relação de parentesco com o pai. Além do mais, milhões de famílias ocidentais ainda são normativamente socializadas na linha patrilinear, com a leitura da Bíblia nos púlpitos e nas casas. Não nos referimos só às intermináveis listas de "gerações" apresentadas na Bíblia Sagrada. Estamos falando de passagens bíblicas nas quais, quando alguém importante é identificado, o é como o filho de seu pai; até mesmo o povo de Israel (bem como toda a humanidade e o próprio Messias ou Salvador) é identificado como filho do Pai.[15]

Para nós, após milhares de anos de doutrinação implacável, esta é a simples realidade, o jeito como as coisas são. Mas para a mentalidade que foi excluída — a mentalidade que adorava a Deusa como Suprema Criadora de toda Vida e a Mãe não só da humanidade, mas de todos os animais e plantas — a realidade devia ser bem diferente.

Para uma mente criada em tal sociedade, na qual a linhagem era traçada através da mãe e das mulheres — chefes dos clãs e sacerdotisas ocupando posições respeitadas e socialmente importantes — a linha patrilinear, e com ela a redução progressiva das mulheres a propriedade privada dos homens, dificilmente pareceria "natural". Assim como um filho ao qual não foi feita justiça por matar a própria mãe, algo totalmente além da compreensão de tal mente, da mesma maneira como o foi para as Eumênides na peça de Ésquilo. Igualmente inconcebível, até blasfema, seria a idéia de poderes supremos que governavam o universo serem personificados por deidades armadas e vingativas que não só toleravam mas na verdade, em nome da moralidade e virtude, ordenavam a realização rotineira de atos de assassinato, pilhagem e estupro pelos homens.

Em suma, essa mentalidade era totalmente inadequada ao funcionamento do novo sistema de dominação. Talvez durante algum tempo ela pudesse ser mantida sob a força bruta e a ameaça. Mas a longo prazo só funcionaria a completa transformação do modo de as pessoas viverem a realidade.

Mas como se deu isso? De que forma as mentalidades puderam sofrer tantas transformações? Hoje é fascinante, uma vez que voltamos ao limiar de uma grande mudança em

nossa evolução cultural, que esta questão de como os sistemas entram em esgotamento em períodos de extremo desequilíbrio e são substituídos por sistemas diferentes esteja sendo estudada pelos cientistas.[16] Particularmente interessante, no que se refere à questão de como um sistema social pode substituir outro, é o trabalho de Humberto Maturana e Francisco Varela, no Chile, e Vilmos Csanyi e Gyorgy Kampis, na Hungria, sobre a auto-organização dos sistemas vivos através do que Maturana denomina *autopoesia* e Csanyi chama de autogênese.[17]

Csanyi descreve a maneira como os sistemas se formam e se mantêm através do processo por ele denominado replicação. Sendo em essência um processo de autocópia, a replicação pode ser observada no nível biológico, onde, a fim de promover contínua substituição, as células carregam em seu código genético, ou ADN, o que Csanyi denomina informação replicativa. Mas esse processo ocorre em todos os níveis: molecular, biológico e social. Pois cada sistema possui sua própria informação replicativa característica, que forma, expande e mantém os sistemas unidos.[18]

A replicação de idéias, segundo Csanyi, é essencial, em primeiro lugar, na formação, e em seguida, na manutenção de sistemas sociais. E o tipo específico de informação replicativa adequada a uma sociedade de parceria é clara e totalmente (a idéia básica de igualdade, por exemplo) inadequado a uma sociedade de dominação. As normas — ou o que é considerado normal e correto — sob estes dois tipos de organização social constituem, como já vimos, pólos distintos.

Assim, foram feitas mudanças fundamentais na informação replicativa, a fim de substituir uma organização social de parceria por outra, baseada na dominação respaldada pela força. Voltando à analogia biológica, seria necessário um código replicativo inteiramente diferente. E esse novo código deveria ser fixado na mente de cada homem, mulher criança, até suas concepções da realidade serem completamente modificadas, de forma a se adequarem aos requisitos de uma sociedade dominadora.

É impossível, em algumas páginas, pelo menos começar a descrever um processo que durou milênios e ainda está em andamento e nossa época: o processo por meio do qual a mente humana foi, às vezes pela brutalidade e às vezes com sutileza, às vezes deliberadamente e às vezes de forma involuntária, remodelada em um novo tipo de mente, necessária a esta drástica mudança em nossa evolução cultural. Esse foi um processo que, como vimos, acarretou enorme destruição física, que prosseguiu até períodos históricos. De acordo com a Bíblia, os hebreus, e mais tarde também os cristãos e muçulmanos, arrasaram templos, destruíram bosques de árvores sagradas e esmagaram ídolos pagãos.[19] Tal processo acarretou também grande destruição espiritual, que prós seguiu em tempos históricos. Não só com a queima de livros, mas através da queima e perseguição a hereges, os quais, não percebendo a realidade na forma prescrita, eram mortos ou convertidos.

Diretamente, por meio da coerção pessoal, e indiretamente, por meio de intermitentes demonstrações sociais de força tais como inquisições e execuções públicas, os comportamentos, as atitudes e as percepções que não se enquadravam às normas dominadoras foram sistematicamente desencorajados. Esse condicionamento ao temor tomou-se parte de todos os aspectos da vida cotidiana, permeando a criação de crianças, as leis e as escolas. Por meio destes e de outros instrumentos de socialização, o tipo de norma replicativa necessária para estabelecer e manter uma sociedade de dominação foi distribuído através do sistema social.

Durante milênios, um dos mais importantes entre esses instrumentos de socialização foi a "educação espiritual" realizada pelos antigos cleros. Como parte integral do poder de estado, esses cleros serviram e foram membros de elites masculinas, que governavam e exploravam o povo em toda a parte.

Os sacerdotes que divulgavam sua palavra como divina — a palavra de Deus magicamente comunicada a eles — receberam o apoio de exércitos, tribunais e executores. Porém, seu respaldo básico não era temporal, mas espiritual. Suas armas mais poderosas eram as histórias "sagradas", os rituais e éditos sacerdotais através dos quais inculcavam sistematicamente nas mentes das pessoas o

temor às terríveis deidades, remotas e "inescrutáveis", pois as pessoas precisavam aprender a obedecer às deidades — e seus representantes terrestres —, que agora exerciam de forma arbitrária os poderes de vida e morte dos modos mais cruéis injustos e extravagantes, até hoje muitas vezes explicados como "a vontade de Deus".

Até hoje, as pessoas ainda aprendem nas histórias "sagradas" o que é bom e mau, o que deve ser imitado ou abominado, e o que deve ser aceito como estabelecido divinamente, não só pela própria pessoa mas por todas as outras. Através de cerimônias e rituais, as pessoas também participavam dessas histórias. Em conseqüência, os valores ali expressos penetram nos mais profundos recessos da mente, onde, até mesmo em nosso tempo, são guardados como verdades imutáveis e santificadas.

O tipo de controle homogéneo e centralizado exercido, com estas histórias sagradas, pelos sacerdotes das cidades-estados teocráticas da Antiguidade é de difícil compreensão hoje em dia, quando, exceto onde a religião, a censura de estado ou os meios de comunicação o desencorajam, as pessoas podem ter acesso a uma variedade de pontos de vista. Na Antiguidade, o que havia disponível para leitura, ou, no caso das massas ignorantes, para audição, era bem mais limitado. E expressava, acima de tudo, as opiniões oficialmente sancionadas. Além do mais, era impossível a replicação de quaisquer idéias capazes de debilitar a ideologia oficialmente sancionada, pois mesmo se a censura teocrática de certa forma pudesse ser evitada, a punição para tal heresia era a tortura hedionda e a morte.

A época havia, como há ainda hoje, lembranças populares de antigos mitos, rituais, poemas e canções. Mas, gradativamente, com o passar das gerações, elas se tomaram mais deturpadas e mutiladas, à medida que sacerdotes, escritores de canções è odes, poetas e escribas as converteram no que consideravam favorável aos olhos de seus senhores.

Sem dúvida, muitos desses homens acreditavam que seus atos representavam também a vontade de seus deuses, sentindo-se divinamente inspirados. Mas, fosse em nome dos deuses, bispos ou reis, em nome da fé, ambição ou medo, esse trabalho de constante modelação e remodelação da literatura normativa oral e escrita não acompanhou simplesmente a mudança social. Ele foi parte integrante do processo de modificação da norma, processo por meio do qual, gradualmente, uma sociedade masculina, violenta e hierárquica começou a ser vista não só como normal, mas também como correta.

A metamorfose do mito

Em seu livro 1984, George Orwell previu uma época em que um "Ministro da Verdade" reescreveria todos os livros e remodelaria todas as idéias, a fim de ajustá-las às necessidades dos homens que estivessem no poder.[20] Contudo, o terrível não é a possibilidade de acontecer tal coisa, mas o fato de já ter acontecido há muito tempo, em quase todo o mundo antigo.[21]

No Oriente Médio, primeiro na Mesopotâmia e em Canaâ, e posteriormente nos reinos hebraicos da Judéia e Israel, a reelaboração das histórias sagradas, ao lado da nova redação dos códigos da lei, foi em grande parte trabalho dos sacerdotes. Como na Europa antiga, esse processo iniciou-se com as primeiras invasões androcráticas e prosseguiu ao longo de milênios, à proporção que o Egito, a Suméria e todas as terras do Crescente Fértil foram aos poucos sendo transformados em sociedades guerreiras dominadas pelo homem. De acordo com a ampla documentação apresentada pelos pesquisadores bíblicos, tal processo de reelaboração dos mitos ainda estaria acontecendo em 400 a.C., quando os estudiosos nos dizem que os sacerdotes hebraicos reescreveram pela última vez o Antigo Testamento.[22]

A redução final, em um livro sagrado — a primeira parte de nossa Bíblia —, dos mitos e leis que afetaram tão profundamente nossas mentes ocidentais ocorreu cerca de um século após Esquilo escrever a *Oréstia* na Grécia. Nessa época, na Palestina, a mitologia bíblica na qual o

judaísmo, o cristianismo e o islamismo ainda se baseiam, foi reexaminada, organizada e ampliada por um grupo de sacerdotes hebreus identificados pelos estudiosos bíblicos como S, ou escola sacerdotal. Esse rótulo iria distingui-los de antigos refazedores de mitos, tais como E ou escola de Elohim, o qual escreveu no reino do norte de Israel, ou J de escola Javé do reino sul da Judéia. Esses grupos editoriais E e J anteriormente haviam reescrito mitos cananeus e babilônicos, bem como a história hebraica, de forma a adequar-se a seus objetivos. Depois o grupo S começou a trabalhar sobre esses antigos textos heterogêneos, na tentativa de produzir um novo pacote sagrado. Seu objetivo, para citar os estudiosos bíblicos que comentaram a famosa Bíblia Dartmouth, consistia em "transformar em realidade o projeto para um estado teocrático".[23]

De acordo com esses estudiosos religiosos, essa nova redação dos mitos, implicasse ou não uma conspiração de idéias politicamente motivada, decerto envolvia uma conspiração de documentos. "Eles fundiram o material de J e E", escrevem os comentaristas da Bíblia de Dartmouth a respeito da escola S ou sacerdotal, "introduzindo a muito conhecida linha S." Continuam eles: "A quantidade e natureza desta última contribuição dos autores sacerdotais surpreende aqueles não familiarizados com o trabalho deles. Pensam incluir quase metade do Pentateuco, pois muitos estudiosos atribuem a S onze capítulos dos cinqüenta do Gênese, dezenove dos quarenta do Êxodo, vinte e oito dos trinta e seis dos Números e todo o Levítico."[24]

Além disso, muito do que antes era considerado sagrado, como alguns dos chamados livros apócrifos, foi deixado de lado. Além do mais, de acordo com a Bíblia Dartmouth, aqui "a sanção é dada às práticas religiosas da época, lançando suas origens de volta ao passado remoto, ou conferindo uma origem divina às várias práticas".[25] Em suma, nas palavras da Bíblia Dartmouth, essa reelaboração final do mito do que nos foi transmitido como Antigo Testamento consistiu de um "processo fragmentado".[26]

Isto explica por que, a despeito das tentativas de "dar uma impressão de unidade",[27] há tantas contradições e incoerências internas na Bíblia. Um exemplo bem conhecido são as duas histórias diferentes de como Deus criou os seres humanos, encontradas no Capítulo l do Gênese. A primeira afirma terem sido homem e mulher simultaneamente considerados criaturas divinas. A segunda, mais elaborada, fala da criação de Eva como resultado das costelas de Adão.

Muitas dessas incoerências são chaves óbvias para o conflito ainda pendente entre a antiga realidade, que se prolongou na cultura popular, e as novas realidades que a classe dominante sacerdotal tentava impor. Por vezes, o conflito entre normas antigas e novas é evidente, como na história da igualdade *versus* a supremacia masculina no primeiro casal humano. Mas, com maior freqüência, o conflito entre antigo e novo não é tão óbvio.

Impressionante é o tratamento bíblico dado à serpente. De fato, o papel representado pela serpente na dramática expulsão da humanidade do jardim do Éden só faz sentido no contexto da realidade antiga, em que a serpente era um dos símbolos principais da Deusa.

Nas escavações arqueológicas em todo o neolítico, a serpente é um dos temas mais freqüentes. "A cobra e seu derivado abstraio, a espiral, são os motivos dominantes na arte da Europa antiga", escreve Gimbutas.[28] Ela observa também a sobrevivência da associação da serpente e da Deusa em tempos históricos, não só em sua forma original, como em Creta, mas através de uma variedade de mitos gregos e romanos posteriores, tais como os de Atena (Minerva), Hera (Juno), Deméter (Ceres), Atargatis e Dea Síria.[29] No Oriente Médio e grande parte do Extremo Oriente acontece o mesmo. Na Mesopotâmia, a Deusa descoberta em um sítio arqueológico do século XXIV a.C. possui uma serpente enroscada em volta de sua garganta. O mesmo ocorre com uma figura praticamente idêntica de 100 a.C. na Índia.[30] Na antiga mitologia egípcia, a deusa naja Ua Zit é a criadora original do mundo. A deusa cananéia Astaroth, ou Astarte, é representada com a serpente. Em um baixo-relevo sumério de 2500 a.C. denominado a Deusa da Árvore da Vida, encontramos duas serpentes ao lado direito de duas imagens da Deusa.[31]

E evidente que a serpente era um símbolo do poder da Deusa, símbolo por demais importante, sagrado e onipotente para ser ignorado. Se a mente primitiva devia ser remodelada de

forma a adequar-se às exigências do novo sistema, a serpente teria de ser tomada como um dos emblemas das novas classes dominantes, ou então derrotada, distorcida e desacreditada.

Assim, na mitologia grega, ao lado de Zeus, deus do Olimpo, a serpente toma-se um símbolo do novo poder.[32] Da mesma forma, há uma serpente no escudo de Atena, a deidade agora metamorfoseada em deusa não só da sabedoria, mas também da guerra. Até mesmo uma serpente viva era mantida no Erecteu, construção junto ao templo de Atena na Acrópole.[33]

Esta apropriação da serpente pelos novos senhores indo-europeus da Grécia serviu a objetivos políticos bem práticos. Ajudou a legitimar o poder dos novos senhores. Através dos efeitos desorientadores provocados por um símbolo poderoso, que no passado pertencera à Deusa, em mãos alienígenas, ela serviu também como constante lembrete da derrota da Deusa pêlos deuses conquistadores da violência e da guerra.

Também simbolizando a derrota da antiga ordem aparecem as muitas mortes de serpentes, sobre as quais lemos nas lendas gregas. Zeus mata a serpente Sífon; Apoio extermina a serpente Píton; e Hércules mata a serpente Ladon, guardiã da sagrada árvore frutífera da deusa Hera, supostamente ofertada a ela pela deusa Gaia por ocasião de seu casamento com Zeus.

Da mesma forma, encontramos no Crescente Fértil o mito de Baal (o qual é ao mesmo tempo deus da tempestade e irmão-consorte da Deusa) subjugando a serpente Lotan ou Lowtan (sugestivamente, Lat na língua cananéia significa Deusa). E em Anatólia temos a história de como o deus hitita indo-europeu assassina o dragão Illuyankas.[34]

No mito hebraico, segundo Jó, 41:1 e o Salmo 74, Jeová mata a serpente Leviatã, agora representada por um terrível monstro marinho com muitas cabeças. Mas, ao mesmo tempo, lemos na Bíblia Dartmouth que o símbolo mais sagrado da religião hebraica, a arca da aliança, ao que parece originalmente não continha os Dez Mandamentos. Nesta arca, que até hoje desempenha um papel central nos ritos judaicos, havia uma serpente feita de bronze.[35]

Esta é a mesma serpente de bronze de que nos falam em Reis 2:18, a qual, segundo Joseph Campbell, era "cultuada no próprio templo de Jerusalém, junto com a imagem de sua esposa, a poderosa deusa, ali conhecida como Asherah".[36] De acordo com a Bíblia, só por volta de 700 a.C., durante a grande perseguição religiosa realizada pelo rei Ezequias, esta serpente de bronze, sobre a qual se comenta ter sido feita no deserto pelo próprio Moisés a fim de provar o poder de Jeová, foi por fim retirada do templo e destruída.[37]

A evidência mais surpreendente do poder duradouro da serpente, contudo, chega-nos com a história da expulsão de Adão e Eva do paraíso.[38] É a serpente quem aconselha a mulher a desobedecer a Jeová e alimentar-se da árvore da sabedoria, conselho que desde então é considerado responsável pela condenação da humanidade à punição eterna.

Há muitas tentativas dos teólogos para interpretar a expulsão do paraíso de forma que não "explica" o barbarismo, a crueldade e a insensibilidade como resultados inevitáveis do "pecado original". De fato, a reinterpretação desse que é o mais famoso mito de todas as religiões com simbolismo novo e humanista combina integralmente com a transformação ideológica que deverá acompanhar a mudança social, econômica e tecnológica de um sistema dominador para um sistema de parceria. Mas é também essencial compreendermos claramente o significado social e ideológico dessa importante história, em termos de seu contexto histórico.

Na verdade, só sob tal perspectiva histórica faz sentido o fato de Eva aconselhar-se com a serpente. Não é nada casual o fato de a serpente, antigo símbolo profético ou oracular da Deusa, aconselhar Eva, o protótipo da mulher, a desobedecer às ordens de um deus masculino. Tampouco é casualidade Eva seguir o conselho da serpente, desrespeitando as ordens de Jeová e comendo da sagrada árvore da sabedoria. À semelhança da árvore da vida, a árvore da sabedoria também era um símbolo associado à Deusa na mitologia primitiva. Além do mais, sob a antiga realidade mítica e social (como ainda era o caso da Pitonisa da Grécia e depois de Sibila em Roma) uma mulher, como sacerdotisa, era o veículo da sabedoria e revelação divinas.

Segundo a perspectiva da realidade anterior, as ordens desse poderoso e arrogante Deus Jeová para que Eva não comesse da árvore sagrada (fosse da sabedoria, do conhecimento divino ou da vida) teriam sido não só artificiais como sacrílegas. Bosques de árvore sagradas eram parte integral da antiga religião, assim como os ritos destinados a induzir nos adoradores uma consciência receptiva à revelação das verdades divinas ou místicas — ritos estes em que as mulheres exerciam as funções de sacerdotisas da Deusa.

Assim, em termos da realidade antiga, Jeová não tinha o direito de dar tais ordens. Mas, já tendo sido elas dadas, não se poderia esperar que Eva ou a serpente obedecessem, como representantes da Deusa.

Enquanto esta parte da história da expulsão só faz sentido à luz da realidade antiga, o restante só faz sentido em termos do poder político impositivo de uma sociedade dominadora, pois, à semelhança da transformação posterior do touro de chifres (outro antigo símbolo associado ao culto à Deusa) no demônio de chifres e cascos da iconografia cristã, a transformação do símbolo antigo de sabedoria oracular em símbolo de mal satânico e a atribuição de culpa à mulher por todos os infortúnios da humanidade constituíram expedientes políticos, inversões deliberadas da realidade anteriormente percebida.

Dirigidas contra o público original da Bíblia — o povo de Canaã, o qual ainda recordaria as terríveis punições infligidas a seus ancestrais pelos homens que trouxeram consigo os novos deuses da guerra e do trovão —, as terríveis conseqüências da desobediência de Eva às ordens de Jeová foram mais do que simples alegoria sobre a "pecaminosidade" do ser humano. Elas significaram um evidente aviso de que se deveria evitar o culto, ainda existente, à Deusa.

O "pecado" de Eva ao desafiar Jeová e lançar-se na fonte da sabedoria foi essencialmente sua recusa em abdicar desse culto. E, como Eva — simbolicamente a primeira mulher — agarrou-se à antiga fé com mais tenacidade do que Adão, o qual se limitou a seguir sua liderança, as punições de Eva seriam mais terríveis. Dali em diante, ela teria de se submeter a tudo. Não só seu infortúnio mas também a concepção — o número de filhos que deveria criar — seriam grandemente multiplicados.[39] Para toda a eternidade, ela passaria a ser dominada por esse Deus vingativo e seu representante terrestre, o homem.

Além disso, a difamação da serpente e a associação da mulher ao mal representaram formas de desacreditar a Deusa. De fato, o exemplo mais revelador de como a Bíblia serviu para estabelecer e manter uma realidade de dominação, hierarquia e guerra masculinas não está na forma como ela lidou com a serpente. Ainda mais revelador — e, como veremos nos capítulos seguintes, extraordinário — foi o modo como os homens que escreveram a Bíblia lidaram com a própria Deusa.[40]

CAPITULO 7

A REALIDADE DE PERNAS PARA O AR: PARTE II

No início, os invasores não passavam de bandos de saqueadores que assassinavam e espoliavam. Na Europa antiga, por exemplo, o abrupto desaparecimento de culturas estabelecidas coincide com o surgimento inicial de tumbas de chefes kurgos.[1] Na Bíblia lemos de que forma cidades inteiras eram incendiadas rotineiramente, até restarem apenas cinzas, e como obras-de-arte — incluindo as imagens mais sagradas dos povos conquistados, os "ídolos pagãos" de que nos falam os eruditos bíblicos — eram derretidas, transformadas em ouro para transporte mais fácil.[2]

Algum tempo depois, porém, os novos senhores começaram a mudar. Eles — e seus filhos e netos, e, por sua vez, os filhos e netos destes — adotaram algumas das tecnologias, valores e modos de vida mais avançados das populações conquistadas. Estabeleceram-se, e muitas vezes tomavam mulheres locais como esposas. A semelhança dos senhores micênicos em Creta e do rei Salomão em Canaã, foram se interessando pelas coisas mais "refinadas" da vida. Construíram palácios e autorizaram as obras-de-arte.

Assim, gradativamente, após as sucessivas ondas de invasões, o impulso rumo ao refinamento e maior complexidade cultural e tecnológica se fez valer. Todas as vezes, após algum período de regressão cultural, o curso interrompido da civilização era retomado. Mas agora a , civilização tomou um rumo diferente, pois, se os senhores quisessem' manter suas posições de dominação, um determinado aspecto da antiga cultura não poderia ser absorvido. Esse aspecto ou, mais exatamente, este complexo de aspectos era o cerne, sexual e socialmente igualitário e pacífico, do antigo modelo de parceria na sociedade.

A nova rota da civilização

A continuação de dois sistemas — um modelo dominador sobreposto ao antigo modelo de parceria — implicava enorme risco de que o antigo sistema, com todo o seu apelo ao povo sedento de paz e liberdade em relação à opressão, pudesse recobrar sua força. O antigo sistema socioeconômico, no qual os líderes dos clãs matrilineares mantinham a terra como propriedade do povo, tomava-se assim uma constante ameaça.

Para consolidar o poder das novas elites dominantes, essas mulheres precisariam ser despidas de seu poder de decisão. Ao mesmo tempo, as sacerdotisas teriam que ser despojadas da autoridade espiritual. E o sistema patrilinear deveria substituir o matrilinear mesmo entre os povos conquistados — o que de fato ocorreu na Europa antiga, em Anatólia, na Mesopotâmia e em Canaã, onde as mulheres cada vez mais passaram a ser consideradas instrumentos de produção e reprodução controlados pelos homens, em vez de membros independentes e líderes da comunidade.

Mas as mulheres não foram só demovidas de suas antigas posições de responsabilidade e poder. De forma igualmente crítica, com os novos progressos tecnológicos, foram usadas na consolidação e manutenção de um sistema socioeconômico baseado na superioridade.

Características das sociedades dominadoras, as tecnologias de destruição passaram a merecer a mais alta prioridade. Não só eram altamente honrados e recompensados os homens mais fortes e brutais por seu valor técnico na conquista e pilhagem; os recursos materiais também passaram a ser canalizados para armamentos cada vez mais sofisticados e letais. Pedras preciosas, pérolas, esmeraldas e rubis eram incrustados nos punhos de escudos e espadas. Embora as

correntes com que os conquistadores arrastavam seus prisioneiros ainda fossem feitas à base de metais, até mesmo as carruagens desses reis, imperadores e senhores da guerra mais refinados eram feitas de prata e ouro.

Com a nova ascensão da evolução tecnológica, depois da paralisação ou regressão dos tempos de invasões, a quantidade de alimentos e o acúmulo de bens materiais aumentaram. Mas sua distribuição mudou. Creta enfatizara as obras públicas e um bom padrão de vida geral. Agora, com tecnologias mais avançadas proporcionando o aumento da produção de bens materiais, os governantes se apropriaram do volume dessa nova riqueza e apenas os restos foram deixados para seus súditos.

A evolução social também retomou seu impulso ascendente, e as instituições políticas, econômicas e religiosas tomaram-se cada vez mais complexas. No entanto, como novas especializações e funções administrativas tomavam-se necessárias às novas tecnologias, estas também passaram a ser controladas pêlos conquistadores poderosos e seus descendentes.

No padrão típico desse controle, esses homens primeiro alcançaram posições de dominação através da destruição e apropriação da riqueza de territórios conquistados, em vez de criarem novas riquezas. Em seguida, como a maior complexidade tecnológica e social criou a necessidade de novos papéis na produção e administração de riqueza, também apropriaram-se deles. Os papéis mais vantajosos e lucrativos ficavam nas mãos dos homens que estavam no poder; o restante era distribuído entre aqueles vassalos que melhor serviam e obedeciam. Entre eles havia por exemplo os novos e lucrativos cargos de coletor de tributos (e posteriormente coletor de impostos), bem como outras posições burocráticas que proporcionavam a seus detentores não só poder prestígio como também riqueza.[3]

Os novos cargos prestigiosos e bem remunerados decerto *não* era oferecidos às chefes dos clãs matrilineares ou às sacerdotisas que ainda se mantinham presas aos velhos preceitos. Ao contrário, como constatamos nos registros das cidades sumérias como Elam, todos os novos papéis sociais de destaque, de poder ou status — e aos poucos também os antigos — foram sendo sistematicamente transferidos das mulher para os homens.[4]

Pois agora, contudo, a força e a ameaça de força determinava quem controlaria os canais de distribuição econômica. A superioridade era o princípio estabelecido para a organização social. A começar pela superioridade da metade masculina da humanidade, mais forte fisicamente, sobre a metade feminina, todas as relações humanas se adaptariam a esse modelo.

Ainda assim, a força não podia ser usada de forma sistemática par obtenção de obediência. Tornava-se necessário estabelecer que os antigos poderes reguladores do universo — simbolizados pelo Cálice dava a vida — haviam sido substituídos por deidades novas e poderosas em cujas mãos a Espada assumiria agora o poder supremo. E nesse ponto uma providência principal precisava ser tomada: não só sua representação terrestre — a mulher — mas a própria Deusa deveriam ser retiradas de seu elevado posto.

Em alguns mitos do Oriente Médio, esse intento foi conseguido através de um relato de como a Deusa foi assassinada. Em outros, ela é subjugada e humilhada através do estupro. Por exemplo, a primeira menção feita ao poderoso deus sumério Enlil na mitologia do Oriente Médio associa-se ao estupro da deusa Ninlil. Tais contos serviam a objetivo social muito importante: ambos simbolizavam e justificavam a imposição da supremacia masculina.

Outro mecanismo comum consistia em reduzir a Deusa à condição subordinada de consorte (esposa) de um deus mais poderoso. Outro artifício ainda residia na sua transformação em deidade marcial. Por exemplo, em Canaã encontramos a sanguinária Ishtar, ao mesmo tempo venerada e temida como deusa da guerra. Da mesma forma, em Anatólia a Deusa também foi transformada em deidade marcial, característica essa, como observa E. O. James, inteiramente ausente em textos primitivos.[5]

Ao mesmo tempo, muitas das funções antes associadas às deidades femininas foram reatribuídas aos deuses. Por exemplo, segundo a antropóloga Ruby Rohrlich-Leavitt, "quando o patrono dos escribas mudou de uma deusa para um deus, só escribas masculinos foram empregados nos templos e palácios, e a história começou a ser escrita de uma perspectiva androcêntrica".[6]

Embora Canaã, assim como a Mesopotâmia, há algum tempo viesse aproximando-se do modelo de sociedade dominadora, sem dúvida as invasões das treze tribos hebraicas não só aceleraram como também radicalizaram este processo de transformação social e ideológica, pois só no relato da Bíblia a Deusa como poder divino encontra-se totalmente ausente.

A ausência da Deusa

Esta absoluta negação do feminino — conseqüentemente, da mulher —partilhando a divindade é extraordinária à luz do fato de grande parte da mitologia hebraica ter sido retirada dos antigos mitos da Mesopotâmia e Canaã. Ainda mais notáveis, diante de indícios arqueológicos, são as evidências de que o povo de Canaã, muito após as invasões hebraicas, e incluindo os próprios hebreus, continuou a cultuar a Deusa.

Como escreve o historiador bíblico Raphael Patai em seu livro *A Deusa Hebraica*, **achados arqueológicos não deixam "dúvida de que até o fim da monarquia hebraica o culto a antigos mitos de Canaã constituiu parte integral da religião dos hebreus". Além do mais, "a adoração à Deusa representava nessa religião popular papel bem mais importante do que o dos deuses".[7] Por exemplo, no outeiro de Tell Beit Mirsim (cidade bíblica de Devir, a sudoeste da atual Hebron), os objetos religiosos mais comuns encontrados em níveis posteriores do bronze (vinte e um a trinta séculos a.C.) eram as chamadas estatuetas ou placas de Astarte. Mesmo após a invasão hebraica de cerca de 1300-1200 a.C., como observa Patai, "evidências arqueológicas não deixam dúvida de que estas estatuetas eram muito populares entre os hebreus".[8]**

Naturalmente, há algumas alusões a esse fato na própria Bíblia. Os profetas Esdras, Oséias, Neemias e Jeremias reclamavam com freqüência contra a "abominável" adoração a outros deuses. Mostravam-se particularmente indignados com aqueles que ainda cultuavam a "Rainha dos Céus".[9] E sua ira lançava-se sobretudo contra "a deslealdade das filhas de Jerusalém", as quais compreensivelmente "reincidiam" nas crenças em que toda autoridade temporal e espiritual não era monopólio dos homens. Mas, afora essas passagens ocasionais, e sempre pejorativas, não há vestígios da existência — ou possibilidade de existência — de uma deidade não-masculina.

Fosse como deus do trovão, da montanha ou da guerra, ou posteriormente como o deus mais civilizado dos profetas, há um só deus: o "ciumento" e inescrutável Jeová, que na mitologia cristã posterior envia seu único filho divino, Jesus Cristo, para morrer, assim expiando os "pecados" de seus filhos humanos. Embora a palavra hebraica Elohim tenha raízes femininas e masculinas (por acaso explicando como na primeira história da criação no Gênese tanto a mulher quanto o homem puderam ser criados à imagem de Elohim), todas as outras denominações da deidade, tais como Rei, Senhor, Pai e Pastor, são especificamente masculinas.[10]

Se fizermos uma leitura da Bíblia como literatura social normativa, veremos que a ausência da Deusa é a mais importante evidência sobre o tipo de ordem social que os homens que escreveram e reescreveram ao longo de muitos séculos este documento religioso lutaram para estabelecer e preservar. Simbolicamente, a ausência da Deusa nas Escrituras Sagradas oficialmente sancionadas representava a ausência de um poder divino que protegesse as mulheres e vingasse os erros que lhes fossem infligidos pelos homens.

Isso não significa que a Bíblia não contenha importantes preceitos éticos e verdades místicas, ou que o judaísmo, como se desenvolveu posteriormente, não tenha feito contribuições positivas à história ocidental. De fato, muito embora esteja cada vez mais evidente originarem-se

tais preceitos e verdades de antigas sabedorias, grande parte da civilização ocidental humanitária e justa provém dos ensinamentos dos profetas hebraicos. Por exemplo, muitos dos ensinamentos de Isaías, de onde são derivados inúmeros ensinamentos posteriores de Jesus, destinavam-se a uma sociedade de parceria e não de dominação. No entanto, misturado ao que há de humanitário e elevado, muito do que encontramos na Bíblia judaico-cristã é uma rede de mitos e leis destinados a impor, manter e perpetuar um sistema dominador de organização econômica e social.[11]

A semelhança dos kurgos, os quais muitos milênios antes invadiram a Europa antiga, as tribos hebraicas que varreram Canaã, oriundas dos desertos do sul, eram formadas por invasores periféricos que trouxeram consigo seu deus da guerra: o feroz e ciumento Javé, ou Jeová. Eles eram mais adiantados tecnológica e culturalmente do que os kurgos, mas, assim como os indo-europeus, também eram dominados por homens muito violentos e belicosos. Em seguidas passagens do Antigo Testamento, lemos de que maneira Jeová deu ordens para que se destruísse, pilhasse e matasse — e como efetivamente tais ordens foram cumpridas.[12]

A sociedade hebraica tribal, assim como as dos kurgos e indo-europeus, também era extremamente hierárquica, dominada pela tribo de Moisés, os levitas. Sobreposta a ela havia uma elite ainda menor, a família de Konath ou Cohen, sacerdotes hereditários descendentes de Aarão, os quais representavam as autoridades supremas. De acordo com o Antigo Testamento, os homens deste clã declaravam que seu poder originava-se diretamente de Jeová. Mais ainda, os estudiosos bíblicos nos falam de uma elite sacerdotal que muito provavelmente realizou grande parte do trabalho de reescrever o mito e a história que solidificariam sua posição dominadora.[13]

Por fim — concluindo e reforçando a configuração de uma sociedade de violência, autoritarismo e dominação masculina — encontramos a proclamação explícita do Antigo Testamento de que a vontade de Deus seja a mulher dominada pelo homem, pois, à semelhança dos kurgos e outros invasores indo-europeus que realizaram tamanha devastação na Europa e Ásia Menor, a antiga sociedade tribal hebraica consistia em um sistema rigidamente dominado pelo homem.

Mais uma vez, é imperativo salientar que tal fato não significa, nem com todo o exercício da imaginação, ter sido a religião dos antigos hebreus — e muito menos o judaísmo — culpada pela imposição de uma ideologia de dominação. A mudança da realidade de parceria para a de dominação começou muito antes das invasões hebraicas de Canaã, ocorrendo ao mesmo tempo em diversas regiões do mundo antigo. Além do mais, o judaísmo vai bem além do Antigo Testamento em suas concepções de deidade e moralidade, e na tradição mística da Shekhina ele realmente retém muitos dos elementos do antigo culto à Deusa.

Como foi visto, na verdade o culto à Deusa disseminou-se entre a religião dos povos hebraicos até tempos monárquicos. Ocasionalmente, houve também mulheres, tais como a profetisa e juíza Débora, que ainda ascendiam a posições de liderança. Mas, em sua maioria, a antiga sociedade hebraica era liderada do alto por uma pequena elite composta de homens. Sob uma ótica mais crítica, segundo o Antigo Testamento, as leis elaboradas por essa casta masculina dominante definia as mulheres não como seres humanos livres e independentes, mas como propriedade privada do homem. Primeiro elas pertenciam aos pais. Depois, tomavam-se posse de maridos ou senhores, assim como qualquer criança que dessem à luz.

Segundo a Bíblia, crianças do sexo feminino e as mulheres de cidades-estados conquistadas, as quais, como diz nossa Bíblia do rei Jaime, "não conheciam um homem por deitar com ele", eram regularmente escravizadas, segundo as ordens de Jeová.[14] No Antigo Testamento, também vemos os escravos por dívida, que são denominados servos e servas pela Bíblia do rei Jaime, e vemos como a lei estabelecia que um homem poderia vender sua filha como serva. E mais ainda, quando um servo era libertado, de acordo com a lei bíblica, sua esposa e filhos continuavam como propriedade do senhor.[15]

Mas não eram só as servas, concubinas e sua prole que constituíam propriedade masculina. A conhecida história de Abraão oferecendo o filho que tivera com Sara, Isaac, a Jeová para

sacrifício ilustra dramaticamente como até mesmo filhos de esposas legítimas estavam sob controle absoluto dos homens. E, como conta a famosa história do modo como Jacó comprou sua esposa Lia trabalhando sete anos para o pai dela, assim viviam em essência todas as mulheres.

Sexo e economia

Talvez em nenhum lugar esta visão desumanizada das mulheres seja tão evidente quanto após cuidadosa leitura da quantidade de prescrições e proscrições bíblicas que nos tem sido ensinada com o objetivo de proteger a virtude feminina. Por exemplo, em Deuteronômio, 22:28-29, lemos: "Se um homem encontra uma donzela virgem, a qual não esteja noiva, e a arrebata e dorme com ela, e são descobertos, então o homem que deitou com ela deverá oferecer ao pai da donzela cinqüenta sidos de prata, e ela deverá tomar-se sua esposa." A impressão que temos é a de que esse tipo de lei representava um grande avanço, um passo moral e humano à frente na civilização de pagãos imorais e pecadores. Mas se analisarmos tal lei de forma mais objetiva, no contexto social e econômico em que foi decretada, torna-se evidente não derivar-se ela de quaisquer considerações morais ou humanas. Ao contrário, ela foi elaborada a fim de proteger os direitos de propriedade dos homens em relação a "suas" esposas e filhas.

Esta lei afirma que uma moça solteira e desvirginada não é mais um bem economicamente valioso, e seu pai deve ser ressarcido. E quanto à exigência legal de que o homem causador deste problema econômico despose a moça, em uma sociedade onde os maridos praticamente possuíam poder ilimitado sobre suas esposas, tal casamento forçado dificilmente pode ser considerado oriundo de alguma preocupação com a felicidade da moça. Ao contrário, essa punição destinava-se a proteger a economia masculina: como a jovem tomou-se mercadoria sem valor de mercado, não seria "justo" continuar sobrecarregando o pai com ela. A moça precisava ser adquirida pelo homem causador da perda de seu valor.

O verdadeiro objetivo de todo este sistema de costumes e leis sexuais "morais" é ainda mais brutalmente demonstrado em Deuteronômio, 22:13-21. Estes versículos falam do caso de um homem que alega, desde a descoberta de que sua noiva não era virgem, ter passado a "odiá-la" e desejar livrar-se dela. As soluções legais oferecidas na Bíblia para este tipo de situação são as seguintes: se os pais da noiva puderem apresentar "os sinais da virgindade da donzela" e "expor o lençol diante dos idosos da cidade", o mando terá de pagar ao pai da noiva cem sidos de prata e ele não poderá devolver a esposa a seus pais enquanto ela viver, mas se a virgindade da noiva não for satisfatoriamente estabelecida, o marido poderá de fato livrar-se dela, pois a lei ordena que "levem a donzela até a porta da casa de seu pai, e os homens da cidade deverão apedrejá-la até que ela morra".

A Bíblia refere-se à existência de um bom motivo para matar uma mulher que não é virgem ao casar, qual seja, que "ela provocou o desvario em Israel ao mostrar-se prostituta na casa de seu pai". Traduzido em linguagem contemporânea, ela deve ser morta como punição por trazer a desonra não só a seu pai, mas a sua família em geral, às doze tribos de Israel. E em que consiste esta desonra? Que injuria ou dano a perda da virgindade de uma menina pode realmente causar a seu povo e a seu pai?

A resposta reside no fato de uma mulher que se comporta como pessoa sexual e economicamente livre ser uma ameaça a toda a estrutura social e econômica de uma sociedade rigidamente masculina. Tal comportamento não pode ser aprovado, sob pena de desintegração de todo o sistema social e econômico. Daí a "necessidade" de condenação social e religiosa rigorosa e de punição extrema.

Em nível essencialmente prático, estas leis reguladoras da virgindade feminina destinavam-se a proteger transações basicamente econômicas entre os homens. Exigindo compensação ao pai, caso a acusação contra a mulher fosse comprovadamente falsa, a lei oferecia punição por falsa

difamação da reputação do homem, honesto mercador. Ela oferecia também ao pai uma outra proteção. Se a acusação fosse falsa, a mercadoria em questão (sua filha) jamais poderia ser devolvida. Por outro lado, permitindo que os homens da cidade apedrejassem a filha até a morte, caso a acusação fosse verdadeira, a lei protegia também o pai. Como a noiva desonrada não poderia ser revendida, providenciava-se a destruição deste bem agora economicamente sem valor. Da mesma forma, as leis bíblicas do adultério, exigindo a morte tanto do adúltero quanto da adúltera, proporcionavam a punição de um ladrão (o homem que "roubou" a propriedade de outro homem) e a destruição de uma mercadoria danificada (a esposa que trouxe a "desonra" ao marido).

Mas os homens que elaboraram as regras mantenedoras da ordem socioeconômica não falaram com esses termos econômicos crassos. Ao contrário, afirmaram que seus éditos eram não só morais, justos e respeitáveis, mas a palavra de Deus. E desse dia em diante, após aprender a considerar nossas Sagradas Escrituras produto de sabedoria divina, ou ao menos moral, é difícil para nós considerar a Bíblia objetivamente e perceber o verdadeiro significado de uma religião em que a suprema e única deidade é masculina.

Ensinaram-nos que a tradição judaico-cristã representou o maior avanço moral de nossa espécie. De fato, inicialmente a Bíblia preocupava-se com o que é certo e errado. Mas o conceito do que é certo e errado em uma sociedade dominadora não é o mesmo que em uma sociedade de parceria. Há, como já salientado, muitos ensinamentos, tanto no judaísmo quanto no cristianismo, adequados a um sistema de parceria das relações humanas. Mas, na medida em que reflete uma sociedade dominadora, a moralidade bíblica é no mínimo estreita. Na pior das hipóteses, consiste de uma pseudomoralidade na qual a vontade de Deus não passa de artifício para encobrir crueldade e barbarismo.

Em Números 31, por exemplo, lemos o que aconteceu após a queda de Madian. Depois de assassinar todos os adultos masculinos, os antigos invasores hebreus "tomaram todas as mulheres de cativos madianitas e seus filhos". Em seguida, Moisés disse-lhes ser esta a vontade do Senhor: "Matem cada varão entre as crianças e cada mulher que tenha deitado com um homem, mas todas as crianças do sexo feminino e que não conheçam homem por deitar com ele, mantenham-nas vivas para vocês."[16]

Segundo a Bíblia, o mandamento de Deus era uma punição. Uma praga que irrompeu após a vitória, de acordo com Moisés, seria culpa dessas mulheres capturadas. Mas nem isso seria motivo para Deus ordenar que "todas as crianças do sexo feminino que não tenham conhecido homem" fossem mantidas "vivas para vocês". O que *justificaria* isso seria o reconhecimento dos homens das castas dominantes de que, embora os homens que comandavam estivessem dispostos a matar as mulheres mais velhas e os garotos, eles relutariam muito em destruir seu espólio de meninas virgens, pois estas poderiam ser vendidas como concubinas, escravas e até mesmo esposas.

Ética do dominador

A imposição de uma ética dominadora foi tão eficaz que até hoje homens e mulheres que se consideram bons e éticos são capazes de ler passagens como esta sem questionar como um Deus justo e virtuoso pôde ordenar atos tão cruéis e desumanos. Tampouco parecem questionar a moralidade de alguns homens muçulmanos, que mesmo na atualidade, por qualquer infração sexual real ou imaginária, consideram seu dever "proteger a virtude das mulheres", ameaçando matar — e até chegam a matar —suas próprias filhas, irmãs, esposas e netas. Tampouco questionam por que tais preceitos que tiram qualquer valor, a seus próprios olhos bem como aos olhos dos homens em geral, da metade feminina da humanidade, exceto se forem sexualmente "puras", ainda devam ser denominados respeitosamente sob o termo "moralidade".

Pois, uma vez feitas tais indagações, nossa forma de pensar não se adequa mais a uma sociedade dominadora, na qual nosso desenvolvimento moral não vai além disso. Assim, através do processo de replicação de sistemas agora descoberto por cientistas como Vilmos Csanyi, milhões de pessoas ainda hoje mostram-se incapazes de perceber o que nossa literatura sagrada de fato afirma, e como essa literatura funciona de maneira a manter os limites que nos mantêm aprisionados em um sistema dominador.

Talvez o exemplo mais notável dessa cegueira induzida pelos sistemas esteja no tratamento bíblico dado ao estupro. No Livro dos Juizes, capítulo 19, os sacerdotes que escreveram a Bíblia nos falam de um pai que oferece sua filha virgem a uma turba de bêbados. Ele tem um convidado em sua casa, um homem da tribo dos levitas, de alta casta. Um bando de desordeiros da tribo de Benjamin exige que ele saia, aparentemente com a intenção de surrá-lo. "Olhai", fala o pai para a turba, "eis aqui minha filha, uma donzela, e sua concubina (do hóspede); trago-as agora até vós, e degradai-as, e fazei com elas o que vos parecer adequado, mas a este homem não façais tal vileza."[17]

Isso nos chega de passagem, como questão de pequena importância. Em seguida, com o desdobrar da história, sabemos como "o homem tomou sua concubina e levou-a diante deles, e eles a conheceram e violaram-na a noite inteira, até o amanhecer"; como a concubina voltou rastejando até a soleira da porta da casa onde "seu senhor" dormia; como, ao despertar e "abrir a porta da casa, e sair para seguir seu caminho", ele tropeçou na mulher e ordenou: "Levanta, sigamos o caminho"; e como por fim, descobrindo estar ela morta, ele carregou seu corpo às costas e foi para casa.[18]

Em momento algum da narrativa dessa história brutal a respeito da traição da confiança de uma filha e uma amante e do estupro e assassínio de uma mulher desamparada, percebemos qualquer vestígio de compaixão, muito menos de indignação moral ou ultraje. Contudo, ainda mais importante — e intrigante — é que a oferta do pai no sentido de sacrificar o que naquela época constituía atributo mais valioso de sua própria filha, sua virgindade, e possivelmente também sua vida, não violava qualquer lei. Ainda mais intrigante é que as ações que previsivelmente levaram ao estupro, à tortura e ao assassinato, praticados pela turba, de uma mulher essencialmente esposa de um levita tampouco fossem consideradas fora da lei — e este é um livro repleto de prescrições e proscrições aparentemente intermináveis sobre o que é moral e legalmente certo e errado.

Em suma, é tão estreita a moralidade desse texto sagrado que apresenta de forma ostensiva a lei divina, que nele vemos que metade da humanidade podia ser entregue legalmente pelos próprios pais e maridos para ser estuprada, torturada ou morta, sem qualquer temor à punição — ou mesmo desaprovação moral.

Ainda mais brutal é a mensagem de uma história até hoje lida regularmente como parábola moral em congregações e classes de catecismo em todo o mundo ocidental: a famosa história de Lot, que, sozinho, foi poupado por Deus quando as cidades pecadoras e imorais de Sodoma e Gomorra foram destruídas. Aqui, mais uma vez segundo o Génese 19:8, com a mesma insensibilidade prosaica, no que aparentemente era costume difundido e socialmente aceito, Lot oferece as duas filhas virgens (provavelmente ainda crianças, pois naquela época as meninas casavam muito cedo) a uma turba que ameaçava dois convidados masculinos na casa. Outra vez, não há traços de qualquer violação à lei ou qualquer expressão de indignação justiceira diante de tratamento tão anormal dispensado pelo pai às suas próprias filhas. Muito ao contrário, como os dois hóspedes de Lot eram anjos enviados por Deus, enquanto o Senhor "fez chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo" por suas "perversões", Lot foi recompensado pelas *suas*!. Só ele e a família foram poupados.[19]

Segundo a perspectiva da teoria de transformação cultural, o que podemos depreender desses exemplos de moralidade bíblica e do sistema que buscava manter? Fica claro que a moralidade que impõe a escravidão sexual feminina era imposta pelos homens de forma a

satisfazer as exigências econômicas de um sistema rigidamente masculino em que a propriedade era transmitida de pai para filho e os benefícios do trabalho de mulheres e crianças destinavam-se ao homem. Ela era também imposta a fim de satisfazer à exigência política e ideológica de que as realidades sociais da antiga ordem na qual as mulheres eram sexual, econômica e politicamente livres, e na qual a Deusa era a deidade suprema, fossem inteiramente anuladas. Pois só através de tal anulação poderia ser mantida uma estrutura de poder baseada em rígidas categorias.

Segundo vimos, não foi coincidência, em todo o mundo antigo, a imposição do domínio masculino como parte da mudança de uma forma de organização pacífica e igualitária da sociedade humana para uma ordem hierárquica e violenta governada por homens gananciosos e brutais. Tampouco é coincidência, considerando-se de uma perspectiva sistêmica, as mulheres serem excluídas, no Antigo Testamento, de seus antigos papéis de sacerdotisas, a fim de que as leis religiosas que passaram a governar a sociedade fossem elaboradas unicamente pêlos homens. Não há coincidência tampouco nas árvores da sabedoria e da vida, outrora associadas ao culto da Deusa, serem apresentadas aqui como propriedade privada de uma deidade masculina suprema — simbolizando e legitimando o poder absoluto de vida e morte, das castas masculinas dominantes sobre a sociedade, bem como de todos os homens sobre as mulheres.

O conhecimento é nocivo, o nascimento é torpe, a morte é sagrada

Segundo o relato do Gênese sobre como Adão e Eva foram eternamente punidos por desafiar as ordens de Jeová para que se mantivessem longe da árvore da sabedoria, qualquer rebelião contra a autoridade do sacerdócio masculino dominante — e, segundo as ordens diretas de Jeová, dos homens em geral — constituía pecado abominável. Tanto o autoritarismo quanto a dominação masculina foram fortemente justificados pela mesma máxima que modernos totalitários e pseudototalitários, sejam eles da direita teísta ou da esquerda ateísta, ainda pregam a seus seguidores: Não pensem, aceitem o que *é*, aceitem o que a *autoridade* considera verdadeiro. Acima de tudo, *não* usem sua inteligência, seus próprios poderes mentais, para questionar-nos ou buscar conhecimento independente, pois, se o fizerem, a punição será terrível.

Mas ao mesmo tempo que desobedecer à autoridade e ousar buscar conhecimento independente do que é bom e mau são apresentados como o mais abominável dos crimes, matar e escravizar seres humanos e destruir e apropriar-se de sua propriedade são, em nossa Bíblia, freqüentemente perdoados. Na verdade, a morte na guerra recebe sanção divina, assim como pilhar e assim como estuprar mulheres e crianças presas de guerra e arrasar cidades inteiras. A pena de morte para todos os tipos de ofensas não-violentas, incluindo as sexuais, também é apresentada como instrumento da justiça divina. E até mesmo a morte premeditada de um irmão por outro não constitui ofensa tão grave quanto a desobediência à autoridade por comer da árvore da sabedoria. Pois não foi o assassínio de Abel por seu próprio irmão Caim o que condenou a humanidade a viver para sempre em desgraça; mas ao contrário, o fato de Eva ter "provado", sem autorização e independentemente, o que é mau e bom.

Ao mesmo tempo, enquanto verter sangue matando ou ferindo outros seres humanos — em guerras, através de punições brutais e no exercício da autoridade masculina praticamente absoluta sobre mulheres e crianças — torna-se norma, o ato de dar à luz toma-se corrompido e impuro. No Antigo Testamento, comprimido entre purificações a leprosos e alimentos limpos e impuros, encontramos temas referentes ao nascimento. Em Levítico 12, lemos que uma mulher que dá à luz uma criança deve ser purificada ritualmente para que sua "impureza" não contamine outros. Isto acarreta não apenas seu isolamento, como também o pagamento aos sacerdotes e certos rituais. Só após fazer "uma oferta pecaminosa na porta do tabernáculo da congregação ao sacerdote, o qual deve oferecê-la diante do Senhor e promover uma expiação", ela poderá ser de novo declarada "pura".[20]

Assim, primeiro na Mesopotâmia e Canaã e depois nas teocracias da Judéia e Israel, a guerra, as normas autoritárias e o jugo de mulheres tomaram-se partes integrantes da nova moralidade e sociedade dominadora. Através de habilidosa reelaboração do mito, o conhecimento tornou-se pecado. Até mesmo o nascimento foi transformado em torpeza. Em resumo, as novas rotas de nossa evolução cultural foram tão bem estabelecidas que a realidade foi completamente colocada em posição inversa.

Contudo, ao voltarmos os olhos para a história, até mesmo a história registrada por historiadores, filósofos e sacerdotes a serviço de seus poderosos senhores, descobrimos a antiga mentalidade — a mentalidade humana primitiva em rumo evolutivo totalmente diferente — lutando para reafirmar-se.

A Grande Deusa, cujo culto outrora constituía a essência ideológica de uma sociedade mais pacífica e igualitária, não desapareceu por completo. Embora não seja mais o princípio supremo a governar o mundo, ela ainda é uma força a ser considerada — força esta que, mesmo na Europa da Idade Média, é venerada como a Mãe de Deus. A despeito de séculos de proibições proféticas e sacerdotais, a adoração à Deusa não foi completamente esmagada. À semelhança de Hórus e Osíris. Hélio e Dionísio, e, muito antes deles, à semelhança do jovem deus de Çatal Hüyük, e a jovem deusa Perséfone, ou Core, nos Antigos Mistérios de Elêusis, Jesus ainda é o filho de uma Mãe divina. Na verdade, ele ainda é o filho da Deusa, e, assim como seus rebentos divinos anteriores, simboliza a regeneração da natureza através de sua ressurreição a cada primavera, na Páscoa.

Assim como o filho da Deusa certa vez foi seu consorte, na mitologia cristã "Cristo é também o noivo de Maria — a Santa Madre Igreja, a qual é e continua a ser sua mãe".[21] A pia batismal, ou cálice, tão fundamental nos ritos cristãos, continua a representar o símbolo feminino ancestral do recipiente ou vaso de vida, significando o batismo, como escreve o historiador junguiano dos mitos, Erich Neumann, "o retomo ao útero misterioso da Grande Mãe e água de vida desse útero".[22]

Até mesmo o aniversário escolhido para Jesus (o seu é historicamente desconhecido) é hoje conhecido como usurpação de festividades outrora associadas à adoração à Deusa. A época do Natal, ou Missa de Cristo, foi escolhida por ser a época do ano em que os antigos comemoravam tradicionalmente o solstício de inverno — dia em que a Deusa dá à luz o sol, em geral situando-se entre 21 e 24 de dezembro. Além disso, este é no período que vai de 21 de dezembro a 6 de janeiro (escolhido para a Epifania), quando muitos nascimentos populares e festivais de renovação ainda eram comemorados em tempos romanos.[23]

Apesar de todas essas semelhanças, há diferenças fundamentais. No panteão cristão oficial, a única mulher agora é também a única figura mortal. Ela ainda é cultuada como a Mãe misericordiosa e compassiva. E, em parte das iconografias, como por exemplo nas *Vierges Ouvrantes*, **ela ainda carrega no interior de seu corpo o milagre último e o mistério da vida.[24] Mas já é claramente uma figura menor. Além disso, a imagem mítica central dessa religião masculina deixa de ser o nascimento do jovem deus e volta-se para a crucificação e a morte.**

Sua mãe limita-se a dar à luz o Cristo; é seu pai divino que o envia à terra: bode expiatório sacrificial para expiar o mal e pecado humanos. Assim como para os seres humanos ele foi mandado a fim de "salvar", sua breve estada neste "vale de lágrimas" não é o que importa, e sim sua morte e a promessa de uma vida melhor após a morte —mas para aqueles que obedecem fielmente aos mandamentos do Pai. Para o resto, não há nem mesmo a esperança da morte — apenas a tortura e danação eternas.

Não são mais enfatizados nas imagens religiosas os poderes da Deusa provedores, mantenedores e regeneradores da vida. Desaparecem as flores e os pássaros, os animais e as árvores, exceto como pano de fundo. Ainda subsiste a lembrança da Deusa embalando o filho divino nos braços: a Madona e seu Filho. Mas agora a mente masculina — e feminina — foi tomada e

consumida pelo tema tiranizante que permeia toda a arte cristã. Podemos ver este tema nas inúmeras telas de santos cristãos flagelando os próprios corpos em torturas demoníacas, em inúmeras pinturas de mártires cristãos massacrados de todas as formas cruéis e engenhosas, nas visões horripilantes de Dürer sobre o inferno cristão, no *Juízo Final* **de Michelangelo, na dança infinita de Salomé com a cabeça decepada de João Batista.**

Hoje em dia, talvez nunca de forma tão comovente quanto o tema onipresente de Cristo morrendo na cruz, a imagem central da arte não é mais a celebração da natureza e da vida, mas a exaltação da dor, do sofrimento e da morte,[25] pois nesta nova realidade hoje considerada como criação única do deus masculino, o Cálice que dá e alimenta a vida — enquanto poder supremo do universo — é substituído pelo poder de dominar e destruir: o poder letal da Espada. E é essa a realidade que aflige a humanidade — tanto homens quanto mulheres — até nossos dias.

CAPÍTULO 8

O OUTRO LADO DA HISTÓRIA: PARTE I

À semelhança de viajantes no túnel do tempo, empreendemos uma jornada, através de descobertas arqueológicas, a uma realidade diferente. Do outro lado encontramos não os brutais estereótipos de uma "natureza humana" eternamente corrupta, mas surpreendentes perspectivas de uma vida melhor. Vimos como nos primórdios da civilização nossa evolução cultural foi mutilada e por fim inteiramente deturpada. Vimos como, ao ser retomada, nossa evolução social e tecnológica seguiu direção diversa. Vimos também como as antigas raízes da civilização jamais foram desarraigadas.

O antigo amor à vida e à natureza e as antigas formas de compartilhar e não de tomar, de proteção em vez de opressão, e a visão do poder como responsabilidade e não como dominação jamais feneceram. Mas, assim como as mulheres e as qualidades associadas à feminilidade, foram relegados a um segundo plano.

Tampouco o anseio humano pela beleza, verdade, justiça e paz desapareceu. Ao contrário, foi suprimido pela nova ordem social. O antigo ímpeto ocasionalmente lutava ainda por encontrar expressão. Cada vez mais, porém, sem que se desse conta, o problema subjacente resumia-se à busca de um modo de estruturar as relações humanas (a começar pela relação entre as duas metades da humanidade) em superioridades rígidas e baseadas na força.

A transformação da realidade foi tão bem-sucedida que este fato aparentemente claro — qual seja, o fato de o modo de uma sociedade estruturar a mais fundamental das relações humanas afetar profundamente todos os aspectos da vida e do pensamento — foi à época totalmente obscurecido. Em conseqüência, até mesmo nossas linguagens modernas e complexas, com termos técnicos para tudo que se possa e não se possa imaginar, não possuem palavras específicas para descrever a profunda diferença entre o que até o momento denominamos sociedade dominadora e uma sociedade de parceria.

Dispomos no máximo de palavras tais como *matriarcado* **para descrever o oposto de patriarcado. Mas estas palavras só reforçam a visão predominante da realidade (e da "natureza humana") ao descrever dois lados da mesma moeda. Além disso, despertando na mente imagens conflitantes e cheias de emoção de pais tirânicos e sábios anciãos, o patriarcado não chega a descrever com precisão nosso atual sistema.**

Parceria **e** *dominação* **são termos úteis na descrição dos dois princípios contrastantes de organização que vimos examinando. Mas, embora captem uma diferença essencial, não comunicam especificamente qualquer ponto crítico: há duas maneiras contrastantes de estruturar as relações entre as metades masculina e feminina da humanidade, as quais afetam profundamente a totalidade do sistema social.**

Encontramo-nos agora no ponto onde, a fim de obtermos clareza e economia na comunicação, necessitamos de termos mais precisos do que aqueles oferecidos por nosso vocabulário convencional, para que possamos prosseguir na investigação de como estas duas alternativas afetam nossa evolução cultural, social e tecnológica. Estamos também prestes a considerar com mais atenção a civilização da Grécia antiga, a qual se distinguiu por oferecer a primeira expressão exata do pensamento científico. Os dois novos termos por mim propostos, os quais em certos contextos serão utilizados como alternativas aos termos *dominação* **e** *parceria***, originam-se desse precedente.**

Como termo mais preciso do que *patriarcado*, **capaz de descrever um sistema social governado pela força ou pela ameaça de força masculina, proponho o termo** *androcracia*. **Já tendo sido relativamente usada, esta expressão deriva-se das palavras de raiz grega** *andros*, **ou "homem", e** *kratos* **(como em democrático), ou "governado".**

A fim de descrever a verdadeira alternativa para um sistema baseado na supremacia de uma metade da humanidade sobre a outra, proponho o novo termo gilania.[1] *Gi* **origina-se da palavra de raiz grega** *gyne*, **ou "mulher".** *An* **vem de andros, ou "homem". A letra L entre as duas tem duplo significado. Em português, ela tem como função a ligação de ambas as metades da humanidade em vez de, como na androcracia, a supremacia de uma delas. Em grego, deriva-se do verbo** *lyein* **ou** *lyo*, **que por sua vez também apresenta duplo significado: solucionar ou analisar (como em anál***ise***) e dissolver ou libertar (como em catál***ise***). Nesse sentido, a letra L significa a resolução de nossos problemas através da libertação de ambas as metades da humanidade da rigidez de papéis, inútil e deformadora, imposta, pelas hierarquias de dominação inerentes a sistemas androcráticos.**

Isto nos leva a uma distinção crítica entre dois tipos de hierarquia inteiramente diversos, distinção esta que não é feita no uso lingüístico convencional. Como é utilizado aqui, o termo *hierarquia* **refere-se a sistemas de supremacia humana baseados na força ou na ameaça de força. Estas** *hierarquias de dominação* **são bem diferentes de um segundo tipo de hierarquia, o qual proponho seja chamado** *hierarquias de realização*. **Estas são as hierarquias familiares de sistemas dentro de sistemas, por exemplo, de moléculas, células e órgãos do corpo: progressão rumo a um nível superior, mais complexo e evoluído de função. Em contraste, como podemos ver à nossa volta, as hierarquias de dominação caracteristicamente inibem a realização de funções mais elevadas, não só no sistema social como um todo, mas também no indivíduo. Este é o motivo primordial por que um modelo gilânico de organização social revela possibilidades evolutivas bem maiores para nosso futuro, em comparação a um modelo androcrático.**

Nossa herança oculta

Parece particularmente adequado usar termos de derivação grega na descrição de como estes dois modelos sociais contrastantes têm afetado nossa evolução cultural. O conflito entre gilania e androcracia como duas formas distintas de vida na terra — e o avanço de nossa evolução através de influências gilânicas — é dramaticamente ilustrado se considerarmos a Grécia antiga através da nova perspectiva oferecida pela Teoria da Transformação Cultural.

A maioria dos cursos sobre civilização ocidental começa com leituras de Homero, seleções de filósofos gregos como Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles, e trabalhos de historiadores clássicos modernos exaltando as glórias da idade de ouro grega de Péricles. Aprendemos que a história européia se inicia com os registros mais antigos que se conhecem sobre as culturas indo-européia e ariana (Homero e Hesíodo), e que devemos grande parte de nossas idéias modernas sobre justiça e democracia à notável civilização da Grécia clássica.

Ocasionalmente, passando os olhos por leituras suplementares, descobrimos ter Pitágoras aprendido ética com uma certa Temistocléia, sacerdotisa de Delfos, ou que Diotima, sacerdotisa de Mantinéia, deu aulas a Sócrates.[2] **Podemos inclusive nos deparar com a informação aparentemente curiosa de que líderes de todo o mundo grego viajaram até Delfos, onde uma sacerdotisa chamada Pitonisa aconselhava-os sobre os mais importantes temas sociais e políticos de seu tempo. Mas, na maioria das vezes, as mulheres dificilmente são citadas no que lemos. Tampouco se costuma fazer qualquer menção a Creta.**

De fato, fica-nos a impressão de inexistência de civilização européia anterior; de que até a chegada de seus conquistadores indo-europeus, a Europa era habitada por povos selvagens sem cultura importante de qualquer espécie. Somos também induzidos a acreditar que a primeira florescência da civilização européia ocorreu na Grécia, não tendo as mulheres, de modo geral, direitos civis ou políticos, e decerto nenhum posto no poder.

No entanto, na *Odisséia* de Homero, alguns dos personagens mais poderosos são mulheres. Quando se inicia a ação, Ulisses é detido pela ninfa Calipso, a qual governa a ilha de Ogígia. Quando, após a intervenção da deusa Atena, Ulisses finalmente consegue deixar Ogígia, cai uma tempestade, e ele é salvo do afogamento por um véu ofertado pela deusa Ino. O véu o mantém à tona até que ele chegue em terra firme, na terra dos feacos, onde é encontrado pela princesa Nausícaa.

Na magnífica corte feaca, considerada por muitos estudiosos um retrato acurado das casas reais micênicas, a mãe de Nausícaa, rainha Arete, é homenageada pelo rei "como nenhuma outra mulher o foi" e adorada por "todos os povos, que erguem os olhos para ela como uma deusa (. . .) quando circula pela cidade".[3] Depois que Ulisses deixa os feacos, defronta-se outra vez com um formidável contingente de figuras femininas: as terríveis górgonas Cila e Caríbdis, as sedutoras Sereias e a poderosa rainha-bruxa Circe.

Mesmo após seu retomo a casa, descobrimos que Penélope, sua esposa, é uma mulher forte e determinada. Sugestivamente, ela resiste a diversos pretendentes dispostos a desposá-la a fim de obter o controle de Ítaca — sugerindo com grande intensidade que mesmo após as invasões aquelas da Grécia, a sucessão matrilinear ainda era a norma, bem como pré-requisito a qualquer reivindicação de soberania.[4]

Já vimos que as referências de Hesíodo a uma "raça dourada" que vivia em "convivência pacífica" e para quem a "terra fértil oferecia seus frutos" são recordações de povos agricultores mais pacíficos e igualitários do neolítico, os quais, mesmo nessa época, eram lembrados como lendas. O fato de na mitologia de Hesíodo existir uma figura masculina chamada Caos relacionada à criação do mundo reitera o que hoje sabemos através de registros arqueológicos: a dominação indo-européia foi imposta através do caos da destruição física maciça e da ruptura cultural.

Assim como a de Homero, a obra de Hesíodo está repleta de vestígios de uma sociedade e mitologia anteriores, mais gilânicas. Por exemplo, é ainda a "terra generosa" que, à semelhança da antiga Deusa, concebe os Céus e "as colinas elevadas, pouso feliz das deusas ninfas". É ainda o poder feminino, como na religião antiga, que "sem a doce união do amor" — em outras palavras, sozinha — dá à luz o mar.[5]

O universo de Hesíodo já é dominado pelo homem, é belicoso e hierárquico. Mas é ainda um mundo no qual a antiga parceria, ou mais especificamente, os valores gilânicos não foram esquecidos por completo. Para Hesíodo, a guerra não é inerente à natureza humana — ou, como afirmaria o filósofo grego Heráclito, o "Pai de Tudo" ou "Rei de Tudo".[6] Hesíodo escreve de forma explícita que a guerra e o deus da guerra Ares (Marte) foram trazidos à Grécia por uma "raça de homens inferiores", os aqueus, os quais invadiram a Grécia com armas de bronze e acabaram sendo seguidos pelos homens que Hesíodo mais desprezava, os dórios, que devastaram a Grécia com suas armas de ferro.

Poder-se-ia afirmar, caso Freud e Jung estejam corretos e exista algo como a memória da raça geneticamente transmitida, que pode ter sido ela a estimular Hesíodo a escrever sobre um passado perdido e melhor. Uma explicação bem mais provável seria a de estar Hesíodo sob a influência de histórias passadas de geração a geração, contando de que forma se passaram os fatos.

É revelador Hesíodo declarar explicitamente: "Não de mim, mas de minha mãe, vem a história de como a terra e o céu outrora tinham uma só forma."[7] Isto não sugere apenas que na verdade seu trabalho se baseia em histórias passadas de geração a geração; indica também que a

mãe de Hesíodo, uma mulher, ainda encontrava algum consolo em seu mundo dominado pelo homem com as lembranças esmaecidas de uma época anterior menos opressiva.

Hesíodo escreveu até o fim sobre o que os historiadores denominam a Grécia homérica. Esse período findou com o surgimento da Grécia clássica, meio milênio após as invasões dórias mergulharem a Europa no caos. Mas é evidente, como apontaram Nicolas Platon, Jacquetta Hawkes, J. V. Luce e outros, não ter a civilização grega emergido madura das cinzas da devastação dória na Europa — assim como supostamente Atena saiu da cabeça de Zeus. Tampouco os invasores bárbaros trouxeram consigo as sementes dessa civilização. Também é muito pouco provável, segundo às vezes se afirma, ser a civilização grega resultado sobretudo da "difusão cultural", dos "empréstimos" das culturas mais antigas e adiantadas do Oriente Médio, através do comércio e outros contatos.

Há outra hipótese bem mais provável e coerente em relação aos dados arqueológicos: os invasores antigos aqueus que governaram em tempos micênicos, bem como os senhores dórios que os substituíram, só puderam progredir após terem absorvido grande parte da cultura espiritual e material dos povos que conquistaram.

Luce tentou reconstruir este processo. "Como a oliveira destroçada pelo fogo, a cultura minóica hibernou durante algum tempo", escreveu ele, "e por fim lançou seus brotos nas sombras das cidadelas micênicas. (...) Princesas minóicas, as 'filhas de Atlas', desposaram as casas dos senhores da guerra micênicos. Os arquitetos minóicos projetaram os palácios do continente, e os pintores minóicos os ornamentaram com afrescos. Nas mãos dos escribas minóicos o grego tomou-se pela primeira vez uma língua escrita."[8]

Então, após a investida seguinte dos bárbaros, se bem que de forma ainda mais alterada, estes mesmos brotos minóicos ressurgiram. "Provavelmente não é coincidência", escreve Luce, "a Creta dória do período arcaico haver se destacado pela excelência de suas leis e instituições. As sementes cultivadas com tanto carinho ao longo de séculos de paz não seriam erradicadas com facilidade. Enxertos dessas mesmas sementes foram transplantados para a própria Grécia, criando raízes e florescendo também ali."[9]

Assim, mesmo após a devastação dórica, como descreve Luce, "nem tudo estava perdido".[10] Sem dúvida, muito foi esquecido, da mesma forma que agora até a memória da civilização minóica começa a transformar-se em lenda. E muita coisa mudou, com a Grande Deusa — nas formas de Hera, Atena e Afrodite — agora subordinada a Zeus no panteão grego oficial. No entanto, ainda subsistem elementos importantes da civilização grega, os quais melhor se adaptam a uma sociedade de parceria, em vez de uma sociedade dominadora. Ou, para fazer uso de termos mais específicos, eles são mais gilânicos do que androcráticos.

A unidade cíclica da natureza e a harmonia dos astros

Uma das primeiras manifestações da civilização grega foi o surgimento dos chamados filósofos e cientistas pré-socráticos. Salientou-se ter sido a visão de mundo desses filósofos (os quais prenunciaram idéias que muitas pessoas ainda hoje consideram chocantes e controversas) o primeiro enfoque secular e científico da realidade.[11] Pela primeira vez na história registrada, o conhecimento não é mais descrito em função da revelação divina, através dos mitos sagrados e ritos religiosos, mas como fatos empiricamente prováveis e refutáveis. Por exemplo, em Homero a chuva ainda é identificada com a deusa Íris. Em Anaxímenes, ela é produzida pelos raios de sol, caindo sobre ar denso e úmido.[12]

A este respeito, as idéias dos filósofos pré-socráticos como Xenófanes, Tales, Diógenes e Pitágoras decerto representaram ruptura radical em relação à antiga visão religiosa de mundo. Mas o extraordinário é que, de muitas maneiras, as suposições fundamentais desses homens são mais coerentes com a visão de mundo gilânica do que com a androcrática que se seguiu à primeira.

Por exemplo, Xenófanes é considerado a primeira fonte do que o filósofo Edward Hussey denomina "monoteísmo radical tão estranho à tradicional religião grega".[13] Hussey observa que a idéia de Xenófanes do universo governado por uma inteligência infinita e abrangente oferece agudo contraste com a visão de mundo expressa no panteão olímpico oficial. Nele, uma multiplicidade imprevisível de deidades, muitas vezes armadas — extraordinariamente semelhantes à miríade de chefes insignificantes que invadiram o mundo antigo — exercem um poder arbitrário e caprichoso tanto sobre o ritmo da natureza quanto sobre as vidas de seus "súditos" humanos.[14] Mas à luz do que hoje sabemos a respeito da pré-história, seria fácil afirmar que na verdade esta era a visão androcrática ou dominadora sobre o universo, "nova e revolucionária", e não como escreve Hussey, a visão de mundo subjacente ao desenvolvimento político e social do sexto século grego.[15]

Também se poderia afirmar não ser coincidência que, com o ressurgimento da civilização após a violenta investida dórica, a antiga visão de um mundo cíclico e coerente — anteriormente simbolizada pela Grande Deusa, a Mãe e Grande Provedora — também ressurgisse, embora de forma diferente. Tampouco é coincidência ter isso acontecido nas cidades que faziam parte de Anatólia, onde outrora Çatal Hüyük florescera, e em ilhas próximas à antiga civilização gloriosa da Creta minóica, onde, sob seus vários aspectos de Mãe, Donzela e Criadora ou Ancestral, a Deusa permaneceu como entidade suprema até a tomada dórica.[16]

Anteriormente observamos como o culto à Deusa era ao mesmo tempo politeísta e monoteísta. A Deusa era venerada de diversas formas, mas estas diferentes deidades possuíam alguns pontos em comum — sobretudo o fato de a Deusa, enquanto Mãe e Provedora, ser vista em toda a parte como fonte de toda vida e natureza.[17] Assim, a esse respeito, a idéia pré-socrática de uma ordem do universo coerente e metódica está bem mais próxima da antiga visão da Deusa como poder sobre-humano que tudo proporciona e tudo abrange do que a visão simbolizada pelo panteão olímpico posterior, do qual um grupo de deidades belicosas, competitivas e em geral imprevisíveis governava o mundo.

A idéia pitagórica do cosmos como uma imensa harmonia musical (a famosa "harmonia dos astros") parece também mais coerente com a antiga cosmologia religiosa do que com o panteão olímpico dividido por disputas. Na cosmologia dos pré-socráticos, em vez da Deusa, passamos a encontrar forças mais impessoais, com referências ocasionais a uma divindade abrangente e supostamente masculina. Mas o mundo deles ainda está muito distante do universo caótico e puramente fortuito imaginado por alguns pensadores androcráticos.

Um dos princípios que governam a visão de universo pré-socrática estabelece que o mundo se comporta com regularidade observável. "As principais mudanças repetem-se em ciclos diários e anuais."[18] Esse enfoque lembra notavelmente o que podemos denominar a antiga religião, na qual os ciclos da natureza — e da mulher — são temas recorrentes. Tales, segundo Aristóteles o pioneiro da filosofia "natural", é apresentado por ele como o responsável pela afirmação de que a água é a origem de todas as coisas. Outra vez, esta visão é muito semelhante à antiga idéia de que a Deusa, e com ela a terra, surgiram inicialmente das águas primevas.[19]

Da mesma forma, o conceito dialético do equilíbrio dos opostos como princípio essencial tanto da mudança quanto da estabilidade já estava sendo expresso no sexto e quinto séculos a.C. por filósofos tais como Anaximandro, Zenão e Empédocles.[20] Mas podemos observar a prefiguração de tal conceito em épocas ainda mais remotas, nas imagens cosmológicas da era do culto à Deusa.

Na cerâmica decorada da cultura européia cucuteni de meados do quarto milênio a.C., a tensão entre pares e opostos é tema freqüente.[21] O dinamismo da natureza e seu rejuvenescimento periódico representado através dos pseudo-opostos do nascimento e da morte constituíam tema central na mitologia da antiga religião; a Deusa encarnava ao mesmo tempo a unidade e a dualidade da vida e da morte. Da mesma forma, os princípios contrastantes de maternidade e virgindade fundiam-se na Deusa.[22] Feminilidade e masculinidade também se fundiam com

freqüência, tanto nas primitivas imagens andróginas da Deusa como em rituais posteriores do Sagrado Matrimônio. De fato, o nascimento e a morte de toda a humanidade, bem como de toda a natureza, consistiam em manifestações, na antiga mitologia religiosa, de justaposição e unidade essencial dos poderes criativos e destrutivos da Deusa. Este caráter abrangente e transformador da deidade primitiva é resumido por Erich Neumann na expressão "deusa dos opostos".[23]

Como há semelhanças entre as idéias das culturas egípcias, mesopotâmicas e outras culturas do Oriente Médio, alguns estudiosos têm procurado explicar as idéias pré-socráticas como "empréstimos" dessas civilizações antigas, mais adiantadas e àquela época já predominantemente dominadoras/androcráticas. Sem dúvida, a difusão cultural foi um fator no desenvolvimento da visão de mundo pré-socrática. Mas o fundamental — até hoje suprimido e deixado de lado — parece ter sido a influência da tradição e lenda locais.

Especificamente, os desenvolvimentos locais parecem ter levado a um gradual "abrandamento" do sistema proto-androcrático. Durante um período de paz relativa entre as várias cidades-estados gregas e de liberdade de invasões estrangeiras, ocorreu não apenas o ressurgimento das artes e ofícios, mas também um movimento no sentido de substituir reis e chefes poderosos por democracias oligárquicas (governos eleitos compostos de aristocratas ou proprietários).

Assim, não é de surpreender, como salienta Hussey, que as idéias dos filósofos gregos refletissem e também incitassem a "difusão da igualdade política", bem como o ressurgimento da lei como "algo determinado, imparcial e inalterável".[24] Sem duvida, a idéia pitagórica de "igualdade geométrica"[25] entre os elementos do cosmos e os seres humanos não se harmoniza com o governo forte da nova ordem, embora na verdade as comunidades pitagóricas aparentemente tenham sido controladas por oligarquias, seguindo a linha da noção platônica posterior de reis-filósofos.[26]

Neste sentido, sem duvida, é importante o fato de sabermos, por intermédio de Aristóxenos, que Pitágoras recebeu a maior parte dos conhecimentos éticos de uma mulher, Temistocléia, uma princesa de Delfos. Afirma-se também que Pitágoras introduziu o misticismo primitivo na filosofia grega e até mesmo que ele foi um feminista.[27] Nesta reforma da religião órfica misteriosa, ao que parece Pitágoras também acentuou a importância do culto ao princípio feminino.[28] E Diógenes conta que as mulheres estudaram na escola pitagórica junto com os homens, como fizeram posteriormente na Academia de Platão.[29]

É também importante o fato de grande parte da filosofia platônica, como observa a historiadora clássica Jane Harrison, basear-se em influências pitagóricas, bem como nos símbolos órficos, os quais preservam elementos da religião e moralidade pré-androcráticas.[30] As concepções platônicas de um universo ideal ordenado e harmônico por trás da "caverna escura" da percepção humana parecem originar-se daquela mesma tradição. A defesa que Platão faz da igualdade educacional das mulheres em seu Estado ideal na República com certeza não é uma idéia semelhante ao pensamento androcrático, no qual, acima de tudo, as mulheres devem ser subjugadas.[31]

A Grécia antiga

Ao voltarmos os olhos para a Grécia antiga, parece claro que muitas das melhores características desta civilização extraordinária — o grande amor à arte, o profundo interesse pelos processos da natureza, a simbologia mítica feminina rica e variada, bem como a masculina, e a tentativa breve e limitada de estabelecer uma forma de organização política mais igualitária, denominada pelos gregos democracia — remontam à era mais antiga. Ao mesmo tempo, não é difícil descobrir hoje em dia a fonte do que havia de menos adiantado culturalmente nos gregos. O fato de a democracia grega excluir a maioria da população (sem permitir a participação de

mulheres e escravos) originava-se da superestrutura androcrática imposta à ordem anterior, mais pacífica e igualitária. O mesmo ocorria com a preocupação da classe dominante grega com a guerra e sua idealização das chamadas virtudes de heroísmo e conquista armada e a enorme deterioração da condição feminina.

Percebemos com clareza o conflito e influência entre elementos androcráticos e gilânicos da Grécia clássica em Atena. Refletindo as normas da antiga tendência de parceria na evolução cultural, ela ainda é a deusa da sabedoria, com o antigo símbolo da serpente. Ao mesmo tempo, refletindo as novas normas dominadoras, ela é a nova deusa da guerra, completa com o elmo e a lança, o cálice agora transformado em escudo. Podemos constatar igualmente a existência desses dois elementos na *República* de Platão, com seu Estado paradoxalmente hierárquico e humanístico-igualitário.

Por um lado, Platão advogava uma sociedade de três classes, sustentada pelo que ele denominou ironicamente "uma mentira nobre": a história de que a classe dominante ou "guardiães" era feita de ouro, os guerreiros de prata e o restante (trabalhadores e camponeses) de metais não preciosos. Por outro lado, para os guardiães esse sistema seria igualitário, na verdade rigidamente comunista, e o exercício do poder deveria ser governado por princípios justos, mais coerentes com aqueles simbolizados pelo Cálice do que os simbolizados pela Espada. E, embora de forma alguma Platão pudesse ser considerado feminista, em agudo contraste com a prática ateniense ele advogou na Republica que as mulheres da classe dominante deveriam receber a mesma educação dos homens.

Percebemos mais nitidamente a justaposição de gilania e androcracia na arte grega. O antigo amor à vida e à natureza é expresso nas belas representações artísticas dos corpos femininos e masculinos. Mas a disputa e o conflito armado são também temas freqüentes.

Percebemos maiores evidências de duas culturas conflitantes na religião grega. Confirmando as raízes primitivas dessa religião em uma visão de mundo na qual as mulheres e os valores "femininos" não são suprimidos, está o fato de no panteão olímpico, e sobretudo em santuários locais, as deidades femininas ainda serem cultuadas. Oficialmente, Zeus é a deidade suprema. Mas as deusas ainda são poderosas, às vezes mais poderosas do que os deuses. Percebemos claramente as mesmas raízes culturais nos Grandes Mistérios de Elêusis, celebrados todos os anos em Elêusis, distante alguns quilômetros de Atenas. Ali, a Deusa, sob suas formas gêmeas de Ceres e Perséfone, ainda revelava as verdades místicas mais elevadas a iniciados religiosos. Até hoje podemos ver, preservados para nós em um selo de ouro beócio, uma pintura em vaso de Tebas, mostrando como nestes ritos o Receptáculo Feminino, o Cálice ou fonte sagrada, era a imagem central.[32]

Vemos também os elementos gilânicos e androcráticos da sociedade grega na situação paradoxal das mulheres atenienses, a qual, a despeito de grandes restrições legais e sociais, ainda era para algumas consideravelmente melhor do que a situação das mulheres em teocracias do Oriente Médio. De fato, precisamente porque as mulheres podem ter sido menos subjugadas ali, há indicações da possível existência em Atenas de algo semelhante a um "movimento de mulheres".

É verdade que, à semelhança dos escravos de ambos os sexos, todas as mulheres eram excluídas da tão festejada democracia ateniense. Na verdade, a história preservada por Santo Agostinho sobre como as mulheres de Atenas perderam o direito ao voto ao mesmo tempo que se deu a mudança da sociedade matrilinear para patrilinear, indica ter a imposição da androcracia marcado o fim da verdadeira democracia.[33] Além disso, nos tempos clássicos, a maioria das mulheres da classe superior teve de viver no confinamento insalubre e embrutecedor do gineceu, ou aposentos femininos. Mas também há evidências de que nessa mesma Atenas — onde, entre as cidades-estados gregas, escreve a historiadora Jacquetta Hawkes, a posição "feminina era a pior (ou a mais passível de queixas?)" —, algumas mulheres representavam importantes papéis na vida pública e intelectual.[34] Por exemplo, Aspásia, companheira de Péricles, trabalhava como estudiosa

e estadista, responsável pela educação das esposas atenienses e ajudando a criar a notável cultura cívica que os historiadores da cultura denominam "idade de ouro de Péricles".[35]

Embora a tão exaltada educação ateniense em geral se limitasse aos homens, como observamos antes, houve mulheres que estudaram na Academia de Platão, o que revela particularmente a forte tendência à parceria/gilania na cultura grega, se considerarmos que nos Estados Unidos as mulheres só tiveram acesso à educação superior nos séculos XIX e XX.

Igualmente reveladora é a existência, em diferentes períodos da história grega, de mulheres cujos trabalhos ainda seriam encontrados nas bibliotecas "pagãs" mais tarde destruídas pelos fanáticos cristãos e muçulmanos. Por exemplo, uma mulher grega a quem se atribui haver estudado na escola pitagórica, a filósofa Arignote, organizou a edição de um livro chamado *Discurso Sagrado* **e foi a autora de** *Ritos de Dionísio* **e outras obras.[36] Há alguma especulação de que a Odisséia possa ter sido escrita por uma mulher. Existem também indícios de que as mulheres lideravam escolas filosóficas próprias. Uma dessas era a escola de Arete de Cirene, cujo interesse básico residia nas ciências naturais e na ética, e cuja principal preocupação se concentrava "num mundo onde não houvesse senhores nem escravos".[37] Telesila de Argos era conhecida pelas canções e hinos políticos. Corina da Beócia, professora de Píndaro, de acordo com a historiadora Elise Boulding, "ganhou cinco vezes dele em competições poéticas". E Erina era chamada pelo antigos de a rival de Homero.**

Através dos poucos fragmentos restantes de sua obra, sabemos que a poeta grega Safa ou Safo de Lesbos (a qual também dirigia uma escola para mulheres) escreveu belas poesias, exaltando o amor em vez da guerra que existe em grande parte da poesia grega. "Alguns dizem que é a cavalaria, outros, que é a infantaria ou uma esquadra de longos remos a suprema visão sobre a terra", escreveu ela. "Eu digo: suprema visão é a do ser amado."[38]

Para algumas mulheres gregas, a profissão de *hetera* **oferecia uma alternativa mais independente e relativamente respeitada ao papel submisso de esposa. Embora as heteras tenham sido equiparadas de forma errada às prostitutas, essa não era a visão dos antigos gregos. A hetera mais se assemelhava às cortesãs que nos séculos XVII e XVIII, na Europa, com freqüência exerciam importante poder político. Elas eram anfitriãs habilidosas, com variados graus de educação e interesse cultural. Contudo, o mais interessante são os registros das heteras estudiosas e até mesmo figuras públicas de destaque. "As heteras das cidades-estados de Jônia e Etólia eram consideradas as mais brilhantes", escreve Boulding. "Duas das alunas mais conhecidas de Platão eram Laxênia de Mântua e Axiotéia."[39] Aspásia, que tanto contribuiu para a cultura ateniense, é considerada uma hetera.**

Talvez mais importante seja a evidência de algo na antiga Grécia que indica um movimento de retomo a uma organização social na qual as duas metades da humanidade não estão em conflito — assemelhando-se talvez a um movimento de liberação feminina. Este fato está registrado de maneira sarcástica nas sátiras misóginas de homens como Aristófanes e Cratino, a respeito de mulheres que se reuniam em grupos e conversavam com modos indecorosos, indicando sua "vontade de ser como os homens".[40] De fato, é provável que as mulheres que se reuniam regularmente em festividades religiosas e reuniões só para mulheres, onde reverenciavam uma deidade feminina, teriam retido um forte senso de identidade feminina. Assim, até na época clássica, muitas mulheres gregas possuíam uma fonte de poderes, algo que faltou à maioria das culturas ocidentais, nas quais a Deusa acabou sendo levada aos subterrâneos ou foi completamente eliminada.

Também interessantes são as indicações de ativismo antibelicoso das mulheres da Grécia antiga. O que pode ter consistido em movimento organizado em prol da paz, bastante afinado ao movimento pacifista de nosso tempo, está mais vigorosamente registrado nas peças teatrais gregas que até hoje subsistiram, como a famosa Lisístrata, de Aristófanes, na qual as mulheres ameaçam suspender seus favores sexuais até os homens pararem com suas guerras. O fato de esse tema ser desenvolvido em uma peça inteira por este dramaturgo cômico extremamente popular é uma

indicação da provável força do movimento e de uma estratégia típica das sociedades dominadas pelo homem de nosso tempo: a manutenção do controle masculino sobre as mulheres através do uso do ridículo e da vulgarização.

Este estratagema da vulgarização — na verdade, o expediente ainda mais comum de simplesmente não incluir dados a respeito das mulheres — é uma característica da maioria das histórias gregas. Ali, como em nossas histórias de todos os outros lugares, qualquer coisa associada às mulheres é, *ipso facto***, secundária — ou, na maioria das vezes, simplesmente não é considerada. Os historiadores convencionais, por conseguinte, têm ignorado sistematicamente as atividades de mulheres que trabalham para uma sociedade humana e justa. Mas, nos inúmeros fatos que vêm sendo descobertos hoje em dia, nossa história perdida mostra que estas atividades das mulheres unham enorme importância, pois, como examinaremos com mais detalhe em seguida, elas evidenciam que na Grécia e em outras regiões, por menor que fosse a oportunidade, as mulheres trabalhavam ativamente no sentido de transformar os valores "femininos", tais como a paz e a criatividade, em prioridades sociais operacionais.**

Assim como a ausência de termos específicos tais como *gilania* **e** *androcracia* **no vocabulário dos historiadores, a omissão sistemática das mulheres nos relatos sobre nosso passado serve para manter um sistema baseado na supremacia masculina, reforçando o dogma central da dominação masculina: as mulheres não são tão importantes quanto os homens. Omitindo qualquer vestígio de que as "questões femininas" são fundamentais para nossa organização social e ideológica, este sistema serve efetivamente também para ocultar as alternativas sociais descritas pela gilania e androcracia.**

Se considerarmos, porém, a história sob uma perspectiva holística, poderemos começar a perceber o conflito oculto entre gilania e androcracia como duas maneiras de vida neste mundo. Então, a liberdade relativamente maior de algumas mulheres gregas, se comparadas às mulheres das teocracias do Oriente Médio, pode ser vista como importante indicador social. Tal liberdade pode, por exemplo, ser considerada tanto como causa quanto como efeito da persistência e ressurgimento, na Grécia, da visão mais humanista do poder político como responsabilidade e não controle, característica da era pré-androcrática.

Muitas de nossas idéias sobre justiça social — idéias de liberdade e democracia, por exemplo — originam-se em filósofos gregos tais como Sócrates e Pitágoras. A conclusão de que tais conceitos floresceram a partir de raízes gilânicas anteriores é fortalecida pelo fato de esses dois homens terem recebido seus ensinamentos de mulheres. Igualmente revelador é o fato de que tanto Temistocléia, professora de Pitágoras, quanto Diotima, de Sócrates, serem sacerdotisas: depositárias e transmissoras das tradições religiosas e morais primitivas.

Embora possamos ver na Grécia antiga muitos sinais do ressurgimento gilânico, podemos perceber também a grande resistência androcrática a esse impulso evolutivo. A religião grega oficial foi, em certos aspectos fundamentais, uma religião dominadora: Zeus estabelece e mantém sua supremacia através de atos de crueldade e barbárie, incluindo os muitos estupros tanto de deusas quanto de mulheres mortais. Já observamos como grandes tragédias rituais de épocas clássicas, tais como a *Oréstia***, destinavam-se a manter e reforçar as normas androcráticas de dominação e violência masculinas refletindo a política das elites gregas dominantes, pois, por mais que tenham ficado "civilizados", se quisessem manter suas posições dominantes esses homens não poderiam permitir qualquer mudança fundamental na configuração tripla de dominação masculina, autoritarismo e violência social institucionalizada, característica de sistemas androcráticos.**

O certo e o errado na androcracia

O humanismo podia ser aprovado, às vezes até mesmo admirado, pelos homens que governavam a Grécia antiga. Mas só lhes era permitido ir até esse ponto. A este respeito, o mais singular e inquietante dos acontecimentos pessoais na Grécia clássica, a sentença de morte do aparentemente inofensivo Sócrates, tem muito a revelar. Quais foram, então, as noções "radicais" que levaram um grande filósofo como Sócrates a ser condenado à morte por "corromper" a juventude ateniense? Sugestivamente, essas idéias incluíam heresias gilânicas tais como educação igualitária para as mulheres e uma visão da justiça frontalmente contrária ao dogma androcrático considerado correto.

O desafio de Sócrates a um sistema de valores baseados na força acha-se vigorosamente expresso na *República* **de Platão. Ali encontramos idéias sobre a igualdade educacional para as mulheres, idéias ainda consideradas chocantes por um filósofo supostamente tão esclarecido do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau. Nesse clássico da filosofia ocidental, encontramos também o diálogo de Sócrates com o filósofo sofista Glauco. A posição articulada por Glauco, e muito questionada por Sócrates, é a de que para os homens da classe dominante a justiça e a lei não passam de questões de conveniência.**

Da mesma forma, os sofistas às vezes eram acusados de abalar a moralidade convencional, pois alguns deles rejeitavam abertamente os deuses gregos. Mas nesse diálogo Platão mostra que os ensinamentos filosóficos desses sofistas na verdade expressavam a moralidade convencional de seu tempo, sem qualquer fingimento ou dissimulação.[41]

A visão de mundo articulada de forma clara pelos sofistas era simplesmente a dos homens que governavam a Grécia — assim como a dos homens que governam grande parte do mundo atual. Os sofistas foram além dos preceitos morais, chegando às realidades políticas e sociais da vida androcrática, nas quais, tanto antes como hoje, os homens provam que têm razão através de seu poder armado.

Na República, Glauco diz a Sócrates que as leis não passam de invenção dos fracos, os quais eram astutos o suficiente para utilizá-las em seu melhor interesse, sujeitando os fortes. Quanto à justiça, é uma simples "transigência" entre "o que há de melhor — errar e escapar impunemente — e o que há de pior — ser caluniado e não ser capaz de conseguir revanche".[42]

Particularmente revelador é o fato de essa mesma visão de mundo — e da justiça — estar expressa nos escritos do famoso historiador e general grego Tucídides, o qual redigiu a crônica da Guerra do Peloponeso, que ocorreu de 431 a 403 a.C. No relato de Tucídides sobre um diálogo entre os emissários atenienses e os representantes de Melos, uma pequena cidade-estado nas Cíclades, a qual os atenienses desejavam anexar, os atenienses deixaram claro aos mélios não estarem interessados no certo e no errado; seu interesse resumia-se no que fosse vantajoso. Pois "a questão da justiça só surge entre lados iguais em força, enquanto os fortes fazem o que querem e os fracos sofrem o que devem".[43]

Esta moralidade da vantagem, como salienta John Mansley Robinson em sua análise da filosofia grega, baseia-se em parte na premissa de que os seres humanos são "animais cruéis, gananciosos, egoístas".[44] **Por sua vez, leva-nos a outro postulado: a supremacia humana baseada na força é "natural", conseqüentemente certa. De acordo com essa visão, como diz Aristóteles na** *Política*, **na natureza há elementos cuja função é governar, e elementos cuja função é serem governados. Em outras palavras, o princípio que** *deve* **reger a organização social é a supremacia e não a união. E, como declarou explicitamente Aristóteles, articulando as bases da filosofia e vida androcráticas, assim como os escravos naturalmente devem ser governados por homens livres, as mulheres devem ser governadas pelos homens. Qualquer outra possibilidade violaria a ordem observável, conseqüentemente "natural".**[45]

Como vimos, essas mesmas premissas filosóficas também foram essenciais a outra grande tradição moldada na civilização ocidental; nossa herança judaico-cristã. Neste caso, tais postulados são expressos em idéias cristãs tais como o pecado original e uma mitologia religiosa na qual a supremacia do deus sobre os homens e dos homens sobre as mulheres, crianças e a natureza é apresentada como de origem divina.[46]

De fato, se estudarmos a história cristã, saberemos que a palavra convencional para expressar a idéia de supremacia, hierarquia, referia-se originalmente ao governo da Igreja. Ela é derivada do grego *hieros* **(sagrado) e** *arkhia* **(regra), descrevendo as ordens hierárquicas ou níveis de poder através dos quais os homens que lideravam a Igreja exerciam autoridade sobre seus sacerdotes e sobre o povo da Europa cristã.[47]**

Mas há outro aspecto, inteiramente diverso, de nossa herança judaico-cristã, o qual tem sido a base para uma esperança muitas vezes vã, mas ainda existente, de que a evolução espiritual da humanidade possa um dia libertar-se de um sistema que nos tem mantido atolados na barbárie e opressão. Este, como veremos no capítulo subseqüente, é o lado que há dois mil anos poderia ter trazido uma segunda, ou gilânica, transformação das regras ocidentais.

CAPITULO 9

O OUTRO LADO DA HISTÓRIA: PARTE II

Há quase dois mil anos, às margens do mar da Galiléia, um jovem judeu bondoso e piedoso, chamado Jesus, denunciou as classes dominantes de seu tempo — não só os ricos e poderosos, mas também as autoridades religiosas — por explorar e oprimir o povo da Palestina. Ele pregou o amor universal e ensinou que os submissos, humildes e fracos algum dia iriam herdar a terra. Além disso, tanto em suas palavras quanto em seus atos, muitas vezes rejeitava a posição subserviente e segregada que sua cultura destinava às mulheres. Associando-se livremente às mulheres, o que por si só já representava uma forma de heresia em seu tempo, Jesus proclamou a igualdade espiritual de todos.

Não surpreende que as autoridades de seu tempo, segundo a Bíblia, tenham considerado Jesus um revolucionário perigoso, cujas idéias radicais precisavam ser silenciadas a qualquer preço. Até que ponto tais idéias, sob a perspectiva de um sistema androcrático no qual a supremacia dos homens sobre as mulheres constituía o modelo para todas as supremacias, eram verdadeiramente radicais está expresso de forma sucinta na Epístola de São Paulo aos Gaiatas 3:28. Segundo ele, para os seguidores do evangelho de Jesus "não existem judeus ou gregos, cativos nem libertos, tampouco há homens ou mulheres: pois todos vocês são um em Jesus Cristo".

Alguns teólogos cristãos, tais como Leonard Swidler, afirmaram que Jesus era feminista, pois até mesmo nos textos oficiais, ou "sagrados", fica claro que ele rejeitava a segregação rígida e a subordinação feminina de seu tempo.[1] Contudo, o feminismo tem como objetivo primordial a liberação feminina. Assim, chamar Jesus de feminista não seria historicamente exato. Seria mais exato dizer que os ensinamentos de Jesus personificavam uma visão gilânica das relações humanas.

Essa visão não era nova e, como já observamos, estava contida também naqueles trechos no Antigo Testamento coerentes com uma sociedade de parceria. Naturalmente, ela foi articulada com mais intensidade — na verdade, aos olhos das elites religiosas de seu tempo, de forma herege — por esse jovem carpinteiro da Galiléia, pois, embora a liberação das mulheres não fosse seu tema central, se considerarmos o que Jesus pregava sob a nova perspectiva da teoria de transformação cultural, perceberemos um tema unificador e surpreendente: uma visão da liberação de toda a humanidade através da substituição dos valores androcráticos pelos valores gilânicos.

Jesus e a gilania

As escrituras no Novo Testamento atribuídas aos discípulos que realmente conheceram Jesus — os Evangelhos de Mateus, Lucas, Marcos e João — em geral são considerados a melhor fonte sobre o "verdadeiro" Jesus. Embora também tenham sido escritos anos após a morte de Jesus, tendo sido sem dúvida muito modificados, é provável ainda que constituam um reflexo mais exato dos ensinamentos de Jesus do que outras obras, tais como os Atos ou as Epístolas aos Coríntios.

Ali descobrimos que a pedra angular da ideologia dominadora, o modelo masculino-superior/feminino-inferior da espécie, sem contar com algumas exceções, notabiliza-se por sua ausência. Ao contrário, permeando esses escritos, encontramos a mensagem de Jesus sobre a igualdade espiritual. Ainda mais surpreendentes — e disseminados — são os ensinamentos de Jesus no sentido de que devemos elevar as "virtudes femininas" de uma posição secundária e de apoio a uma posição central e primordial. Não devemos ser violentos, mas, ao contrário, oferecer a

outra face; devemos fazer aos outros o que gostaríamos que nos fizessem; devemos amar nossos vizinhos e até mesmo nossos inimigos. Em vez das "virtudes masculinas" de agressividade, violência e dominação, devemos valorizar acima de tudo a responsabilidade mútua, a compaixão, a delicadeza e o amor. Se olharmos com mais atenção, não só os ensinamentos de Jesus mas a forma como ele difundiu sua mensagem, sempre perceberemos ter ele pregado o evangelho de uma sociedade de parceria. Jesus rejeitou o dogma de que homens poderosos — em seu tempo os sacerdotes, nobres, homens ricos e reis — fossem os favoritos de Deus. Misturou-se livremente às mulheres, rejeitando assim abertamente as normas de supremacia masculina de sua época. E, em agudo contraste com as visões dos sábios cristãos posteriores, os quais chegaram até a refletir sobre o fato de a mulher ter ou não uma alma imortal, Jesus não pregou a mensagem dominadora fundamental de que as mulheres são espiritualmente inferiores aos homens.

A existência de Jesus há muito tempo vem sendo discutida. O argumento (muito bem documentado) aponta para a inexistência absoluta de evidência de sua existência em documentos, exceto fontes cristãs bastante suspeitas. Os analistas observam também que praticamente todos os acontecimentos da vida de Jesus, bem como muitos de seus ensinamentos, aparecem nas vidas e declarações de figuras míticas de outras religiões. Isso indicaria ter sido Jesus fabricado a partir de empréstimos de outros lugares, a fim de servir aos objetivos dos primeiros líderes da Igreja. Curiosamente, o argumento talvez mais convincente da historicidade de Jesus sejam seus pensamentos e atos feministas e gilânicos, pois, como já vimos, a exigência tiranizante do sistema tem sido a fabricação de deuses e heróis que sustentam, em vez de rejeitarem, os valores androcráticos.

Assim, é difícil perceber por que uma figura teria sido inventada, segundo João 4:7-27, para violar os costumes androcráticos de seu tempo, falando abertamente com as mulheres, ou cujos discípulos se maravilhassem diante do fato de ele realmente falar com as mulheres, ainda mais com tanta freqüência, ou ainda que não tolerasse o costumeiro apedrejamento de mulheres até a morte por serem, na opinião de seus senhores masculinos, culpadas do terrível pecado de manter relações sexuais com um homem que não o seu dominador.

Em Lucas 10:38-42, vemos como Jesus incluiu abertamente as mulheres entre seus companheiros — encorajando-as inclusive a transcender seus papéis servis e a participar de forma ativa da vida pública. Ele exaltou a ativista Maria em detrimento de sua irmã doméstica Marta. E em todos os Evangelhos oficiais, lemos a respeito de Maria Madalena e de como ele a tratou — uma prostituta — com respeito e carinho.

Ainda mais surpreendente, ficamos sabendo pelos Evangelhos que o Cristo ressuscitado aparece primeiro a Maria Madalena. Chorando no sepulcro vazio após sua morte, é Maria Madalena quem guarda seu túmulo. Ali ela tem uma visão, na qual Jesus lhe aparece *antes* de surgir nas visões de qualquer de seus tão conhecidos doze discípulos homens. E é a Maria Madalena a quem o Jesus ressuscitado pede para contar aos demais que ele está prestes a ascender.[2]

Não surpreende os ensinamentos de Jesus exercerem grande atração em seu tempo — e até a atualidade — sobre as mulheres. Embora os historiadores cristãos raramente se refiram a tal fato, até mesmo nas escrituras oficiais ou Novo Testamento, encontramos mulheres que são líderes cristãs. Por exemplo, em Atos 9:36 lemos a respeito de uma *discípula* de Jesus chamada Tabita ou Dorcas, notável por sua ausência do total oficial, e bem conhecido, de doze. Em Romanos 16:7, vemos Paulo cumprimentando com respeito uma apóstola chamada Junia, a quem ele descreve como mais antiga do que ele no movimento. "Saudai Maria, a qual trabalhou muito entre vós." Lemos: "Salve Andrômaco e Junia, meus parentes e cativos comigo, os quais são ilustres entre os apóstolos e tomaram-se cristãos *antes de mim*" (grifos meus).

Alguns estudiosos acreditam que na verdade a epístola Hebreus do Novo Testamento pode ter sido escrita por uma mulher chamada Priscila. Esposa de Aquila, ela é descrita no Novo Testamento como trabalhando ao lado de Paulo, seu nome em geral mencionado antes do de seu marido.[3] E, como salienta a teóloga historiadora Constance Parvey, em Atos 2:17 encontramos a

designação explícita das mulheres como *profetas*. Lemos ali: "Lançarei todo meu Espírito sobre toda carne, e seus filhos e *filhas* farão profecias" (grifos meus).

Assim, de forma clara, a despeito das fortes pressões sociais daquele tempo no sentido de uma rígida dominação masculina, as mulheres exerceram papéis de liderança nas primeiras comunidades cristãs. De acordo com a teóloga Elizabeth Schussier Fiorenza, isso também é confirmado pelo fato de tantos encontros dos primeiros cristãos mencionados no Novo Testamento terem ocorrido nas casas de mulheres. Em Colossenses 4:15, por exemplo, lemos sobre a igreja na casa de Ninfa. Em Coríntios 1:11, lemos a respeito da igreja na casa de Cloé. Em Atos 15:14, 15 e 40, lemos que a igreja em Filipos começou com a conversão da comerciante Lídia. E assim por diante.[4]

Como já observado, no próprio Novo Testamento lemos sobre Maria Madalena. Esta mulher, que, como prostituta, violou a lei androcrática mais fundamental de submissão sexual ao seu marido ou senhor, é claramente membro importante do movimento cristão inicial. De fato, como veremos, há evidências convincentes de que Maria Madalena foi líder do movimento cristão inicial, após a morte de Jesus. Na verdade, ela é retratada em um documento proibido como tendo resistido francamente à reimposição, dentro de algumas seitas cristãs, dos tipos de supremacia desafiados por Jesus — evidência que obviamente não seria incluída nas escrituras que os líderes de tais seitas reuniriam como o Novo Testamento.

Para a mentalidade androcrática, a idéia de que Jesus envolvera-se em uma contra-revolução gilânica é inconcebível. Parafraseando a parábola, aparentemente seria mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que tal noção adentrar as mentes dos fundamentalistas, cujos carros hoje em dia levam adesivos plásticos exortando os outros a entrar "no caminho certo com Jesus". Para começar, por que Jesus teria se preocupado com a elevação das mulheres e dos valores femininos de sua posição subserviente? Para eles, pareceria mais óbvio que, sendo quem era, Jesus teria sido absorvido por questões muito mais importantes — as quais, segundo a definição convencional, excluem qualquer coisa denominada assuntos femininos.

Na verdade, é notável ter ele ensinado o que ensinou, pois o próprio Cristo era um produto androcrático, judeu nascido em uma época em que o judaísmo ainda era rigidamente dominado pelo homem, época em que, como vemos em João 8:3-11, as mulheres ainda costumavam ser apedrejadas até a morte por adultério — em outras palavras, por violar os direitos de propriedade sexual do marido ou senhor. Nessa situação, é bem sugestivo o fato de Jesus não só ter evitado tal apedrejamento como, ao fazê-lo, desafiar os escribas e os fariseus que deliberadamente armaram tal situação para apanhá-lo em uma armadilha e levá-lo a revelar-se como perigoso rebelde.

No entanto, sob um aspecto os ensinamentos gilânicos de Jesus não são tão notáveis. Jesus foi reconhecido há muito tempo como uma das maiores figuras espirituais de todos os tempos. Segundo qualquer critério de excelência, a figura retratada na Bíblia exibe um grau de sensibilidade e inteligência excepcionalmente elevado, bem como a coragem de enfrentar a autoridade estabelecida e, mesmo colocando em risco a própria vida, falar com franqueza contra a crueldade, a opressão e a ganância. Assim, não é de surpreender estar Jesus consciente de que os valores "masculinos" de dominação, desigualdade e conquista que enxergava à sua volta degradando e distorcendo a vida humana precisavam ser substituídos por um conjunto de valores mais "femininos" e brandos, baseados na compaixão, responsabilidade e amor.

O reconhecimento por Jesus de que nossa evolução espiritual tem sido prejudicada pela forma de estruturação das relações humanas, baseada em hierarquias pautadas na violência, poderia ter levado a uma fundamental transformação social. Poderia nos ter libertado de um sistema androcrático. Mas, assim como em outras épocas de ressurgimento gilânico, a resistência oferecida pelo sistema foi muito grande. E por fim os padres da Igreja nos deixaram um Novo Testamento no qual esta percepção é sufocada com freqüência pela sobreposição de dogmas

inteiramente contraditórios, necessários na justificativa da estrutura e dos objetivos androcráticos da Igreja que se seguiram.

As escrituras proibidas

A realidade de antigas obras-de-arte tem sido revelada com freqüência por restauradores, os quais raspam camadas e mais camadas de deturpadora sobrepintura, tisna e verniz antigo. Da mesma forma, o Jesus gilânico agora está sendo revelado pelo novo conhecimento de teólogos e historiadores religiosos realizando investigações por dentro e por fora do Novo Testamento.

Para obter melhor compreensão sobre a real natureza do cristianismo primitivo, precisamos deixar as escrituras oficiais contidas no Novo Testamento e nos voltarmos para outros documentos cristãos antigos, alguns dos quais só recentemente foram encontrados. Desses, os mais importantes — e reveladores — são os 52 evangelhos gnósticos descobertos em 1945 em Nag Hammadi, uma província distante no alto Egito.[5]

Elaine Pageis, professora de estudos religiosos em Princeton, diz, em seu livro *Os Evangelhos Gnósticos*: **"os que escreveram e divulgaram estes textos não se consideravam 'hereges'."**[6] **No entanto, muito do que se sabia anteriormente sobre tais escrituras "hereges" provinha dos homens que os atacavam — os quais dificilmente poderiam oferecer-nos uma visão objetiva.**

De fato, os homens que, a partir de 200 d.C., assumiram o controle do que mais tarde seria denominado igreja "ortodoxa", ou única verdadeira, ordenaram a destruição de todas as cópias desses textos. Mas, como escreve Pageis, "alguém, talvez um monge do monastério vizinho a São Pacômio, pegou os livros proscritos e os escondeu, protegendo-os da destruição, no vaso onde permaneceram enterrados durante quase 1.600 anos".[7] **Devido a uma série de eventos semelhantes a uma história de detetive, foram necessários mais 34 anos, após a descoberta desses evangelhos gnósticos suprimidos, para que os estudiosos completassem o estudo e o livro de Pageis por fim os trouxesse ao conhecimento público em 1979.**

De acordo com o professor Helmut Koester, da Universidade de Harvard, alguns desses escritos cristãos sagrados recém-descobertos são mais antigos do que os Evangelhos do Novo Testamento. Segundo ele, esses textos "possivelmente são bastante antigos, remontando à segunda metade do primeiro século (50-100) — tão antigos quanto Marcos, Mateus, Lucas e João, ou ainda mais antigos".[8]

Os evangelhos gnósticos foram portanto escritos em uma época em que a androcracia há muito já era a norma ocidental. Não são documentos gilânicos. No entanto, o que ali encontramos é um poderoso desafio às normas de uma sociedade dominadora.

O termo gnóstico origina-se da palavra grega *gnosis*, **ou conhecimento. Contrapondo-se ao termo** *agnóstico*, **ainda muito usado para designar aquele que acredita não poder tal conhecimento ser obtido com certeza, ou mesmo obtido de forma nenhuma. À semelhança de outras tradições religiosas místicas ocidentais e orientais, a cristandade gnóstica defendia a visão aparentemente não-herege de que o mistério da verdade divina ou superior é passível de ser conhecido por todos nós através da disciplina religiosa e da vida moral.**

Então, o que havia de tão herege no gnosticismo, a ponto de ter sido banido? O que encontramos especificamente nestes evangelhos gnósticos é a mesma idéia que levou o sacerdócio hebraico a vilipendiar e procurar destruir Jesus, qual seja, a de que o acesso à deidade *não* **precisa ser feito por meio de uma hierarquia religiosa liderada por um rabino-chefe, alto bispo ou papa. Ao contrário, tal acesso pode ser obtido** *diretamente*, **por meio da gnose, ou saber divino — sem ser necessário prestar homenagem ou pagar impostos a um sacerdócio autoritário.**

O que também encontramos em tais escrituras proibidas pelo sacerdócio cristão "ortodoxo" é a confirmação de algo há muito suspeitado, tanto pela leitura das escrituras oficiais

quanto por fragmentos gnósticos descobertos antes: o fato de Maria Madalena ter sido uma das figuras mais importantes do movimento cristão primitivo.

No *Evangelho de Maria***, mais uma vez vemos ter sido ela a primeira a ver o Cristo ressuscitado (como está também registrado superficialmente nos Evangelhos oficiais de Marcos e João).[9] Ali vemos igualmente que Cristo amava Maria Madalena mais do que todos os outros discípulos, como é confirmado no** *Evangelho de Filipe***, um livro gnóstico.[10] Mas o papel tão importante que Maria possa ter representado na história dos primórdios do cristianismo só vem à luz nessas escrituras proscritas. Segundo o Evangelho de Maria, após a morte de Jesus, Maria Madalena tomou-se líder cristã, tendo coragem de desafiar a autoridade de Pedro, que se tomou chefe de uma nova hierarquia religiosa baseada na afirmação de que só ele e seus sacerdotes e bispos possuíam uma linha direta com a divindade."[11]**

"Considerem as implicações políticas do *Evangelho de Maria*"**, observa Pagels. "Como Maria enfrenta Pedro, os gnósticos, que a tomam como protótipo, desafiam a autoridade daqueles padres e bispos que se declaram sucessores de Pedro."[12]**

Havia outras diferenças doutrinárias, também fundamentais, entre a igreja que ia surgindo, cada vez mais hierárquica, encabeçada por Pedro, e outras comunidades cristãs primitivas, tais como a maioria das comunidades gnósticas e seitas como montanismo e marcionismo. Tais seitas não só distinguiam as mulheres como discípulas, profetas e fundadoras do cristianismo, ao contrário dos homens hoje descritos como pais da igreja, mas também incluíam as mulheres, como parte de seu firme compromisso aos ensinamentos de Jesus sobre a igualdade espiritual, na liderança.[13]

Para enfatizar ainda mais o princípio gilânico básico de união e evitar supremacias permanentes, algumas seitas gnósticas escolhiam seus líderes em cada reunião, por sorteio. Tomamos conhecimento de tal procedimento através dos escritos de inimigos do gnosticismo como o bispo Ireneu, o qual supervisionava a igreja em Lyon, por volta de 180 d.C.[14]

"Em uma época em que os cristãos ortodoxos cada vez mais discriminavam clérigos e leigos", escreve Pagels, "este grupo de cristãos gnósticos demonstrou que, entre eles, recusavam-se a compactuar com tal distinção. Em vez da hierarquia de seus membros em 'ordens' superiores e inferiores, eles seguiram o princípio de estrita igualdade. Todos os iniciados, homens e mulheres, participavam do sorteio em iguais condições: qualquer um poderia ser selecionado para servir como *sacerdote bispo* **ou** *profeta***. Além disso, como faziam sorteios a cada reunião, até mesmo as distinções estabelecidas por sorteio Jamais se transformavam em 'supremacias permanentes'."[15]**

Para os cristãos androcráticos que estavam obtendo o poder em toda a parte por meio da supremacia, tais práticas constituíam terríveis distrações. Por exemplo, Tertuliano, que por volta de 190 d.C. escreveu a favor da posição "ortodoxa", mostrou-se indignado com o fato de "todos terem o mesmo acesso, ouvirem e orarem igualmente — até mesmo pagãos, se aparecerem". Ele ficou escandalizado também por "eles compartilharem o beijo da paz com todos que chegam".[16]

Contudo, o que mais indignou Tertuliano — previsivelmente, já que ameaçava os próprios alicerces da infra-estrutura hierárquica, a qual ele e seus companheiros bispos estavam tentando impor à igreja — foi a igualdade de posição das mulheres. "Tertuliano protesta especialmente contra a participação 'daquelas mulheres entre os hereges', as quais compartilhavam com os homens posições de autoridade", observa Pagels. '"Elas lecionavam e engajavam-se em discussões; exorcizavam; curavam' — ele suspeita que poderiam até mesmo batizar, o que significava que elas também atuavam como bispos!"[17]

Para homens como Tertuliano, só uma "heresia" era ainda maior do que a idéia de homens e mulheres como iguais espiritualmente, heresia esta que ameaçava mais fundamentalmente o crescente poder dos homens que agora estavam se estabelecendo como novos "príncipes da igreja": a idéia da divindade como feminina. E isto — segundo os evangelhos

gnósticos e outros documentos cristãos sagrados não incluídos nas escrituras oficiais ou Novo Testamento — era precisamente o que alguns dos primeiros seguidores de Cristo pregavam.

Seguindo a tradição primitiva, e aparentemente ainda lembrada, na qual a Deusa era vista como a Mãe ou Provedora, os seguidores de Valentino e Marcos oravam à Mãe como "o Silêncio místico e eterno", como a "Graça, aquela que está acima de todas as coisas", e como a "Sabedoria incorruptível".[18] Em outro texto, a *Trimorphic Protennoia* (traduzida literalmente como *Pensamento Primevo Tripliforme*), encontramos a celebração de poderes tais como o pensamento, a inteligência e a percepção qualificados como femininos — outra vez seguindo a antiga tradição na qual esses poderes eram considerados atributos da Deusa. O texto se inicia com a fala de uma figura divina: "Sou Protennoia, o Pensamento que habita a Luz. (...) Ela que existe acima de Tudo. (...) Estou em cada criatura. (...) Sou A Invisível dentro do Todo. (...) Sou percepção e Conhecimento, proferindo uma Voz por meio do Pensamento. Sou a verdadeira Voz."[19]

Em outro texto, atribuído ao professor gnóstico Simão Mago, o próprio paraíso — local onde a vida começou — é descrito como o útero materno.[20] E nos ensinamentos atribuídos a Marcos ou Teodoto (cerca de 160 d.C.), vemos que "os elementos masculinos e femininos juntos constituem a melhor produção da Mãe, a Sabedoria".[21]

Seja qual for a forma assumida por essas "heresias", elas são claramente derivadas da tradição religiosa primitiva, quando a Deusa era cultuada e as sacerdotisas eram suas representantes terrestres. Da mesma forma, quase uniformemente, a sabedoria divina personificava-se como feminina — como ainda o é nas palavras femininas tais como a hebraica *hokma* e a grega *sophia*, ambas significando "sabedoria" ou "conhecimento divino", bem como em outras tradições místicas primitivas, tanto ocidentais quanto orientais.[22]

Outra forma assumida por essas heresias era o modo "não ortodoxo" com que representavam a sagrada família. "Um grupo de fontes gnósticas declara ter recebido uma tradição secreta de Jesus através de Tiago e Maria Madalena", relata Pagels. "Membros desse grupo oravam tanto ao Pai quanto à Mãe divinos: 'de Vós, Pai, e através de Vós, Mãe, dois nomes imortais. Pais do ser divino, e vós, habitantes dos Céus, humanidade, do nome poderoso'."[23]

Da mesma forma, o professor e poeta Valentino ensinou que, embora a deidade seja essencialmente indescritível, o divino pode ser representado como uma díade constituída pelos princípios masculino e feminino.[24] Outros foram mais literais, ao insistir que o divino devia ser considerado andrógino. Ou descreveram o espírito santo como feminino, para que em termos da trindade católica tradicional, da união do Pai com o Espírito Santo ou Mãe Divina, se originasse seu Filho, o Cristo Messias.[25]

As heresias gilânicas

Esses cristãos primitivos não só ameaçaram o crescente poder dos "pais da igreja"; suas idéias constituíram também desafio direto à família patriarcal. Tais visões iam enfraquecendo a autoridade de inspiração divina do homem sobre a mulher, sobre a qual se baseava a família patriarcal.

Estudiosos bíblicos observaram com freqüência que a cristandade antiga era percebida como ameaça pelas autoridades hebraicas e romanas. Isso não se devia apenas à relutância dos cristãos em cultuar o imperador e oferecer lealdade ao Estado. O professor S. Scott Bartchy, antigo diretor do Instituto para Estudo das Origens Cristãs, em Tübingen, Alemanha Ocidental, aponta uma razão ainda mais forte por que os ensinamentos de Jesus e seus seguidores eram considerados perigosamente radicais: o fato de questionarem as tradições familiares existentes. Eles consideravam as mulheres pessoas com seus próprios direitos. Sua ameaça fundamental, conclui

Bartchy, residia no "desrespeito dos cristãos originais às estruturas familiares romanas e judaicas daquela época, as quais subordinavam as mulheres".[26]

Se considerarmos a família como um microcosmo do mundo em geral — e como o único mundo que uma criança pequena e dócil conhece — este "desrespeito" à família dominada pelo homem, na qual a palavra do pai é lei, pode ser vista como uma ameaça maior a um sistema baseado na supremacia da força. O que explica por que aqueles que hoje em dia nos forçariam a voltar aos "bons tempos", quando mulheres e "homens inferiores" conheciam seu lugar, têm como prioridade máxima o retomo à família "tradicional". Isso também lança nova luz sobre a luta que dividiu o mundo há dois mil anos, quando Jesus pregava seu evangelho de compaixão, nâo-violência e amor.

Há inúmeras semelhanças interessantes entre nossa época e aqueles anos turbulentos em que o poderoso império romano — uma das sociedades dominadoras mais poderosas de todos os tempos — começou a entrar em decadência. Ambos constituem períodos que os teóricos do "caos" chamam de estados de crescente desequilíbrio de sistemas, épocas em que mudanças de sistemas imprevisíveis e inéditas podem acontecer. Se considerarmos os anos imediatamente anteriores e posteriores à morte de Jesus sob a perspectiva de um conflito entre androcracia e gilania, descobriremos que, assim como em nossa época, esse foi um período de forte ressurgimento gilânico. E não admira, pois é durante períodos como esse, de grandes rupturas sociais, que, segundo o Prémio Nobel Ilya Prigogine, especialista em termodinâmica, "flutuações" inicialmente pequenas podem levar à transformação de sistemas.[27]

Se considerarmos os primórdios do cristianismo como uma flutuação inicialmente pequena, a qual surgiu primeiro na periferia do império romano (na pequena província da Judéia), seu potencial para nossa evolução cultural adquire novo significado, e seu fracasso é ainda mais comovente. Além do mais, se considerarmos os primórdios do cristianismo dentro de sua estrutura maior, que considera como interligado oi que acontece em todos os sistemas, poderemos perceber também a existência de outras manifestações de ressurgimento gilânico até mesmo no interior da própria Roma.

Em Roma, por exemplo, a educação estava mudando de tal formal que rapazes e moças pertencentes à aristocracia às vezes recebiam o mesmo currículo. Como diz a teóloga histórica Constance Parvey, "no interior do império romano, no primeiro século d. C., muitas mulheres recebiam instrução e algumas eram altamente influentes, dispondo de grande liberdade na vida publica".[28] Ainda havia restrições legais. As mulheres romanas precisavam ter guardiães masculinos e jamais ouviram direito a voto. Contudo, particularmente nas classes mais altas, cada da vez mais as mulheres participavam da vida pública. Algumas abraçavam as artes. Outras dedicavam-se a profissões como a medicina. Outras ainda tomavam parte em negócios, na vida da corte e na vida social, participavam de atividades atléticas, iam a teatros, eventos esportivos e concertos, e viajavam sem precisar de acompanhantes masculinos.[29] Em outras palavras, como observam Pagels e Parvey, durante este período houve um movimento no sentido da "emancipação" feminina.

Houve outros desafios ao sistema androcrático, tais como rebeliões de escravos e de províncias distantes. Sob o domínio de Bar Kokhba aconteceu a Revolta Judaica (132-135 d.C.), que marcaria o fim da Judéia.[30] Mas, com o desafio à supremacia androcrática firmada na força, com os primeiros cristãos optando pela não-violência e falando de compaixão e paz, Roma tomou-se ainda mais despótica e violenta.

Como os excessos de seus imperadores (incluindo o cristão Constantino) e os famosos circos do império romano revelam hediondamente, o desafio gilânico a esta sociedade dominadora sanguinária fracassou. Na verdade, mesmo no interior do próprio cristianismo, a gilania não seria vitoriosa.

O pêndulo retrocede

Apesar da atividade publica anterior das mulheres cristãs", observa Pagels, "por volta do ano 200 a maior parte das comunidades cristãs endossou como canônica a carta pseudopaulina de Timóteo, que enfatiza (e exagera) o elemento antifeminista nas visões de Paulo 'Deixe que uma mulher aprenda em silêncio com toda a submissão, Não permito a qualquer mulher lecionar ou exercer autoridade sobre os homens; ela deve manter-se em silêncio.' (...) Por volta do fim do segundo século, a participação das mulheres no culto era explicitamente condenada; grupos nos quais as mulheres continuavam a liderar foram considerados hereges."[31]

Segundo Pagels, "Quem investigar os primórdios da história do cristianismo (o campo denominado 'Patrística' — isto é, estudo dos 'pais da Igreja') estará preparado para a passagem que conclui o Evangelho de Tomás: 'Simão Pedro disse a eles (os discípulos): Deixai Maria ir, pois as mulheres não são dignas da vida.' Jesus disse: 'Eu mesmo a guiarei, a fim de transformá-la em homem, de modo que ela também possa tornar-se um espírito vivo, semelhante a vós homens. Pois toda mulher que se transformar em homem adentrará o Reino dos Céus'."[32]

Semelhante exclusão integral de metade da humanidade — ainda mais ironicamente, a metade de cujo próprio corpo surge a vida — só faz sentido no contexto de uma regressão e repressão androcráticas que passam a vigorar. Ela serve para afirmar o que tantos de nós, no intimo, já sabíamos, sem sermos capazes de localizar exatamente o que era: houve algo de terrivelmente errado no evangelho original de amor trazido pelo cristianismo. Senão, como poderia tal evangelho ser usado para justificar todas as torturas, conquistas e derramamento de sangue realizados por cristãos devotos contra outros, e entre si, tão presentes em nossa história ocidental?

Pois acabou havendo no mundo ocidental uma mudança de sistemas imprevisível e dramática. Após o caos da decadência do mundo romano clássico, uma nova era tomou forma. O que começara como um culto menor de mistério tomou-se a nova religião ocidental. Mas, embora sua mensagem contínua fosse a transformação do indivíduo e da sociedade, em vez de transformar a sociedade este "invasor periférico" foi ele mesmo transformado. Assim como outros antes e a maioria desde então, o cristianismo tomou-se uma religião androcrática. O Império Romano foi substituído pelo Sagrado Império Romano.

No ano 200, nesse caso clássico de inversão da espiritualidade, o cristianismo já estava em vias de tomar-se precisamente o tipo de sistema hierárquico pautado na violência contra o qual Jesus se rebelara. E, após a conversão do imperador Constantino, ele se tomou uma arma oficial, isso é, a serviço do Estado. Como relata Pagels, quando o "cristianismo se tomou religião aprovada oficialmente, no quarto século, os bispos cristãos, anteriormente vitimas da polícia, passaram a comandá-la".[33]

De acordo com histórias cristãs, afirma-se que no ano 312, um dia antes de Constantino derrotar e matar seu rival Maxêncio e ser proclamado imperador, ele teve ao sol poente uma visão divina: uma cruz com as palavras *in hoc signo victor seris* **("com este sinal serás vitorioso"). O que em geral os historiadores cristãos não relatam é o fato de também se afirmar que o primeiro imperador cristão mandou queimar viva a esposa Fausta e ordenou o assassinato do próprio filho Crispo.[34] Mas o derramamento de sangue e a repressão introduzidos na cristianização da Europa não se limitaram aos atos particulares de Constantino. Tampouco se confinaram aos atos públicos dele e de seus sucessores cristãos, tais como éditos posteriores afirmando que a partir daquela data a heresia, para a Igreja, tornará-se ato de traição, punível com a tortura e a morte.**

Tomou-se prática padronizada de líderes da Igreja ordenar a tortura e execução de todos os contrários à "nova ordem".[35] Tomou-se igualmente prática disseminada a supressão sistemática de toda informação "herética" capaz de ameaçar essa ordem hierárquica androcrática.

Em vez de ser o espírito puro, ao mesmo tempo mãe e pai, Deus tornou-se explicitamente masculino. E, como o papa Paulo VI ainda afirmaria quase dois mil anos depois, em 1977, as mulheres não tinham permissão de entrar para o sacerdócio "porque nosso Senhor era homem".[36] Ao mesmo tempo, os evangelhos gnósticos e outros textos semelhantes, que circularam livremente nas comunidades cristãs dos primórdios da era cristã, foram denunciados e destruídos como heresias por aqueles que passaram a se autodenominar ortodoxos, isso é, a única igreja legítima.

De acordo com Pagels, todas estas fontes — "evangelhos secretos, revelações, ensinamentos místicos — estão entre as que não foram incluídas na lista selecionada que constitui a coleção do Novo Testamento. (...) Todos os textos secretos que os grupos gnósticos veneravam foram omitidos na coleção canônica, considerados hereges por aqueles que se denominavam cristãos ortodoxos. Ao fim do processo de seleção dos vários escritos — provavelmente por volta do ano 200 — *virtualmente todas as imagens femininas para Deus haviam desaparecido da tradição ortodoxa*"**.[37]**

O ato dos cristãos de marcarem como hereges os cristãos que acreditavam na igualdade é particularmente irônico, diante do fato de nas primeiras comunidades apostólicas mulheres e homens terem vivido e trabalhado segundo os mandamentos de Jesus, praticando o ágape, ou amor fraternal. Ainda mais irônico se torna tal ato se considerarmos que muitas dessas mulheres e homens que viviam e trabalhavam juntos morreram como mártires cristãos. Mas, para os homens que posteriormente usaram o cristianismo em toda a parte a fim de estabelecerem suas leis, a vida e ideologia cristãs precisavam adequar-se aos moldes androcráticos.

Com o passar dos anos, a cristianização dos pagãos europeus tornou-se justificativa para mais uma vez reinstalar-se o dogma dominador, o que exigiu não só a derrota ou conversão forçada de todos que não abraçassem o cristianismo oficial; exigiu também a destruição sistemática de templos, santuários e "ídolos" pagãos e o fechamento de antigas academias gregas, onde o questionamento "herege" ainda era praticado. A prova que a Igreja deu de seu direito "moral" pelo poder foi tão bem-sucedida que até o Renascimento, mais de mil anos depois, qualquer expressão artística ou busca de conhecimento empírico não "abençoado" pela Igreja eram praticamente inexistentes na Europa. E a destruição sistemática de todo conhecimento remanescente foi tão integral, incluindo a queima de livros em massa, que chegou a difundir-se fora da Europa, em qualquer lugar que a autoridade cristã pudesse alcançar.

Assim, no ano de 391, sob Teodósio I, os cristãos agora inteiramente androcratizados queimaram a grande biblioteca de Alexandria, um dos últimos redutos de sabedoria e conhecimento antigos.[38] Secundados e instigados pelo homem que mais tarde seria canonizado como São Cirilo (o bispo cristão de Alexandria), monges cristãos retalharam barbaramente com conchas de ostras Hipácia, a astrônoma, matemática e filósofa extraordinária da escola de filosofia neoplatônica de Alexandria, pois essa mulher, atualmente considerada uma das maiores estudiosas de seu tempo, segundo São Cirilo era uma fêmea iníqua que ousara, contra os mandamentos de Deus, ensinar aos homens.[39]

Nos escritos oficialmente sancionados, dogmas paulinos — ou, como cada vez mais estão concluindo os estudiosos, pseudopaulinos — reasseveravam autoritariamente que a mulher e tudo que levasse o rótulo de feminino seriam considerados inferiores e tão perigosos que deveriam ser estritamente controlados. Subsistiam ainda algumas exceções, notadamente os escritos de Clemente de Alexandria, o qual ainda caracterizava Deus como feminino e masculino, tendo escrito que o nome "humanidade" é comum tanto a homens quanto a mulheres".[40] Mas, em grande parte, o modelo para as relações humanas proposto por Jesus, no qual homens e mulheres, ricos e pobres, pagãos e judeus eram todos um só, foi expurgado das ideologias, bem como das práticas cotidianas da Igreja cristã ortodoxa.

Os homens controladores da nova Igreja ortodoxa podiam, durante um ritual, erguer o antigo Cálice, agora transformado na taça da Sagrada Comunhão com o sangue simbólico de Cristo, mas na verdade a Espada mais uma vez sobrepunha-se a tudo. Sob a espada e o fogo da

aliança entre a Igreja e a classe dominante caíram não só pagãos, tais como mitraístas, judeus ou devotos das antigas religiões misteriosas de Elêusis e Delfos, mas também qualquer cristão que não se submetesse e aceitasse suas leis. Eles afirmavam ser ainda seu objetivo difundir o evangelho de amor de Jesus. Mas, com a selvageria e o horror de suas Cruzadas sagradas, suas caças às bruxas, a Inquisição e sua queima de livros e pessoas, difundiram não o amor mas os antigos princípios androcráticos de repressão, devastação e morte.

Assim, ironicamente, a revolução de não-violência de Jesus, durante a qual ele morreu na cruz, converteu-se na regra da força e do terror. Como observaram os historiadores Will e Ariel Durant, na distorção e perversão dos ensinamentos de Jesus, a cristandade medieval representou na verdade um retrocesso moral.[41] Em vez de uma ameaça à ordem androcrática estabelecida, o cristianismo transformou-se no que praticamente todas as religiões da terra se transformaram, em nome do esclarecimento e liberdade espiritual: uma maneira poderosa de perpetuação de tal ordem.

No entanto, a luta da gilania contra a androcracia está longe do seu fim. Em determinadas épocas e locais, ao longo dos séculos negros do cristianismo androcrático — e dos reis e papas despóticos que governavam a Europa em seu nome —, o estimulo gilânico no sentido de prosseguir nossa evolução cultural ressurgiria. Como veremos nos capítulos seguintes, esta luta contínua tem sido a força maior e invisível que dá forma à história ocidental, e começa mais uma vez a se destacar em nossa época.

CAPITULO 10

MODELOS DO PASSADO: GILANIA E HISTÓRIA

A história, como ensinada na maioria das escolas, é em grande parte uma questão da luta pelo poder entre homens e nações. As datas de batalhas e os nomes de reis e generais são os tópicos importantes na construção e destruição de fortes, palácios e monumentos religiosos. Mas se voltarmos a considerar a história à luz das novas informações que vimos examinando e da nova estrutura teórica que vimos desenvolvendo, surge um tipo de luta bem diferente. Hoje, acima de todos os nomes e datas sanguinários, podem ser identificados os mesmos processos fundamentais estudados por cientistas tais como Ilya Prigogine, Isabel Stengers, Edward Lorenz e Ralph Abraham no mundo natural:[1] movimento de flutuação ou aparentemente irregular; oscilação, ou movimento cíclico; e transformação dos sistemas em pontos críticos de "bifurcação", em que, como escrevem Prigogine e Stengers, "o sistema pode 'optar' entre mais de um futuro possível".[2]

Se olharmos superficialmente, podemos a princípio observar flutuações ao longo da história, de épocas belicosas a períodos de paz, de épocas autoritárias a outras mais livres e criativas, de períodos em que as mulheres são mais reprimidas a outros em que, ao menos para algumas mulheres, existem oportunidades de instrução e de vida mais amplas. Para o historiador tradicional, esses tipos de flutuações não guardam verdadeiras surpresas, consistindo apenas no que existe, sem ter necessariamente grande significação.

Mas será verdade que este não passa de um movimento fortuito e irregular? Se analisarmos com mais atenção, perceberemos a existência de padrões nessas flutuações históricas. Segundo a perspectiva que estamos desenvolvendo, percebe-se que os tempos de guerra em geral são também tempos de maior autoritarismo. Épocas mais pacificas em geral são também as de maior igualdade, podendo ser também épocas de evolução cultural e elevada criatividade. Se olharmos com maior atenção ainda, as oscilações, ou movimentos cíclicos, também se tomam evidentes. Além disso, perceberemos que, sob esses movimentos cíclicos, há uma dinâmica fundamental que até o momento só recebeu estudos periféricos ou superficiais.

Se considerarmos a história a partir de uma perspectiva holística, levando em conta ambas as metades da humanidade e a extensão de nossa evolução cultural, perceberemos de que maneira esses padrões cíclicos se relacionam com a transformação fundamental que vimos examinando: a mudança de sistemas em nossa pré-história estabeleceu um curso radicalmente diferente na evolução cultural. E se analisarmos o que aconteceu após essa mudança de um modelo de organização social de parceria para um modelo dominador, à luz dos novos princípios sobre a estabilidade dos sistemas e a mudança desses sistemas, princípios descobertos nas ciências naturais, a história registrada adquire ao mesmo tempo nova clareza e complexidade.

Os matemáticos que estudam a dinâmica dos processos de sistemas falam do que denominam *indutores*. Parecidos com os magnetos, podem ser indutores "puntiformes" ou "estáticos", os quais governam movimentos cíclicos ou oscilatórios; e indutores "caóticos" ou "estranhos", os quais são característicos de estados distantes do equilíbrio, ou em desequilíbrio.[3] Algo semelhantes aos isolados periféricos de Gould e Eldredge, indutores caóticos ou estranhos podem, às vezes com relativa rapidez e imprevisibilidade, tornar-se núcleos para a formação de um sistema todo novo. Mas pode haver também mudanças mais graduais ou "sutis", quando os indutores "puntiformes" perdem parte de sua atratividade e os indutores periódicos tomam-se progressivamente mais atrativos.[4]

Da mesma forma, Prigogine e Stengers referem-se a flutuações localizadas primeiro em uma pequena parte do sistema. Se o sistema é estável, o novo modo de funcionamento

representado por essas flutuações não permanecerá. Mas se esses "inovadores" se multiplicarem com velocidade suficiente, todo o sistema poderá adotar um novo modo de funcionamento.[5] Em outras palavras, se as flutuações excederem o que Prigogine e Stengers denominam "limiar de nucleação", elas "se difundirão para todo o sistema". Com a amplificação dessas flutuações inicialmente pequenas, que são na verdade "pontos de bifurcação" críticos, revelam-se como caminhos para possíveis transformações de sistemas. Quando esses pontos de bifurcação são atingidos, "a descrição determinista entra em colapso", e não é mais possível prever que "bifurcação" e que "futuro" serão escolhidos.[6]

De que forma podemos aplicar essas observações dos processos naturais a esses processos sociais? Evidentemente, há importantes diferenças entre os sistemas biológicos, químicos e sociais — não só a complexidade bem maior, como também, e ainda mais notável, um elemento de escolha progressivamente maior. Contudo, embora seja essencial não tentar reduzir o que acontece em sistemas sociais ao que acontece em níveis mais simples de organização, se analisarmos com atenção todos os sistemas viventes, alguns notáveis isomorfismos, ou semelhanças nos padrões que governam tanto a estabilidade quanto a mudança em todos os níveis, tornam-se evidentes. E se considerarmos a história segundo a perspectiva dinâmica proporcionada por esta nova visão da evolução e mudança de sistemas, poderemos começar a formular uma nova teoria de transformação cultural ou, mais especificamente, mudança de sistemas androcrático/gilânico.

Em vez de fortuitas, as flutuações na história registrada podem ser vistas como reflexo de um movimento periódico no sistema androcrático predominante em direção ao "indutor" de um modelo de organização social de parceria. No nível estrutural, isto se reflete em alterações periódicas no modo de organização das relações humanas — particularmente as relações entre as metades feminina e masculina da humanidade. No nível dos valores, ela se reflete (em tudo, da literatura às políticas sociais) no embate periódico entre os valores rígidos estereotipados como fortes ou "masculinos", simbolizados pela Espada, e os valores estereotipados como "femininos" ou suaves, simbolizados pelo Cálice.

Além disso, essa dnâmica histórica pode ser considerada de uma perspectiva evolutiva mais ampla. De acordo com o que foi visto nos capítulos anteriores, a orientação cultural originária de nossa espécie, nos anos formadores da civilização humana, aproximou-se do que podemos denominar antiga parceria, ou modelo de sociedade protogilânico. Nossa evolução cultural foi inicialmente moldada por este padrão, atingindo seu ápice inicial na cultura altamente criativa de Creta. Em seguida, veio um período de crescente desequilíbrio ou caos. Onda após onda de invasões e através da gradual replicativa da espada e da pena, a androcacia inicialmente agiu como um indutor "caótico", tornando-se posteriormente o indutor "estático" ou "puntiforme" na maior parte da civilização ocidental. Mas, em toda a história registrada, particularmente nos períodos de instabilidade social, o modelo gilânico continuou a agir como um indutor periódico mais fraco, porém persistente. Assim como uma planta recusa-se a morrer, não importa com que freqüência seja esmagada ou podada, na história que agora voltaremos a examinar a gilania buscou repetidamente restabelecer seu lugar ao sol.

O feminino como força na história

A idéia da história como movimento dialético de forças conflitantes moldou as análises hegeliana, marxista e outras. Os ciclos históricos foram também observados por Arnold Toynbee, Oswaid Spengler, Arthur Schlesinger, Sr., e outros.[7] No entanto, nas histórias convencionais centradas nos homens, é característica a inexistência de menção à poderosa alternância entre períodos de ascensão gilânica e regressão androcrática. Para compreender esta alternância cíclica — hoje crítica, porque mais uma mudança da paz para a guerra poderia ser a ultima — devemos conseqüentemente nos voltar para os trabalhos de historiadores não convencionais.

Henry Adams é um desses. Embora sob certos aspectos seja um visionário, Adams foi essencialmente um conservador que afirmou devermos retomar aos valores mais antigos e religiosos. Mas, se olharmos sob a superfície do trabalho de Adams, reconheceremos uma força poderosa e tradicionalmente ignorada, a do "feminino" na história. Adams objetou que "sem compreender o movimento dos sexos" a história não passa de "mero pedantismo". Criticou a história americana porque "raramente menciona o nome de uma mulher" e a história inglesa por "falar das mulheres tão timidamente como se fossem uma espécie nova e não descrita".[8] De fato, a principal tendência na análise de Adams foi ver que à força civilizadora da história ocidental era o que ele denominou a Virgem. "Todo o vapor do mundo", escreveu ele, "não poderia, como a Virgem, erigir Chartres", pois a Virgem foi "a maior força que o mundo ocidental jamais sentiu".[9] Contrapondo-se ao poder positivo da Virgem havia o poder negativo e destrutivo: a força bruta, por Adams denominada o Dínamo, ou tecnologia de desumanização desenfreada.

Adams apoiou suas observações em um misto de estereótipos sexuais androcráticos e generalizações místicas. Mas na verdade o que surge, quando se transcendem tais barreiras, é o mesmo conflito que identificamos como a luta entre as duas visões de poder representadas pela androcracia e gilania, os modelos dominador e de parceria, ou a Espada e o Cálice. Na verdade, o simbolismo de Adams sobre a Virgem e o Dínamo traça um paralelo íntimo com o do Cálice e da Espada. Tanto o Cálice quanto a Virgem são símbolos do poder "feminino" de criação e nutrição. E tanto a Espada quanto o Dínamo são símbolos "masculinos" de tecnologia destrutiva e insensata.

Um precursor ainda mais extraordinário da análise da história em termos da luta entre os valores chamados femininos e masculinos é G. Rattray Taylor em *Sexo na História*.'[10] **Mas, assim como acontece com Adams, para usar os dados de Taylor deveremos ir além do que ele afirma descrever para chegar ao que de fato descreve. Seguindo as famosas teorias de Wilhelm Reich[11] e outros psicólogos que perceberam as sociedades patriarcais a princípio como sexualmente repressivas, Taylor argumenta que as oscilações históricas de atitudes sexualmente permissivas para atitudes sexualmente repressivas são os fundamentos da alteração entre períodos mais livres e criativos para outros mais autoritários e menos criativos.[12] Mas o que esse livro de fato documenta, por trás desses ciclos, são as mudanças de valores a que ele mesmo se refere como identificadas com a mãe ou o pai.**

De fato, os termos de Taylor — *matrismo*, **ou identificação materna, e** *patrismo*, **ou identificação paterna —, que foram criados devido à falta de palavras para o que ele estava buscando, descrevem as mesmas configurações de gilania e androcracia. Períodos matristas são aqueles em que as mulheres e os valores "femininos" (o que Taylor denomina de identificação materna) recebem elevado status. Esses períodos consistem caracteristicamente de intervalos de maior criatividade, menor repressão social e sexual, maior individualismo e reforma social. Inversamente, em períodos patristas, a depreciação da mulher e da feminilidade é mais pronunciada. Esses períodos, em que valores de identificação paterna, ou "masculinos", estão mais uma vez em ascensão, são mais repressores social e sexualmente, dedicando menor ênfase às artes criativas e reforma social.[13]**

Taylor utiliza o período trovador no sul da França como exemplo medieval de período matrista — ou, em nossos termos, período de ressurgimento gilânico. Nesse período, saído das cortes do século XII de Eleonora de Aquitânia e suas filhas Mane e Alix, o amor cortesão e respeitoso pelas mulheres surgiu como tema central tanto na poesia quanto na vida.[14] A visão trovadoresca da mulher poderosa e honrada, em vez de dominada e desprezada, e do homem honrado e gentil, em vez de dominador e brutal, não era nova. Como vimos, esse enfoque origina-se de Creta e do neolítico. Mas em uma época em que a selvageria e a devassidão masculinas eram a norma, os conceitos trovadorescos de cavalheirismo, gentileza e amor romântico foram de fato revolucionários, como observa Taylor.

Taylor também afirma não haver dúvida de que os valores "femininos" (ou, em seus termos, de identificação materna)[15] dos trovadores humanizaram profundamente a história ocidental. Tais valores não só passaram a "florescer sempre que havia uma ascendência matrista"; de certa forma, "até mesmo os patristas acabaram aceitando o ideal de gentileza para com os fracos, crianças e mulheres, contanto que as mulheres fossem de sua própria classe".[16]

"Eles eram inovadores e progressistas", escreve Taylor sobre os trovadores, "interessados na arte e instigando, de quando em vez, as reformas sociais; evitavam o uso da força: deleitavam-se em vestes alegres e coloridas. Acima de tudo, alçaram a Virgem Maria à condição de protetora especial: muitos dos poemas dessa época são a ela dirigidos, e em 1140 uma nova festa foi instituída em Lyon — uma festa que, como protestou Bemard de Clairvaux, era 'desconhecida aos costumes da Igreja, desaprovada pela razão e não tinha a sensação da tradição' — a festa da Imaculada Conceição."[17]

A acusação de Bemard sobre a inexistência de sanção tradicional para o culto a uma mãe que concebe um filho divino era por certo de todo infundada. O culto a Maria representava um retorno ao antigo culto da Deusa. E a feroz resistência da Igreja à veneração de Maria representava não só o reconhecimento tácito do poder remanescente dessa religião mais antiga; era também a expressão da resistência —patrista contra o forte ressurgimento de valores gilânicos, característicos do movimento trovadoresco.

Se substituirmos os termos de Taylor *matrista* **e** *patrista* **por nossos termos** *gilânico* **e** *androcrático*, **muito do que, de outra forma, pareceria incompreensível na história medieval adquire significado político específico. A condenação da Igreja, subordinando as mulheres à condição de silêncio, não pode ser vista como um mistério histórico menor, mas como expressão** *básica* **da posse, pela Igreja, do modelo androcrático/dominador. Tomava-se essencial subordinar e silenciar as mulheres — junto com os valores "femininos" originalmente pregados por Jesus — caso quisessem manter as normas androcráticas, e com elas o poder da Igreja medieval.**

Outro aspecto inexplicável da história medieval adquire significado político compreensível — e crítico —, qual seja, a extrema difamação das mulheres empreendida pela Igreja, nas palavras do *Malleus Maleficarum* **ou** *Martelo das Bruxas* **(o manual do Inquisidor santificado pela Igreja na caça às bruxas), como "fonte carnal de todo o mal".[18]**

Na maior parte dos livros de história, as intermitentes caças às bruxas ao longo de vários séculos em que, seguindo as ordens da Igreja, os homens infligiam de forma sádica torturas horrendas a milhares, possivelmente milhões, de "bruxas", são no máximo mencionadas de passagem. Quando essas perseguições bárbaras a mulheres (a maioria delas acabou sendo condenada à dor excruciante da morte lenta na fogueira) chegam a ser citadas, em geral são explicadas como resultado de histeria coletiva. Do século XIII ao XVI, ou o campesinato europeu simplesmente enlouqueceu, ou então as próprias bruxas eram dementes — de acordo com Gregory Zilboorg, "milhões de bruxas, feiticeiras, possuídas e obcecadas constituíam vasto contingente de neuróticas severas (e) psicóticas".[19] Mas, como observam Barbara Eherenreich e Deirdre English, "a febre das bruxas não era uma orgia de linchamento nem um suicídio em massa realizado por mulheres histéricas. Ao contrário, eles seguiam procedimentos bem ordenados e legais. As caças às bruxas eram campanhas bem organizadas, iniciadas, financiadas e executadas pela Igreja e pelo Estado".[20]

Um dos estímulos para tais perseguições foram, a começar pelo próprio tratamento de monarcas e da nobreza do século XIII, os "médicos" educados pela Igreja (que na verdade não receberam qualquer ensinamento prático para a cura), que começaram a competir com as tradicionais "mulheres sábias", as quais passaram a ser acusadas de possuir "poderes mágicos" que afetavam a saúde — e, muitas vezes, queimadas na fogueira pelo "crime" de usar esses dons para curar e ajudar.[21] Outro estímulo, refletido na acusação da existência de reuniões organizadas pelas bruxas, onde os pagãos se encontravam nas florestas a fim de associar-se com demônios, residia no fato de muitas dessas mulheres evidentemente se agarrarem a antigas crenças religiosas, incluindo

provavelmente o culto a uma deidade feminina e/ou seu filho-consorte, o antigo deus-touro (o atual demônio de casco fendido).

Contudo, a acusação mais comum e reveladora era a sexualidade das bruxas; pois, aos olhos da Igreja, todo o poder das bruxas em última análise derivava-se de sua sexualidade feminina "pecaminosa".[22]

Tipicamente, essa visão misógina e patológica das mulheres como sexo é apresentada como simples irracionalidade de homens frustrados. Mas a condenação "moral" das mulheres pela Igreja foi bem além de um subterfúgio psicológico. Constituiu uma justificativa para a dominação masculina, uma resposta adequada e, naquele sentido da palavra, também racional, do sistema androcrático, não só aos vestígios de tradições gilânicas primitivas mas igualmente aos repetidos surtos gilânicos que, segundo Taylor, ameaçavam "subverter a autoridade paterna".[23]

Em outras palavras, a caça às bruxas, sancionada oficialmente, bem como as repetidas denúncias feitas pela Igreja sobre as mulheres como sexo, não constituía fenômeno excêntrico ou isolado. Ela era um elemento essencial, primeiro na imposição e em seguida na manutenção da androcracia: meio necessário e, nesse sentido, razoável de oposição ao ressurgimento gilânico periódico.

Ao enfocar a anti-sexualidade histérica e a violenta repressão da Igreja — que transformaram a "Idade Média moral" em uma cruz entre um ossuário e um asilo de loucos"[24] —, Taylor inclina-se a deixar de lado o caráter essencialmente antifeminista da condenação ao sexo realizada pela Igreja. No entanto, os dados por ele apresentados deixam pouca dúvida do que, acima de tudo, a Igreja considerava "herege". Taylor mostra repetidamente que o elo comum interligando as várias seitas hereges que a Igreja perseguia de modo tão cruel consistia na identificação daquelas seitas com os denominados valores femininos. Essas seitas adoravam tipicamente a Virgem como Nossa Senhora do Pensamento. E, assim como as seitas cristãs antigas, que representaram papel tão fundamental no ressurgimento gilânico de seu tempo, muitas vezes elas concediam elevado *status*, e até mesmo posições de liderança, às mulheres.[25]

Como escreve o próprio Taylor, "a pergunta que estamos prestes a fazer é: por que a Igreja sentiu, embora de forma obscura, existir algum fator comum de ligação entre os trovadores, os catares, os Baghard e as várias seitas menores que pregavam um amor casto? (...) A resposta só pode residir na existência de tal fator comum: (...) Embora seus dogmas e rituais diferissem muito e algumas dessas seitas ainda se declarassem dentro da Igreja, psicologicamente tinham um ponto em comum: a identificação com a mãe. E era nessa única heresia que a Igreja estava realmente interessada".[26]

A história se repete

Em *Sexo na História*, constatamos que a qualidade essencial da Igreja medieval era seu patrismo ou identificação com o pai — em nossos termos, seu caráter androcrático ou dominador. Começamos também a enxergar, por trás das tendências oscilatórias da história, a existência de conflitos específicos entre os valores de dominação e parceria.

Por exemplo, Taylor observa como, na época elisabetana, quando uma mulher, a rainha Elisabete I, sentou-se no trono inglês, ascenderam os valores de "identificação materna" ou "femininos". Na Inglaterra elisabetana "havia uma consciência que despertou da responsabilidade em relação aos outros, expressa, por exemplo, na instituição da 'lei dos pobres'". Havia também "um novo amor ao livre aprendizado, o qual encontrou expressão na erudição e na criação de faculdades para os estudantes", e "um fluxo de energia criativa, especialmente em poesia e teatro, forma de arte preferida dos ingleses, como também na pintura, arquitetura e música".[27]

Também importante — e como veremos, no que se refere aos sistemas, crítico — é o fato de, nos períodos de ressurgimento gilânico tais como a era elisabetana, a época dos trovadores e o Renascimento, as mulheres da classe superior obterem relativamente maior liberdade e acesso à educação.[28] Por exemplo, Pórcia e outras heroínas de Shakespeare eram mulheres de notável erudição, refletindo o *status* **de certa forma mais elevado das mulheres naquele período. Mas, como indica o tratamento de Kate, a rebelde herege de Shakespeare, em** *A Megera Domada* **e outras obras literárias, mesmo antes de o período elisabetano chegar ao fim, a violenta reafirmação do controle masculino já estava a caminho.**

De fato, um dos sinais mais indicadores de que o pêndulo estava prestes a retroceder está na restauração dos dogmas misóginos. Junto com a introdução de novos "fatos" justificando a subordinação das mulheres, este é um sinal do que Taylor denomina "a permanente auto-ilusão dos patristas, supondo que os padrões de comportamento estão em declínio" e que a reimposição de valores "de identificação paterna" deve ser efetuada a qualquer preço.[29] Mais importante, este é um primeiro sinal de alerta de que um período mais repressor e sanguinário de regressão androcrática está prestes a se estabelecer.

Particularmente relevante é o trabalho mais recente do psicólogo David Winter. Junto com outros estudiosos modernos e conhecidos, Winter vem estudando o que, em seu livro de mesmo título, ele denomina "a motivação do poder".[30] Como psicólogo social, ele se dispõe a revelar padrões históricos através de avaliações objetivas. Embora devamos novamente ir além do que Winter enfatiza a partir da perspectiva psicológica convencional centrada no homem, suas descobertas documentam de forma dramática que atitudes mais repressivas em relação à mulher pressupõem períodos de belicosidade agressiva.

Enfocando um dos mais famosos personagens românticos da literatura e ópera, o arrojado conquistador Don Juan, a análise sócio-psicológica de Winter baseia-se, em grande parte, no estudo da freqüência de certos temas nos documentos literários. Winter observa que, a despeito das condenações obrigatórias dos atos de Don Juan como "maus" e "malditos", na verdade ele é idealizado como o "maior sedutor da Espanha". Winter salienta também que a agressão, o ódio e o desejo de humilhar e punir as mulheres — e não os impulsos sexuais — são os motivos subjacentes de Don Juan. Observa igualmente o fato de extrema importância psicológica e histórica: as atitudes exageradamente hostis em relação às mulheres caracterizam períodos em que as mulheres são oprimidas com mais rigidez pelos homens. Como exemplo clássico, ele cita a Espanha de onde surge a legenda de Don Juan, quando os espanhóis da classe alta haviam adotado o "costume mouro de manter suas mulheres em reclusão".[31] A razão psicológica por trás dessa hostilidade exaltada, explica Winter, está em que durante tais períodos o relacionamento mãe-filho — junto com as relações mulher-homem em geral — torna-se particularmente tenso.[32]

Nesse contexto, é evidente que a "motivação do poder" de Winter constitui, em nossos termos, o impulso androcrático de conquistar e dominar outros seres humanos. Após estabelecer que a degradação das mulheres, empreendida por Don Juan, consiste em uma manifestação dessa "motivação do poder", Winter elabora um gráfico da freqüência com que as histórias de Don Juan surgem na literatura de uma nação em relação aos períodos de expansão imperial e guerras. Seus achados documentam o que poderíamos prever utilizando o modelo de alternância gilânico-androcrático: as histórias sobre este mais famoso arquétipo da dominação masculina sobre as mulheres aumentam historicamente de freqüência antes e durante períodos de crescente militarismo e imperialismo.[33]

Winter confirma que, em termos sistêmicos, a dominação masculina se inter-relaciona indissoluvelmente com a violência e belicosidade masculinas. Ele confirma também um aspecto da alternância gilânico-androcrática que estudiosos feministas pioneiros, tais como Kate Millett e Theodore Roszak, observaram anteriormente: a reidealização da supremacia masculina assinala uma mudança em direção a valores e comportamentos que historicamente alimentam a violência de regressões androcráticas.[34]

A brilhante obra de Millett, *Políticas Sexuais***, foi um estudo pioneiro onde ela percebeu intuitivamente o fato mais importante em nossa história política: a dominação masculina.[35] Embora Roszak seja conhecido por suas análises da sociedade mais convencionais e centradas no homem, seu ensaio "Rigidez e Suavidade: a Força do Feminismo na Época Moderna" é também um trabalho pioneiro na análise da história sob a perspectiva de uma teoria evolutiva da mudança de sistemas androcrático-gilânicos.[36]**

Lendo nas entrelinhas e sob a superfície de centenas de estudos e buscando compreender a escalada de violência e militarismo que culminaram na terrível carnificina da Primeira Guerra Mundial, Roszak detectou o que denomina "a crise histórica da dominação masculina".[37] O movimento feminista do século XIX, observou ele, não só desafiou os estereótipos sexuais convencionais da dominação masculina e da submissão feminina; pela primeira vez na história registrada, ele forneceu também um desafio frontal considerável ao sistema predominante, indo diretamente a seu cerne ideológico. Esse desafio do século XIX praticamente não é relatado em nossas histórias convencionais. Mas esse tema foi tão discutido e questionado quanto o movimento de liberação feminina de nossa época, pois desafiou não só a tradicional dominação dos homens sobre as mulheres; desafiou também os valores mais fundamentais do sistema, nos quais as qualidades como carinho, compaixão e serenidade são consideradas femininos, e portanto inadequadas aos homens reais ou "masculinos" — e ao governo social.[38]

A resposta do sistema androcrático a tal desafio consistiu na violenta reafirmação dos estereótipos masculinos e todas as suas manifestações. Como escreve Roszak sobre fins do século XIX e princípio do XX, período anterior à Primeira Guerra Mundial, "a masculinidade compulsiva podia ser vista em todo o estilo político do período". Nos Estados Unidos, Theodore Roosevelt referiu-se a "um câncer de tranqüilidade não belicosa e isolada" e a "virtudes masculinas e audazes". Na Irlanda, o poeta revolucionário Patrick Pearse proclamou o "derramamento de sangue como algo santificado e purificador, e a nação que considerá-lo o horror final perdeu sua masculinidade". Na Itália, Filippo Marinetti anunciou: "Estamos aqui para glorificar a guerra, única fornecedora de saúde do mundo! Militarismo! Patriotismo! O Braço Destrutivo do Anarquista! Desprezo às mulheres!"[39]

Assim como na consagrada lenda de Don Juan, esse brutal desprezo às mulheres e a tudo que fosse considerado feminino foi um sinal. De acordo com a mensagem (permeando textos que ultrapassavam todas as barreiras nacionais e ideológicas), a mudança para um mundo "não belicoso" e "não masculino" — um mundo não mais governado pela Espada masculina — *não* **poderia ser tolerada.**

Sondando sob a superfície de todas as diferenças nacionais e ideológicas, Roszak mostrou um ponto em comum por trás dos homens que na virada deste século — e através da história — mergulharam o mundo na guerra. É essa equiparação entre masculinidade e violência, que é necessária quando um sistema baseado na supremacia da força deve ser mantido. Ele também confirmou dramaticamente a dinâmica observada por Winter em sua pesquisa: a reidealização do estereótipo "masculino" assinala não só uma mudança regressiva de valores, como também uma mudança da paz para a guerra.

Confirmação também convincente dessa dinâmica social em geral ainda pouco analisada se encontra na pesquisa do psicólogo David McClelland. Em *Poder: A Experiência Interna***, McClelland relata como percebeu de que forma se poderiam prever períodos de guerra, ou de paz, considerando-se os indicadores nos textos e declarações que precediam os períodos em questão.[40] Seus achados confirmaram o que iríamos prever através da elaboração de gráficos de alterações históricas lançando mão do modelo histórico gilânico-androcrático.**

McClelland analisou materiais literários e históricos da história americana. Descobriu que aos períodos durante os quais aquilo que denominava "motivo de associação" (ou o que chamaríamos de valores pacíficos e compassivos, mais "femininos") ganhava força se seguiam períodos de paz. Por exemplo, McClelland encontrou a ascensão do "motivo de associação" antes

dos anos de paz de 1800 a 1810 e de 1920 a 1930.[41] Ao contrário, períodos em que os textos evidenciaram outra vez uma mudança para o que ele denominou a motivação do "poder imperial" (o que chamaríamos de motivação dominadora "masculina") quase invariavelmente culminavam em guerras. Também na história inglesa uma combinação de elevada motivação do "poder imperial" e baixa motivação de "associação" precedeu períodos de violência histórica, por exemplo, 1550, 1650 e 1750.[42] Por outro lado, na história inglesa, períodos em que a motivação é baixa quanto ao poder e alta quanto à associação precederam épocas mais pacíficas.

À semelhança do trabalho de Taylor, o de McClelland constata outro ponto importante, qual seja, o de que valores mais "suaves" e "femininos", característicos de um modelo de sociedade de parceria, fazem parte de uma configuração social e ideológica específica, a qual enfatiza a criação, em vez da destruição. Como vimos no período neolítico e nos maravilhosos murais e palácios da antiga Creta, bem como nos períodos denominados matristas por Taylor, tais como a era elisabetana, períodos mais gilânicos são também caracteristicamente de grande criatividade cultural.

A nomenclatura de McClelland para seu sistema motivacional refere-se à necessidade de associação como "n Associação", à necessidade de poder como "n Poder" e assim por diante. Nestes termos, ele observa que "realmente notável no período elisabetano é o fato de todos os indicadores motivacionais atestarem ter sido essa uma boa época para se viver, como os historiadores sempre argumentaram. A necessidade de Associação ascende, o Poder cai um pouco, simbolizando uma era de relativa paz, e a Realização permanece alta, pressagiando alguma prosperidade".[43] Mas em seguida vem a mudança que bem conhecemos. "Durante as lutas de Cavaleiros e Puritanos e da guerra civil, outra vez ascende n Poder, e n Associação cai drasticamente, indicando ter sido esse decerto um período de grande violência e crueldade, como de fato o foi."[44] Ou, em nossos termos, o movimento rumo a níveis mais elevados de evolução cultural poderia, sob o sistema de dominação masculina predominante, ir apenas até este ponto, e não além. Para manter o sistema, foi preciso que ocorresse uma regressão cultural, de novo mergulhando-o na dinâmica "normal" de violência androcrática.

Concluindo a configuração de sistemas caracteristicamente androcráticos que vimos observando ao longo deste livro, a análise de McClelland confirma também que, durante períodos em que as motivações de poder agressivas voltam a ser dominantes, o terceiro maior componente desse sistema, o autoritarismo, se fortalece. "Elevado n Poder combinado a baixa n Associação", escreve ele, "tem sido vinculado entre as nações modernas a ditaduras, crueldade, supressão da liberdade e violência doméstica e internacional."[45]

Recentes estudos feministas também têm abordado uma análise do poder à luz de novos enfoques reveladores. Os excepcionais trabalhos da conhecida socióloga Jessie Bemard, da psicóloga Carol Gilligan, de Harvard, e da psiquiatra Jean Baker Miller documentam como, nas sociedades dominadas pelo homem, a *associação* se vincula à feminilidade enquanto o *poder* — no sentido convencional de controle sobre outrem — é associado à masculinidade.[46]

Esses trabalhos revelam também algo da maior importância: a configuração de valores denominada por McClelland como associação, por Taylor como matrismo e por nós chamada gilania, nos sistemas de supremacia masculina, em geral confinam-se a um mundo segregado, subordinado ou auxiliar ao mundo maior dos "homens" ou "mundo real" — o mundo das mulheres.

É nesse mundo que a definição gilânica de poder como *possibilitador* — poder de dar e criar tão característico do antigo *ethos* de parceria — ainda pode ser identificada. Como observa Miller, esta ainda é a maneira como as mulheres definem o poder, como a responsabilidade das mães em ajudar sua prole, particularmente seus filhos homens, a desenvolver seus talentos e habilidades.[47] O que Bemard denomina "o *ethos* feminino de amor/dever" permanece como modelo básico do pensamento e ação — mas só para as mulheres.[48] É também aqui que aquilo que Gilligan denomina a moralidade feminina do zelo — dever positivo de fazer aos outros o que

gostaríamos que nos fizessem — também impera.[49] Porém, isso também só acontece no modelo de pensamento e ação daquelas que não devem governar a sociedade: as mulheres.

Levando em conta esses novos estudos sobre a metade da humanidade convencionalmente ignorada, começamos a perceber como os períodos de guerra e repressão podem ser previstos a partir de um enfraquecimento dos valores gilânicos de associação ou *união* e o correspondente fortalecimento dos valores androcráticos de poder agressivo ou *supremacia* baseada na força. Igualmente, podemos vislumbrar como, sob as mudanças aparentemente inexplicáveis que pontuaram a história registrada, está a resistência básica a nossa evolução cultural: um sistema social no qual a metade feminina da humanidade é dominada e reprimida.

As mulheres como força na história

Mas por que, se parece tão óbvia, esta dinâmica dos sistemas androcrático/gilânico recebeu tão pouco estudo formal? De fato, como as mulheres representam metade de nossa espécie, por que seus comportamentos, atividades e idéias mereceram tão parcos estudos sistemáticos? Outra vez nos defrontamos com unia dessas omissões com que cientistas e historiadores se espantarão ao longo dos próximos séculos.

A porta para uma análise holística da sociedade humana encontra-se apenas ligeiramente entreaberta neste momento. Ela se abriu um pouco quando os historiadores começaram a reconhecer, como observou Lynn White Jr., que o registro da história tem sido muito seletivo — realizado caracteristicamente por, para e sobre grupos historicamente dominantes.[50] Contudo, só hoje, quando a metade feminina que falta à história passa a ser seriamente considerada, podemos começar a desenvolver uma nova teoria da história, e da evolução cultural, que leva em consideração a *totalidade* da sociedade humana.

Não chega a surpreender que nossas histórias convencionais omitam de forma sistemática qualquer coisa que se relacione com as mulheres ou com a "condição feminina", quando há bem pouco tempo nenhuma universidade americana oferecia pelo menos um programa de estudos feminino. Ainda não existe nada no gênero na grande maioria de nossas escolas de primeiro e segundo graus. Até hoje, os programas de estudos femininos, onde há, recebem inexpressivos orçamentos, possuem baixo *status* e até menor prioridade na hierarquia da escola e universidade. Só em poucos lugares uma única matéria de estudos femininos constitui requisito na graduação. Assim, também não é de surpreender que a maioria das pessoas "cultas" ainda ache difícil acreditar na existência de qualquer mulher importante na história ou que algo tão periférico quanto as mulheres e os valores "femininos" possa ter representado uma força primordial não só em nosso passado mas também em nossas perspectivas em relação a um futuro melhor.

Um dos primeiros trabalhos do século XX a tentar corrigir essa omissão patológica das mulheres em relação ao que havia sido escrito de modo convencional como história é o livro de Mary Beard, *As Mulheres como Força na História*.[51] Mostrando como, a despeito da dominação masculina, as mulheres de fato têm sido importantes na formação da sociedade ocidental, essa historiadora pioneira retrocedeu à pré-história como fonte da herança humana perdida. Particularmente relevante é a documentação de Beard a respeito de algo que os historiadores convencionais considerariam ainda mais ultrajante do que as correlações apresentadas por Winter e McClelland entre valores "femininos" e "masculinos" e alternativas históricas críticas, isto é, a documentação de que períodos de elevação no *status* feminino são caracteristicamente períodos de ressurgimento cultural.

Segundo a perspectiva da teoria de transformação cultural que vimos desenvolvendo, não chega a causar surpresa a descoberta de uma correlação entre a condição da mulher e o fato de uma sociedade ser pacífica ou belicosa, voltada para o bem-estar do povo ou indiferente à igualdade social, e de maneira geral hierárquica ou igualitária. Pois, como já comentamos, o modo

de uma sociedade estruturar as relações entre as duas metades da humanidade acarreta implicações profundas e altamente previsíveis. O que surpreende é o fato de, sem qualquer fundamento teórico do gênero, Beard, escrevendo no princípio deste século, ter podido perceber esses padrões e tecer comentários a respeito, no que ainda constitui uma das poucas tentativas de avaliação das atividades das mulheres na história ocidental.

Em *As Mulheres como Força na História*, Beard analisa "as atividades amplas e influentes das mulheres italianas na promoção do saber humanista" durante o Renascimento. Observa ter sido essa uma época em que as mulheres — junto com os valores "afeminados" como a expressão artística e a indagação — começaram a se libertar do controle medieval da Igreja. Ela documenta que, no Iluminismo francês dos séculos XVII e XVIII, as mulheres representaram papéis igualmente críticos. De fato, como veremos, durante esse período — quando se iniciou a revolta secular contra o que Beard denomina "barbarismos e abusos" do antigo regime —, nos salões de mulheres como Madame Rambouillet, Ninon de Lenclos e Madame Geoffrin germinaram pela primeira vez as idéias do que posteriormente se tornariam as ideologias modernas mais humanistas ou, em nossos termos, mais gilânicas.[52]

Isto não significa que as mulheres não tenham colaborado na manutenção de homens e valores "masculinos" no poder. A despeito do surgimento esporádico de grandes figuras, em grande parte o papel da mulher em nosso passado registrado foi necessariamente o papel androcrático prescrito de "ajudante" do homem. Mas, como Beard demonstra, embora as mulheres tenham auxiliado os homens nas guerras, e por vezes até tenham participado delas, em geral seu papel foi de todo diferente. Por não terem sido condicionadas socialmente para serem rudes, agressivas e voltadas para a conquista, as mulheres apresentam caracteristicamente, em suas vidas, atos e idéias mais "brandos", isto é, menos violentos e mais indulgentes e solícitos. Por exemplo, de acordo com Beard, "uma das primeiras — e talvez a primeira — rivais da hinologia da guerra, ódio e revanche, tornada imortal por Homero, foi a poesia de uma mulher etólia chamada Safa por seu povo, mas em geral conhecida depois como Safo".[53]

Essa visão também é fundamental em outro trabalho pioneiro que enfoca o papel das mulheres na história: *O Primeiro Sexo*[54] de Elizabeth Gould Davis. À semelhança dos livros de outras mulheres que tentam recuperar seu passado sem o apoio de instituições ou de colegas estudiosos, o livro de Davis tem sido criticado por mergulhar em vôos estranhos da imaginação, e até completamente esotéricos. Mas, apesar de suas falhas — e talvez precisamente porque não estejam de acordo com as tradições eruditas aceitas —, livros como esse prefiguram de forma intuitiva um estudo da história em que a condição das mulheres e dos chamados valores femininos se tomariam primordiais.

Assim como o livro de Beard, o de Davis recoloca as mulheres nos lugares de onde foram apagadas pelos historiadores androcráticos. Fornece inclusive informações que tomam possível perceber a conexão, em momentos históricos críticos, entre a eliminação das mulheres e a eliminação de valores femininos. Por exemplo, Davis mostra o contraste entre a era elisabetana e a regressão puritana que se seguiu, marcada por medidas virulentas para reprimir as mulheres, incluindo a queima de "bruxas".

Mas é basicamente nas obras atuais de historiadores e cientistas sociais de visão feminista mais severa que encontramos os dados necessários ao desenvolvimento de uma nova teoria holística de transformação e alternância gilânico-androcrática. São esses os trabalhos de mulheres tais como Renate Bridenthal, Gerda Lemer, Dorothy Dinnerstein, Eleanor Leacock, Joann Macnamara, Donna Haraway, Nancy Cott, Elizabeth Pleck, Caroll Smith-Rosenberg, Susanne Weple, Joan Kelly, Claudia Koons, Caroline Merchant, Marilyn French, Françoise d'Eaubonne, Susan Brownmiller, Annette Ehrlich, Jane Jaquette, Lourdes Arizpe, Itsue Takamure, Rayna Rapp, Kathleen Newland. Gloria Orenstein, Bettina Aptheker, Carol Jackline, La Francês Rodgers-Rose, e homens tais como Cari Degler, P. Steven Sangren, Lester Kirkendall e Randolph Trumbach, os quais, tendo bastante trabalho e muitas vezes lançando mão de fontes obscuras,

difíceis de encontrar, tais como diários femininos e outros registros até então ignorados, aos poucos estão reconstituindo com cautela uma metade inacreditavelmente esquecida da história.[55] Nesse processo, estão produzindo os tijolos que faltam à construção do tipo de paradigma histórico exigido para a compreensão e superação das alternâncias do tipo "vai-e-volta" na história registrada. Pois é nesse novo conhecimento feminista que começamos a perceber o motivo subjacente ao que o filósofo francês Charles Fourier observou há mais de um século: o grau de emancipação das mulheres é um índice do grau de emancipação de uma sociedade.[56]

O *ethos* feminino

Já tivemos uma idéia de como, em períodos de rígido controle androcrático, os valores mais brandos e "femininos" são mais rigidamente confinados ao mundo feminino subordinado, o mundo particular do lar governado pelos homens de forma individual. Inversamente, vimos como em períodos de ascensão gilânica esses valores chegam ao público em geral, ou mundo masculino, realizando assim algumas medidas de progresso social.

O que as descobertas desse novo conhecimento feminista permitem hoje em dia é a documentação indicando que tal fenômeno ocorre não só devido a algum princípio místico, cíclico e inexorável, ou "destino" (por exemplo, a justaposição de Adams sobre a Virgem e o Dínamo). Isso acontece por um motivo muito simples e prático, que teria sido visível para os historiadores se eles houvessem incluído as mulheres na história que estudaram. Em épocas e locais em que as mulheres não são estritamente confinadas ao mundo particular do lar — períodos em que podem se movimentar com mais liberdade no mundo público, levando e disseminando o "*ethos* feminino" —, elas injetam uma visão de vida mais gilânica na sociedade.

Como constatamos na Grécia clássica, e também na época de Jesus, as mulheres exerceram na verdade um grande impacto na melhoria da sociedade. Mas talvez o mais notável seja o movimento social mais profundamente humanizador dos tempos modernos, o qual, exceto pelas fontes feministas, voltou a ser ignorado. É o movimento feminista, que teve seu início no século XIX, voltando hoje em dia a incendiar o século XX.

Embora até mesmo este movimento em geral seja omitido de nossos livros tradicionais de história, o trabalho desconhecido ou ignorado de centenas de feministas do século XIX, como Lucy Stone, Margaret Fuller, Mary Lyon, Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony evidentemente melhorou em muito a situação do contingente feminino da humanidade. No âmbito doméstico, essas "mães" do feminismo moderno libertaram as mulheres das leis que sancionavam o espancamento feminino. Em termos econômicos, ajudaram a libertá-las das leis que proporcionavam aos maridos o controle sobre os bens das esposas. Abriram possibilidades para as mulheres em profissões tais como a advocacia e a medicina e obtiveram o acesso feminino à educação superior, o que trouxe a riqueza às vidas delas e de suas famílias.[57]

Mas, ao libertar as mulheres das formas nitidamente opressoras de dominação masculina, o movimento feminista do século XIX ajudou também a deflagrar o impulso gilânico de nosso tempo de outra forma que só se toma evidente se olharmos fora de nossos tradicionais livros de história. Possibilitando a um número de mulheres maior do que antes a obtenção de no mínimo uma posição parcialmente segura no universo fora de seus lares, esse movimento humanizou muito a sociedade como um todo. Foi através do impacto do "ethos feminino" personificado por mulheres como Florence Nightingale, Jane Addams, Sojourner Truth e Dorothea Dix, as quais então começavam a adentrar o "mundo público", que surgiram profissões novas como a enfermagem organizada e a assistência social, que o movimento abolicionista de libertação de escravos ganhou apoio maciço, que o tratamento de deficientes mentais e loucos se tomou mais humano.[58]

Além disso, essa mesma visão das relações humanas mais "feminina" ou de parceria, definida pela associação e não pela supremacia pautada na violência, difundiu-se na sociedade através do movimento feminista do século XX. Assim como o movimento feminista do século XIX, o movimento de liberação das mulheres melhorou muito a situação feminina. Em uma época em que as mudanças tecnológicas cada vez mais estão substituindo o papel subserviente da mulher no trabalho caseiro por papéis subservientes na força de trabalho, o movimento de liberação da mulher tem exercido pressão em prol de novas leis que protejam as mulheres dentro e fora de casa. Mas, além disso, esta segunda onda de feminismo moderno melhorou muito a situação *tanto* **de mulheres quanto de homens, inoculando uma consciência mais gilânica nas esferas de atividades outrora sob forte controle masculino.**

Assim como no século XIX as mulheres representaram papel fundamental no movimento de libertação dos escravos, no século XX elas voltaram a fornecer maciço apoio ao fortalecimento dos direitos civis dos negros, tendo inclusive dado suas vidas por ele. Da mesma forma, em todo o mundo ocidental da atualidade, centenas de organizações, grandes e pequenas, que procuram desenvolver uma ordem social mais justa, pacífica e ecologicamente harmoniosa, são, em geral, femininas em sua composição.[59]

Claro que nem todas as mulheres fornecem valores gilânicos à vida pública. Por exemplo, as mulheres que por acaso e isoladas chegam ao topo das hierarquias masculinas, como Indira Gandhi ou Margaret Thatcher, com freqüência o fazem porque tentam o tempo todo provar que não são tão "brandas" ou "femininas". E muitos homens de hoje também estão trabalhando para a melhoria das condições de vida e a paz social — como o fizeram em outras épocas de ressurgimento gilânico. Mas uma das razões por que o fazem está no fato de esta ser uma época em que valores mais "femininos" — assim como as mulheres — são menos "privatizados".

As manifestações de fins da década de 60 e principio da década de 70, quando tantos americanos rejeitaram a idéia "masculina" de que a guerra do Vietnã era "patriótica" e "nobre", ilustram este enfoque. Aquela foi uma época em que não só muitas mulheres rejeitaram o confinamento à esfera particular dos lares dos homens; foi também um período em que muitos homens rejeitaram os estereótipos "masculinos", os quais exigiam que, sobretudo em seu comportamento público, "homens de verdade" não deviam ser "femininos" — isto é, delicados, pacíficos e solícitos.

Isto não significa que exista uma relação simplista e linear de causa e efeito entre as mudanças na condição feminina e a ascensão de valores "femininos". De fato, quando um número considerável de mulheres exige vigorosamente ou obtém quaisquer ganhos, em geral uma reação androcrática já está a caminho.

Durante o movimento de contracultura nas décadas de 60 e 70, por exemplo, os rapazes rejeitaram a guerra como "heróica" e "masculina" e voltaram-se para estilos de vestir e penteados mais afeminados, enquanto as mulheres obtinham importantes ganhos na igualdade de direitos. Contudo, ao mesmo tempo em que antigos estereótipos sexuais foram poderosamente desafiados, as forças da chamada reação masculina conservadora já estavam ganhando força nos grupos direitistas anti-ERA, Moral Majority e outros. Da mesma maneira, no Renascimento e período elisabetano, onde encontramos forte ressurgimento gilânico percebemos também sinais claros de simultânea resistência androcrática. Por um lado, percebe-se uma tendência em direção à igualdade de instrução para as mulheres das classes dominantes. Junto a ela, vemos os primórdios da literatura feminista moderna em trabalhos *como O Livro das Cidades das Mulheres* **de Christine de Pisan.[60] Por outro lado, a difamação de mulheres se intensifica; novas leis restringem seu poder econômico e político; e surge um gênero de literatura devotada a mostrar as mulheres em papéis adequadamente "femininos" — isto é, submissos.**

Tudo isso leva a uma questão fundamental. A despeito de algum enfraquecimento periódico na infra-estrutura androcrática durante períodos de ascensão gilânica, até bem pouco tempo a condição submissa das mulheres continuava basicamente a mesma. O mesmo ocorria

com a condição de subordinação de valores como a associação, a solicitude e a não-violência, estereotipicamente vinculados às mulheres.

O fim da linha

Como já vimos, ao longo da história registrada a primeira linha de "defesa" do sistema androcrático tem sido a reafirmação do controle masculino. Mais precisamente, vimos que uma regressão à supressão mais intensificada da mulher profetiza um período da história em geral repressor e sanguinário. Como documentam com tanta nitidez as pesquisas de McClelland, Roszak e Winter, tudo isso leva à conclusão sombria de que, se afinal não tratarmos do relacionamento dos sistemas entre a supressão feminina e de valores associativos, estaremos inevitavelmente nos aproximando de outro período de enorme derramamento de sangue através da guerra.

A pesquisa de McClelland mostra de que maneira a intensificação de temas violentos na literatura e nas artes prenuncia períodos de guerra e repressão. A análise de Winter sobre o estuprador Don Juan mostra que o tema da violência repressora contra as mulheres profetiza ainda mais especificamente tempos de violência e guerra. Hoje em dia, há em todo o mundo uma enorme intensificação da violência contra as mulheres — não só na ficção, mas na vida real.

Nosso mundo, em termos ideológicos, encontra-se no paroxismo de intensa regressão aos dogmas contra a mulher, defendidos pelos fundamentalismos cristão e islâmico. Na literatura e no cinema há uma corrente sem precedentes de violência contra as mulheres, representações gráficas do assassinato e estupro femininos, comparados aos quais a antiga violência literária (em *A Megera Domada* **ou** *Don Juan***) chega a ser insignificante. Também sem precedentes é a atual proliferação de pornografia do mais baixo nível, a qual, através de uma indústria multibilionária, invade os lares propagando através de livros, revistas, história em quadrinhos, filmes e até mesmo TV a cabo a mensagem de que o prazer sexual está na violência, na brutalidade, escravidão, tortura, mutilação, degradação e humilhação do sexo feminino.[61]**

Segundo Theodore Roszak, a resistência ao movimento feminista do século XIX distinguiu-se por um aumento do que os registros criminais denominam *agressão exacerbada***, espancamentos domésticos em que se fraturavam os ossos da esposa, ateava-se fogo em seu corpo e se lhe arrancavam os olhos.[62] Como ao longo da história registrada a violência contra as mulheres tem constituído a resposta do sistema androcrático a qualquer ameaça de mudança fundamental, na esteira do movimento de liberação feminino do século XX houve uma forte ascensão na violência contra as mulheres. Como exemplos podemos citar a queima de noivas indianas, as execuções públicas iranianas, as prisões e torturas latino-americanas, o espancamento de esposas disseminado em todo o mundo e o terrorismo generalizado dos estupros — o qual estudiosos estimam ocorrer hoje nos Estados Unidos à razão de um em cada treze segundos.[63]**

Considerado sob a perspectiva da teoria de transformação cultural, o funcionamento dos sistemas de violência brutal e disseminada contra as mulheres hoje não é de difícil identificação. Para a manutenção da androcracia, as mulheres devem ser reprimidas a qualquer preço. E se esta violência — e a incitação à violência através da restauração de calúnias religiosas contra as mulheres e a equivalência entre prazer sexual e assassinato, estupro e tortura de mulheres — está aumentando em todo o mundo, isto se deve ao fato de a dominação masculina nunca ter sido antes tão vigorosamente desafiada através de um movimento feminino de auxílio recíproco e sinérgico em prol da libertação humana.[64]

O mundo nunca havia testemunhado crescimento tão rápido de organizações governamentais e não governamentais com milhões de associados — grupos que vão desde a oficial *All China Women's Federation* **até a** *National Women's Studies Association***, a** *National Organization for Women* **e a** *Older Women's League* **nos Estados Unidos — todas dedicadas à**

melhoria da condição feminina. Nunca tinha havido uma Década das Nações Unidas para as Mulheres. Nunca tinha havido conferências globais atraindo milhares de mulheres de todos os cantos do mundo para tratar dos problemas da supremacia masculina. Nunca, em toda a história registrada, as mulheres de todas as nações da Terra se haviam reunido para trabalhar em prol de um futuro de igualdade sexual, desenvolvimento e paz — os três objetivos da Primeira Década das Nações Unidas para as Mulheres.[65]

O crescente reconhecimento das mulheres — e homens — de que essas três metas se relacionam se origina da percepção intuitiva da dinâmica que vimos examinando, pois, quando se percebe a função da violência masculina contra as mulheres, não é difícil ver como os homens a quem se ensina que devem dominar a metade da humanidade que não dispõe de igual força física também considerarão seu dever "masculino" conquistar homens e nações mais fracos.

Seja em nome da defesa nacional, como nos EUA e URSS, ou no santo nome de Deus, como no mundo muçulmano, a guerra ou a preparação para a guerra servem não só para reforçar a dominação e violência masculinas mas, como ilustram a Alemanha de Hitler e a Rússia de Stalin, também para reforçar o terceiro grande componente sistêmico da androcracia, o autoritarismo. Tempos de guerra servem como justificativa para a liderança do "homem forte". Justificam também a suspensão das liberdades e direitos civis — como ilustra a notícia do blecaute durante a invasão americana de Granada em 1983 e a lei marcial crônica em inúmeras nações prontas para a batalha, na África, Ásia e América Latina.

No passado, o pêndulo sempre oscilava da paz para a guerra. Sempre que os valores mais "femininos" ascendiam durante algum tempo, ameaçando transformar o sistema, uma androcracia temerosa e agitada nos rechaçava. Mas será que a corrente retrógrada deve inevitavelmente trazer cada vez mais violência nacional e internacional e, com ela, maior supressão das liberdades e direitos civis?

Será que não há, de fato, outra saída fora da guerra — hoje, nuclear? Será este o fim da evolução cultural iniciada com tanta esperança na era da Deusa, quando o poder proporcionador de vida do Cálice ainda era supremo? Ou estamos hoje suficientemente próximos da obtenção de nossa liberdade, evitando esse fim?

CAPITULO II

LIBERTAÇÃO: A TRANSFORMAÇÃO INCOMPLETA

Esta deveria ser a era moderna, a idade da razão. O iluminismo deveria substituir a superstição; o humanismo deveria substituir o barbarismo; o conhecimento empírico deveria tomar o lugar da hipocrisia e do dogma. Contudo, talvez nunca tantos poderes mágicos tenham sido atribuídos à Palavra, pois seria através das palavras, daquilo que toma possíveis os processos de pensamento conscientes e lógicos da mente humana, que todas as antigas irracionalidades, todos os antigos erros e enfermidades da humanidade teriam solução hoje. E nunca a palavra, particularmente a palavra escrita, havia chegado tão longe.

Uma das razões disso é que nunca tantas pessoas haviam sido alfabetizadas e nunca tantos novos meios de comunicação haviam difundido a palavra a tantos habitantes de nosso planeta. O movimento rumo ao que o historiador filósofo Henry Aiken denomina a Era da Ideologia[1] ocorreu juntamente com uma mudança sócio-tecnológica maior. Esta mudança, ou "segunda onda", nas palavras de Alvin Toffler, só foi comparável em proporção à "primeira onda" da revolução agrária, muitos milênios antes.[2] A Revolução Industrial, embora basicamente limitada ao Ocidente, trouxe consigo novas tecnologias, entre as quais a prensa tipográfica, que tomou possível a primeira distribuição em larga escala de livros, revistas e jornais. Em seguida surgiram os meios de comunicação auditivos, o telégrafo, o telefone e o rádio. Seguiram-se a eles os meios de comunicação de massa visuais, o cinema e a televisão, os quais, junto com a proliferação colossal de revistas, jornais e livros, literalmente inundaram de palavras cada ponto de nosso planeta.

Mas houve, particularmente no Ocidente, outro motivo para tal explosão ideológica. Com o enfraquecimento das ideologias religiosas, na esteira da industrialização em progresso, surgiu uma fome renovada na verdade quase um desespero, de novas formas de perceber, ordenar e avaliar a realidade; em outras palavras, a busca de novas ideologias.

Logo as vozes do que alguns consideram como um clero secular — filósofos e cientistas — se fazia ouvir em todo o mundo ocidental. No início do século XIX eles estavam em toda a parte, reinterpretando, reordenando e reavaliando a realidade de acordo com os evangelhos modernos de Kant e Hegel, Copérnico e Galileu, Darwin e Lavoisier, Mill e Rousseau, Marx e Engels, para citar apenas alguns dos primeiros profetas do mundo secular.

O malogro da razão

Esses seriam os profetas da transformação cultural. Com a liberação da mente humana pela razão, o "homem racional" — produto do Iluminismo do século XVIII — deixaria para trás a barbárie do passado.

Com a Revolução Industrial, nossa evolução tecnológica avançou aos trancos e barrancos. Logo nossa evolução cultural também o faria. Da mesma forma que as novas tecnologias materiais, tais como máquinas e medicamentos, produziram mudanças aparentemente milagrosas, novas tecnologias sociais, tais como modos melhores de organização e orientação do comportamento humano, acelerariam a realização dos mais elevados potenciais e aspirações da humanidade. Por fim, a luta secular do ser humano pela justiça, verdade e beleza poderia transformar nossos ideais em realidade.

Essa grande esperança e promessa começou aos poucos, contudo, a declinar, pois ao longo dos séculos XIX e XX o "homem racional" continuou a oprimir, matar, explorar e humilhar seus

companheiros e irmãos constantemente. Usando como justificativa as novas doutrinas "científicas" como o darwinismo social do século XIX, prosseguiu a escravidão econômica das raças "inferiores". Em vez de serem empreendidas para "salvar os pagãos" ou para a glória e poder maiores de Deus e do rei, as guerras coloniais passaram a ser travadas em nome de objetivos econômicos e políticos "racionais", tais como a promoção do "comércio livre" e a "contenção" dos poderes econômicos e políticos rivais. E se o controle masculino sobre as mulheres não podia mais se basear em motivos irracionais como a desobediência de Eva ao Senhor, agora podia ser justificado através de novos dogmas "racionais-científicos", que proclamavam ser a dominação masculina uma lei biológica e/ou social.

O "homem racional" então passou a explicar de que forma "subjugaria" a natureza, "domaria" os elementos e — no grande avanço do século XX — "conquistaria" o espaço. Falou sobre como precisaria entrar em guerras a fim de obter a paz, a liberdade e a igualdade, de como teria que matar crianças, mulheres e homens em atividades terroristas, de forma a proporcionar a dignidade e liberação de povos oprimidos. Como membro das elites tanto do mundo capitalista quanto do comunista, ele continuou a acumular propriedades e/ou privilégios. Para garantir mais lucros ou honrar prestações maiores, começou também a envenenar de forma sistemática seu meio ambiente físico, ameaçando assim outras espécies com a extinção, acarretando doenças graves em adultos e deformidades em bebês. E todo o tempo ele continuou explicando que fazia tudo isso por patriotismo, idealismo e — acima de tudo — racionalismo.

Finalmente, após Auschwitz e Hiroshima, a promessa da razão começou a ser questionada. O que dizer do emprego "racional" e eficiente da gordura humana para sabão? Ou da substituição altamente eficiente do banho higiênico pelo gás venenoso? Como explicar os meticulosos experimentos militares sobre os efeitos das bombas atômicas e da radiação em seres humanos totalmente indefesos? Poderia toda essa supereficiente destruição em massa ser chamada de progresso para a humanidade?

Será que a expansão em massa de material bélico, a arregimentação de populações inteiras em linhas de montagem, a computadorização de indivíduos, transformando-os em números, constituiriam um passo à frente para nossa espécie? Ou será que estes modernos desenvolvimentos, juntamente com a crescente poluição da terra, mar e ar, seriam sinais de regressão, em vez de avanço cultural? Como o "homem racional" parecia prestes a profanar e destruir nosso planeta, não seria melhor voltar ao "homem religioso", ao tempo anterior aos avanços científicos que nos mergulharam na era secular-tecnológica?

No início do último quarto do século XX, os filósofos e cientistas sociais estavam não só questionando a razão, como todas as ideologias modernas progressistas. Nem o capitalismo nem o comunismo haviam cumprido a promessa. Por toda a parte falava-se do "fim do liberalismo" enquanto os "realistas" afirmavam que uma sociedade livre e igualitária jamais chegaria a ser algo além de um sonho utópico.

Desiludidos com o fracasso implícito das ideologias seculares progressistas, em todo o mundo as pessoas começaram a voltar-se para o cristianismo, maometanismo fundamentalista e outros ensinamentos religiosos. Assustados com os crescentes sinais do caos mundial iminente, multidões voltavam-se para a antiga idéia androcrática de que realmente importante não é a vida aqui na Terra, mas o fato de que nossa desobediência a Deus — e aos mandamentos dos homens que falam em seu nome na Terra — fará com que sejamos violentamente punidos por toda a eternidade.

Com a realidade da ameaça de aniquilação global oriunda das bombas nucleares, sob a perspectiva de uma visão de mundo que não oferece alternativas realistas ao sistema predominante, parece haver apenas três formas de responder ao que cada vez mais se assemelha a uma crise global insolúvel. Uma delas consiste em retomar à antiga visão religiosa de que a única saída encontra-se no outro mundo, onde — como afirmam os cristãos e muçulmanos xiitas, nascidos de novo — Deus recompensará aqueles que obedeceram a suas ordens e punirá os que

não o fizeram. A segunda forma utiliza formas mais imediatistas de escape: o niilismo, a dessensibilização, a desesperança que alimenta a desilusão irada do *punk rock*, os excessos entorpecedores das drogas e do álcool ou o sexo mecânico, a decadência do excesso de materialismo ganancioso e a morte de toda compaixão através da moderna indústria de "diversão", que começa a se assemelhar aos circos sangrentos dos últimos dias do império romano. A terceira forma consiste em tentar levar a sociedade de volta a um passado melhor e imaginário — aos "bons e velhos tempos" antes de as mulheres e "homens inferiores" questionarem seu lugar na "ordem natural".

Mas sob a perspectiva que vimos desenvolvendo, baseada no cuidadoso reexame de nosso presente e passado, toda essa desesperança é infundada. Nem tudo é irremediável se reconhecermos não ser a natureza humana, mas sim o modelo de sociedade dominadora, o que, em nossa era de alta tecnologia, nos leva inexoravelmente em direção à guerra nuclear. Nem tudo está perdido se reconhecermos ser este sistema, e não alguma lei natural ou divina inexorável, que exige o uso de evoluções tecnológicas em busca de melhores formas de dominação e destruição — mesmo se isso nos levar à bancarrota geral e por fim à guerra nuclear. Em suma, se olharmos nosso presente a partir de uma perspectiva da teoria de transformação cultural, ficará evidente a existência de alternativas para um sistema baseado na supremacia da força de uma metade da humanidade sobre a outra. Também ficará evidente que a grande transformação da sociedade ocidental iniciada com o Iluminismo do século XVIII não fracassou, apenas ainda não foi concluída.

O desafio às premissas androcráticas

As idéias surgidas no Iluminismo do século XVIII na verdade são novas apenas em parte. Enraizadas no passado remoto por nós examinado nos primeiros capítulos, são idéias gilânicas: idéias adequadas a um sistema de parceria, e não a um sistema dominador de organização social. Foram essas idéias que em forma mais moderna ressurgiram durante o Iluminismo, encontrando novo incremento nos salões intelectuais de mulheres como Madame du Châtelet e Madame Geoffrin. A princípio, após tantos séculos de desuso e mal uso, elas não passavam de novidades, entretenimento intelectual para uma elite reduzida e instruída. Em seguida, contudo, através da melhoria nas tecnologias de comunicação de massa, como a prensa tipográfica e posteriormente também a educação de massa, tais idéias — que não se adequavam a um modelo de sociedade dominador — começaram a ser replicadas por toda parte.

Uma das primeiras e mais importantes foi a idéia de progresso, pois se o universo não era, como acreditava o dogma religioso, uma entidade imutável controlada por uma deidade todo-poderosa, e se o "homem" afinal de contas não fora criado à imagem de Deus, os progressos na natureza, na sociedade e no "homem" tornavam-se possibilidades reais. Em geral, esta é a questão ressaltada por aqueles que argumentam ter sido a grande lacuna da cultura ocidental a substituição das idéias religiosas pelas seculares. Mas o que se ignora é que não foi a religião a rejeitada, mas a premissa androcrática de que uma ordem social estática e hierárquica era a vontade de Deus.[3]

Quando em 1737 o abade de Saint-Pierre escreveu suas *Observações sobre o Progresso Contínuo da Razão Humana*, expressou, talvez pela primeira vez em termos tão definidos, a idéia de que à frente da humanidade havia "a perspectiva de uma vida de progressos bem longa".[4] Esta idéia das imensas oportunidades de desenvolvimento da vida social e individual aqui na Terra constituiu uma total rejeição às crenças cristãs de que essa Terra era uma espécie de campo de provas onde os seres humanos, conforme um planejamento divino, são treinados e disciplinados para seu destino último — não aqui na Terra, mas na vida após a morte. A idéia de progresso, não mais sustentando um *status quo* autoritário, mas, ao contrário, os ideais e aspirações humanos

de desenvolvimento contínuo, se harmonizava com grande parte do progresso legal, social e econômico que de fato ocorreu nos séculos XVIII e XIX.

Duas idéias correlatas, igualdade e liberdade, representaram também uma ruptura fundamental com a ideologia androcrática. Em 1651, Thomas Hobbes escreveu em seu *Leviatã* que "a natureza fez os homens de tal forma iguais nas faculdades de corpo e mente (...) que, feitas todas as contas, a diferença entre um homem e outro não é tão considerável assim que um homem não possa reivindicar para si qualquer benefício que o outro também tenha pretendido".[5]

No século seguinte, na França, Jean-Jacques Rousseau escreveu que os homens não só nasciam livres e iguais, mas também que esse era um "direito natural" que os autorizava a "cortar suas correntes"[6] — visão da realidade que se tomaria fundamental às revoluções francesa e americana. No mesmo século, na Inglaterra, Mary Wollstonecraft afirmava que esse "direito natural" pertencia tanto às mulheres quanto aos homens — visão que se tomaria primordial à revolução feminista ainda em progresso.[7]

Por fim, no século XIX, Augusto Comte escreveu sobre o positivismo e a lei do desenvolvimento humano. John Stuart Mill falou sobre o governo representativo como o mais adequado para promover as qualidades intelectuais e morais desejáveis. E Karl Marx, influenciado em parte pelas primeiras descobertas da era pré-androcrática, escreveu a respeito de uma sociedade sem classes, na qual "o desenvolvimento livre de cada um é condição para o livre desenvolvimento de todos".[8]

Sobrepondo-se às inúmeras diferenças entre estes modernos filósofos seculares, havia a admissão antiandrocrática comum de que, em condições sociais adequadas, os seres humanos poderiam viver, e viveriam, em livre e justa harmonia. Em outras palavras, embora não articulado nesses termos, o que essas mulheres e homens imaginavam era a possibilidade de uma sociedade de parceria, e não de dominação.

Assim como hoje, nessa época o termo *ser humano* relacionava-se em geral com "homens" ou "humanidade". Assim, o novo compromisso dos séculos XVIII e XIX com os direitos humanos foi geralmente considerado como aplicável apenas aos homens. Na verdade, tal compromisso aplicava-se a princípio aos homens brancos, livres e proprietários. No entanto, junto com essas rupturas ideológicas fundamentais com o passado, surgiram mudanças igualmente fundamentais na realidade social que afetaram de forma profunda as vidas de todas as mulheres e homens.

Primeiro na Revolução Americana, e em seguida na Revolução Francesa, a instituição da monarquia — durante muitos séculos a pedra fundamental da organização social androcrática — foi ameaçada. Nas mentes de um número cada vez maior de pessoas, palavras como *igualdade*, *liberdade* e *progresso* substituíram palavras como *fidelidade*, *ordem* e *obediência*. Na maior parte do mundo ocidental, as repúblicas foram substituindo aos poucos as monarquias, as escolas seculares substituíram as religiosas. E famílias menos autocráticas começaram surgir no lugar de famílias rigidamente dominadas pelo homem, nas quais a palavra do pai e marido, assim como a palavra dos reis, era a lei absoluta.

Hoje, o contínuo enfraquecimento do controle masculino no seio familiar é apresentado por muitos como parte do perigoso declínio familiar. Mas a gradativa erosão da autoridade absoluta do pai e marido constituiu pré-requisito essencial em todo o movimento moderno rumo a uma sociedade mais justa e igualitária. Como escreveu em *A Família e seu Futuro* o sociólogo Ronald Fletcher, um dos poucos a abordar este ponto crítico, "O fato é que a família moderna foi criada como parte necessária do processo mais amplo de aproximação dos ideais fundamentais de justiça social em toda a reconstituição da sociedade".[9]

Trabalho recente, que lança luz sobre esta dinâmica psico-histórica crítica, embora em geral pouco analisada, *A Ascensão da Família Igualitária*, de Randolph Trumbach,[10] mostra que o surgimento da família igualitária moderna na Inglaterra, anterior a seu advento no continente, pode ser um fator importante para explicar por que a Inglaterra, ao contrário da França, Rússia e

Alemanha, não atravessou violentas sublevações antimonárquicas nos séculos XVIII e XIX. A pesquisa salienta como o poder ascendente das mulheres nas famílias das classes dominantes inglesas acarretou importantes mudanças nos homens que governavam a Inglaterra. E tais mudanças tornaram estes homens mais aptos a aceitar as reformas sociais, tais como a mudança para o governo parlamentarista, com a monarquia mantendo só a liderança titular — em agudo contraste com o duradouro despotismo dos reis russos, alemães e franceses.

As ideologias seculares

Se prosseguirmos com a análise da história moderna sob a perspectiva do conflito subjacente entre androcracia e a gilania como dois caminhos distintos para nossa evolução cultural, o surgimento das ideologias seculares cada vez mais modernas adquire novo significado, bem mais auspicioso. Se utilizarmos os novos instrumentos de análise fornecidos pela teoria de transformação cultural, podemos perceber de que forma a replicação de idéias como igualdade e liberdade gradualmente levaram à formulação de novas formas de considerar o mundo. Na função de "indutoras", tais idéias gilânicas serviram como núcleo para a formação de novos sistemas de crença, ou ideologias, que gradativamente se disseminaram pelo sistema social e, ao menos em parte, substituíram o paradigma androcrático. Aos poucos, essas ideologias desafiaram um mundo piramidal governado de cima por um Deus masculino, com homens, mulheres, crianças e por fim o restante da natureza posicionado em ordem descendente de poder dominador.

Ironicamente, uma dessas primeiras ideologias de progresso é das mais criticadas pelos progressistas atuais: o capitalismo. A base ideológica para o capitalismo já havia sido facilitada pela Reforma Protestante do século XVII. Com a ênfase dada às virtudes mercantis da indústria, realização pessoal e riqueza — e inversamente aos pecados mercantis de preguiça, fracasso pessoal e pobreza —, a ética protestante foi um pré-requisito à ascensão do capitalismo.[11] Contudo, só no século XVIII o capitalismo surgiu como ideologia secular. Segundo opinião geral, seu principal autor foi o primeiro dos chamados filósofos mundanos, Adam Smith.[12] Tendo sido o primeiro economista, Smith exaltou o mercado livre como fundamental a uma sociedade livre e próspera.

Divergindo de modo radical da antiga visão na qual a riqueza e a posição social dos homens era basicamente uma questão de nascimento, do fato de ele nascer nobre, artífice ou servo, o capitalismo na verdade representou um avanço rumo a uma sociedade mais livre. Ele desafiou fundamentalmente as hierarquias rígidas da organização social inicial ou proto-androcrática, na qual os homens mais fortes, brutais e violentos, os conquistadores guerreiros, nobres e reis, exerciam poderes despóticos justificados por ideologias religiosas de origem divina.

O capitalismo, primeira ideologia moderna fundamentada essencialmente em uma base econômica ou material, constituiu assim importante passo no movimento de uma sociedade dominadora para uma sociedade de parceria. Forneceu também grande parte do impulso em busca de novas formas políticas, mais responsáveis em termos sociais, tais como as monarquias constitucionais e as repúblicas. Sem dúvida, a economia capitalista era infinitamente preferível à economia feudal, que se baseava essencialmente na violência: nas eternas matanças indiscriminadas e pilhagens realizadas por senhores e reis em seu impulso aparentemente insaciável na busca de mais propriedades como base para o poder. Mas, em sua ênfase na aquisição, competitividade e cobiça individuais (a motivação do lucro), sua hierarquia inerente (a estrutura de classes) e sua contínua dependência em relação à violência (por exemplo, as guerras coloniais), o capitalismo permaneceu fundamentalmente androcrático.

E ainda mais, como declaram abertamente os modernos ideólogos capitalistas, como George Gilder, o capitalismo como o conhecemos repousa na supremacia masculina. Em seu livro *Riqueza e Pobreza***, aclamado pelo ex-presidente Reagan como uma das obras mais importantes sobre o capitalismo desde** *Riqueza das Nações***, de Adam Smith, Gilder exalta de forma específica o**

que denomina "a agressão superior do homem" como um dos maiores valores sociais e económicos.[13]

O socialismo e o comunismo foram as maiores ideologias que surgiriam em seguida. Seus primeiros teóricos rejeitaram muitas das premissas androcráticas esposadas pelo capitalismo. Os estudos de "socialistas utópicos", tais como Charles Pourier, e o "socialismo científico" de Marx e Engels constituíram fatores poderosos na promoção do ideal de igualdade; isto é, uma organização social baseada na união ou associação, ao invés da supremacia ou dominação.[14] E, embora esta tenha sido unicamente um aspecto secundário em suas obras volumosas, Marx e Engels reconheceram explicitamente a importância crucial da opressão das mulheres pelos homens, o que Engels denominou "a primeira opressão de classe" ou "a derrota histórica mundial do sexo feminino". [15]

Mas, embora em muitas partes do mundo as idéias socialistas (tais como a educação pública gratuita e o imposto de renda progressivo) ajudassem na aquisição de maior igualdade social, proporcionando alívio contra a pobreza brutal de milhões de camponeses e operários, socialismo e comunismo também mantiveram importantes componentes androcráticos. Parte do problema repousa na teoria comunista. O marxismo, que se transformou em uma das ideologias mais influentes dos tempos modernos, não abandonou o dogma androcrático de que o poder devia ser obtido através da violência, como confirma seu conhecido provérbio "os fins justificam os meios". E parte do problema reside na forma como o marxismo tem sido aplicado na primeira nação a adotar o comunismo como ideologia oficial: a União Soviética. Marx e Engels reconheceram que a existência de profunda alteração nas relações entre mulheres e homens em tempos pré-históricos resultara na sociedade de classes que tanto abominavam. Conseqüentemente, nos primeiros anos da Revolução Russa foram envidados alguns esforços de forma a igualar a posição das mulheres. Mas os homens — e, de modo igualmente critico, os valores "masculinos" — permaneceram no controle.[16]

De fato, uma das lições mais instrutivas da história moderna consiste na forma de como esta enorme regressão à violência e ao autoritarismo sob Stalin coincidiu com a reversão de antigas políticas que substituíram as relações patriarcais de família por um relacionamento de igualdade entre homens e mulheres. Como observaria Trotsky (mas só após sua saída do poder e posterior exílio), o fracasso da revolução comunista na obtenção de seus objetivos resultou em grande parte do fracasso de seus líderes em realizar quaisquer modificações fundamentais nas relações de família,[17] ou seja, nas relações entre as duas metades da humanidade, as quais continuaram a basear-se na supremacia, e não na união.

Ao longo dos séculos XIX e XX, outras ideologias humanistas modernas — o abolicionismo, o pacifismo, o anarquismo, o anticolonialismo, o ambientalismo — também surgiram. Mas, assim como o proverbial cego descrevendo um elefante, cada uma delas descreveu diferentes manifestações do monstro androcrático como sendo a totalidade do problema. Ao mesmo tempo, fracassaram em apontar o fato de que no centro do problema persiste um modelo de espécie humana com supremacia masculina e submissão feminina.

A única ideologia a desafiar frontalmente esse modelo das relações humanas, bem como o princípio de supremacia humana baseada na violência, foi naturalmente o feminismo. Por esse motivo, ele ocupa posição única na história moderna e na história da nossa evolução cultural.

Considerado sob a longa perspectiva da evolução cultural, detalhada em capítulos anteriores, é evidente que o feminismo não constitui uma ideologia. Enquanto a idéia de nossa associação ou união com outros seres humanos só consegue ser transmitida individualmente em sistemas androcráticos, durante milênios de evolução cultural esta idéia foi expressa em termos operacionais em sociedades mais igualitárias e pacíficas. E, ao longo da história registrada — na Grécia antiga e em Roma, durante as eras trovadoresca e elisabetana, durante o Renascimento e o Iluminismo —, a "questão feminina", de acordo com a denominação dada por Marx e Engels, constitui tema recorrente.

Porém, o feminismo como ideologia moderna só surgiu em meados do século XIX. Embora muitos dos fundamentos filosóficos para o feminismo tenham sido articulados anteriormente por mulheres como Mary Wollstonecraft, Frances Wright, Ernestine Rose, George Sand, Sarah e Angelina Grimké e Margaret Fuller, seu nascimento formal se deu em 19 de julho de 1848, em Seneca Falls, Nova Iorque.[18] Ali, na primeira convenção da história registrada realizada com o fim expresso de lançar as bases para uma luta coletiva das mulheres contra a subordinação e degradação, Elizabeth Cady Stanton fez. uma declaração decisiva. "Entre as diversas questões importantes trazidas a público", disse Stanton, "não há nenhuma que afete de forma mais vital a família humana do que aquela que se costuma chamar tecnicamente de 'direito das mulheres'."[19]

Embora a crescente expressão dessa declaração hoje desafie nosso sistema com força e certeza maiores do que nunca, o feminismo ainda é percebido por muitas pessoas como um simples "assunto para mulheres". E conseqüentemente — como o feminismo continua a se separar da corrente ideológica — as demais ideologias progressistas, do centro à esquerda, continuam crivadas de enormes incoerências internas.

Em contraste, em um quarto grupo de ideologias modernas não há tais dificuldades, não há nenhum problema com a contradição entre impulsos para trás e para diante. Essas são as ideologias que começaram a evoluir nos séculos XVIII e XIX, nas obras de homens como Edmund Burke, Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche, os quais eram franca e despudoradamente androcráticos.[20]

Nietzsche, cuja filosofia reidealiza o primitivismo ou a proto-androcracia, ainda é muito citado e admirado. Abertamente, sem qualquer disfarce ou dissimulação, Nietzsche declarou que, assim como só os homens devem governar as mulheres, alguns homens "naturalmente selecionados", "socialmente puros" devem governar o restante da humanidade. Segundo ele, a religião era uma forma vil e desprezível de superstição, e ele baseava sua oposição a idéias "degeneradas" e "afeminadas" tais como igualdade, democracia, socialismo, emancipação das mulheres e humanitarismo em premissas apenas "racionais" e não-religiosas.[21]

A filosofia de Nietzsche, segundo a qual os "nobres e poderosos" "devem agir sobre pessoas de classe inferior como bem desejarem", foi a precursora do fascismo moderno. Retrocedendo aos mitos indo-europeus, Nietzsche desprezou a tradição judaico-cristã como insuficientemente androcrática, pois continha o que ele denominou moralidade "afeminada", "escrava": idéias como "altruísmo", "caridade", "benevolência" e "amor ao próximo". Como nos dias "nobres" dos guerreiros arianos ou indo-europeus, a ordem moral ideal de Nietzsche pregou um mundo no qual apenas "os soberanos" determinavam o que é "bondade" e heróis "super-homens" lutavam em guerras gloriosas. Era um mundo governado por homens que diziam "gosto disso, pego-o para mim", os quais sabiam como "submeter uma mulher e punir e exterminar a insolência", e para quem os fracos "se submetem voluntariamente. (...) e sabem seu próprio lugar naturalmente". Em suma, esse era um universo muito semelhante ao imaginado naquele documento neo-androcrático por excelência, do século XX, o Mein Kampf de Hitler.[22]

O modelo dominador para as relações humanas

A moderna ascensão do fascismo e de outras ideologias de direita é muito lamentada por aqueles que ainda nutrem esperanças de que possamos prosseguir em nossa evolução cultural. Observam alarmados que as ideologias direitistas reimporiam o autoritarismo e nos levariam de volta a um período de injustiça e desigualdade ainda maiores. Mostram-se particularmente preocupados com o militarismo dos direitistas e neodireitistas, sua idealização da violência, do derramamento de sangue e da guerra, reconhecendo o perigo iminente, oferecido por esse modo de pensar, a nossa segurança e sobrevivência. Mas há um terceiro aspecto da ideologia direitista,

raramente percebido, qual seja, o de que os direitistas — desde a Ação Francesa, no princípio deste século, até a Direita Americana, no fim — não só æeitam mas também reconhecem abertamente o relacionamento sistêmico entre a dominação masculina, a guerra e o autoritarismo.[23]

Se reexaminarmos de forma objetiva os regimes políticos dos tempos modernos, veremos que não há coincidência no fato de a dominação masculina rígida, e com ela a supremacia de valores "masculinos", caracterizar alguns regimes modernos mais violentos e repressores. Foi o caso da Alemanha de Hitler, da Espanha de Franco e da Itália de Mussolini. Regimes repressivos tais como os de Idi Amin na África, Zia-ul-Haq no Paquistão, Trujillo nas Antilhas e Ceausescu na Roménia reforçam essa característica.[24]

Ainda mais instrutivo (e grave) é o fato de que, no "berço da moderna democracia", a mesma administração dos Estados Unidos que se mantém acima da lei, empreende guerras secretas e destrói o bem-estar público gastando as reservas nos orçamentos militares mais elevados da história americana opõe-se igualmente à emenda constitucional que garantiria às mulheres igualdade legal, apoiando por outro lado uma emenda privando as mulheres da liberdade de escolha em relação à reprodução. Além do mais, se considerarmos com cuidado as duas ideologias neo-androcráticas religiosas mais visíveis — a dos pregadores fundamentalistas americanos como Jerry Falwell (amigo e conselheiro espiritual do ex-presidente Reagan) e a do aiatolá Khomeini no Irã —, o elo entre violência institucionalizada, repressão feminina e supressão da liberdade toma-se ainda mais evidente.

Nos Estados Unidos, Jerry Falwell pregou para milhões de telespectadores dizendo que Deus se opõe à Emenda da Igualdade de Direitos. Sua oposição à liberdade de discurso, à livre escolha pela reprodução ou não, à liberdade de culto de acordo com a consciência de cada um, constitui ameaça à liberdade. E seu apoio a uma América mais militarista e "forte", a um governo mais repressivo na África do Sul e a outros regimes que matam e torturam seu próprio povo com armas fornecidas pêlos "líderes americanos tementes a Deus" colocam o selo da vontade de Deus sobre a violência. Assim, o cristianismo androcrático de Falwell demonstra o reconhecimento da conexão entre dominação, autoritarismo e violência masculina.

Reconhecimento similar em relação a conexões foi exibido pelo aiatolá Khomeini ao proclamar a volta do *chuddar*, a veste de corpo inteiro que as muçulmanas tradicionalmente eram obrigadas a usar como símbolo do retorno iraniano a uma androcracia teocrática, lançada do topo por Khomeini e seus mulas.[25] De fato, considerada sob a perspectiva da teoria de transformação cultural, o denominado recrudescimento islâmico representa na verdade o ressurgimento do sistema androcrático, resistindo violentamente ao ímpeto gilânico da atualidade.

O aiatolá Khomeini originalmente fora expulso do Irá após liderar um motim de dois dias em protesto ao tratamento mais igualitário dado às mulheres. Após seu retorno, um de seus primeiros atos oficiais foi a suspensão do Ato de Proteção à Família, de 1967, o que proporcionava às mulheres maior igualdade no divórcio, casamento e herança, exortando seus seguidores a reinstaurar o véu.[26] Ao mesmo tempo, novas leis rígidas, que segregavam sexualmente praias e escolas e reduziam a idade mínima de casamento de meninas para 13 anos, também foram impostas de imediato.[27]

Sob a nova ordem "moral" de Khomeini, a qual tolerou, e na verdade comandou, a violenta captura de diplomatas americanos como reféns e mergulhou o Irã em uma "guerra santa" contra o Iraque, qualquer desobediência aos homens agora no poder era proclamada crime contra o Islã, punível com a prisão, a tortura e até a morte. Nem a liberdade de expressão nem a imprensa foram toleradas. Qualquer tentativa de criação de partidos de oposição era estigmatizada como heresia.[28] Pelo crime de crença em uma fé que estimula a igualdade entre homens e mulheres e por empreender a organização feminina, em 1983 dez mulheres Baha'i, incluindo a primeira médica iraniana, uma pianista, uma enfermeira e três estudantes, foram assassinadas em uma execução pública.[29]

Em suma, aqueles que reimpõem o governo de homens fortes tanto sobre homens quanto sobre mulheres consideram básicas as chamadas questões femininas tais como a liberdade de escolha na reprodução e a igualdade de direitos legais. Na verdade, se verificarmos as ações direitistas — da Nova Direita Americana e sua contrapartida religiosa no Ocidente e Oriente —, perceberemos que para elas a volta das mulheres a seu lugar tradicional subserviente constitui prioridade máxima.[30]

No entanto, ironicamente, para a maioria dos que se empenham por ideais como progresso, igualdade e paz, a relação entre "questões femininas" e a obtenção de objetivos progressistas continua invisível. Para liberais, socialistas, comunistas e outros do centro à esquerda, a liberação das mulheres é tema secundário ou periférico — a ser considerado, se o for, após a resolução das questões "mais importantes" com que nosso mundo se defronta.

Grande parte da confusão ideológica, bem como o movimento cultural do tipo "vai-e-volta" da atualidade, pode ser relacionada com o fracasso dos que trabalham em prol do progresso em perceber a impossibilidade lógica de criar uma sociedade justa e igualitária enquanto persistir o modelo dominador-dominado nas relações humanas. Na medida em que não conseguimos enxergar que a sociedade igualitária e a desigualdade entre as duas metades da humanidade são contraditórias, na verdade parece que a razão nos abandonou. Isso faz lembrar o conto de Hans Christian Andersen sobre o imperador nu, cuja nudez só era percebida por uma criança ainda sem instrução. Tendo sido adestrados na visão de mundo exigida para a manutenção do sistema predominante, até mesmo os maiores poderes lógicos de nossas mentes encontram dificuldade em estabelecer a conexão entre um modelo dominador das relações humanas e uma sociedade dominadora.

Os dois tipos humanos básicos são o masculino e o feminino. O modo como se estrutura o relacionamento de homens e mulheres representa, assim, modelo básico para as relações humanas. Conseqüentemente, o relacionamento dominador-dominado com outros seres humanos é internalizado desde o nascimento por cada criança criada em uma família tradicional e patriarcal.[31]

No caso do racismo, esse modelo das relações humanas é generalizado de membros de um sexo diferente para membros de uma raça diferente. No fenômeno correlato do colonialismo, ele é um pouco mais generalizado, alcançando membros de uma nação diferente (em geral também de raça diferente). É um modelo que através da história serviu à racionalização de todas as variações possíveis de exploração social e econômica.

Avanço ou retrocesso?

Quando transcendemos os antigos rótulos ideológicos de liberal *versus* conservador, religioso *versus* secular ou esquerda *versus* direita, a história moderna torna-se sob muitos aspectos críticos radicalmente clara. As ideologias progressistas modernas podem ser vistas como parte de uma revolução crescente e contínua contra a androcracia.

Primeiro as rebeliões de burgueses, trabalhadores e camponeses (a burguesia e proletariado de Marx), e depois as dos escravos negros, colonos e mulheres, representam também parte desse movimento, ainda em evolução, de substituição da androcracia pela gilania, pois todas essas rebeliões de massa foram e são fundamentalmente contra um sistema em que a supremacia é o princípio fundamental da organização social.

Contudo, até o momento o desafio ideológico à androcracia tem sido fragmentado. A ideologia direitista ou neo-androcrática fornece uma visão internamente coerente e abrangente para a vida pessoal e pública. Mas, de todas as ideologias progressistas, só o feminismo se esquiva da inconsistência interna, aplicando princípios tais como a igualdade e a liberdade para toda a humanidade — e não só para sua metade masculina. Apenas o feminismo oferece a visão de um

reordenamento da instituição social mais fundamental: a família. E o feminismo é o único a traçar a conexão sistêmica explícita da violência masculina do estupro e espancamento de esposas com a violência masculina na guerra.[32]

No que concerne ao nosso moderno sistema ideológico, o feminismo pode ser considerado um poderoso "indutor". Enquanto ainda estava na periferia do sistema, durante os séculos XIX e XX o feminismo tem atuado como um "indutor" periódico, guiando o movimento intelectual rumo a uma visão de mundo na qual mulheres e feminilidade deixem de ser desvalorizadas. Mas, em nossa época de crescente desequilíbrio sistêmico, o feminismo poderia tomar-se o cerne de uma nova ideologia gilânica inteiramente integrada. Incorporando os elementos humanistas de nossas ideologias religiosas e seculares, esta moderna visão gilânica de mundo por fim proporcionaria a ideologia internamente coerente, abrangente, necessária à substituição de uma sociedade dominadora por uma de parceria.

Há hoje em dia movimentos que visam a uma ideologia desse tipo. Por exemplo, em 1985, no Simpósio do Novo Paradigma, patrocinado pelo Instituto Elmwood, de Fritjof Capra, o novo paradigma foi descrito como "pós-patriarcal" e a nova epistemologia vista como representativa de "uma mudança da dominação e controle da natureza para a cooperação e não-violência".[33] Futurólogos do sexo masculino tais como Robert Jungk, David Loye e John Platt também reconheceram a ligação entre a igualdade feminina e a paz.[34] A Declaração de 1985 da Baha'i Universal House of Justice, apresentada aos chefes de estado mundiais, reconhece de forma explícita que "a obtenção da total igualdade entre os sexos" é pré-requisito para a paz mundial.[35]

Filósofas e ativistas feministas de todo o mundo vêm exigindo uma nova ética para mulheres e homens, baseada nos valores "femininos" tais como a não-violência e o zelo: são mulheres como Wilma Scott Heide, Helen Caldicott, Betty Friedan, Alva Myrdal, Elise Boulding, Fran Hosken, Hilkka Pietila, Charlene Spretnak, Celina Gracia, Gloria Steinem, Dame Nita Barrow, Patricia Ellsberg, Patricia Mische, Barbara Deming, Mara Keller, Bella Abzug, Pam McAllister, Allie Hixson e Elizabeth Dodson-Gray.[36] Incontáveis artistas, escritoras, teólogas e cientistas feministas estão fornecendo novas teorias e imagens adequadas a um mundo de parceria, e não de dominação: Jessie Bemard, Carol Christ, Abida Khanum, Susan Griffin, Karen Sacks, Judith Plaskow, June Brindel, Gita Sen, Rosemary Radford Ruether, Dale Spender, Nawai El Saadawi, Jean O'Barr, Betty Reardon, Starhawk, Paula Gunn Allen, Carol Giligan, Charlotte Bunche, Judy Chicago, Mayumi Oda, Alice Walker, Margaret Atwood, Georgia O'Keefe, Peggy Sanday, Holly Near, Ursula Le Guin, E. M. Broner, Marge Piercy, Ellen Marie Chen, Alix Kates Shulman, para citar apenas algumas.[37]

Há também tentativas de fundar movimentos políticos essencialmente gilânicos, baseados na união e não na supremacia. Por exemplo, a visão de Petra Kelly sobre um partido ecológico-feminista pacifista forneceu grande parte do impulso para os verdes da Alemanha Ocidental.[38] E a Plataforma do Partido dos Cidadãos de Sônia Johnson para as eleições presidenciais de 1985 nos EUA articulou bem a importância fundamental do feminismo para qualquer mudança importante nas áreas social, econômica e política.

Todos esses são passos na direção de uma revisão coerente e integrada da realidade, necessária a efetivamente promover a realização de uma sociedade de parceria. Embora em geral não pensemos nelas dessa forma, a maioria das realidades sociais — escolas, hospitais, bolsas de valores, partidos políticos, igrejas — são realizações de idéias que no passado só existiam na cabeça de algumas mulheres e homens. Isso também se aplica à abolição da escravatura, à substituição de monarquias por repúblicas e a todos os outros avanços que obtivemos nas últimas centenas de anos.[39] Até mesmo as realidades físicas — mesas, livros, vasos, aviões, violinos — são realizações de idéias humanas. Mas para que novas idéias sejam traduzidas em novas realidades é preciso não só clareza de visão mas também a oportunidade de mudança das antigas realidades.

A agitação dos tempos modernos como período de mudança tecnológica sem precedentes fornece a oportunidade para a mudança social — potencialmente, para uma transformação social

fundamental. Como podemos ver à nossa volta, rápidas mudanças tecnológicas geram instabilidade social. E, como evidencia a teoria de transformação, quando há estados de instabilidade, pode ocorrer uma mudança de um sistema para outro.

As modernas rebeliões de mulheres e homens contra a sociedade dominadora aconteceram junto com grandes avanços tecnológicos. Além disso, todas as grandes mudanças tecnológicas forneceram o impulso para o avanço gilânico, forçando as mudanças nos papéis tanto de mulheres quanto de homens. Hoje até a natureza parece estar se rebelando contra a androcracia; na erosão do solo, no esgotamento de reservas, na chuva ácida, na poluição ambiental. Mas esta rebelião da natureza não significa, como às vezes se argumenta, uma rebelião contra a tecnologia. Ao contrário, é uma rebelião contra os usos exploradores e destrutivos da própria tecnologia empregada em uma sociedade dominadora, na qual os homens devem continuar conquistando — seja a natureza, as mulheres ou outros homens.

Afirma-se que a tecnologia moderna é um perigo não só para nossa evolução cultural como também para nossa evolução biológica. Na medida em que subsistir a androcracia, a tecnologia avançada de fato representara uma ameaça maior a nossa sobrevivência. No entanto, até mesmo essa ameaça fornece maior impulso para a fundamental transformação dos sistemas.

Nesse nível básico, a investida gilânica moderna pode ser vista como um processo adaptativo, impelido pelo impulso de sobrevivência de nossa espécie. Como examinaremos nos capítulos seguintes, a crescente evidência em todos os lugares revela que o sistema dominante está se aproximando muito rápido de seu fim evolutivo lógico, o fim da linha de um desvio androcrático de cinco mil anos. O que pode estar à frente é o último derramamento de sangue, resultante dos esforços violentos desse sistema agonizante na tentativa de manutenção de seu poder. Mas os espasmos mortais da androcracia podem constituir também o parto da gilania e a abertura da porta para um novo futuro.

CAPÍTULO 12

O COLAPSO DA EVOLUÇÃO: UM FUTURO DOMINADOR

O que no passado representava um cenário de ficção científica para nosso futuro hoje tomou-se uma séria possibilidade. Esse cenário mostrava que, após a humanidade ser exterminada em uma guerra nuclear, nossa terra seria tomada pelas baratas, umas das poucas formas de vida imunes à radiação. Caso isso acontecesse, seria um final digno da androcracia — e, em relação a nós, uma sombria ironia a cerca da evolução. O sistema que tem impedido nossa evolução cultural por fim teria conseguido produzir o tipo de criatura mais adequada a tal sistema: um sistema mais para insetos do que para seres humanos.

Em seu trabalho pioneiro, *A Utilização Humana dos Seres Humanos*, **Norbert Wiener observa que a rígida organização social hierárquica de insetos tais como formigas e abelhas é perfeitamente apropriada a essas formas de vida menos evoluídas.[1] Insetos, observa Wiener, possuem corpos aprisionados em esqueletos externos rígidos, ou conchas. Suas mentes são igualmente aprisionadas, em minúsculos cérebros com pouco espaço para acúmulo de memória ou para o processamento de informações complexas, base do aprendizado. Portanto, uma organização social onde cada membro representa um papel circunscrito e predeterminado e os sexos são completamente especializados é indicado para insetos sociais tais como as abelhas e formigas. A abelha-rainha ou a formiga-rainha funcionam só como colocadoras de ovos. A única função do zangão é a fecundação. E as abelhas ou formigas operárias, como seu nome indica, nada fazem exceto o trabalho não reprodutivo que mantém a colônia alimentada e abrigada.**

Em contraste, os seres humanos são formas de vida com as estruturas físicas mais flexíveis e menos especializadas. Tanto homens quanto mulheres possuem a postura ereta que deixa as mãos livres para a feitura e uso de ferramentas. Ambos os sexos possuem cérebros muito desenvolvidos, com um imenso acúmulo de memória e extraordinária capacidade de processamento de informações, o que nos toma flexíveis, versáteis — em resumo, humanos — como o somos.[2]

Assim, embora uma estrutura social rigidamente hierárquica como a androcracia, que aprisiona ambas as metades da humanidade em papéis inflexíveis e circunscritos, seja bastante adequada para espécies de capacidade muito limitada como os insetos sociais, ela é totalmente inadequada aos seres humanos.[3] E, neste momento crítico de nossa evolução tecnológica, pode ser também fatal.

Os problemas insolúveis

O livro de Wiener sobre processos cibernéticos foi precursor de uma nova dinâmica de compreensão do mundo, a qual hoje tem progredido nas ciências naturais. Em sua obra, ele enfatiza: o que proporciona a nossa espécie esta vantagem evolutiva é a habilidade muito superior com que somos capazes de alterar o nosso comportamento em reação ao que ele chama de *feedback*: **a troca de informações a respeito da eficácia ou ausência de eficácia de comportamento passado e novas informações sobre as condições atuais.[4]**

Além disso, de acordo com Wiener, dispomos de outra vantagem evolutiva: podemos mudar nosso comportamento com rapidez. Outras espécies também desenvolveram novos padrões de comportamento em reação à mudança de condições. Se não o fazem, desaparecem. Mas na maioria das espécies essas mudanças acontecem ao longo de sua evolução biológica, envolvendo mudanças em sua estrutura mental e física. Em contraste, nós humanos podemos, se necessário,

mudar nossos padrões de comportamento bem rápido, até mesmo de modo instantâneo, através do uso de nossas mentes muitíssimo superiores.

No entanto, para fazê-lo com sucesso, são necessárias três coisas: percebermos este feedback, fazermos sua interpretação correia e sermos capazes de mudar.

O *feedback* **que hoje nos bombardeia a respeito das condições atuais de nosso planeta resume-se, para os futurólogos, a uma expressão:** *a problemática mundial*.[5] **Baseando-se em análises de dados computadorizados, como o primeiro e o segundo relatórios do Clube de Roma, relatórios governamentais como o** *Global 2000* **e uma infinidade de estudos das Nações Unidas e outros estudos internacionais, o que a maioria dos cientistas prefigura, caso permaneça a atual tendência, é a aproximação de uma época ainda mais caótica, em que nosso mundo assistirá a transtornos políticos, econômicos e ambientais cada vez maiores.**[6]

Já percebemos sérios desequilíbrios ecológicos e danos ambientais. Estamos assistindo aos efeitos da chuva ácida, níveis crescentes de radioatividade e lixo tóxico, além de outras formas de poluição industrial e militar. Os cientistas temem que as crescentes concentrações de substâncias químicas que enfraquecem a camada de ozônio possam até mesmo alterar o clima mundial. A rápida destruição das florestas tropicais equatoriais também constitui grave motivo de preocupação. Muitas espécies animais estão em extinção, e pré vê-se que por volta do ano 2000 centenas de milhares, talvez 20% de todas as espécies, estejam irrecuperavelmente perdidas.[7]

Sérias perdas de solo arável são outro problema, particularmente na África faminta, e a cada ano áreas de plantação e pasto aproximadamente do tamanho do Maine transformam-se em desertos áridos. E as previsões são de que o aumento das condições desérticas deverá acelerar-se.[8]

A fome e a pobreza já são catastróficas. Em 1983, onze milhões de bebês morreram antes do primeiro ano de vida. Dois bilhões de pessoas viviam com rendas inferiores a quinhentos dólares por ano. Quatrocentos e cinqüenta milhões sofrem com a fome e a severa desnutrição. Dois bilhões não possuem fontes de água potável.[9] **Nos EUA, uma das nações mais ricas do mundo, a taxa de pobreza nacional foi a maior em 17 anos, com 34 milhões de pessoas, cerca de um quinto da população, classificadas como pobres segundo padrões oficiais de pobreza.**[10]

Baseando-se nas tendências atuais, as projeções indicam que as condições vão piorar. O abismo entre ricos e pobres e entre nações ricas e pobres continuará a aumentar. Apesar da maior produção material, em razão do crescimento populacional, a pobreza mundial aumentará também em grande escala.[11]

Em resumo, de toda a parte nos chegam sinais de perigo: o *feedback* **de que nosso sistema global começa a entrar em colapso. De todos esses sinais, o mais urgente é o que os futurólogos denominam a explosão demográfica. Enquanto não houver um controle rigoroso da natalidade, a população estará crescendo em velocidade fantástica.**[12] **Na verdade, se permanecer a atual taxa de crescimento demográfico, prevê-se que vão crescer mais pessoas em nosso planeta em um ano, em meados do século XXI, do que durante os mil e quinhentos anos após a morte de Cristo!**[13]

A crise populacional — o fato de as atuais políticas estarem falhando na redução considerável da taxa de crescimento — encontra-se no cerne do complexo de problemas aparentemente insolúveis que os futurólogos classificam como problemática mundial, pois, por trás da erosão do solo, da desertificação, da poluição do ar e da água e de todas as demais tensões ecológicas, sociais e políticas de nosso tempo, encontra-se a pressão de um numero cada vez maior de pessoas que vivem de terras e recursos que estão se esgotando, um número crescente de fábricas, carros, caminhões e outras fontes de poluição advindas do fornecimento de bens a todas as pessoas, e as tensões cada vez piores estimuladas por suas necessidades e aspirações.[14] **E, com relação a essa explosão demográfica, podemos bem perceber como e por que, sob um sistema androcrático, nossos problemas são de fato insolúveis.**

Questões humanas e questões femininas

Ao analisarmos nosso passado, vimos que o paradigma predominante cegou os estudiosos de tal forma que, em figuras pré-históricas da Deusa-Mãe, eles conseguiram enxergar apenas Vênus gordas — obesos objetos sexuais para os homens. Contemplando nosso futuro com esse mesmo tipo de mentalidade, os problemas que afligem nosso planeta também são considerados sob uma ótica distorcida.

O problema tem início com a questão de que a informação reunida pela maioria dos especialistas exclui de forma sistemática as mulheres. Assim, a maior parte dos políticos trabalha só com metade dos dados. Porém, mesmo com as informações diante de seus olhos, esses políticos não conseguirão ainda agir adequadamente caso se mantenha o atual sistema.

Por exemplo, em muitas nações muçulmanas economicamente subdesenvolvidas e superpopulosas, elevadas taxas de natalidade não são consideradas problema. Líderes como o aiatolá Khomeini e Zia-ul-Haq parecem não associar a terrível pobreza de seu povo ao fato de nessas culturas as mulheres serem consideradas instrumentos de reprodução controlados pelo homem. Da mesma forma, na Conferência Populacional de 1984, na Cidade do México — realizada na cidade mais conhecida no mundo por sua superpopulação, em um país de onde anualmente milhões de trabalhadores migrantes ilegais partem em direção ao norte a fim de escapar da terrível pobreza causada pela superpopulação —, os representantes da administração do ex-presidente Reagan anunciaram impassíveis a inexistência de problema populacional.[15]

A dedução feita pela imprensa mundial, e até pela maior parte dos estudos especializados, é a de que exemplos como esses demonstram sobretudo uma falta de inteligência ou consciência por parte dos governos envolvidos. Mas tal impressão pode ser perigosamente equivocada. Na verdade, eles refletem aguda consciência do que é necessário para a manutenção do sistema androcrático em nível mundial.

Ironicamente, nesse período de enorme regressão androcrática, exemplo dramático de tais políticas vem de uma nação que constituiu no passado exemplo de um tipo de luta muito diferente na busca de ideais gilânicos de justiça, igualdade e progresso social. Os EUA — que exercem influência exagerada sobre as políticas de nações superpopulosas e consomem uma percentagem desproporcional dos recursos mundiais — regrediram recentemente a políticas que aumentam, em vez de reduzir, as taxas de natalidade. A administração Reagan não só cortou de forma radical os fundos para os programas de planejamento familiar no Terceiro Mundo; ao mesmo tempo que a fome e a pobreza aumentavam nos EUA, essa administração também fez pressões em prol de uma emenda constitucional que outra vez proibisse o aborto. E, numa manobra calculada para negar às mulheres acesso igual e justo a opções de vida não reprodutoras, a administração Reagan opôs-se também firmemente à Emenda de Igualdade de Direitos proposta para a Constituição Americana, ignorando ou efetivamente revogando antigas leis destinadas a equiparar as oportunidades educacionais e trabalhistas das mulheres.[16]

Em outras regiões do mundo, com a notável exceção de nações como a China, Indonésia, Tailândia e, mais recentemente, Quênia e Zimbabwe, o planejamento familiar raramente constitui prioridade básica. Ao contrário, na Romênia comunista, um dos países mais pobres do bloco oriental, o presidente Nicolae Ceausescu declarou "dever patriótico" das mulheres ter quatro filhos, exigindo que elas se submetessem a testes de gravidez mensais em seus locais de trabalho e fornecessem explicações médicas para a "ausência persistente de gravidez".[17] E, em muitas das nações superpopulosas e mais pobres do mundo em desenvolvimento, as mulheres têm negado seu acesso ao controle da natalidade.[18]

Embora em uma primeira e histórica Conferência Internacional sobre População, em 1984, a "melhoria da condição das mulheres em todo o mundo" tenha sido declarada objetivo fundamental em si mesmo e devido a sua importância na redução da fertilidade,[19] as políticas

capazes de criar as oportunidades e motivações para as mulheres limitarem os nascimentos são prioridades bem secundárias praticamente em toda parte.[20] Além disso, a situação continua a mesma — apesar de a clara mensagem dos especialistas em demografia de todo o mundo ressaltar que, se o planejamento populacional tiver êxito, criando papéis satisfatórios e socialmente gratificantes para as mulheres, em vez de seus papéis de esposas e mães, isto ainda é mais importante do que a existência de instrução para o controle da natalidade.[21]

Claro que as alternativas são simples. Os meios tradicionais de refrear o crescimento populacional têm sido a doença, a fome e a guerra. Dar prioridade à liberdade de reprodução e à igualdade feminina é a única forma alternativa de deter a explosão demográfica. Mas proporcionar a essas "questões femininas" prioridade máxima significaria o fim do atual sistema. Representaria a transformação de uma sociedade dominadora para uma sociedade de parceria. E, para a mentalidade androcrática — a mentalidade de nossos atuais líderes mundiais —, esta possibilidade inexiste.

Assim, estes homens encontram e armazenam informações que lhes dizem o que querem ouvir. A Heritage Foundation, sustentada por interesses extremamente conservadores nos Estados Unidos, por sua vez patrocinou estudos realizados pelo conhecido futurólogo Herman Kahn, pelo economista Julian Simon e outros que argumentam não existir um problema demográfico global.[22] Em essência, eles concluem que, a curto prazo, a fome disseminada ajudará a reduzir o excesso populacional, e a longo prazo, os homens que dirigem os impérios econômicos mundiais produzirão, através de competição agressiva e desenfreada, tanta riqueza que uma quantidade suficiente "pingará" e alimentará os muitos bilhões que estão por vir.[23]

Esses sucessores modernos dos homens que em nossa pré-história dominaram a realidade se utilizam do mesmo enfoque dado ao problema das "soluções" para a fome e a pobreza. Como primeiro passo, a existência de fome e pobreza globais é negada ou minimizada.[24] Se em seguida for apresentada prova irrefutável — por exemplo, de que a cada minuto trinta crianças morrem por causa da fome e da falta de vacinas baratas[25] —, eles replicam que "esta situação desventurada" é temporária. A pobreza e a fome desaparecerão também aos poucos, quando liderar o "mercado livre".[26]

Até mesmo aqueles aparentemente menos insensíveis ao sofrimento humano, os quais estão de fato muito preocupados, com freqüência caem nas armadilhas convencionais que obscurecem e distorcem a realidade. Eles continuam a falar de fome e pobreza em termos gerais — quando as evidências mostram com nitidez que, de acordo com a ordem estabelecida pelo sistema de supremacia androcrática/dominadora, a pobreza e a fome de fato são basicamente "questões femininas".[27]

De acordo com estatísticas do governo americano, as famílias dirigidas por mulheres são as mais pobres dos EUA, com um índice de pobreza que é o triplo do de outras famílias, e dois em cada três americanos pobres e idosos são mulheres.[28] No mundo em desenvolvimento as realidades são ainda mais sombrias.[29] Na África, campos de refugiados internos e externos, onde milhares estão famintos, os mais pobres dos pobres e os mais famintos dos famintos são as mulheres e seus filhos.[30] E, como documentam o relatório das Nações Unidas, *Situação das Mulheres no Mundo* **— 1985 e muitos outros relatórios oficiais e não-oficiais, a situação na Ásia e América Latina é a mesma.[31]**

Outra vez, a lógica diria que as políticas nacionais e internacionais deveriam conceder total prioridade a programas que lidem com a pobreza e a fome de mulheres. Mas qual a reação a tais realidades?

Nos Estados Unidos, a despeito do grande índice de desemprego feminino, os programas de redução do desemprego aprovados nas décadas de 70 e 80 criaram apenas uma fração diminuta de trabalhos fora das ocupações dominadas pelo homem, como a construção e o conserto de estradas. Na África, apesar da fome e do fato de as mulheres serem responsáveis por 60 a 80% do cultivo de alimentos, o implemento agrícola técnico, os empréstimos, a concessão de terras e

subsídios monetários são destinados quase que exclusivamente aos homens. Na Ásia e América Latina, além de as mulheres estarem condenadas a uma educação desigual e relegadas à especialização para as ocupações mais mal remuneradas, o desenvolvimento econômico e programas de auxílio estrangeiro são, da mesma forma, destinados quase que exclusivamente aos homens.[32]

O fundamento lógico do sistema androcrático é o de que os homens como "chefes da casa", cuidam de mulheres e crianças. Mas esta lógica baseia-se em um modelo da realidade que, mais uma vez, ignora inúmeros dados, pois há informações mais do que suficientes mostrando que o motivo básico por que tantas mulheres e crianças em todo o mundo vivem em miséria abjeta reside no fato de, seja em famílias "intactas" ou "destruídas", os homens não proverem a subsistência de suas esposas e filhos.

O problema não reside apenas no fato de, em países industrializados como os Estados Unidos, mais da metade dos pais divorciados recusar-se a obedecer às determinações da lei e pagar pensão à esposa e aos filhos.[33] Tampouco reside unicamente no fato de hoje, em muitas regiões da Ásia e África, os homens acorrerem às cidades, deixando as mulheres e os filhos para trás, defendendo-se como podem — e voltando esporadicamente para procriar outra criança.[34]

A questão está em que nas sociedades de supremacia masculina a pobreza e a fome das mulheres têm raízes bem mais profundas. Ela não se limita somente a famílias encabeçadas por mulheres. Esse é um problema de organização familiar, na qual o "cabeça" masculino do casal detém o poder sancionado socialmente de determinar de que forma os recursos ou o dinheiro serão distribuídos e utilizados.

Por exemplo, em nossa história ocidental, seja entre os servos russos, os mineiros irlandeses ou os operários americanos, muitos homens consideram uma afronta à sua masculinidade "entregar" seus salários para que as esposas possam comprar alimentos para a família. Ao contrário, como muitos homens ocidentais o fazem ainda hoje, eles bebem ou gastam o salário com o jogo, espancam as esposas por "encherem o saco" se, ao fazerem uma objeção, estas desafiam a autoridade masculina. Este padrão de comportamento é também freqüente em muitos países latino-americanos e em vastas regiões da África.

Além disso, em grande parte do mundo em desenvolvimento, as mulheres que preparam — e freqüentemente também cultivam — o alimento para a família não comem enquanto os homens não terminarem.[35] Mais uma vez, há um fundamento lógico para tais padrões de alimentação sexualmente discriminatórios. Com freqüência, em locais onde as mulheres trabalham duro do amanhecer ao anoitecer, argumenta-se que os homens necessitam de mais comida, ou que estas são "tradições étnicas" nas quais imigrantes ocidentais não devem se meter. Há também a lógica para tabus alimentares que proíbem as mulheres, particularmente as grávidas, de comer os mesmos alimentos de que precisam para manter a saúde. Em conseqüência, estudos da Organização Mundial de Saúde mostram que a anemia nutricional aflige quase metade de todas as mulheres do Terceiro Mundo em idade de procriar mais da metade das mulheres grávidas![36]

Contudo, tais padrões sexualmente discriminatórios na distribuição dos recursos não afetam seriamente "apenas" as mulheres. Eles também apresentam terríveis implicações para os homens — e para a evolução humana. É de conhecimento geral que as mães com desnutrição costumam conceber filhos com maiores probabilidades de debilidade e doença. Isso obviamente afeta tanto as crianças do sexo feminino quanto as do sexo masculino, as quais nascem com menos peso e freqüência também mentalmente deficientes, ou, na melhor das hipóteses, dotadas de inteligência inferior, o que não aconteceria se mães recebessem alimentação adequada.

Assim, como nosso mundo ignora sistematicamente essas questões humanas ainda consideradas "femininas", milhões de seres humanos de *ambos* os sexos são privados de seu direito de nascimento: a oportunidade de levar vidas saudáveis, produtivas e gratificantes. E, como direitos das mulheres não são considerados direitos humanos, não só nossa evolução cultural mas também nossa evolução biológica são às necessariamente sustadas.

Também pareceria lógico tomar providências imediatas para mudar os padrões de distribuição alimentar sexualmente discriminatórios. Mas, como na questão das políticas populacionais e de desenvolvimento, há nas androcracias sistemas esmagadores de restrição.

O problema básico consiste em que, nas sociedades de supremacia masculina, há dois obstáculos fundamentais na formulação e implementação das políticas capazes de lidar de forma eficaz com nossos crescentes problemas globais. O primeiro obstáculo está no fato de que os modelos de realidade necessários à dominação masculina exigem que todas as questões importantes no que se refere a nada menos de metade da humanidade sejam ignoradas ou vulgarizadas. Essa monumental exclusão de dados constitui omissão de tal magnitude que, em qualquer outro contexto, os cientistas a condenariam como falha metodológica fatal. No entanto, mesmo quando esse primeiro obstáculo é de alguma forma ultrapassado e os políticos recebem informações completas e imparciais, permanece um segundo obstáculo, ainda mais fundamental, qual seja, o de que a prioridade básica da política em um sistema de supremacia masculina deve ser a preservação da dominação masculina.

Logo, as políticas que enfraqueceriam a dominação masculina — e a maioria das políticas que oferecem qualquer esperança no futuro da humanidade — não podem ser implementadas. Mesmo se forem formuladas, tais políticas precisam ser arquivadas, devem receber fundos insuficientes ou então devem ser desvirtuadas a ponto de perder sua eficácia.

A solução totalitária

Quando seus líderes eleitos não conseguem resolver problemas econômicos, sociais e políticos, as pessoas buscam outros capazes de fornecer respostas. Na mentalidade androcrática, que valoriza acima de tudo todas as supremacias, equiparando direito e poder, essas respostas costumam equivaler à violência e ao domínio dos homens fortes.

Assim, não surpreende que, junto com o esgotamento progressivo dos sistemas e/ou holocausto nuclear, um freqüente cenário imaginado para o futuro seja o totalitarismo global. Esse tem sido o tema de muitas histórias de ficção científica, do profético *1984* de George Orwell a filmes como *Rollerball* e *Fahrenheit 451*. Esse tema tem sido também objeto de estudos especializados sobre o futuro, tais como a previsão de Jacques Ellul sobre um mundo desumanizado governado por tecnocratas desumanos.[37] Até mesmo o cenário "otimista" prefigurado por Herman Kahn, do Hudson Instituto, sobre um futuro de prosperidade inacreditável, resultante da filosofia do "tudo continuará normalmente apesar dos contratempos" pregada pelas megacorporações e pelos militares, clientes do instituto, é o de um mundo governado pelo que Kahn denominou um novo "império agostiniano".[38]

Já se sugeriu muitas vezes que o grande apelo psicológico de um futuro totalitário reside em sua promessa de um "líder forte", o qual, como o "pai poderoso" da infância, "cuidará de tudo", em troca de obediência fiel. Sem dúvida, a mente condicionada a se submeter à autoridade masculina inclinar-se-á a voltar-se para essa "proteção" em tempos de crise. Mas há outro motivo para o forte apelo — e grande perigo — do totalitarismo moderno.

A visão convencional do totalitarismo é a de ser uma aflição inteiramente moderna, um horror típico de nossa era secular e científica.[39] É verdade que a eficácia tecnológica dos campos de extermínio em massa alemães não encontrou precedentes. Mas, como demonstram a pré-história e a história, não são raras as tentativas de escravização de populações inteiras. Tampouco a supremacia pelo terror constitui marca própria de regimes totalitários modernos.

O que podemos perceber hoje em dia, através da recuperação de nosso passado perdido, é que, em seus métodos de controle e sua estrutura básica, o totalitarismo moderno é a culminância lógica de uma evolução cultural baseada no modelo dominador de organização soe» Na eficiência desse controle por meio do terror está o avanço último desse tipo de sociedade. Em essência,

constitui uma versão tecnologicamente adiantada das cidades-estados rigidamente androcráticas (primeiro surgiram em nossa pré-história.

O Estado totalitário do século XX é o sucessor moderno da cidade-estado teocrática da Antiguidade onde, como escreve o historiador Lewis Mumford, massas de pessoas não passavam de engrenagens rigidamente controladas em gigantescas máquinas sociais.[40] E as elites das hierarquias de estados fascistas e comunistas são em essência as sucessoras das antigas castas dominadoras de guerreiros/sacerdotes. Ambas afirmam ter uma ligação direta e exclusiva com a Palavra — seja com a Palavra de Deus, Marx, o *Führer***, Stalin ou Mao. Ambas reclamam também o direito exclusivo de interpretar essa Palavra através da lei e impô-la pela força ou ameaça de força.**

Assim como nas teocracias androcráticas, onde não havia separação entre Igreja e Estado, os homens que governavam sociedades fascistas e comunistas detinham o poder espiritual e temporal. À semelhança das religiões androcráticas, nem o comunismo nem o fascismo toleravam qualquer desvio da "verdadeira" fé. Ao contrário de outras ideologias políticas modernas, embora assemelhando-se às religiões androcráticas, ambos oferecem uma visão de mundo ampla, englobando a maior parte, se não todos, os aspectos da vida política, social e familiar. Extremistas de direita ainda citam a Bíblia como autoridade para famílias patriarcais. Na Alemanha nazista, o *Führer* **proclamava não só as mulheres como também os homens "fracos" e "afeminados" como os judeus eram naturalmente inferiores a sua nova raça de super-homens". Na União Soviética, o modelo oficial para as relações familiares, reproduzido em um número infinito na literatura e na pintura, onde vemos mulheres servindo refeições a seus homens, é o mesmo da** *hausfrau* **idealizada na propaganda nazista.[41]**

Nos estados totalitários comunistas e fascistas, assim como na Bíblia no Corão e outras escrituras tradicionais, a obediência e o conformismo são as virtudes supremas. E, em ambos, a violência não só é permitida, mas é também ordenada se for a serviço da ideologia oficialmente aprovada — seja através do terror de um sacerdócio medieval, com sua queima de livros e de pessoas, ou através das tecnologias mais eficientes de lavagem cerebral e tortura dos regimes totalitários modernos.

O líder carismático e envolvente, que incita com sucesso seus seguidores a "destruir o inimigo", é outra característica integral do totalitarismo moderno e tradicional. Na Europa medieval, por exemplo, o fervor e ganância religiosos androcráticos foram estimulados com sucesso e pompa em grupos enormes de pessoas por homens como o Papa Urbano II e Bemard de Clairvaux, envolvendo a Europa e a Ásia Menor nos longos banhos de sangue seculares das Cruzadas.[42] Na Alemanha nazista, em investidas com a mesma dimensão e pompa, à luz de tochas, os discursos ardentes de Hitier lançaram o mundo moderno na Segunda Guerra Mundial. Mais recentemente, atingindo milhões de lares através do meio hipnótico da televisão, um novo tipo de demagogos carismáticos tem exortado os americanos ao confronto direto com "humanistas, feministas e comunistas imorais e pagãos" — sobre os quais colocam a culpa de todos os males do mundo.

Tanto os regimes totalitários modernos quanto os tradicionais exigem o estudo constante das escrituras sagradas ou oficialmente sancionadas — seja a Bíblia ou o Corão, ou um *Mein Kampf***, ou as** *Citações do Presidente Mao***. Estes fornecem todas as respostas: a "verdade" última. E, servindo ao mesmo propósito da rígida censura religiosa da pré-história androcrática e histórica, todos os meios de comunicação de massa sofrem severo controle nos modernos regimes totalitários.**

Na verdade, embora em escala bem mais reduzida do que durante a imposição pré-histórica da androcracia, talvez a característica mais extraordinária das modernas sociedades totalitárias seja (como em *1984***, de George Orwell) o fato de uma de suas principais indústrias ser a de fabricação de mitos. Na Alemanha nazista, Adolf Hitier, um homenzinho de cabelos escuros, sem atrativos, foi mitologizado com sucesso como o** *Führer***, o líder forte da "raça pura" formado**

pelos "super-homens" arianos louros, de olhos azuis e belos. Na Rússia, Deus-Pai e seu substituto, o tirânico paizinho ou czar, foram substituídos primeiro por Lenin, o Pai da Revolução, cujo corpo mumificado tomou-se objeto de veneração e culto, e em seguida por Stalin, que assassinou sangue-frio milhões de pessoas de seu próprio povo.

Tanto nas mitologias comunistas quanto fascistas, podemos perceber exatamente os mesmos processos em funcionamento, como eram usados durante a primeira tomada androcrática da realidade em posição inversa. Não só novos mitos, mas também novos símbolos foram criados. Por exemplo, a suástica e a foice com martelo, no século XX, tornaram-se quase tão poderosos quanto o símbolo de Cristo na cruz mobilizando os homens para as Cruzadas e guerras "santas". E no lugar das antigas cerimônias religiosas e rituais surgiram novas cerimônias e rituais: assembléias em massa, desfiles com tochas, marchas ritmadas, o trovejar e a fúria virtuosos das palavras do Líder, exortando os "iluminados" a prosseguirem na violenta difusão da "verdade".

Novas realidades e antigos mitos

Se reexaminarmos os mitos nazistas à luz da perspectiva da teoria de transformação cultural, perceberemos não ser coincidência ter havido um retrocesso à mitologia das invasões indo-européias e arianas pois a Alemanha nazista foi um retorno não só aos mitos dos tempos kurgos, mas também a suas realidades.

No extermínio indiscriminado de judeus — cujas casas, negócios, bens particulares e até mesmo o ouro das restaurações dentárias serviram para encher os cofres oficiais e recompensar os membros mais leais do partido —, os nazistas simplesmente estavam repetindo o modo como os kurgos haviam obtido riqueza. Eles mataram, pilharam e saquearam.

O conceito nazista acerca das mulheres como propriedade controlada pelo homem também remonta às normas kurgas. Nas palavras de Nietzsche, para os novos super-homens arianos da Alemanha as mulheres deveriam ser algum "animal doméstico em geral agradável", para ser usado pelos homens no prazer sexual, serviços particulares, diversão e procriação.[43] Até mesmo além disso, como no plano de Hitler de recompensar soldados condecorados concedendo-lhes o direito de possuir mais de uma esposa, as mulheres basicamente significaram para os nazistas o mesmo que significavam para os kurgos: o quinhão do guerreiro no saque.[44]

A lei do Führer ou Líder todo-poderoso, em maior escala, era uma réplica da regra autocrática do chefe kurgo. Da mesma forma, as tropas nazistas de elite, os temidos SS e SA, eram uma réplica da casta kurga de guerreiros, os quais, enquanto exemplos vivos das virtudes "masculinas", buscaram a glória, a honra e o poder, desencadeando a destruição e o terror.

Em sua réplica fiel da rígida dominação masculina, autoritarismo e alto grau de violência masculina institucionalizada, a Alemanha nazista constituiu uma das reações mais violentas ao impulso gilânico. Foi também uma das primeiras regressões modernas à forma mais antiga e brutal de proto-androcracia — e precursora de um futuro neo-androcrático.

Independente da posição assumida, direitista ou esquerdista, cristã ou muçulmana, a solução totalitária é nada mais do que uma atualização da solução androcrática. Suas premissas básicas são o desrespeito aos enfoques "afeminados" ou pacíficos, a convicção de que a obediência às ordens, sejam elas divinas ou temporais, é a virtude máxima e a crença na divisão — a começar por homem e mulher — da humanidade em grupos que devem estar sempre em guerra.

Essa solução foi, e ainda é, aceita por tantas pessoas não por oferecer qualquer resposta viável aos problemas crescentes de nosso mundo. Sua atração origina-se do poder oculto de símbolos e mitos androcráticos e neo-androcráticos. Essas imagens e histórias continuam a inculcar em nossas mentes inconscientes o temor de que até mesmo a consideração de qualquer

desvio das premissas androcráticas será punida com severidade, não só nesta vida mas também na próxima.

Uma importante lição a ser aprendida com a ascensão do totalitarismo moderno é a de que pode constituir erro fatal subestimar o poder do mito. A psique humana parece ter uma necessidade intrínseca de um sistema de histórias e símbolos que nos "revelem" a ordem do universo e nos diga qual o nosso lugar dentro dessa ordem. É uma fome de significado e objetivo que está aparentemente além do poder de qualquer sistema racional ou lógico.

A história moderna demonstra que a forma de deter os horrores que tem caído sobre a humanidade por causa da orientação de mitos androcráticos não é a supressão de tudo o que não pode ser reduzido à lógica masculina. A solução não está em tentar conter as funções intuitivas, não lineares, não racionais de nossa mente, que no dogma androcrático têm sido tantas vezes denominadas "o feminino",[45] pois o problema não reside no fato de os símbolos e mitos serem inferiores, conseqüentemente menos desejáveis do que a lógica ou o racionalismo, mas sim nos tipos de símbolos e mitos que devem preencher e guiar nossas mentes: pró-humanos ou anti-humanos, gilânicos ou androcráticos.

Assim como as invasões kurgas mutilaram nossa antiga evolução cultural, os totalitários e pseudototalitários ainda bloqueiam nossa evolução cultural atualmente a cada passo, auxiliados tanto por antigos quanto por novos mitos androcráticos. Nos últimos séculos, a mudança parcial de uma sociedade dominadora para uma sociedade de parceria de certa forma libertou a humanidade, permitindo alguns movimento rumo a uma sociedade mais justa e igualitária. Contudo, tem havido a mesmo tempo uma forte represália, tanto da esquerda quanto da direita no sentido de aprofundar ainda mais a sociedade dominadora em sua forma moderna ou totalitária.

Em vista da poderosa força inercial da organização androcrática social e ideológica e das novas tecnologias do controle tanto da mente quanto do corpo (propaganda moderna, drogas, gases que afetam sistema nervoso e até mesmo experimentos de controle psíquico), um futuro totalitário é uma possibilidade real. No entanto, tal ordem mundial provavelmente jamais duraria muito tempo.

Sejam eles religiosos ou seculares, modernos ou antigos, ocidentais ou orientais, a semelhança básica dos líderes e supostos líderes totalitários reside em sua fé no poder letal da Espada enquanto instrumento de nossa libertação. Um futuro dominador, portanto, cedo ou tarde, quase com certeza representará também um futuro de guerra nuclear global — e o fim de todos os problemas e aspirações da humanidade.

CAPITULO 13

RUPTURA NA EVOLUÇÃO: RUMO A UM FUTURO DE PARCERIA

As visões futuristas dos autores de ficção científica estão repletas de invenções tecnológicas inacreditáveis. Contudo, de modo geral, o mundo da ficção científica é despojado singularmente de novas invenções sociais. Na verdade, mais freqüentemente do que eles imaginam, leva-nos para o passado enquanto parecemos estar progredindo no tempo. Seja em *Duna*[1], de Frank Herbert, ou em *Guerra nas Estrelas*, de George Lucas, o que freqüentemente encontramos é na realidade uma organização social de imperadores feudais e suseranos medievais transpostos para um universo de guerras intergaláticas de alta tecnologia.

Após cinco mil anos de vida em uma sociedade dominadora, de fato toma-se difícil imaginar um mundo diferente. Charlotte Perkins Gilman tentou fazê-lo, em *Herland*.[2] Escrita em 1915, essa utopia sobre uma sociedade pacífica e altamente criativa em que o trabalho mais valorizado e recompensado — prioridade social numero um — era o desenvolvimento físico, mental e espiritual das crianças. O atrativo da história era o fato de apresentar um mundo onde todos os homens se haviam exterminado em uma guerra final, e o grupo de mulheres sobreviventes, em surpreendente mutação, havia salvado sua metade da humanidade, aprendendo a reproduzir-se sozinhas.

Mas, como vimos, o problema não são os homens como sexo, mas homens e mulheres como são socializados em um sistema dominador. Havia homens e mulheres no neolítico e em Creta. Havia homens e mulheres entre os pacíficos !Kung e BaMbuti. Até mesmo em nosso mundo de supremacia masculina, nem todas as mulheres são pacíficas e tolerantes, assim como muitos homens o são.

É claro que tanto homens quanto mulheres possuem o mesmo potencial para os mais diversos comportamentos. Mas, à semelhança da couraça ou concha externa que envolve os insetos e outros artrópodes, a organização social androcrática envolve ambas as metades da humanidade em papéis rígidos e hierárquicos que impedem o desenvolvimento. Se considerarmos nossa evolução a partir de uma perspectiva da androcracia e gilania como duas possibilidades de organização social humana, veremos que não é acidental o fato de os sociobiólogos que hoje procuram revitalizar a ideologia androcrática com outra infusão do darwinismo social do século XIX citarem sociedades de insetos comi tanta freqüência, de modo a sustentar suas teorias. Tampouco é coincidência o fato de seus trabalhos ressaltarem a visão de que o modelo normativo para a supremacia social hierárquica e rígida — o modelo masculino-dominador/feminino-dominado das relações humanas — é pré-programado em nossos genes.[3]

De acordo com inúmeros cientistas, a evolução não é predeterminada.[4] Ao contrário, desde os primórdios temos sido ativos co-autores de nossa própria evolução. Por exemplo, como descreveu Sherwood Washbum, nossa invenção das ferramentas constituiu causa e efeito da locomoção bípede e da postura ereta, que deixaram nossas mãos livres para a elaboração de tecnologias cada vez mais complexas.[5] E, com a crescente complexidade da tecnologia e da sociedade, a sobrevivência de nossa espécie tomou-se gradativamente dependente da direção não de nossa evolução biológica, mas de nossa evolução cultural.

A evolução humana na atualidade encontra-se em uma encruzilhada. Desnudada até sua essência, a tarefa humana central consiste em saber como organizar a sociedade de forma a promover a sobrevivência de nossa espécie e o desenvolvimento dos potenciais que só a nós pertencem. Ao longo deste livro, vimos que a androcracia não é capaz de corresponder a esta

exigência, em razão de sua ênfase intrínseca nas tecnologias de destruição, sua dependência em relação à violência como forma de controle social e das tensões engendradas cronicamente por um modelo dominador-dominado das relações humanas, no qual ela se baseia. Vimos também que uma sociedade gilânica ou de parceria, simbolizada pelo Cálice provedor e intensificador da vida em vez da Espada letal, nos oferece uma alternativa viável. A questão é: como chegar lá?

Uma nova visão da realidade

Segundo cientistas como Ilya Prigogine e Niles Eldredge, as bifurcações ou ramificações evolutivas nos sistemas químicos e biológicos envolvem uma grande proporção de acaso.[6] Mas para o teórico da evolução Erwin Laszlo, bifurcações nos sistemas sociais humanos envolvem também uma grande possibilidade de escolha. Os seres humanos, observa ele, "possuem a habilidade de agir consciente e coletivamente", praticando a previsão na "escolha de seu próprio caminho evolutivo". Ele acrescenta que em nossa "época crucial" não "podemos deixar a seleção do próximo passo na evolução da sociedade e cultura humanas a cargo do acaso. Precisamos planejá-lo consciente e propositadamente".[7] Ou, de acordo com o biólogo Jonas Salk, nossa necessidade mais urgente e premente está em fornecer àquele maravilhoso instrumento, a mente humana, os meios de imaginar e, conseqüentemente, criar um mundo melhor.[8]

A princípio, isso pode parecer uma tarefa muito difícil. Mas, como vimos, nossas visões da realidade — do que é possível e desejável — são produto da história. E talvez a melhor prova de que nossas idéias, símbolos, mitos e comportamentos podem ser modificados esteja na evidência de que tais mudanças na verdade foram efetuadas em nossa pré-história.

Vimos como a imagem da mulher era venerada e respeitada na maior parte do mundo antigo, e como as imagens de mulheres como simples objetos sexuais a serem possuídos e dominados pelos homens só passaram a predominar após as conquistas androcráticas. Vimos também de que forma o significado de símbolos como a árvore da sabedoria e a serpente que muda de pele em renovação periódica foram completamente alterados após aquela bifurcação crítica em nossa evolução cultural. Hoje, parecendo estar firmemente associados à terrível punição pelo questionamento da dominação masculina e da lei androcrática, até há pouco tempo, em termos evolutivos, esses mesmos símbolos eram considerados manifestação da sede humana de liberação através do conhecimento místico ou superior.

Vimos que, até mesmo após a imposição da regra androcrática, o significado de nossos símbolos mais importantes muitas vezes sofreu radical transformação através do impacto do ressurgimento gilânico ou regressão androcrática. Notável exemplo é o da cruz. O significado original das cruzes entalhadas em estatuetas pré-históricas da Deusa e outros objetos religiosos parece ter sido o de sua identificação com o nascimento e crescimento da vida vegetal, animal e humana. Esse significado sobreviveu nos hieróglifos egípcios, onde a cruz representa a vida e o viver, constituindo parte de palavras tais como *saúde* **e** *felicidade*.[9] **Posteriormente, depois que pregar pessoas em estacas tomou-se forma comum de executá-las (como demonstrado nas artes assíria, romana e outras artes androcráticas), a cruz tomou-se o símbolo da morte. Ainda mais tarde, os seguidores mais gilânicos de Jesus outra vez tentaram transformar a cruz onde ele fora executado em um símbolo do renascimento — símbolo associado a um movimento social que se iniciou com a intenção de pregar e praticar a igualdade humana e conceitos "femininos" tais como a tolerância, a compaixão e a paz.[10]**

Em nossa época, séculos depois de este movimento ter sido cooptado pelo sistema androcrático/dominador, o modo de interpretar os símbolos e mitos primitivos ainda representa importante papel na forma como planejamos nosso futuro. Ao mesmo tempo que alguns de nossos líderes políticos e religiosos nos fazem acreditar que um Armagedom nuclear pode de fato ser a vontade de Deus,[11] estamos testemunhando uma extensa reafirmação do desejo de vida e não

de morte, em um movimento veloz e na verdade sem precedentes, de restauração dos antigos mitos e símbolos, conferindo-lhes seu significado gilânico original.[12]

Por exemplo, artistas como Imogene Cunningham e Judy Chicago, pela primeira vez na história registrada, estão usando imagens sexuais femininas sob formas que lembram extraordinariamente os simbolismos paleolítico, neolítico e cretense de nascimento, renascimento e transformação.[13] Também pela primeira vez na história registrada, imagens da natureza tais como focas, pássaros, golfinhos e as florestas e pastagens verdes — outrora símbolos da unidade de toda a vida sob o poder divino da Deusa — estão sendo usadas pelo movimento ecológico para redespertar em nós a consciência de nossa ligação essencial com nosso meio ambiente natural.[14]

Com freqüência, inconscientemente, o processo de desenredar e voltar a tecer o tecido de nossa tapeçaria mítica em padrões mais gilânicos — nos quais as virtudes "masculinas" tais como a "conquista da natureza" não são mais idealizadas — na verdade já está em progressão.[15] O que ainda falta é a "massa crítica" de novas imagens e mitos necessária a sua realização por um número suficiente de pessoas.

Talvez mais importante seja o fato de mulheres e homens estarem cada vez mais questionando a premissa mais fundamental da sociedade androcrática: a de que a dominação e violência masculinas e belicosas sejam inevitáveis. Entre os estudos de antropólogos que defendem esta opinião, num estudo de comparação de culturas realizado por Shirley e John McConahay, eles descobriram importante correlação entre estereótipos sexuais rígidos, necessários à manutenção da dominação masculina, e a incidência não só da guerra, mas também do espancamento de esposas e filhos e o estupro.[16] Como será detalhado em um segundo livro, que continuará nossos relatórios, estas correlações de sistemas são verificadas por um número crescente de estudos novos realizados precisamente porque os cientistas de muitas disciplinas estão começando a questionar os modelos da realidade predominantes.[17] Além disso, estudando *ambas* as metades da humanidade, os cientistas atualmente estão expandindo nosso conhecimento sobre as possibilidades para a sociedade humana, bem como para a evolução da consciência humana.[18]

De fato, sob a perspectiva da teoria de transformação cultural, o muito que se escreveu a respeito da moderna "revolução na consciência" pode ser considerado como a transformação da consciência androcrática para a gilânica.[19] Um indício importante dessa transformação está em que, pela primeira vez na história registrada, muitas mulheres e homens estão desafiando os mitos destrutivos tais como o do "herói assassino".[20] Eles estão se dando conta do que verdadeiramente estas histórias "heróicas" que vão de Teseu a Rambo e James Bond estão nos ensinando, e também exigem que crianças de ambos os sexos sejam ensinadas a valorizar o cuidado e a associação em vez da conquista e dominação.[21] Na Suécia, as leis já foram decretadas de forma a proibir a venda de brinquedos de guerra, que tradicionalmente serviam para ensinar aos meninos a falta de empatia com aqueles que eles ferem, bem como todas as outras atitudes e comportamentos necessários aos homens que matam outros da mesma espécie.[22] E demonstrações de paz realizadas por milhões de pessoas em todo o mundo são indícios dramáticos de uma renovada consciência de nossa conexão com toda a humanidade.

Homens e mulheres de todo o mundo, pela primeira vez em número tão elevado, estão desafiando o modelo masculino-dominador/feminino-dominado para as relações humanas que é o alicerce de uma visão de mundo dominadora.[23] Ao mesmo tempo que a idéia da "guerra entre os sexos" está sendo exposta como conseqüência desse modelo, seu subseqüente resultado de enxergar o "outro" como "inimigo" também vem sendo desafiado.[24] E, o que é mais importante, há uma crescente percepção de que a consciência mais apurada de nossa "parceria" se relaciona inteiramente com um reexame e transformação fundamentais dos papéis de homens e mulheres.[25]

Segundo a psiquiatra Jean Baker Miller, na sociedade atualmente constituída, só as mulheres estão "aparelhadas para serem veículo da necessidade básica de comunhão humana"[26] — e, na verdade, para dar valor a sua associação com outros seres até mais do que a si mesmas. Em contraste com os homens, em geral condicionados socialmente para o objetivo de realizar seus

próprios fins até mesmo à custa de outros, as mulheres são condicionadas de forma a se verem sobretudo como responsáveis pelo bem-estar de outrem, até mesmo à custa de seu próprio bem-estar.[27]

Esta dicotomização da experiência humana, de acordo com a vasta documentação de Miller, cria distorções psíquicas tanto em mulheres quanto em homens. As mulheres tendem a se identificar tanto com os outros que a ameaça de perda, ou mesmo ruptura de uma associação, pode ser, segundo ela, "percebida não só como a perda de um relacionamento, mas como algo mais próximo de uma perda total do eu". Os homens, por outro lado, com freqüência costumam considerar suas necessidades humanas de associação como um "obstáculo" ou um "perigo". Assim, eles podem perceber a assistência a outros não como algo fundamental, mas, ao contrário, como algo secundário para sua imagem de si mesmos, algo que um homem "só pode desejar ou fazer após realizar as exigências primordiais da masculinidade".[28]

Essa concepção de papéis sexuais e da realidade é, como vimos, fundamental a uma sociedade androcrática. Mas, de acordo com Miller, "é extremamente importante reconhecer que o impulso em direção à associação que as mulheres sentem no seu interior não é equivocado nem retrógrado. (...) O que não se tem reconhecido é que este ponto de partida psíquico contém a possibilidade para um enfoque inteiramente diferente (e mais avançado) da vida e do funcionamento — muito diferente do enfoque fomentado pela cultura dominante. (...) Ele permite o surgimento da verdade: para todos — tanto homens quanto mulheres — o desenvolvimento individual só ocorre por meios de associação".[29]

Essas novas formas de imaginar a realidade para homens e mulheres vêm permitindo o surgimento de novos modelos da psique humana. O antigo modelo freudiano via os seres humanos principalmente em termos de impulsos elementares tais como a necessidade de alimento, sexo e segurança. Os novos modelos propostos por Abraham Maslow e outros psicólogos humanistas levam em consideração essas necessidades elementares de "defesa", mas reconhecem também que os seres humanos possuem níveis mais elevados de necessidades de "crescimento" ou "realização" que os distinguem de outros animais.[30]

Este deslocamento das necessidades de defesa para as de realização é fundamental na transformação de uma sociedade dominadora para uma sociedade de parceria. As hierarquias mantidas pela força ou pela ameaça de força exigem hábitos defensivos por parte da mente. Em nosso tipo de sociedade, a criação de inimigos do homem começa com seu gêmeo humano, a mulher, a qual, na mitologia predominante, é culpada nada mais do que da expulsão do paraíso. E tanto para homens quanto para mulheres, esta supremacia de uma metade da humanidade sobre a outra, como observou Alfred Adier, envenena todas as relações humanas.[31]

As observações de Freud afirmam que a psique androcrática constitui de fato uma massa de conflitos internos, tensões e medos.[32] Mas, conforme passamos da androcracia à gilania, um número cada vez maior de pessoas começa a sair da defesa para o crescimento. Como observou Maslow ao estudar civilizações criativas e empreendedoras, na verdade, em vez de nos tomarmos mais egoístas e egocêntricos, cada vez mais nos voltamos para uma realidade diferente: a "experiência culminante" da percepção de nossa interligação essencial com toda a humanidade.[33]

Nova ciência e nova espiritualidade

O tema de nossa interligação — a qual Jean Baker Miller denomina associação, Jessie Bemard chama "o *ethos* feminino de amor/dever" e Jesus, Gandhi e outros líderes espirituais denominaram simplesmente amor — hoje é também tema da ciência. Esta "nova ciência" em desenvolvimento — da qual a teoria do "caos" e o estudo feminista são partes integrantes — pela primeira vez na história enfoca mais os relacionamentos do que as hierarquias.

De acordo com o físico Fritjof Capra, este enfoque mais holístico representa um afastamento radical de grande parte da ciência ocidental, a qual se tem caracterizado por uma visão hierárquica, excessivamente compartimentalizada e muitas vezes mecanicista.[34] Por diversas razões, este é um enfoque mais "feminino", pois se diz que as mulheres pensam mais "intuitivamente", tendendo a tirar conclusões de uma totalidade de impressões simultâneas e não por meio de pensamento "lógico" gradativo.[35]

Salk escreve a respeito de uma nova ciência da empatia, ciência esta que utilizará a razão e a intuição "para efetuar uma mudança na mente coletiva, a qual influenciará de forma construtiva o curso do futuro humano".[36] Este enfoque da ciência — utilizado com sucesso pela geneticista Barbara McClintock, que em 1983 ganhou o Prêmio Nobel — abordará a sociedade humana como sistema vivo do qual todos nós somos parte.[37] Como salientou Ashley Montagu, será a ciência coerente com o verdadeiro e original significado da educação: buscar e fazer desenvolver as potencialidades inatas do ser humano.[38] Acima de tudo, como Hillary Rose escreve em "Mão, Cérebro e Coração: Uma Epistemologia Feminista para as Ciências Naturais", a ciência não se voltará mais "para a dominação da natureza ou da humanidade como parte da natureza".[39]

Evelyn Fox Keller, Carol Christ, Rita Arditti e outras estudiosas observam como, sob o manto protetor da "objetividade" e da "independência de campo", a ciência tem muitas vezes negado os temas da solicitude considerados excessivamente femininos pela visão tradicional, por serem "não científicos" e "subjetivos".[40] Assim, a ciência até o momento tem, de forma geral, excluído as mulheres como cientistas e concentrado seus estudos quase inteiramente nos homens. Ela também tem excluído o que podemos denominar "conhecimento da solicitude": conhecimento de que, segundo Salk, necessitamos com urgência na atualidade, a fim de selecionar aquelas formas humanas que estão "em cooperação com a evolução, em vez das formas contrárias à sobrevivência ou à evolução".[41]

Esta nova ciência é também um importante passo na direção de ultrapassar a distância moderna entre a ciência e a espiritualidade, a qual em grande medida é o produto de uma visão de mundo que relega a empatia para as mulheres e os homens "afeminados". Os cientistas começam a reconhecer que — assim como o conflito artificial entre espírito e natureza, entre homem e mulher, e entre diferentes raças, religiões e grupos étnicos incentivado pela mentalidade dominadora — o modo como vemos o próprio conflito precisa ser reexaminado.

Como escreve Miller, voltando sua pesquisa para a realização, e não para a defesa, a questão *não* é saber como eliminar o conflito, o que é impossível. Como entram em contato indivíduos com diferentes necessidades, desejos e interesses, o conflito é inevitável. A questão que trata diretamente da possibilidade de conseguirmos transformar nosso mundo da coexistência belicosa para a coexistência pacífica está em saber como tornar o conflito produtivo e não destrutivo.[42]

Como resultado do que ela denomina conflito produtivo, Miller mostra como indivíduos, organizações e nações podem crescer e mudar. Aproximando-se da outra com diferentes interesses e objetivos, cada parte no conflito será forçada a reexaminar seus próprios objetivos e atos, bem como os da outra parte. O resultado para ambos os lados será a mudança produtiva, em vez da rigidez improdutiva. O conflito destrutivo, em contraste, é a equiparação do conflito com a violência exigida na manutenção das hierarquias dominantes.

No sistema predominante, aponta Miller, "o conflito é mostrado como se *sempre* aparecesse na imagem do extremismo, quando na verdade o que leva ao perigo é a falta de reconhecimento da necessidade do conflito e da provisão de formas a ele adequadas. Esta forma destrutiva última é aterrorizante, mas também *não* é conflito. E quase o inverso; é o resultado final da tentativa de evitar e suprimir o conflito".[43]

Embora esse enfoque dominador destrutivo, em relação ao conflito, ainda seja esmagadoramente predominante, o sucesso de enfoques menos violentos e mais "femininos" ou

"passivos" na resolução do conflito oferece esperanças concretas de mudança. Estes enfoques têm raízes antigas. Na história registrada Sócrates e posteriormente Jesus fizeram uso delas. Nos tempos modernos elas são mais conhecidas e personificadas em homens como Gandhi e Martin Luther King — com quem a androcracia lidou matando e canonizando. Até o momento, porém, sua grande utilização tem sido feita pelas mulheres. Exemplo notável é o de como nos séculos XIX e XX as mulheres lutaram sem violência contra leis injustas. Para obterem o acesso à informação sobre planejamento familiar, tecnologias de controle da natalidade e o direito de voto, elas se permitiram ser presas e escolheram entrar em greves de fome, em vez de utilizarem a força ou a ameaça de força para conseguir seus fins.[44]

Este uso do conflito não violento como forma de obter mudanças sociais não se limita à simples resistência passiva ou não violenta. Recusando-se a cooperar com a violência e a injustiça através da utilização de meios violentos e injustos, obtém-se a criação da energia de transformação positiva, por Gandhi denominada *satyagraha* ou "força da verdade". Como afirmou Gandhi, o objetivo é *transformar* o conflito, em vez de suprimi-lo ou fazê-lo explodir em violência.[45]

Igualmente decisivo no remodelamento da evolução cultural é o atual reexame do modo como definimos o poder. Ao escrever sobre a visão de poder ainda predominante, Miller observa como a chamada necessidade de controlar e dominar outrem representa psicologicamente uma função *não* de uma sensação de poder, mas, ao contrário, de uma sensação de impotência. Fazendo a distinção entre "poder *para* si e poder *sobre* os outros", ela escreve: "O poder de outras pessoas, ou grupo de pessoas, em geral era visto como perigoso. Você precisava controlá-los ou eles iriam controlá-lo. Mas no domínio do desenvolvimento humano esta não é uma formulação válida. Ao contrário. No sentido básico, quanto maior o desenvolvimento de cada indivíduo, mais capaz, mais eficaz e menos necessitado de limitar ou restringir outrem será esse indivíduo."[46]

Tema central da literatura feminista do século XX tem sido a investigação não só das relações de poder existentes, mas também de formas alternativas de perceber e utilizar o poder; o poder como associação. Este tema tem sido explorado por Robin Morgan, Kate Millett, Elizabeth Janeway, Berit Aas, Peggy Antrobus, Marielouise Janssen-Jurreit, Tatyana Mamonova, Kathleen Barry, Devaki Jain, Caroline Bird, Brigit Brock-Utne, Diana Russell, Perdita Huston, Andrea Dworkin, Adrienne Rich, para citar apenas algumas.[47] Descrita em expressões como "irmandade é poder", esta visão do poder como não destrutivo é um dos enfoques que as mulheres cada vez mais têm trazido consigo à medida que adentram o mundo dos "homens", deixando sua posição de "mulheres". Esta é uma visão "vencedor-vencedor", em vez de "vencedor-perdedor" do poder, em termos psicológicos, um meio de progressão do próprio desenvolvimento *sem* ser preciso limitar o desenvolvimento dos outros.

Em termos visuais ou simbólicos, esta é a representação do poder como união. Desde tempos imemoriais, ele tem sido simbolizado pela forma circular ou oval — o ovo cósmico da Deusa ou Grande Roda — em vez das linhas recortadas de uma pirâmide onde, como deuses ou chefes de nações ou famílias, os homens governam do alto. Há muito suprimido pela ideologia androcrática, o segredo da transformação expresso pelo Cálice era considerado em tempos mais antigos como a consciência de nossa unidade ou ligação com o outro e com todo o restante do universo. Grandes videntes e místicos continuaram expressando esta visão, ao descrevê-la como o poder transformador do que os cristãos primitivos denominavam *ágape*, união elementar entre os seres humanos, a qual, na distorção característica da androcracia, é chamada amor "fraterno". Em essência, é o tipo de amor desprendido que uma mãe nutre pelos filhos, outrora expresso misticamente como o amor divino da Grande Mãe pelos filhos humanos.

Neste sentido, nossa nova vinculação com a antiga tradição espiritual de adoração à Deusa, aliada a um modelo de sociedade de parceria, consiste em mais do que reafirmação da dignidade e valor de metade da humanidade. Tampouco é ela apenas uma forma bem mais reconfortante e tranqüilizadora de imaginar os poderes que governam o universo. Esse vínculo oferece-nos uma substituição positiva dos mitos e imagens que por tanto tempo falsificaram de forma espalhafatosa

os princípios mais elementares das relações humanas, valorizando o assassinato e a exploração acima da concepção e da alimentação.

Nos primeiros capítulos deste livro, vimos como nos primórdios de nossa evolução cultural o princípio feminino personificado pela Deusa era a imagem não só da ressurreição ou regeneração da morte, transformando-a em vida, mas também a iluminação da consciência humana através da revelação divina. Como observa o psicanalista junguiano Erich Neumann, nos antigos ritos de mistério a Deusa representava o poder de transformação física da "divindade como a roda da vida em movimento" em sua "totalidade causadora de nascimento e da morte". Mas ela era também o símbolo de transformação espiritual: "A força do centro, a qual, no interior deste círculo, atravessa rumo à consciência e ao conhecimento, à transformação e à iluminação — os objetivos maiores da humanidade, desde tempos imemoriais."[48]

Nova política e nova economia

Hoje em dia, muito se tem dito e escrito sobre a transformação. Futurólogos como Alvin Toffler escrevem sobre as grandes transformações tecnológicas da "primeira onda", ou agrária, para a "segunda onda", ou industrial, e agora para a "terceira onda", ou sociedade pós-industrial.[49] De fato, temos visto grandes transformações tecnológicas na história registrada. Mas, segundo a perspectiva da teoria de transformação cultural que vimos desenvolvendo, percebe-se que aquilo que muitas vezes tem sido descrito como grandes transformações culturais — por exemplo, a passagem da era clássica para a era cristã e mais recentemente para a era secular ou científica — tem representado apenas mudanças no interior do sistema androcrático, de um tipo de sociedade dominadora para outro.

Houve outras bifurcações, pontos de desequilíbrio social, em que uma fundamental transformação de sistemas poderia ter ocorrido, com o surgimento de novas flutuações ou padrões de funcionamento mais gilânico. Contudo, estes jamais ultrapassaram os limites do núcleo, o que indicaria uma mudança da androcracia para a gilania. Utilizando uma analogia familiar, até o momento o sistema androcrático tem sido como um elástico. Em períodos de forte ressurgimento gilânico, por exemplo, na época de Jesus, o elástico estendeu-se bastante. Mas no passado, sempre que as fronteiras ou limites da androcracia eram atingidos, o elástico voltava a seu formato original. Hoje, pela primeira vez na história registrada, em vez de retroceder, o elástico pode arrebentar — e nossa evolução cultural poderá finalmente transcender os limites que durante milênios a contiveram.

Quais seriam, em nosso nível de desenvolvimento tecnológico, as implicações políticas e econômicas da mudança completa de uma sociedade dominadora para uma sociedade de parceria? Dispomos de tecnologias que num mundo não mais governado pela Espada poderiam acelerar, e muito, nossa evolução cultural. De acordo com o relatório anual *Despesas Militares e Sociais do Mundo*, **de Ruth Sivard, o custo do desenvolvimento de um míssil balístico intercontinental poderia alimentar cinqüenta milhões de crianças, permitiria a construção de 160 mil escolas e a abertura de 340 mil centros de saúde. Até mesmo o custo de um único submarino nuclear — equivalente ao orçamento anual para a educação de 23 países em desenvolvimento em um mundo no qual 120 milhões de crianças não dispõem de escola para estudar e 11 milhões de bebês morrem antes de completar um ano de idade — seria suficiente para a abertura de novas oportunidades para milhões de pessoas hoje condenadas a viver na pobreza e ignorância.[50]**

O que nos falta, os futurólogos não se cansam de enfatizar, é um sistema de governo que priorize o social, cujos valores predominantes poderiam redirecionar a alocação de recursos, incluindo nosso avançado *know-how* **tecnológico, para chegar a fins mais elevados.**

Willis Harman, que liderou os grandes estudos de futurologia do Instituto de Pesquisa Stanford, afirma que o necessário — e isso está em evolução — é uma "metamorfose nas

premissas culturais básicas e em todos os aspectos dos papéis e instituições sociais". Ele descreve essa metamorfose como uma nova consciência na qual a competição será equilibrada pela cooperação, e o individualismo pelo amor. Será o advento de uma "consciência cósmica", "uma consciência mais elevada", a qual "interligará os interesses próprios com os interesses do próximo e os das futuras gerações", implicando nada menos do que uma fundamental transformação de "magnitude verdadeiramente espantosa".[51]

Da mesma forma, no segundo relatório do Clube de Roma notamos que, a fim de "evitar grandes catástrofes regionais, e mais tarde globais", devemos desenvolver um novo sistema mundial "conduzido por um plano-mestre racional para o crescimento orgânico a longo prazo", unido por "um espírito de verdadeira cooperação global, moldada na livre parceria".[52] Este sistema mundial seria governado por uma nova ética global baseada em uma maior consciência e identificação com as gerações futuras, bem como com as atuais, exigindo que a cooperação, ao invés da confrontação, e a harmonia, em vez de conquista, em relação à natureza se tome nosso ideal normativo.[53]

Aspecto notável nestas projeções consiste no fato de esses futurólogos *não* **enxergarem a tecnologia ou a economia como os determinantes básicos de nosso futuro. Eles reconhecem, ao contrário, que nosso caminho para o futuro será moldado por valores humanos e ajustes sociais; em outras palavras, que nosso futuro será determinado primordialmente pela forma como nós, seres humanos, concebermos nossas possibilidades, potenciais e implicações. Segundo o futurólogo John McHale, "nossos esquemas mentais são o programa básico de ação desse futuro".[54]**

Contudo, o mais extraordinário reside no fato de hoje em dia muitos futurólogos afirmarem — praticamente *ad nauseam* **— que devemos deixar para trás os valores rígidos, orientados para a conquista, tradicionalmente associados à "masculinidade". Não é a necessidade de um "espírito de verdadeira cooperação global, moldada na livre parceria", "um equilíbrio do individualismo com o amor", e o objetivo normativo de "harmonia, em vez de conquista da natureza", a reafirmação de um "***ethos* **mais feminino"? E com que fim se relacionam "mudanças drásticas na camada normativa" ou uma "metamorfose nas premissas culturais básicas em todos os aspectos das instituições sociais" senão à substituição de uma sociedade dominadora por uma sociedade de parceria?**

A transformação de uma sociedade dominadora para uma sociedade de parceria naturalmente traria em seu bojo a mudança em nosso rumo tecnológico: da utilização de tecnologia avançada na destruição e dominação para seu uso na manutenção e no aprimoramento da vida humana. Ao mesmo tempo, o desperdício e consumo excessivo que hoje despojam os necessitados também começariam a diminuir, pois, como têm observado muitos analistas sociais, no cerne de nosso complexo ocidental de consumo excessivo e desperdício está o fato de sermos culturalmente obcecados com a aquisição, compra, construção — e desperdício — de *coisas***, como um substituto para relacionamentos emocionais satisfatórios que nos são negados pelo estilo de criação de filhos e pelos valores adultos do atual sistema.[55]**

Acima de tudo, a mudança da androcracia para a gilania seria o começo do fim da política de dominação e da economia de exploração que em nosso mundo andam de mãos dadas. Pois, como salientou John Stuart Mill há mais de um século em seu fundamental *Princípios de Economia Política***, a forma de distribuição dos recursos econômicos é uma função não de leis econômicas inexoráveis, mas de escolhas políticas — isto, é, humanas.[56]**

A maioria das pessoas hoje reconhece que na forma atual nem o capitalismo nem o comunismo oferecem uma saída para nossos crescentes dilemas econômicos e políticos. Enquanto vigorar a androcracia, é impossível haver um sistema político e econômico justo. Nações ocidentais como os EUA, onde chapas eleitorais de candidatos são financiadas por poderosos interesses específicos, ainda não atingiram a democracia política; nações como a URSS,

governadas por uma classe administrativa majoritariamente masculina, ainda se encontram distantes da democracia econômica.

Particularmente, as políticas de dominação e as economias de exploração são, em *todas* as androcracias, exemplificadas por uma "economia dual", na qual não são remuneradas, ou, na melhor das hipóteses, o são com baixos salários, as mulheres cujas atividades produtivas são sistematicamente exploradas. Como apontou o livro *Situação das Mulheres no Mundo* — 1985, das Nações Unidas, em termos globais as mulheres, que representam metade da população, realizam dois terços do trabalho mundial em termos de número de horas, ganhando um décimo do que os homens recebem, possuindo um centésimo das propriedades que os homens possuem.[57] Além disso, o trabalho feminino não remunerado — que na África representa a maior parte da produção de alimentos e que em todo o mundo fornece tantos serviços de saúde gratuitamente quanto todos os setores formais de saúde combinados — é rotineiramente excluído dos cálculos da produtividade nacional.[58] O resultado, aponta a futuróloga Hazel Henderson, são as projeções econômicas globais baseadas em "ilusões estatísticas".[59]

Em *A Política da Era Solar*, Henderson descreve um futuro econômico positivo no qual os papéis de homens e mulheres são fundamentalmente reequilibrados, o que significa enfrentar o fato de que nosso militarismo "masculino" é a "atividade entrópica de seres humanos de maior energia intensiva, pois converte energia armazenada diretamente em desperdício e destruição, sem qualquer preenchimento útil intermediário das necessidades humanas básicas". Seguindo-se ao atual período "marcado pelo declínio dos sistemas de patriarcado", Henderson não prevê uma realidade econômica nem ecológica, governada pêlos valores "masculinizados" hoje "profundamente associados à identidade masculina".[60]

Da mesma forma, em *A Alternativa Sensata*, o escritor inglês James Robertson estabelece o contraste entre o que denomina futuro "hiperexpansionista" ou HE ("ele", em inglês), e um futuro "sensato, humano, ecológico", ou SHE ("ela").[61] E na Alemanha o professor Joseph Huber descreve seu cenário econômico negativo para o futuro como "patriarcal". Em contraste, em seu cenário positivo, "os sexos estão em posição de igualdade social. Homens e mulheres compartilham funções remuneradas, bem como as tarefas domésticas, a criação dos filhos e outras atividades sociais".[62]

O tema central unificando estas e outras análises econômicas, embora de fundamental importância para nosso futuro, ainda permanece em grande parte desarticulado, qual seja, o de que sistemas econômicos tradicionais, sejam eles capitalistas ou comunistas, são construídos sobre o que, tomando emprestado o termo da análise marxista, pode ser denominado a "alienação do trabalho responsável".[63] Com a integração desse trabalho responsável — o trabalho mantenedor da vida, de alimentação, auxílio e amor ao próximo — na economia, testemunharemos uma fundamental transformação econômica e política.[64] Gradativamente, com a integração da metade feminina da humanidade e os valores e objetivos rotulados pela androcracia como femininos nos mecanismos-guia da sociedade, um sistema econômica e politicamente saudável e equilibrado surgirá. Em seguida, unificada na família global prefigurada pelos movimentos feminista, pacifista, ecologista e do potencial humano e outros, nossa espécie passará a vivenciar todo o potencial de sua evolução.

Transformação

O surgimento de um novo mundo de renascimento psicológico e social implicará mudanças impossíveis de prever, ou mesmo de imaginar. De fato, em razão dos muitos fracassos que se seguiram às antigas esperanças de melhoria social, as projeções de um futuro positivo omitem o ceticismo. No entanto, sabemos que mudanças estruturais implicam também mudanças funcionais. Assim como não se pode ficar sentado em um canto de uma sala redonda, em nossa

mudança de uma sociedade dominadora para uma sociedade de parceria, nossas antigas formas de pensar, sentir e agir serão gradativamente transformadas.

Ao longo de milênios da história registrada, o espírito humano esteve aprisionado pelos grilhões da androcracia. Nossas mentes foram paralisadas, e nossos corações, insensibilizados. No entanto, nossa luta pela verdade, beleza e justiça jamais se extinguiu. Assim que rompermos estes grilhões, da mesma forma nossas mentes, corações e mãos estarão livres, e nossa imaginação será criativa.

Para mim, uma das imagens mais evocativas da transformação da androcracia para a gilania é a da lagarta metamorfoseada em borboleta. Essa imagem parece-me particularmente adequada para expressar a visão da humanidade elevando-se às alturas que for capaz de atingir, como a borboleta é um antigo símbolo de regeneração, uma epifania dos poderes transformadores atribuídos à Deusa.

Outros dois livros, *Breaking Free* **e** *Emergence* **investigarão esta transformação em profundidade. Eles exporão um projeto novo de realização social — não para uma utopia (a qual literalmente significa "nenhum lugar" em grego), mas para uma** *pragmatopia***, cenário de realização em um futuro de parceria. Embora seja impossível expor em poucas páginas o que será desenvolvido em dois livros, gostaria de concluir este capítulo com o esboço em linhas gerais de algumas das mudanças que prevejo na retomada de nossa evolução cultural interrompida.[65]**

A mudança mais dramática na passagem de um universo dominador para um universo de parceria se dará quando nós, nossos filhos e netos, voltarmos a saber o significado de viver livre do temor de uma guerra. Em um mundo livre da norma que estabelece que, para ser "masculino" os homens precisam dominar, junto com a ascensão da condição das mulheres e prioridades sociais mais "femininas", o perigo de uma aniquilação nuclear diminuirá gradativamente. Ao mesmo tempo, com a igualdade feminina de oportunidades sociais e econômicas — de modo que a natalidade possa equilibrar-se mais com nossas fontes —, a "necessidade" malthusiana de fome, enfermidades e guerras decrescerão progressivamente.[66]

Como tais problemas em grande medida relacionam-se também com a explosão demográfica, com a "conquista da natureza pelo homem" e com o fato de a "preservação ambiental" não ser nas androcracias uma prioridade política, nossos problemas de poluição, degradação e esgotamento ambiental da mesma forma devem começar a regredir nos anos de transformação, assim como suas conseqüências de escassez de energia e outros recursos naturais e de problemas de saúde devido à poluição química.[67]

Como as mulheres não mais serão sistematicamente excluídas do auxílio financeiro, da concessão de terras e da especialização moderna, os programas de desenvolvimento econômico do Terceiro Mundo para a implementação da educação e tecnologia e elevação dos padrões de vida se tomarão bem mais eficazes. Haverá também menor incompetência econômica e sofrimento humano, terrível fardo para milhões de pessoas, tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento. Não sendo as mulheres tratadas como animais de procriação e bestas de carga, obtendo maior acesso aos órgãos de saúde, educação e à participação política, não só a metade feminina da humanidade, mas a humanidade em geral se beneficiará.[68]

Aliada a medidas mais racionais visando à redução bem-sucedida da pobreza e da fome dos inumeráveis pobres em todo o mundo — mulheres e crianças —, a crescente consciência de nossa ligação com todos os membros de nossa espécie deverá gradualmente estreitar o abismo entre nações ricas e pobres. De fato, quando bilhões de dólares e horas de trabalho forem recanalizados das tecnologias de destruição para as tecnologias de sustentação e implementação da vida, a pobreza e a fome humanas aos poucos se tomarão lembranças de um brutal passado androcrático.[69]

As mudanças no relacionamento mulher-homem do atual elevado grau de desconfiança e recriminação para a maior abertura e confiança se refletirão em nossas famílias e comunidades.

Haverá também repercussões positivas em nossas políticas nacionais e internacionais. Gradativamente testemunharemos uma diminuição na aparentemente infinita seqüência de problemas diários que hoje nos atormentam, desde a doença mental, o suicídio e o divórcio até o espancamento de esposas e filhos, o vandalismo, o assassinato e o terrorismo internacional. De acordo com a pesquisa a ser detalhada no segundo livro de nosso relatório, esses tipos de problemas se originam em grande medida, do elevado grau de tensão interpessoal inerente à organização social de supremacia masculina e de modos de criação de filhos com base na dominação e na força. Assim, com o movimento rumo a relações mais equilibradas e igualitárias entre mulheres e homens e a reafirmação de comportamento mais humano, moderado e carinhoso para com crianças de ambos os sexos, poderemos esperar, realisticamente, mudanças psíquicas fundamentais, que, em espaço relativamente curto, por sua vez acelerarão exponencialmente o ritmo da transformação.

O mundo, como será quando mulheres e homens viverem em integral parceria, ainda terá famílias, escolas, governos e outras instituições sociais. Mas, à semelhança das instituições que já estão surgindo de famílias igualitárias e da rede de ação social, as estruturas sociais do futuro se basearão mais na união do que na supremacia. Em vez de exigirem indivíduos que se enquadrem nas hierarquias piramidais, estas instituições serão heterárquicas, permitindo a ambos flexibilidade na ação e tomada de decisões. Conseqüentemente, os papéis de mulheres e homens serão bem menos rígidos, possibilitando a toda a espécie humana o máximo de flexibilidade evolutiva.[70]

Mantendo-se as atuais tendências, muitas de nossas novas instituições também terão campos de ação mais amplos, transcendendo os limites nacionais. Com a consciência de nossa integração com o outro e com o meio ambiente, poderemos esperar assistir ao desaparecimento da antiga nação-estado como entidade política ensimesmada. No entanto, em vez de mais uniformidade e conformismo, projeção lógica do ponto de vista dominante, haverá maior individualidade e diversidade. Unidades sociais menores estarão ligadas a matrizes ou redes para uma variedade de fins comuns, que irão do cultivo e colheita de oceanos e exploração espacial à divisão do conhecimento e o avanço das artes.[71] Haverá também outras ousadias globais, ainda imprevisíveis, para o desenvolvimento de formas mais justas e eficientes de utilização de todos os nossos recursos naturais e humanos, bem como novas invenções materiais e sociais que ainda não podemos antever nesta etapa de nosso desenvolvimento.

Com a mudança global para uma sociedade de parceria, haverá muitas evoluções tecnológicas, além de adaptações das técnicas existentes a novas exigências sociais. Algumas dessas, como previram Schumacher e outros, constituíram tecnologias melhores e mais elaboradas nas áreas das artes — por exemplo, uma volta ao orgulho da criatividade e individualidade na tecelagem, carpintaria, cerâmica e outras artes aplicadas. Mas, ao mesmo tempo, como o objetivo é libertar a humanidade do trabalho servil e enfadonho semelhante ao dos insetos, isto *não* **significará um retrocesso a tecnologias mais trabalhosas em todos os campos. Ao contrário, possibilitando-nos tempo e energia para a realização de outros potenciais criativos, poderemos esperar que a mecanização e automação representem um papel ainda mais fundamental na vida. E os métodos de pequena e larga escala de produção serão utilizados de forma a estimular, na verdade exigir, a participação do trabalhador, em vez de, como é exigido em um sistema dominador, transformar os próprios operários em máquinas ou autômatos.**

O desenvolvimento de métodos de controle da natalidade mais seguros e confiáveis serão a prioridade máxima da tecnologia. Veremos também a realização de número muito maior de pesquisas para a compreensão e desaceleraçâo do processo de envelhecimento, as quais irão das técnicas que já começam a surgir de substituição de partes do corpo esgotadas até métodos de regeneração das células do corpo. Também poderemos testemunhar a perfeição da vida criada em laboratório. Mas, em vez de substituir as mulheres, ou convertê-las em incubadoras para células desenvolvidas artificialmente, estas novas técnicas de reprodução serão avaliadas com cuidado

tanto por homens quanto mulheres, a fim de assegurar sua utilidade na realização do potencial integral de ambos os sexos.[72]

Visto que as tecnologias de destruição não mais consumiriam e destruiriam vastas porções de nosso recursos naturais e humanos, empreendimentos ainda não sonhados (e atualmente impossíveis de serem imaginados) serão economicamente viáveis. Como resultado, teremos a economia próspera prevista por nossa pré-história gilânica. Não só a riqueza material será compartilhada mais igualitariamente, como também esta ordem econômica de acúmulo de mais e mais propriedades como forma de proteção e controle em relação aos outros será considerada o que de fato é: uma forma de doença ou aberração.

Haverá em todo este processo diversos estágios econômicos. primeiro, já em surgimento, será o que se denomina economia composta, combinando alguns dos melhores elementos do capitalismo, c comunismo e — no sentido de diversas unidades cooperativas descentralizadas de produção e distribuição — também do anarquismo.[73] O conceito socialista de que os seres humanos têm direitos básicos não políticos mas também econômicos sem dúvida será primordial em uma economia gilânica baseada na cooperação e não na dominação. Mas, quando da substituição de uma sociedade dominadora por uma sociedade de parceria, poderemos esperar novas invenções econômicas.

No âmago desta nova ordem econômica estará a substituição da presente "economia dual" malograda, na qual o setor econômico de supremacia masculina recompensado com dinheiro, *status* **e poder em seus estágios industriais, como documenta Henderson, "canibaliza os sistemas sociais e ecológicos". Ao contrário, podemos esperar que a economia não-monetizada "informal" — de produção e manutenção doméstica, serviços comunitários voluntários e familiares e todas as atividades de cooperação que hoje permitem que "atividades exageradamente remuneradas e competitivas pareçam bem-sucedidas" — será adequadamente valorizada e recompensada,[74] o que fornecerá a base hoje ausente para um sistema econômico no qual a solicitude para com os outros não é só "da boca para fora", mas será a atividade humana mais recompensada e, conseqüentemente, mais valorizada.**

Práticas tais como a mutilação sexual feminina, o espancamento de esposas ou as formas menos brutais, através das quais a androcracia vem mantendo as mulheres "no seu lugar", naturalmente serão consideradas não como tradições consagradas mas como o que de fato são — crimes gerados pela desumanidade do homem para com a mulher.[75] E quanto à desumanidade do homem para com o homem, como a violência masculina não mais será glorificada pelos épicos e mitos "heróicos", as chamadas virtudes masculinas de dominação e conquista também serão vistas como o que são —aberrações brutais e bárbaras de uma espécie que se voltou contra si mesma.

Através da reafirmação e celebração dos mistérios transformadores simbolizados pelo Cálice, novos mitos voltarão a despertar em nós o sentido de gratidão perdido e a celebração à vida tão evidentes nos vestígios artísticos do neolítico e da Creta minóica. Restabelecendo a conexão entre nós e nossas raízes psíquicas mais inocentes — antes que a guerra, a hierarquia e a dominação masculina se tornassem nossas regras vigentes —, esta mitologia não nos levará psiquicamente de volta ao universo da infância tecnológica de nossa espécie. Ao contrário, interligando nossa herança antiga de mitos e símbolos gilânicos a nossas idéias modernas, nos aproximaremos de um mundo bem mais racional, no verdadeiro sentido da palavra: um mundo animado e guiado pela consciência de que somos inextricavelmente ligados, ecológica e socialmente, uns aos outros e a nosso meio ambiente.

Junto com a celebração da vida, ocorrerá a celebração do amor, incluindo o amor sexual entre mulheres e homens. Os elos sexuais, por meio de algo semelhante ao que hoje denominamos casamento, com certeza permanecerão. Mas o objetivo fundamental deste elo será o companheirismo, o prazer sexual e o amor. O fato de ter filhos não se relacionará mais com a transmissão de nomes e posses masculinos. E outras formas de afeto, não só a de casais heterossexuais, serão inteiramente aceitas.[76]

Todas as instituições, não apenas as destinadas especificamente à socialização de crianças, terão como objetivo a realização de nossos grandes potenciais humanos. Só um mundo no qual a qualidade, em vez da quantidade de vida humana, predomine pode nutrir tal objetivo. Por isso, como previu Margaret Mead, as crianças serão poucas e, assim, altamente valorizadas.[77]

Os anos de formação da infância serão a preocupação ativa tanto de homens quanto de mulheres. Não só os pais biológicos, mas muitos outros adultos, assumirão variadas responsabilidades em relação ao mais precioso de todos os produtos sociais: a criança. A nutrição racional, bem como exercícios mentais e físicos, tais como formas mais avançadas de ioga e meditação, serão considerados pré-requisitos elementares para corpos e mentes saudáveis. E, em vez de destinar-se a socializar a criança, de forma a ajustá-la a seu lugar em um mundo de supremacias, o aprendizado será — como já começa a ser — um processo de toda a existência no sentido de maximização da flexibilidade e criatividade em todos os estágios da vida.

Neste mundo, onde a realização de nossos potenciais evolutivos mais elevados — nossa maior liberdade através do conhecimento e sabedoria — guiará a política social, o enfoque básico da pesquisa será a prevenção de doenças físicas e sociais, tanto do corpo quanto da mente. Além disso, o poder de nossas mentes, ainda não utilizado, mas cada vez mais reconhecido, será pesquisado e cultivado extensamente. Como resultado, os potenciais mentais e físicos ainda não sonhados serão descobertos e desenvolvidos.[78]

Acima de tudo, este universo gilânico será um mundo onde as mentes das crianças — tanto meninas quanto meninos — não mais serão restringidas. Este será um mundo onde as limitações e temores não mais serão sistematicamente ensinados através de mitos sobre como os seres humanos são inevitavelmente maus e perversos. Neste mundo, as crianças não aprenderão épicos sobre homens glorificados por sua violência, ou contos de fadas sobre crianças que se perdem em florestas apavorantes onde as mulheres são bruxas malévolas. Elas aprenderão novos mitos, épicos e histórias nos quais os seres humanos são bons; os homens são pacíficos; e o poder de criatividade e amor — simbolizados pelo Cálice sagrado, o recipiente sagrado de vida — é o princípio governador. Pois neste mundo gilânico, nosso impulso em busca de justiça, igualdade e liberdade, nossa ânsia de conhecimento e iluminação espiritual e nossa sede de amor e beleza finalmente serão libertados. E, após o sangrento desvio da história androcrática, tanto mulheres quanto homens terminarão por descobrir o que pode significar ser humano.

Figuras

Figura 1. Principais sítios da arte rupestre paleolítica na Europa Ocidental

A arte paleolítica também foi encontrada em sítios na Europa Oriental

Fonte: **Adaptado de André Leroi Gourhan, "A evolução da Arte Paleolítica",** *Scientific American 218,* **nº2 (fevereiro de 1968):62**

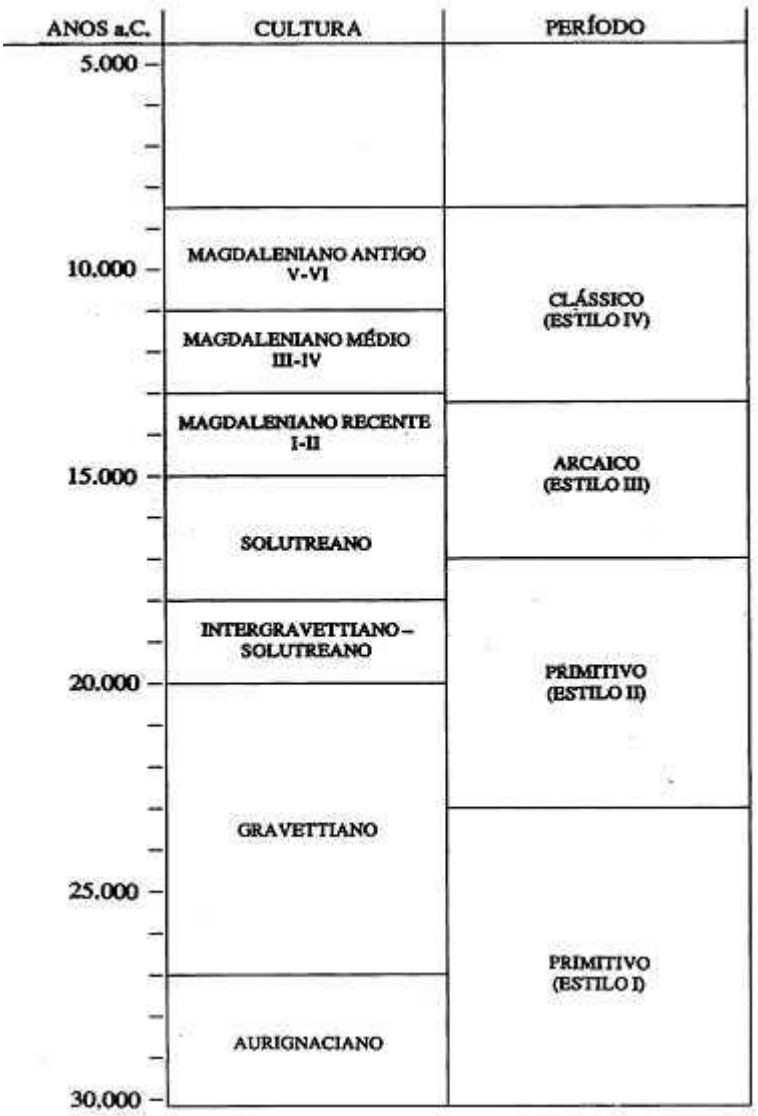

Figura 2. Cronologia da arte rupestre paleolítica de André Leroi-Gourhan (30000 a.C. até 10000 a. C.)Fonte: André Leroi Gourhan, "A evolução da Arte Paleolítica", *Scientific American 218*, **n°2 (fevereiro de 1968):63**

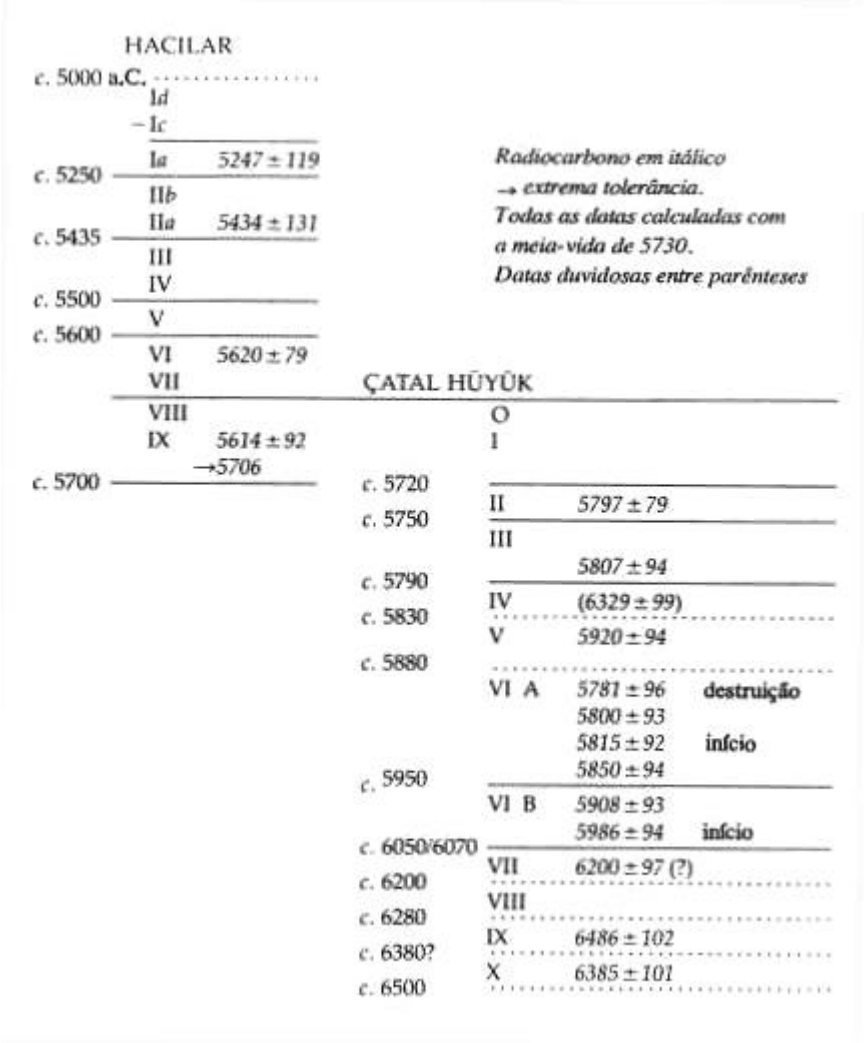

Figura 3. Cronologia para Hacilar e Çatal Hüyük de James Mellaart (6500 a.C. até 5000 a. C.)

Gráfico deve ser lido de baixo para cima. Numerais maiores indicam níveis mais antigos. Números romanos indicam níveis de escavação correspondentes a níveis de desenvolvimento.

Fonte: James Mellaart, *Çatal Hüyük* **(Nova Iorque; McGraw-Hill, 1967):52**

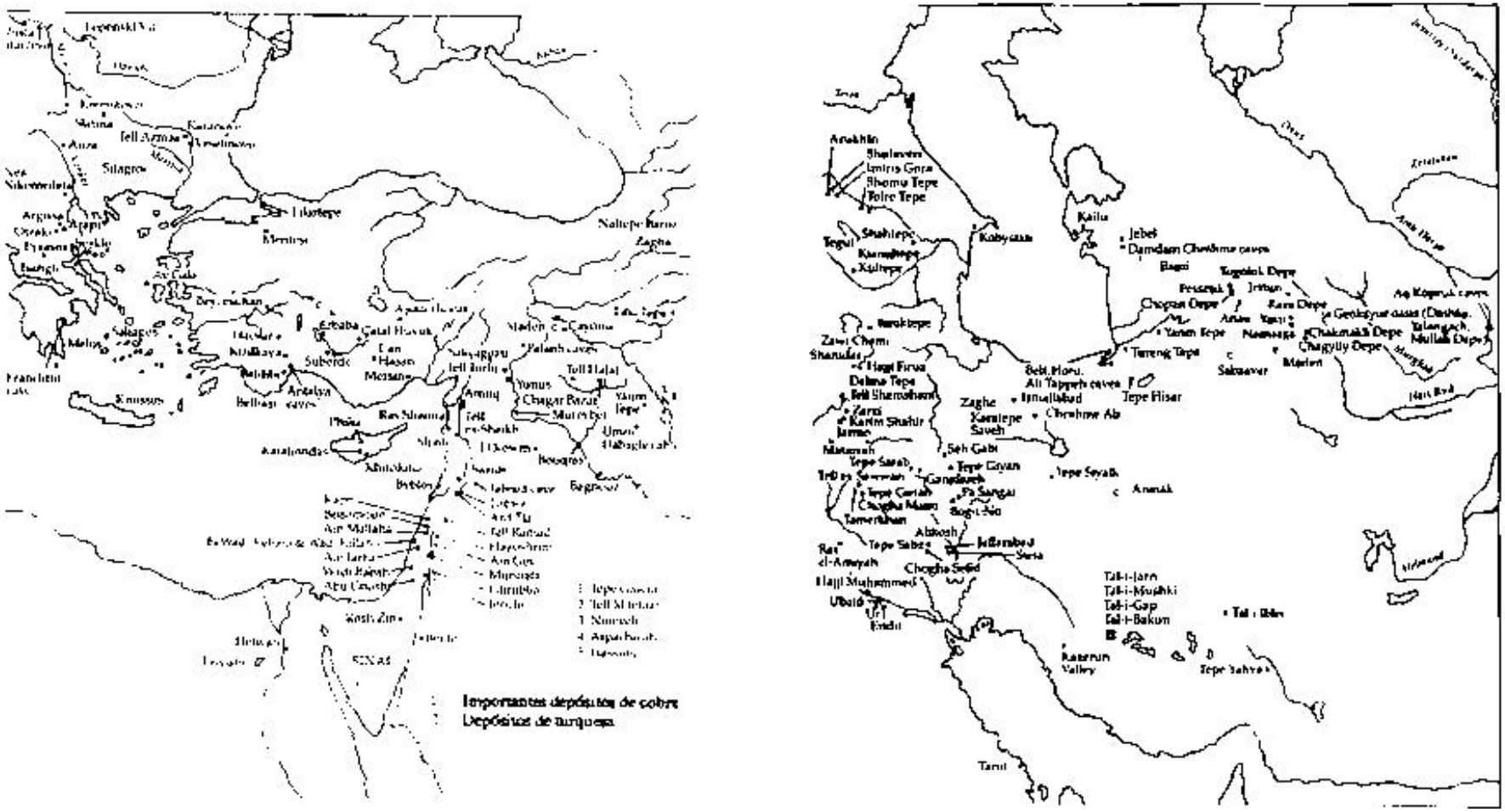

Figura 4. Oriente Próximo Mostrando Sítios de Escavação do Epipaleolítico e Neolítico

O Termo *epipaleolítico* **é usado para designar o período de transição entre o paleolítico e o neolítico (ou primórdios da agricultura). A proliferação de sítios evidencia a extensão do desenvolvimento cultural primitivo.**

Fonte: **Adaptado de James Mellaart,** *The Neolithic of Near East* **(Nova Iorque: Charles Scribner e Filhos, 1975): 20, 21 (***copyright* **Thames e Hudson, Londres)**

Figura 5. Área aproximada da civilização primitiva na Europa Antiga (7000 a.C. a 3500 a.C.)

O termo Europa Antiga foi introduzido para designar a civilização que durou 7000 a 3500 a.C. no sudeste da Europa, mas esta denominação também se aplica a toda a Europa anterioràs invasões indo-européias, incluindo as culturas megalíticas da Europa Ocidental (Irlanda, Malta, Sardenha e regiões da Grã-Bretanha, Escandinávia, França, Espanha e Itália) do quinto ao terceiro milênio a. C.

Fonte: Adaptado de Mrija Gimbutas, Godesses and Gods of Old Europe (Berkeley e Los Angeles: University of Califórnia Press, 1982):16.

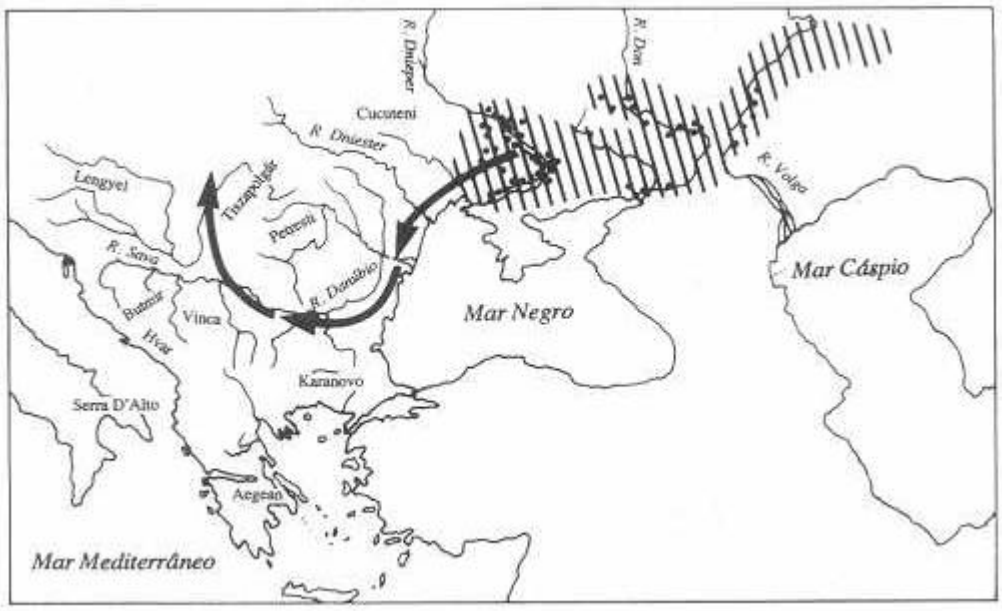

Figura 6. Primeira Onda Kurga (4300 a.C. a 4200 a. C.)

As setas indicam as principais rotas de invasões da primeira incursão dos kurgos, primeiramente em antigas culturas européias de Karanova, Vinca, Lengyel e Tiszapolgar.

Fonte: Revisão de 1986 para este livro por Marija Gimbutas do mapa que aparece originalmente em The Journal of Indo-European Studies 5, n°4 (inverno de 1977):283

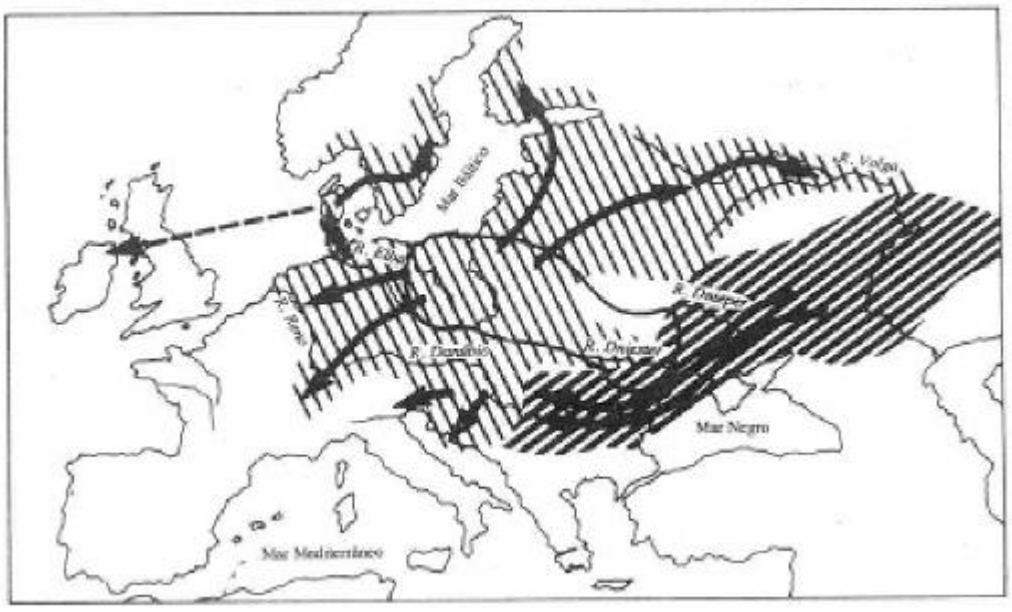

Figura 7. Terceira Onda Kurga (3000 a.C. a 2800 a.C.)

As setas e áreas sombreadas indicam incursões posteriores dos kurgos das estepes (área leste dos traços escuros) e de culturas hibridizadas (exemplo, área oblonga no centro do mapa) Linha pontilhada indica a possível rota para a Irlanda. Fonte: Revisão de 1986 para este livro por Marija Gimbutas do mapa que aparece originalmente em *The Indo-European in the Fourth and Third Millenia* **(Karoma Publishers, 1982)**

Figura 8. Cronologia feita por Marija Gimbutas para o florescimento e a destruição da antiga cultura européia (de 7000 a 2500 a.C.) *Fonte:* **Revisão de 1986 para este livro por Marija Gimbutas da cronologia que aparece originalmente resumida no** *Indo-European Studies 131,* **UCLA,1980, pp.5-7.**

a.C. *Eventos Principais*

7000-6500: Estágio inicial de produção de alimentos e estabelecimento de vida em aldeias nos vales das regiões costeiras do Mar Egeu.

6500-6000: Florescimento do neolítico, com cerâmica, nas regiões do Egeu, Balcãs Centrais e Adriático. Cultivo de trigo, cevada, ervilhaca e ervilha. Todos os animais domesticados, exceto o cavalo. Surgem grandes aglomerados de aldeias. Casas retangulares agrupadas e próximas, feitas de tijolos de lama e madeira, com quintais. Primeiros templos. Navegação costeira e em mar aberto. Comércio de obsidiana, mármore e conchas *spondylus.*

Outras antigas civilizações. Pontos principais selecionados 6000-5500: Difusão da economia agrícola para a bacia do baixo e médio Danúbio (lugoslávia, Hungria e Romênia), a planície Maricá na Bulgária Central e surgimento na região Dniester-Bug.

5500-5000: Difusão de economia de produção de alimentos da Europa Centro-Leste para a Europa Central: Morávia, Boêmia, sul da Polônia, Alemanha e Holanda (cultura de cerâmica linear). Início de metalurgia do cobre na lugoslávia, Romênia e Bulgária. Expansão das aldeias. Escritos sagrados surgem nos cultos religiosos. Ascensão das culturas Vinca, Tisza, Lengyel, Butmir, Danilo e Karanovo.

5000-4500: Auge da antiga cultura européia. Florescimento da cerâmica e arquitetura (incluindo templos de dois andares). Surgimento em Moldávia e na Ucrânia Ocidental da cultura Cucuteni; Petresti na Transilvânia.

4500-4000: Florescimento contínuo da Europa antiga. Proliferação de uso de cobre e ouro e aumento do comércio. Surgimento de veículos (modelos sobre rodas em miniatura em barro) e do cavalo domesticado. Este último foi trazido pela Primeira Onda pastora-lista das estepes, a qual iniciou a desintegração das culturas de Karanovo, Vinca, Petresti e Lengyel.

4000-3500: Kurganização inicial: nítidas mudanças no modelo de habitação, estrutura social, economia e religião. Declínio da antiga arte europeia; cessa a fabricação de estatuetas, cerâmica multicolorida e construção de templos. Surgimento na bacia do baixo Danúbio e Dobruja de uma cultura Cernavoda kurganizada.

3500-3000: Segunda onda do povo kurgo proveniente do norte do Mar Negro. Início da idade do bronze. Formação da província metalúrgica circumpôntica. Desintegração da civilização cucuteni e surgimento do complexo Usatovo-Gorodsk-Foltesti, amálgama de cucuteni e kurgos. O complexo Ezero, na Bulgária, e a cultura Ba-den na região do médio Danúbio são formados a partir do cruzamento do substrato da Europa antiga com elementos orientais (kurgos). Surgimento na Europa Centro-Norte da cultura de ânfora globular.

3000-2500: Nova transformação social ao longo da Europa Centro-Oriental, causada pela Terceira Onda Kurga (ou Jamna) proveniente da estepe do baixo Dnieper-baixo Volga. Mudanças étnicas: de Ba-den e Uncedoí para a Boémia e Alemanha Central, Bósnia e Costa Adriática. Nomadismo prolongado do povo Bell Beaker (provavelmente europeus centrais kurganizados) para a Europa Ocidental. Formação entre o Reno e o Dnieper do complexo Corded Ware, a partir da fusão da ânfora globular, culturas *Funnel Necked Beaker* **e novos elementos orientais** *(Jamna),* **seguidos da grande dispersão dos transportadores de cerâmica canelada para o sul da Escandinávia, região leste do Báltico e áreas do alto Dnieper e alto Volga.**

Figura 9. Comparação das culturas Kurga e da Europa Antiga

Fonte: Revisão de 1986 para este livro por Marija Gimbutas do mapa que aparece originalmente em The Journal of Indo-European Studies 5, n°4 (inverno de 1977):283

	Antiga Cultura Européia	Cultura Kurga
Economia	Agrícola (sem cavalos) Sedentária	Pastoral (com cavalos
Habitat	Grandes Aglomerados de aldeias e condados. Ausência de fortificações.	Pequenas aldeias com casas semi-subterrâneas. Líderes governam das fortificações.
Estrutura Social	Igualitária Matrilinear.	Patriarcal, patrilocal. Guerreira, homem criador.
Ideologia	Pacífica, culto da arte, mulher criadora.	Kurga

Figura 10. Comparação cronológica de Creta com outras antigas civilizações

Desenvolvimento da civilização cretense, baseado em cronologias de *Sir* Arthur Evans e Nicolas Platon, comparadas com pontos principais de outras antigas civilizações (datas aproximadas).

Datas a.C.	Creta Cronologia de Platon	Creta Cronologia de Evans	Outras antigas civilizações Pontos Principais selecionados
6000	Neolítico Antigo I	Neolítico Antigo	Catai Hüyük floresce em Anatólia. Arroz cultivado na Tailândia. Culturas agrárias na Europa e Balcãs.
5000	Neolítico Antigo II	Neolítico Médio	Colonização da planície aluvial mesopotâmica. Colónias agrárias desenvolvem-se no Egito. Milho cultivado no México.
4000	Neolítico Médio	-	Economia neolítica importada da Inglaterra. Primeiros monumentos megalíticos na Inglaterra. Criação do bicho-da-seda na China.
3000	Neolítico Recente	Neolítico Recente	Culturas cicladenses desenvolvem-se no Mediterrâneo. Difusão das técnicas de agricultura arável na África Central. Primeiras cerâmicas nas Américas. Primeira dinastia egípcia.
2600	Fase Pré Palaciana I	Minóico Antigo I	Crescimento de civilização no vale do Indo. Primeira dinastia de Ur.
2400	Fase Pré Palaciana II	Minóico Antigo II	Pirâmide de Kéops construída no Egito.
2200	Fase Pré Palaciana III	Minóico Antigo III	Sétima dinastia egípcia. Período neo-sumério
2000	Fase Palaciana Antiga I	Minóico Médio I	Domesticaçâo do elefante no vale do Indo. Terceira dinastia de Ur. Médio reinado egípcio.
1900	Fase Palaciana Antiga II	Minóico Médio II	Primeira dinastia da Babilônia
1800	Fase Palaciana Antiga III	Minóico Médio III	Hamurabi governa na Babilônia.
1700	Fase Palaciana Recente I	Minóico Recente I	Hyksos conquista o Egito.
1600	Fase Palaciana Recente II	Minóico Recente II	Desenvolvimento da civilização Shang na China.
1450	Fase Palaciana Recente III	Minóico Recente III	Povo de língua ariana conquista a Índia.
1400	Fase Pós –Palaciana I		Ascensão do Império hitita
1320	Fase Pós –Palaciana II	-	Ascensão assíria como potência militar Tribos hebraicas conquistam Canaã
1260	Fase Pós –Palaciana III	-	Queda do Império hitita
1150	Subminóico	Subminóico	Dinastia Shang destronada na China. Civilização micênica entra em decadência no Mediterrâneo. Conquistas assírias dos Bálcãs intensificam-se sob Teglat-Falasar I.

Fontes; *Sir* **Arthur Evans,** *The Palace ofMinos at Knossos,* **vols. HV (Londres: Macmülan & Company Ltd., 1921-1935)**; **Nicolas Platon,** *Crete* **(Genebra: Nagel Publishers, 1966)**; **James MeUaart,** *The Neolitic of the Near East* **(Nova Iorque: Charles Scribners Sons, 1975); e enciclopédias e atlas de história mundial.**

Notas

Introdução: o Cálice e a Espada (pp. 13-25)

[1] **Ver, por exemplo, Fritjof Capra,** *The Turning Point: Science, Society, and the Rising Culture* **(Nova Iorque: Simon & Schuster, 1982;); Ed. bras.:** *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente.* **(Cultrix, São Paulo, 1982); Marylin Ferguson,** *The Aquarian Conspiracy: Personal and Social Transformation in the 1980's* **(Los Angeles: Tarcher, 1980); George Leonard, The Transformation: A** *Guide to the Inevitable Changes in the Humankind* **(Nova Iorque: Delta, 1972).**

[2] **O primeiro documento a apresentar a teoria de que a civilização minóica foi destruída por terremotos e maremotos foi "The Volcanic Destruction of Minoan Crete", de Spyridon Marinatos, em** *Antiquity* **13 (1939): 425-39. Desde então, parece mais provável que esses desastres naturais tenham enfraquecido Creta de tal forma que não se tomou possível a tomada pelos senhores aqueus (micênicos), pois não há indícios de essa tomada ter sido realizada através de uma invasão armada em larga escala.**

[3] **James Mellaart,** *The Neolitic and the Near East* **(Nova Iorque: Scribner, 1975).**

[4] **Steven Sangren, "Female Gender in Chinese Religious Symbols: Kuan Yin, Ma Tsu, and 'The Eternal Mother'",** *Signs 9* **(outono de 1983):6.**

[5] **Em relação ao modelo dominador, importante distinção deveria ser feita entre dominação e hierarquias de realização. O termo hierarquias de dominação descreve as hierarquias baseadas na força ou na ameaça expressa ou implícita de força, as quais são características da superioridade humana em sociedades cuja supremacia é masculina. Tais hierarquias são muito diferentes dos tipos de hierarquias encontradas em progressão de ordenações inferiores para superiores de funcionamento - tais como a progressão de células até órgãos em organismos vivos, por exemplo. Estes tipos de hierarquias podem ser caracterizados pelo termo** *hierarquias de realização,* **pois sua função consiste em maximizar os potenciais dos organismos. Em contraste, como evidenciado em estudos sociológicos e psicológicos, as hierarquias humanas baseadas na força ou na ameaça de força não só inibem a criatividade pessoal como também resultam em sistemas sociais nos quais as qualidades humanas mais inferiores (básicas) são reforçadas e as mais elevadas aspirações da humanidade (tais como a compaixão e a empatia, bem como a luta pela verdade e justiça) são sistematicamente suprimidas.**

[6] **Uma análise fascinante da transformação da cultura asteca rumo à dominação masculina rígida, e com ela a violência masculina, é encontrada em June Nash, "The Aztecs and the Ideology of Male Dominance",** *Signs* **4 (inverno de 1978): 349-62. Como observado no texto, alguns dos mais antigos mitos de muitas culturas referem-se a uma época mais pacífica e justa em que as mulheres tinham uma elevada condição social. Por exemplo, o** *Tao Te Ching* **chinês fala de um tempo anterior à imposição masculina, como observa R. B. Blakney (org. e trad.)** *The Way of Life: Tão Te Ching* **(Nova Iorque: Mentor, 1955). Da mesma forma, Joseph Needham fala da doutrina taoísta da "evolução regressiva" (em outras palavras, a regressão cultural a uma época mais primitiva e mais civilizada). Ele observa também a ocorrência de algumas das mais conhecidas declarações do antigo período taoísta da "Grande União" ou** *Ta Thung* **no segundo século a.C.** *Hua Nan Tsu* **e o confucionista que o sucedeu.** *Li Chi* **(Joseph Needham,** *"Time and Knowledge in China and the West",* **em Julius T. Fraser (org.)** *The Voices ofTime—* **Nova Iorque: Braziller, 1966).**

[7] **Manja Gimbutas, "The First Wave of Eurasian Steppe Pastoralists into Copper Age Europe",** *The Journal of Indo-European Studies 5* **(inverno de 1977); 281.**

[8] **Para alguns trabalhos sobre comportamento humano não geneticamente programado mas produto de interação complexa entre fatores biológicos e sociais/ambientais, ver, por exemplo, R. A. Hinde,** *Biological Bases of Human Social Behaviour* **(Nova Iorque: McGraw-Hill, 1974); Ruth Hubbard e Marian Lowe, org.,** *Genes and Gender II* **(Nova Iorque, Gordian Press, 1979); Helen Lambert, "Biology and Equality: Perspective on Sex Differences",** *Signs* **4 (outono de 1978): 97-117; Riane Eisler e Vilmos Csanyi, "Human Biology and Social Structure" (trabalho em elaboração); Ethel Tobach e Betty Roso ff, org.,** *Genes and Gender I (Nova* **Iorque, Gordian Press, 1978); Ruth Bleier,** *Science and Gender* **(Elmsford, Nova Iorque; Pergamon Press, 1984); Ashton Barfield, "Biological Influences on Sex Differences in Behavior, em M. Teiteibaum, org.,** *Sex Differences: Social and Biological Perspectives* **(Nova Iorque: Doubleday Anchor, 1976); Linda Mane Fedigan,** *Primate Paradigms: Sex Roles and Social Bonds* **(Montreal: Éden Press, 1982); R. C. Lewontin, Steven Rose e Leon Kamin,** *Not in Our Genes* **(Nova Iorque; Pantheon, 1984). Uma excelente visão do comportamento agressivo (e uma refutação bastante eficaz da restauração sociobiológica atual do darwinismo social do século XIX) pode ser encontrada em Ashley Montagu,** *The Nature of Human Aggression* **(Nova Iorque: Oxford University Press, 1976).**

Aliás, a questão dos instintos em animais não é tão clara quanto se acreditava anteriormente. Por exemplo, novas pesquisas indicam que, inclusive com os pássaros, o aprendizado ou experiência deve ocorrer se uma determinada capacidade deve tomar-se uma habilidade. Ver, por exemplo, Gilbert Gottlieb, *Development of Species Identification in Birds: An Inquiry into the Determinants of Prenatal Perception* (Chicago: University of Chicago Press, 1971); Daniel Lehrman, "A Critique of Konrad Lorenz's Theory of Instinctive Behavior", *Quarterly Review of Biology* 28 (1953): 337-63; John Crook, ed. *Social Behavior in Birds and Mammals* (Nova Iorque: Academic Press, 1970); Peter Klopfer, *On Behavior: Instinct Is a Cheshire Cat* (Filadélfia: Lippincott, 1973)

[9] Estas configurações de sistemas são examinadas detalhadamente em um segundo livro *(Breaking Free,* Riane Eisler e David Loye, em preparo). Ver também Riane Eisler e David Loye, "Peace and Feminist Thought: New Directions", em *The World Encyclopedia of Peace* (Londres: Pergamon Press) 1986; Riane Eisler, "Violence and Male Dominance: The Ticking Time Bomb", *Humanities in Society* 7 (inverno-primavera de 1984); 3-18; Riane Eisle e David Loye, "The Failure of Liberalism: A Reassessment of Ideology from a New Feminine-Masculine Perspective", *Political Psychology* 4(1983): 375-91.

[10] Ver nota 9. Para obtenção de dados antropológicos mais detalhados, ver, por exemplo, Colin Tumbull, "The Forest People: A Study of the Pygmies of the Congo" (Nova Iorque: Simon e Schuster, 1961); Pat Draper, "!Kung Women: Constrasts in Sexual Egalitarianism in Foraging and Sedentary Contexts", em *Toward an Anthropology of Women,* Raya Reiter, org. (Nova Iorque: Monthly Review Press, 1975). Ver também Richard Leakey e Roger Lewin, *People of the Lake* (Nova Iorque, Doubleday Anchor, 1978).

[11] Ver Riane Eisler, "The Blade and the Chalice: Technology at the Turning Point", trabalho apresentado em General Assembly, Worid Futures Society, Washington, D.C., 1984; Riane Eisler, "Cultural Evolution: Social Shifts and Phase Changes", em Erwin Laszlo, org., *The New Evolutionary Paradigm* (Boston: New Science Library, 1987); Riane Eisler, "Women, Men and the Evolution of Social Structure", *World Futures* 23 (primavera de 1987).

[12] Ver, por exemplo, Alfred Marrow, *The Practical Theorist* (Nova Iorque: Basic Books, 1969); Chris Argyris, *Action Science* (San Francisco: Jossey-1 Bass, 1985).

[13] Este enfoque da evolução cultural baseia-se na suposição, articulada no século XIX, por homens tais como Augusto Comte e Lewis Henry Morgan, de que a sociedade deveria passar por um número limitado e fixo de estágios em uma dada seqüência. Para Morgan, esses estágios eram a selvageria, o barbarismo e a civilização, e esta progressão evolutiva foi posteriormente adotada por Marx e Engels (ver, por exemplo, Friedrich Engels, *As origens da família, da propriedade privada e do Estado).* Herbert Spencer viu uma progressão social de pequenos para grandes grupos, do homogéneo para o heterogêneo *(The Study of Sociology;* Nova Iorque: Appleton, 1873,471). Ver também Emile Durkheim, A *divisão do trabalho na sociedade,* para um trabalho poderoso que postulou uma evolução social em dois estágios, progredindo de uma sociedade pequena e menos especializada para uma mais ampla e especializada, em um esquema aproximadamente semelhante aos estágios de *Gemeinschaft* (comunidade) e *Geselischaft* (incorporado), tipos de sociedade anteriormente propostos pelo sociólogo alemão Ferdinand Tonnies. Uma interessante variação desse enfoque são as chamadas teorias cíclicas de evolução social, tais como a teoria de Pitirim Sorokin de fases "ideacionais", "sensatas" e "idealistas" da cultura. Nessas teorias, os estágios podem se repetir, mas cada ciclo invariavelmente segue o anterior em uma dada seqüência (Pitirim Sorokin, *Social and Cultural Dynamics,* Boston: Sargent, 1957).

[14] Provavelmente o trabalho moderno mais conhecido baseado nos estágios tecnológicos de evolução é *The Third Wave,* de Alvin Toffler. (Nova Iorque: Bantam, 1980). Inúmeros antropólogos, tais como Leslie White e William Ogbum, também baseiam suas teorias de evolução social em estágios tecnológicos, embora não afirmem que cada sociedade precise necessariamente passar por todas elas (ver, por exemplo, Leslie White, *The Science of CuIture.* Nova Iorque: Farrar, Strauss, 1949); William Ogburn, *Social Change with Respect to Culture and Original Nature* (Nova Iorque: Viking, 1950). Para um bom trabalho recente sobre a evolução tecnológica, ver Bela Banathy, "Systems Inquiring and the Science of Complexity: Conceptual Bases" (Monografia ISI 84-2, Far West Laboratory, San Francisco, 1984).

[15] Essas regressões duraram centenas de anos. A Grécia homérica estendeu-se ao longo de trezentos anos, de 1100 a 800 a.C., e a Idade Média na Europa durou quase um milênio.

[16] Ver, por exemplo, Ilya Prigogine e Isabel Stengers, *Order Out of Chaos* (Nova Iorque: Bantam, 1984); Ralph Abraham e Christopher Shaw, *Dynamics: The Geometry of Behavior* (Santa Cruz, CA; Aerial Press, 1984); Humberto Maturana e Francisco Varela, *Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living* (Boston: Reidel, 1980).

[17] Fritjof Capra, *O Tao da física* (São Paulo: Cultrix); *O ponto de mutação* (Ver nota l).

[18] Niles Eldredge e Stephen J. Gould, "Punctuated Equilibria: An Alternative to Phyletic Gradualism" *em Models of Paleobiology,* T. J. Schropf, org. (San Francisco: Freeman, Cooper, 1972); Vilmos Csanyi, *General Theory of Evolutíon?* (Budapeste: Akademiai Kiado, 1982); Erwin Laszlo, *Evolution: The Grand Synthesis* (Boston: New Science Library, 1987); Erich Jantsch, *The Self-Organizing Universo* (Nova Iorque: Pergamon Press, 1980); David Loye e

Riane Eisler, "Caos and Transformation: Implications on Non-equilibrium Theory for Social Science and Society", *Behavioral Science* 32 (1987), 53-65.

[19] Estas correspondências nas descobertas coadunam-se com as conclusões anteriores dos teóricos de sistemas gerais, por exemplo, Ludwig von Bertalanffy em *General Systems Theory* (Nova Iorque: Braziller, 1968) e Ervin Laszlo, em *Introduction to Systems Philosophy* (Nova Iorque: Gordon & Breach, 1972).

[20] Niles Eldredge, *Time Frames* (Nova Iorque: Simon e Schuster, 1985); Eldredge e Gould, "Punctuated Equilibria."

[21] Ver, por exemplo, Jessie Bernard, *The Female World* (Nova Iorque: Free Press, 1981); Ester Soserup, *Woman's Role in Economic Development* (Londres: Allen & Unwim, 1970); Dale Spender, *Feminist Theorists: Three Centuries of Key Women Thinkers* (Nova Iorque: Pantheon, 1983); Gita Sen com Caren Grown, *Development; Crisis and Alternative Visions: Third World Women's Perspectives* (Nova Delhi: Dawn, 1985); Mary Daly, *Gyn Ecology: The Metaethics of Radical Feminism* (Boston: Beacon Press, 1978); Carol Gilligan, *In a Dijferent Voice* (Cambridge: Harvard University Press; 1982); Catherine Mackinnon, "Feminism, Marxism, Method and the State: An Agenda for Theory", *Signs* 7: 517-44; Wilma Scott Heide, *Feminism for Health of It* (Buffalo: Margaret daughters Press, 1985); Jean Baker Müler, *Toward a New Psychology of Women* (Boston, Beacon,' 1976); Carol Christ e Judyth Plaskow, *Womanspirit Rising: A Feminist Reader in Religion* (San Francisco: Harper e Row, 1979); Chariene Spretnak, org. *The Politícs of Women's Spirituality* (Nova Iorque: Doubleday Anchor, 1982). Ao longo deste livro, tentei mencionar muitas estudiosas feministas importantes. Entretanto, a lista é tão extensa que, por necessidade, muitas não foram mencionadas.

[22] Spender, *Feminist Theorists.* O feminismo como fenômeno moderno data do século XVIII. Mas há muitos exemplos anteriores de mulheres estudiosas questionando o saber estabelecido de seu tempo, por exemplo, Christine de Pisan, que entre 1390 e 1429 escreveu 28 livros, alguns deles, como seu *Cité des dames*, questionavam o misoginismo dos eruditos de sua época.

Capítulo l: Jornada a um mundo perdido (pp.27-43)

[1] Edwin Oliver Jones, *Prehistoric Religion* (Nova Iorque: Barnes & Noble 1957), 146. James foi um dos primeiros historiadores religiosos a criticar esta visão. Para uma crítica mais recente e muito boa da surpreendente cegueira de muitos estudiosos em relação ao significado mítico das imagens femininas no paleolítico, ver Marija Gimbutas, "The Image of Woman in Prehistoric Art", *The Quarterty Review of Archeology,* dezembro de 1981, 6-9. Deve ser observado que – a fim de evitar complexidade desnecessária – os termos paleolítico e paleolítico superior às vezes são usados de forma intercambiada. Esta prática foi seguida aqui, embora grande parte da discussão pertença ao paleolítico superior: o período de 30000 a 10000 a.C. É desse período a maior parte das extraordinárias pinturas rupestres de animais e estátuas entalhadas e relevos de figuras descritas no texto. O paleolítico, ou idade da pedra, provavelmente remonta a 65000 a.C. mas sabe-se muito pouco sobre a parte primitiva dessa época.

[2] Edwin Oliver James, *The Cult of the Mother Goddess* (Londres: Thames & Hudson, 1959), 19.

[3] Ibid., p. 16; James, *Prehistoric Religion*, 148.

[4] James, Cult of the Mother Goddess, 16.

[5] Ver nota 10 da Introdução.

[6] Ver, por exemplo, Elizabeth Fisher, *Woman's Creation* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1979), 140.

[7] John Pfeiffer, *The Emergence of Man* (Nova Iorque: Harper & Row, 1972), pp. 251-65. Para um novo modelo da evolução humana, o qual parece mais consistente com os melhores dados disponíveis, ver Nancy Tanner, *On Becoming Human* (Boston: Cambridge University Press, 1981). Modelos similares caracterizam o trabalho de Adrienne Zihlman, Jane Lancaster e outras estudiosas feministas, cujos novos estudos não estão mais confinados ao modelo evolutivo do "homem caçador". Ver, por exemplo, Adrienne Zihiman, "Women in Evolution, Part II: Subsistence and Social Organization Among Early Hominids", *Signs 4* (outono de 1978): 420; Jane Lancaster, "Carrying and Sharing in Human Evolution", *Human Nature* l (fevereiro de 1978): 82-89. Ver também capítulo 5.

[8] Gimbutas, "Image of Woman".

[9] Ver, por exemplo, Gertrude Rachel Levy, *Religious Conceptions of the Stone Age* (Nova Iorque: Harper & Row, 1963), publicado pela primeira vez como *The Cate ofthe Horn* (Londres: Faber & Paber, 1948). Levy observa que a própria caverna provavelmente era um símbolo do útero da Deusa (a Criadora, a Mãe, a Terra), e que os rituais realizados ali representavam manifestações do desejo de compartilhar - e também influir em - seus atos criativos. Esses incluiriam a concepção de animais que saíam de seu útero (os quais proporcionavam alimento ao povo do paleolítico). Assim, os animais com frequência eram retratados nas paredes de cavernas. Outra estudiosa, mais recente, é Z. A. Abramova, que publicou a antologia oficial do paleolítico superior em gravações e esculturas na URSS. Assim como o arqueólogo soviético A. P. Okladnikov, Abramova acredita que "os dois aspectos diferentes da imagem da mulher no

paleolítico (...) não se contradizem, mas, ao contrário, complementam-se". Ela era representada como "soberana do lar e da família, protetora do fogo doméstico (...) e a mulher como (...) a soberana de animais e especialmente de animais de caça" (Z. A. Abramova, "Paleolithic Art in lhe USSR", *Artic Anthropology* 4 (1967): 1-79, org. Chester S. Chard e traduzido por Catharine Page, transcrito em *The Roots of Civilization,* de Alexander Marshack (Nova Iorque: McGraw-Hül, 1967), 338-39. Um livro a ser publicado de Elinor Gadon, *The Once and Future Goddess: A Symbol for Our Time* (San Francisco: Harper & Row, 1988), fornece evidências, provenientes da comparação entre culturas, comprovando a posição central da Deusa nas intuições humanas das práticas rituais e sagradas desde a mais remota Antiguidade.

[10] Marshack, Roots of Civilization, 219.

[11] Peter Ucko e Andrée Rosenfeld, *Paleolithic Art* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967), 100,174-95,229.

[12] Marshack, *Roots of Civilization,* 173, 219. Marshack reconhece também a importância das estatuetas femininas na arte paleolítica. De fato, seu *Raízes da Civilização* constitui tentativa inovadora e fascinante de explorar novos modelos para a interpretação da arte paleolítica. Sua análise bastante original das notações paleolíticas em seqüência de tempo fornece impressionante informação para a exploração das histórias em seqüência de tempo envolvendo fenômenos cíclicos (tais como a menstruação feminina e as estações dos ciclos solar e lunar), que, assim como a gravidez de nove meses da mulher, nossos ancestrais naturalmente observaram e tentaram explicar (e provavelmente também controlar) através de mitos e ritos sazonais e calêndricos.

[13] André Leroi-Gourhan, *Prehistoire de l'Art Occidental* (Paris: Edition D'Art Lucien Mazenod, 1971), 120.

[14] *Ibid.* Para um breve sumário de suas descobertas, ver André Leroi-Gouhran, "The Evolution of Paleolithic Art", *Scientific American,* fevereiro de 1968, 61.

[15] James, *Prehistoric Religion,* 147-49. Para uma análise mais recente e abrangente dessa evolução religiosa e a cultura por ela refletida, ver Marija Gimbutas, *Evolutíon om Old Europe and Its Indo-Europeanization: The Prehistory* of *East Central Europe* (ainda não publicado). Conforme o usamos neste livro, o termo Deusa refere-se à antiga conceptualização dos poderes que governam o universo em forma feminina. Daí Deusa e termos tais como Grande Mãe e Criadora serem grafados com letra maiúscula.

[16] James Mellaart, Çatal *Hüyük* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967), 24

[17] *Ibid.*. 23

[18] *Ibid.*. 23-24

[19] Merlin Stone, *When God Was a Woman* (Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1976), 15.

[20] James Mellaart, *The Neolithic of the Near East* (Nova Iorque: Scribner, 1975), 152,52,53.

[21] James, Prehistoric Religion, 157.

[22] Ibid., 70-71; James, Cult of the Mother Goddess.

[23] Mellaart, *Çatal Hüyük,* 11.

[24] Mellaart, Neolithic of the Near East, 275.

[25] *Ibid.,* 10.

[26] Marija Gimbutas, *The Goddesses and Gods of Old Europe,* 7000-3500 a.C. (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1982), 17. Nesse sentido mais amplo, "Europa antiga" cobre toda a Europa Ocidental da estepe pôntica antes das incursões dos pastoralistas (kurgos) das estepes. Ver Marija Gimbutas, *The Language of The Goddess: Images and Symbols of Old " Europe* (Nova Iorque: Van der Marck, 1987). Em sentido mais estrito, "Europa antiga" aplica-se à primeira civilização européia, a qual convergiu para o sudeste da Europa. (Ver mapa nas Figuras.)

[27] *Ibid.,* 18.

[28] *Ibid.,* 17.

[29] Marija Gimbutas, *The Early Civilization of Europe* (Monografia para Estudos Indo-Europeus 131, University of Califórnia em Los Angeles, 1980), cap. 2,17.

[30] Mellaart, *Çatal Hüyük,* 53.

[31] Gimbutas, *Early Civilization of Europe,* cap. 2, 32-33.

[32] *Ibid.,* cap. 2, 33-34.

[33] *Ibid.,* cap. 2, 35-36.

[34] Gimbutas, Goddesses and Gods of Old Europe, 11-12.

Capítulo 2: Mensagens do passado (pp.44-58)

[1] **Marija Gimbutas,** *Goddesses and Gods of Old Europe,* **7000-3500 a.C. (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1982), 37-38.**

[2] **Ver ilustrações em James Mellaart, Ç***atal Hüyük* **(Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967); Gimbutas,** *Goddesses and Gods of Old Europe.*

[3] *Goddesses and Gods of Oíd Europe,* **prancha 17 e texto da ilustração 148.**

[4] **Nicolas Platon,** *Creta* **(Genebra: Nagels Publishers, 1966), 148.**

5 Para exemplos, ver ilustrações em Erich Neumann, *The Great Mother* **(Princeton, NJ: Princeton University Press, 1955); Mellaart,** *Çatal Hüyük*; **Gimbutas,** *Goddesses and Gods of Old Europe*

[6] **Gimbutas,** *Goddesses and Gods of Old Europe,* **exemplos (em ordem) das pranchas 58, 59, 105-7, 144; prancha 53, textos das figuras 50-58 nas págs. 95-103;114, 181,173,108, 136.**

[7] *Ibid.,* **66: pranchas 132, 341,24, 25; págs 101-7.**

[8] **Mellaart,** *Çatal Hüyük,* **77-203.**

[9] **Gimbutas,** *Goddesses and Gods of Old Europe.* **Ver, por exemplo, pranchas 179-81 para Deusas-abelhas; pranchas 183-85 para Deusa com máscara de animal; p. 146 para Deusa-serpente minóica com bico de pássaro.**

[10] **A ausência dessas imagens é notável também na arte da Creta minóica. Ver, por exemplo, Jacquetta Hawkes,** *Dawn of the Gods: Minoan and Mycenaean Origins of Greece* **(Nova Iorque: Random House, 1968), 75-76. O machado de dois gumes da Deusa minóica remonta às enxadas utilizadas para limpar a terra e, de acordo com Gimbutas, era também um símbolo da borboleta, parte da epifania da Deusa. Como salienta Gimbutas, a imagem da Deusa como borboleta continuou a ser entalhada nos machados de dois gumes (Gimbutas,** *Goddesses and Gods of Old Europe. 78, 186).*

[11] **Joseph Campbell. "Classical Mysteries of the Goddess"** *(workshop* **no Instituto Esalen, Califórnia, 11-13 de maio de 1979). A historiadora Elinor Gadon enfatiza também este aspecto da adoração pré-histórica da Deusa, vai mais adiante. Gadon escreve que o ressurgimento da Deusa em nossa época é a chave "para o pluralismo radical tão necessário como reação ao etnocentrismo predominante e ao imperialismo cultural" (programa para Elim Gadon,** *The Once and Future Goddess: a Symbol for Our Time,* **San Francisco: Harper & Row, 1988; e comunicações particulares com Gadon, 1986).**

[12] *Ibid.*

[13] **Ver, por exemplo, Joseph Campbell,** *The Mythic Image* **(Princeton, NJ: Princeton University Press, 1974), 157, 77.**

[14] **Gimbutas,** *Goddesses and Gods of Old Europe,* **112-50, 112, 145; figuras 87,88,105,106,107, p. 149.**

[15] **Mellaart,** *Neolithic of the Near East* **(Nova Iorque: Scribner, 1975), 279.**

[16] **Gimbutas, Goddesses and Gods of Old Europe, 238.**

[17] **Mellaart, Ç***atal Hüyiik,* **ver por exemplo, 108-9.**

[18] *Ibid.*, **113.**

[19] **Ver, por exemplo, Neumann,** *The Great Mother.*

[20] **Mellaart,** *Çatal Hüyük* **,77.**

[21] **Gimbutas, Goddesses and Gods of Old Europe, 80.**

[22] **Ver, por exemplo, Jane Harrison,** *Prolegomena to the Study of Greek Religion* **(Londres: Merlin Press, 1903,1962), 260-63.**

[23] **Mellaart, Ç***atal Hüyük,* **225.**

[24] **Mellaart,** *Neolithic of the Near East*, **100; Mellaart,** *Çatal Hüyük*, **cap. 6.**

[25] **Mellaart,** *Çatal Hüyük,* **cap.9.**

[26] *Ibid.*, **201.**

[27] **Harrison, Prolegomena to the Study of Greek Religion, 262.**

[28] **Mellaart,** *Çatal Hüyük,* **60.**

[29] *Ibid.*, **202, 208.**

[30] **Gimbutas,** *Goddesses and Gods of Old Europe,* **232, fig. 248. Ver também figs. 84-91 em Mellaart, Çatal Hüyük, para exemplos de estatuetas masculinas.**

[31] **Gimbutas,** *Goddesses and Gods of Old Europe,* **217, onde Gimbutas observa que nos sétimo e sexto milênios a.C., muitas vezes as estatuetas possuíam longos pescoços cilíndricos, os quais lembravam falos, havendo também representações fálicas na forma de simples cilindros de argila que às vezes possuíam seios femininos, e que a combinação das características femininas e masculinas em uma figura não desapareceu por completo após o sexto milênio a.C.**

[32] **Edwin Oliver James,** *The Cult of the Mother Goddess* **(Londres: Thames & Hudson, 1959), 87.**

[33] **Mellaart,** *Çatal Hüyük,* **184.**

[34] **Gimbutas, Goddesses and Gods of Old Europe, 237.**

[35] **Ver, por exemplo, "o alerta de que tal ordem social não implicava necessariamente a dominação de um sexo, o que se poderia concluir a partir do termo 'matriarcado' como análogo semântico de patriarcado", em Kate Millett,** *Sexual Politics* **(Nova Iorque: Doubleday, 1970), 28, n° 9; ou a observação de Adrienne Rich de que "os termos 'matriarcado' ou 'ginocracia' costumam ser empregados de forma errada como se significassem a mesma coisa"; em** *Of Woman Born* **(Nova Iorque: Baniam, 1976), 42-43, Rich observa também que "Robert Briffault encontra alguma dificuldade em demonstrar que o matriarcado nas sociedades primitivas não era apenas o patriarcado com um sexo diferente no comando" (p. 43). Para uma discussão de como o termo** *gilania* **evita esta confusão semântica, ver capítulo 8.**

[36] **Abraham Maslow,** *Toward a Psichology of Being,* **2ª ed. (Nova Iorque: Van Nostrand-Reinhold, 1968).**

[37] **Mellaart,** *Çatal Hüyük***, 184**.

[38] **Esta distinção será discutida mais longamente em** *Breaking Free* **de Riane Eisler e David Loye (a ser lançado). É uma distinção fundamental para a nova ética feminista hoje em desenvolvimento por muitos pensadores. Ver, por exemplo, Jean Baker Miller,** *Toward a New Psychology of Women* **(Boston: Beacon, 1976); Carol Gilligan,** *In a Different Voice* **(Cambridge: Harvard University Press, 1982); Wilma Scott Heide,** *Feminism for Health of It* **(Buffalo: Margaretdaughters Press, 1985). De particular interesse neste contexto é "The Uses of Archeology for Women's History: James Mellaart's Work on the Neolithic Goddess at Çatal Hüyük",** *Feminist Studies* **4 (outubro de 1978): 7-18, de Anne Barstow, que chegou independentemente a conclusão semelhante sobre a forma como o poder provavelmente era conceptualizado nas sociedades que cultuavam a Deusa (ver. p. 9).**

Capítulo 3: A diferença essencial: Creta (pp. 59-73)

[1] **Walter Emery, citado em Merlin Stone,** *When God Was a Woman* **(Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1976), xxii.**

[2] *Ibid.* **O preconceito androcêntrico observado por Stone na arqueologia tem sua contrapartida na maioria dos outros campos. Mas é importante notar que há também estudiosos do sexo masculino que deram importantes contribuições ao conhecimento sobre as mulheres e as chamadas "questões femininas". Um notável exemplo contemporâneo é o de Ashley Montagu, que em** *The Natural Superiority of Women* **(Nova Iorque: MacMilIan, 1968) e outros trabalhos acaba com muitos conceitos errôneos misóginos sobre a metade feminina da humanidade e "a inevitabilidade do patriarcado". Outra contribuição é a de Fritjof Capra, que, em** *O ponto de mutação: ciência, sociedade e a cultura emergente* **e em outras obras, reconhece a importância do feminismo no movimento por um futuro mais pacífico e humano.**

[3] **Nicolas Platon,** *Creta* **(Genebra; Nagel Publishers, 1966), 15.**

[4] *Ibid.,* **16, 25.**

[5] *Ibid.,* **26-47.**

[6] **Jacquetta Hawkes,** *Dawn of the Gods: Minoan and Mycenaean Origins Greece* **(Nova Iorque: Random House, 1968), 153.**

[7] *Ibid.,* **109.**

[8] **Platon,** *Creta,* **148,143.**

[9] **Hawkes,** *Dawn of the Gods,* **45, 73; Platon,** *Crete,* **148,161.**

[10] **Hans Gunther Buchholtz e Vassos Karageorghis,** *Prehistoric Greece e Cyprus: An Archaelogical Handbook* **(Londres: Phaidon, 1973), 20; Platon,** *Creta,* **148. Ver também Hawkes,** *Dawn of the Gods,* **186.**

[11] **Woolley, citado em Hawkes,** *Dawn of the Gods,* **73.**

[12] *Ibid,* **73-74.**

[13] **Platon,** *Creta,* **178.**

[14] *Ibid.,* **147,163.**

[15] *Ibid.,* **148,161-62.**

[16] *Ibid.,* **161,165.**

[17] **Hawkes, Dawn of The Gods, 90.**

[18] *Ibid.,* **58.**

[19] *Ibid.,* **Platon,** *Creta,* **181.**

[20] **Platon,** *Creta,* **179.**

[21] *Ibid,* **181-82.**

[22] **Reynold Higgins,** *An Archeology of Minoan Crete* **(Londres: The Be Head, 1973), 21.**

[23] **Hawkes,** *Dawn of the Gods,* **124,125.**

[24] **Como ainda é prática vigente na maioria das religiões, estes ritos minóicos tomavam muitas vezes a forma de oferendas rituais, tais como flores, frutos vinho ou grãos. Em contraste com as descobertas posteriores, na Mesopotâmia e Egito, de extensos e aparentemente rotineiros sacrifícios humanos (por exemplo, enterrar o faraó acompanhado de cortesãos e escravos), a única descoberta de um ritual cretense de sacrifício (escavado em um santuário ao pé de uma montanha denominada local de nascimento de Zeus) parecia representar, nas palavras de Joseph Alsop, "uma medida desesperada de protelar o que deveria se assemelhar ao fim do mundo". De fato, para os protagonistas do drama recém-escavado por arqueólogos, era o fim do mundo. Os tremores de um terremoto gigantesco derrubaram o teto (interrompendo o que parecia ser o esfaqueamento de um jovem por um sacerdote), matando a ambos (Joseph Alsop, "A Histórical Perspective",** *National Geographic,* **159, fevereiro de 1981,223-24). Ver também nota 67, cap. 5.**

[25] **Platon,** *Creta,* **148.**

[26] **Hawkes,** *Dawn of the Gods,* **75-76.**

[27] *Ibid;* **75-76. Platon enfatiza também que a passagem da época minóica para a micênica representou uma mudança do "amor à vida" para a crescente preocupação com a morte, tendo sido os micênicos responsáveis pela "introdução da adoração aos heróis" (Platon,** *Creta,* **68).**

[28] **Ruby Rohrlich-Leavitt, "Women in Transition: Crete and Sumer" em** *Becoming Visible,* **Renate Bridenthal e Claudia Koonz, eds. (Boston: Houghton Mifflin,1977),49,46.**

[29] **Platon,** *Creta,* **167, 147, 178.**

[30] **Rohrlich-Leavitt, "Women in Transition", 49.**

[31] **Na verdade, Rohrlich-Leavitt afirma que a condição feminina se tomou ainda mais elevada do que fora durante o neolítico** *(ibid.,* **42).**

[32] **Ver, por exemplo, William Masters e Virginia Johnson,** *The Pleasure Bond: A New Look at Sexuality and Commitment* **(Boston: Little, Brown, 1975).**

[33] **Hawkes,** *Dawn of the Gods,* **156.**

[34] **Arnold Hauser, citado em** *ibid.,* **73. Ou, como escreve Platon, "um refinado senso artístico, o prazer com a beleza, a graça e o movimento, com a vida e a proximidade da natureza, essas eram as qualidades que distinguiam os minóicos de todas as outras grandes civilizações de seu tempo"** *(Creta,* **143).**

[35] **Charles Darwin,** *The Descent of Man* **(Nova Iorque: Appleton, 1879), 168. A nota é para J. C. Nott e George R. Gliddon,** *Types of Mankind* **(Filadélfia: Lippincott, Grambo, 1854).**

[36] **Esta tendência persistiu entre os egiptólogos até o movimento de direitos civis americano da década de 60 forçar uma mudança da opinião erudita. Ver, por exemplo, John Hope Franklin,** *From Siavery to Freedom* **(Nova Iorque: Knopf, 1967) ou David Loye,** *The Healing of a Nation* **(Nova Iorque: Norton, 1971), para informações sobre a linhagem de líderes negros no Egito antigo.**

[37] **Arthur Evans, citado em Higgins,** *An Archeology of Minoan Creta,* **40.**

[38] **Buchholtz e Karageorghis,** *Prehistoric Greece e Cyprus,* **22.**

[39] **Platon,** *Creta,* **161, 177.**

Capítulo 4: As trevas como resultado do caos (pp. 74-92)

[1] James Mellaart, Ç*atal Hüyük* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967), 67.

[2] *Ibid.,* 225: "A população de Çatal Hüyük parece ter sido composta de duas raças diferentes."

[3] Assim, em agudo contraste com os aposentos sacerdotais posteriores tomo dos templos monumentais, em Çatal Hüyük os santuários (onde sacerdotisas e sacerdotes também viviam) espalhavam-se entre os aposentos) povo e, embora algumas vezes maiores, tinham o mesmo plano dos outros aposentos *(Ibid;* cap. 6). Da mesma forma, em Creta não há templos monumentais em honra a deuses rígidos e punitivos do trovão e da guerra, administrados por um sacerdócio masculino a serviço de soberanos masculinos todo-poderosos.

4 Outro livro explicará esta questão, bem como as várias teorias sobre os primórdios da dominação masculina.

[5] James Mellaart, The Neolithic of the Middle East, 280.

[6] *Ibid.,* 275-76.

[7] Marija Gimbutas, "The First Wave of Eurasian Steppe Pastoralists into Copper Age Europe", *Journal of Indo-European Studies* 5 (inverno de 1977): 277. Datas da primeira onda kurga revistas de acordo com comuna cão particular com Gimbutas em 1986.

[8] O conhecimento moderno não mais utiliza o termo *indo-europeu* como identidade racial. Indo-europeu refere-se a um grupo de línguas com raízes comuns, encontradas das ilhas britânicas à baía de Bengala. A mais recente pesquisa de campo realizada por antropólogos físicos demonstra que os chamados indo-europeus eram de tipos raciais diferentes. O uso original do termo por estudiosos da Europa Ocidental em fins dos séculos XVIII e XIX para referir-se tanto à raça quanto à língua era parte de uma ideologia comum, a qual buscava classificar o mundo por raça, depositando grande valor na pureza racial, o que viram afirmado no sistema de castas hindu. Ver Louis Fisher, *The Life of Mahatma Gandhi* (Nova Iorque: Harper & Broti 1950), 138-41, para uma interessante discussão da cultura antiga.

[9] Ver, por exemplo, James Mellaart, The Chalcolithic and Early Bronze Ages in the Near East and Anatolia (Beirute: Khayats, 1966).

[10] Ver, por exemplo, Cyrus Gordon, *Common Background of Greek and Hebrew Civilization* (Nova Iorque: Norton, 1965); Merlin Stone, *When Was a Woman* (Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1976).

[11] Friedrich Engels, *The Origins of the Family, Private Property, and the State* (Nova Iorque: Intemational Publishers, 1972); Ed. bras.: *Origens da família, da propriedade privada e do Estado* (Rio: Ed. Civilização Brasileira).

[12] O filme 2007, *Uma Odisséia no Espaço* e o livro de Robert Ardrey, *African Genesis* (Nova Iorque, Atheneum, 1961), são exemplos de obras populares que mostram os primórdios da consciência humana com a descoberta de como usar armas para matar. Para uma perspectiva bem diversa, ver, por exemplo, Richard Leakey e Roger Lewin, *People of The Lake* (Nova Iorque: Doubleday Anchor, 1978), baseado em grande parte nas famosas descobertas da família Leakey e a cuidadosa análise de restos fósseis de nossos primeiros ancestrais no vale africano de Rift.

[13] Ver Marija Gimbutas, "The Beginning of the Bronze Age in Europe and the Indo-Europeans: 3500-2500 B.C.", *Journal of Indo-European Studies l* (1973): 166.

[14] *Ibid.,* 168.

[15] Engels, Origens da família.

[16] Gimbutas, "Beginning of the Bronze Age", 174-75.

[17] *Ibid.* Ver também Gimbutas, "First Wave of Eurasian Steppe Pastoralists".

[18] Gimbutas, "Beginning of the Bronze Age", 166.

[19] A relativa rapidez no tempo evolutivo pode parecer um longo espaço de tempo quando medido pelos padrões habituais. No entanto, o principal é que a mudança não é necessariamente gradativa, tampouco necessariamente um movimento unidirecional de estágios inferiores para superiores.

[20] Ver, por exemplo, Gimbutas, "First Wave of Eurasian Steppe Pastoralists", 281.

[21] *Ibid.*

[22] Gimbutas, "Beginning of the Bronze Age", 201.

[23] *Ibid.,* 202.

[24] *Ibid.,* 202-3.

[25] Gimbutas, "First Wave of Eurasian Steppe Pastoralists", 297.

[26] *Ibid.,* **302.**

[27] *Ibid.,* **294-302.**

[28] *Ibid.,* **302,293, 285.**

[29] *Ibid.,* **304-05**

[30] *Ibid.,* **284-85**

[31] *Ibid.,* **297.**

[32] *Ibid.,* **281.**

[33] *Ibid.,* **285. Gimbutas, "Beginning ofThe Bronze Age", 177.**

[34] **Ver Gordon Childe,** *The Dawn of European Civilization,* **sexta edição (Nova Iorque: Alfred Knopf, 1958), 109.**

[35] *Ibid.,* **119.**

[36] *Ibid.,* **119,133**

[37] **Gimbutas, "First Wave of Eurasian Steppe Pastoralists", 289**

[38] *Ibid.,* **288, 290.**

[39] *Ibid.,* **292.**

[40] *Ibid.,* **294.**

[41] **Jacquetta Hawkes,** *Dawn of the Gods: Minoan and Mycenaean Origins of Greece* **(Nova Iorque: Random House, 1968), 186.**

42 Ver, por exemplo, Nicolas Platon, *Creta* **(Genebra: Nagel Publishers, 1966), 198-203, para uma discussão sobre algumas controvérsias de estudiosos no que se refere à forma como a civilização minóica chegou ao fim, bem como sobre o declínio geral nos níveis cultural e artístico durante a fase micênica.**

[43] **Hawkes, Dawn of the Gods, 233.**

[44] *Ibid.,* **235.**

[45] *Ibid.,* **236.**

[46] *Ibid.,* **240.**

[47] *Ibid.*

[48] **Platon,** *Creta***, 202.**

[49] **Homero,** *A Odisséia.*

[50] **É evidente que um movimento rumo a uma maior complexidade tecnológica e social não é o mesmo que um movimento em direção a uma tecnologia e sociedade que elevarão a condição humana. Em um segundo livro,** *Breaking Free,* **Riane Eisler e David Loye examinarão em detalhes a relação entre as evoluções social, tecnológica e cultural.**

[51] **A Bíblia Dartmouth, comentada por Roy Chamberlain e Herman Feldman, com supervisão de uma junta consultora de estudiosos bíblicos (Boston: Houghton Mifflin, 1950), 78-79.**

[52] **Juízes 3:2, Êxodo, 23:29. Josué 23:13. Ver também a análise feita por estudiosos bíblicos da Bíblia Dartmouth, 187-88.**

Capítulo 5: Lembranças de uma era perdida (pp. 93-113)

[1] **Hesíodo,** *Os trabalhos e os dias,* **citado em John Mansley Robinson,** *An Introduction to Early Greek Philosophy* **(Boston: Houghton Mifflin, 1968), 12-13.**

[2] *Ibid.,* **13-14.**

[3] *Ibid.,* **14.**

[4] *Ibid.,* **15.**

[5] *Ibid.,* **16.**

[6] *Ibid.,* **15-16.**

[7] **J. V. Luce,** *The End Of Atlantis* **(Londres: Thames & Hudson, 1968) 137, 20.**

[8] **Nicolas Platon,** *Creta* **(Genebra: Nagels Publishers, 1966), 69. Platon enfatiza que para explicar o "milagre grego" devemos contemplar a tradição pré-helênica. Outra estudiosa que defende este ponto de vista é Jacquetta Hawkes** *(Dawn of the Gods: Minoan and Mycenaean Origins of Greece),* **Nova Iorque: Random House, 1968.**

[9] **Ver, por exemplo, Spyridon Marinatos, "The Volcanic Destruction of Minoan Crete",** *Antiquity* **13 (1939): 425-39, um dos primeiros trabalhos científicos sobre o tema, bem como o de Luce,** *The End of Atlantís,* **para uma visão mais abrangente e mais recente.**

[10] **Luce,** *The End of Atlantis,* **158. Para algumas das visões conflitantes sobre como, quando e por que a civilização cretense chegou ao fim, ver, por exemplo, Arthur Evans,** *The Palace of Minos,* **vols. 1-4 (Londres: MacMillan, 1921-35); Leonard Palmer,** *Mycenaeans and Minoans* **(Londres: Faber & Faber, 1961); Platon,** *Creta.*

[11] **Marinatos, "Volcanic Destruction of Minoan Crete"; Luce,** *The End of Atlantís;* **Platon,** *Creta* **p. 69.**

[12] **Merlin Stone,** *When God Was a Woman* **(Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1976), 82. Na introdução, Stone conta que, viajando de museu a museu e percorrendo as bibliotecas, reunindo o material sobre as antigas deidades femininas, muitas de suas fontes só foram encontradas nas prateleiras dos fundos, e como era exasperante que "tantos escritos antigos e relevantes e o estatuário houvessem sido intencionalmente destruídos". Além de tudo isso, ela precisou "defrontar-se com o fato de que mesmo o material que existia fora quase completamente ignorado na literatura popular e na instrução em geral", (pp. xvi-xvii).**

[13] *Ibid.,* **219.**

[14] *Ibid.,* **42-43.**

[15] **H. W. F. Saggs, citado em** *ibid..* **39. Ver também Walter Hinz, citado em** *ibid.,* **41.**

[16] **Ruby Rohrlich-Leavitt, "Women in Transition: Crete and Sumer", em** *Becoming Visible,* **Renate Bridenthal e Claudia Koonz, org. (Boston: Houghton Mifflin, 1977), 53.**

[17] **Ver, por exemplo, Leonard Woolley,** *The Sumerians* **(Nova Iorque: Norton, 1965), 66; George Thompson,** *The Prehistoric Aegean* **(Nova Iorque: Citadel, 1965), 161.**

[18] **Stone, When God Was a Woman, 41.**

[19] *Ibid.* **Ver também Rohrlich-Leavitt, "Women in Transition", 55.**

[20] **Stone, When God Was a Woman, 82.**

[21] *Ibid.*

[22] *Ibid,* **3.**

[23] *Ibid.,* **84.**

[24] **Ver, por exemplo, Jacquetta Hawkes e Leonard Woolley,** *Prehistory and the Beginning of Civilization* **(Nova Iorque: Harper & Row, 1963), 265, que escreveram: "É ponto pacífico o fato de que, graças a seu papel primitivo de colhedora de alimentos vegetais, a mulher foi responsável pela invenção e desenvolvimento da agricultura." Ver também Ester Boserup,** *Woman's Role in Economic Development* **(Londres: Allen & Unwin, 1970); e Stone,** *When God Was a Woman,* **36, citando Diodoro.**

[25] **Ver, por exemplo, James Mellaart,** *Çatal Hüyük* **(Nova Iorque, McGraw-Hill, 1967), particularmente os capítulos 4 (arquitetura), 5 (planejamento urbano), 6 (santuários e relevos), 7 (pintura mural), 8 (escultura), 10 (ofícios e comércio), 11 (o povo e a economia). Mas, como escreve Mellaart em** *The Neolithic of the Near East* **(Nova Iorque: Scribner, 1975), "embora a pesquisa arqueológica tenha feito grandes progressos no último quarto de século, a interpretação não tem acompanhado as descobertas, e grande parte da teoria sobre o desenvolvimento cultural parece lamentavelmente desatualizada" (p. 276).**

[26] **Ver, por exemplo, Mellaart,** *Çatal Hüyük,* **cap. 10, onde Mellaart observa: "Prospecção e comércio constituíam os itens mais importantes da economia da cidade, e sem dúvida contribuíram de forma apreciável para sua riqueza e prosperidade" (p. 213).**

[27] **Ver, por exemplo, Jane Harrison,** *Prolegomena to the Study of Greek Religion* **(Londres: Merlin Press, 1903, 1962), 261, citando o poema-oração de Esquilo para "Acima de todos os outros deuses (...) a profetisa primeva".**

[28] **Ver, por exemplo, Stone,** *When God Was a Woman,* **especialmente a introdução e os capítulos 2 e 3.**

[29] **Para alguns estudiosos anteriores que aludiram à principal contribuição feminina a nossas invenções físicas e espirituais primordiais, ver Robert Briffault,** *The Mothers* **(Nova Iorque: Johnson Reprint, 1969); e Erich Neumann,** *The Great Mother* **(Princeton, NJ: Princeton University Press, 1955).**

[30] **Nancy Tanner,** *On Becoming Human* **(Boston: Cambridge University Press, 1981); Jane Lancaster, "Carrying and Sharing in Human Evolution",** *Human Nature* **l (fevereiro de 1978): 82-89; Lila Leibowitz,** *Females, Males, Families: A Biosocial Approach* **(North Scituate, Mass.: Duxbury Press, 1978); Adrienne Zihiman, "Motherhood in Transition: From Ape to Human," em** *The First Child and Family Fonnation,* **Warren Miller e Lucille Newman, orgs. (Chapel Hill, NC: Carolina Population Conter, 1978). Para um bom resumo das diversas teorias de nossas origens hominídeas (bem como os dados fascinantes sobre as primatas femininas), ver Linda Marie Pedigan,** *Primate Paradigms: Sex Roles and Social Bonds* **(Montreal: Éden Press, 1982). Ver também Ashley Montagu,** *The Nature of Human Agression* **(Nova Iorque: Oxford University Press, 1976), para uma excelente exposição de evidências que desmascaram a ideia de que, como escreveu Robert Ardrey, "O homem emergira de um passado antropóide por um único motivo: porque era um assassino". Robert Ardrey,** *African Genesis* **(Nova Iorque: Atheneum, 1961), 29.**

[31] **Ver nota 30. Ver também Richard Leakey e Roger Lewin,** *People of the Lake* **(Nova Iorque: Doubleday Anchor, 1978).**

[32] **Tanner,** *On Becoming Human,* **190.**

[33] *Ibid.,* **caps. 10 e 11. Ver particularmente as páginas 258-62 sobre uso de ferramentas, expansão da capacidade craniana e redução dentária.**

[34] *Ibid.,* **268.**

[35] *Ibid.,* **146,268.**

[36] **Ver nota 25.**

[37] **Ester Boserup,** *Woman's Role in Economic Development* **(Londres: Allen & Unwüi, 1970);** *The State ofthe World's Women 1985* **(compilado para as Nações Unidas por New Intemationalist Publications, Oxford, Grã-Bretanha); Barbara Rogers,** *The Domestication of Women: Discrimination in Developing Societies* **(Nova Iorque: St. Martin's, 1979).**

[38] **Ver, por exemplo, Stone,** *When God Was a Woman,* **36, citando Diodoro sobre Ísis; 3, sobre Ninlil.**

[39] **Ver, por exemplo, Neumann,** *The Great Mother;* **Mara Keller, "The Mysteries of Demeter and Persephone, Ancient Greek Goddesses of Fertility, Sexuality and Rebirth" (ainda não publicado). O estudo minucioso de Keller sobre os mistérios de Elêusis é uma contribuição muito importante para a compreensão do sistema de rituais envolvido na antiga adoração à Deusa. Ele analisa também a degeneração de práticas envolvendo tanto o sacrifício com derramamento de sangue quanto a comercialização destes ritos no período grego clássico.**

[40] **Briffault,** *The Mothers,* **1:473-74, Neumann,** *The Great Mother,* **134-36, ênfase no original.**

[41] **Stone, When God Was a Woman, 4.**

[42] **Neumann,** *The Great Mother,* **178.**

[43] **Stone, When God Was a Woman, 200.**

[44] *Ibid.,* **pp. 201-202. Ver também Barbara G. Walker,** *The Woman's Encyclopedia of Myths and Secrets* **(San Francisco: Harper & Row, 1983).**

[45] **Harrison, Prolegomena to the Study of Greek Religions, 261.**

[46] **Diodorus Siculus, citado em Stone,** *When God Was a Woman,* **36.**

[47] **Harrison,** *Prolegomena,* **343.**

[48] **Stone, When God Was a Woman, 199, 3.**

[49] **Marija Gimbutas,** *The Early Civilization of Europe* **(monografia para Indo-European Studies 131, University of California em Los Angeles, 1980), caps. 2,17.**

[50] **Manja Gimbutas,** *The Goddesses and Gods of Old Europe, 7000-3500 B.C.* **(Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1982), 22-23, citando o professor Vasic.**

[51] *Ibid.,* **22-25**

[52] *Ibid.*

[53] *Ibid.*

[54] **Gimbutas, Early Civilization of Europe, caps. 2, 72.**

[55] *Ibid,* **caps. 2, 78.**

[56] *Ibid,* **caps. 2, 75-77.**

[57] *Ibid,* **caps. 2, 78.**

[58] **Ver também Hawkes,** *Dawn of the Gods,* **68.**

[59] Ver nota 24.

[60] Há inúmeras controvérsias sobre se o sacrifício ritual era praticado junto com o culto à Deusa. Os sacrifícios humanos em massa encontrados nas tumbas de períodos egípcios e babilônicos só aparecerão depois, e aparentemente são elaborações sobre o tema do sacrifício de esposas, concubinas e/ou servas dos homens, introduzidas na Europa e Índia pelos indo-europeus. Mas há também alguns dados arqueológicos que parecem indicar exemplos de sacrifícios rituais no neolítico. Ver, por exemplo, Gimbutas, *Goddesses and Gods of Old Europe,* 74. A maior parte dos dados, contudo, são míticos; ver, por exemplo, *Sir* James Frazer, *The Golden Bough* (Nova Iorque: MacMillan, 1922). Frazer foi um dos principais expoentes do século XIX na teoria de que os reis eram sacrificados regularmente no que ele denominou sociedades matriarcais. Pode ser que esse sacrifício ritual constituísse prática regular, como acreditava Frazer. Ou podem ter constituído medida de emergência destinada a evitar o desastre iminente. Como observado anteriormente, a descoberta do sacrifício ritual minóico decerto foi a última. Ali, um sacerdote foi interrompido no sacrifício de um jovem por um terremoto que os matou (Yannis Sakellarakis Sapouna Sakellarakis, "Drama of Death in a Minoan Temple", *National Geographic* 159, fevereiro de 1981: 205-22). Isso leva à conclusão, assim como o fato de não haver outros indícios de sacrifícios rituais minóicos, de que o sacrifício humano, como escreve Joseph Aisop, não era prática minóica regular. Ao contrário, assim como exemplos semelhantes em épocas gregas clássicas posteriores, ao que parece "aquela foi uma medida desesperada de deter o que deveria parecer o fim do mundo" (Joseph Aisop, "A Historical Perspective", *National Geographic* 159, fevereiro de 1981: 223-24). Sabemos que no quinto século a.C. os gregos antigos sacrificavam ocasionalmente um *pharmakos,* ou "bode expiatório" (em geral um criminoso condenado), como ato de purificação ritual (ver, por exemplo, Harrison, *Prolegomena,* 102-5). No entanto, as opiniões se dividem na questão de saber se tais sacrifícios eram praticados regularmente. Alguns estudiosos, como Elinor Gadon, embora não afirmem ter sido esta prática universal, ou mesmo comum, apontam a evidência de que na cultura harappan índia que floresceu de 3000 a 1800 a.C., o sacrifício humano ritual era praticado (comunicação particular com Gadon, 1986). Outros estudiosos, tais como Nancy Jay e Mara Keller, argumentam que nem mesmo os sacrifícios com sangue de animais eram praticados pelos povos agrários que cultuavam a Deusa. Por exemplo, na conhecida história bíblica de Caim e Abel, Caim (representando o povo agrícola de Canaã) oferece a Jeová frutos e grãos. Esta oferenda, contudo, é rejeitada por Jeová, que aceita o sacrifício do sangue de Abel (representando os invasores pastoris). (Para um reexame mais anterior desse mito, ver E. Cecil Curwen, *Plough and Pasture,* Londres: Cobbett Press, 1946). Há igualmente indícios de que em Çatal Hüyük não havia nenhuma espécie de sacrifício com sangue. O culto a Ceres, que remonta a época anterior às invasões indo-européias, da mesma forma, envolvia originalmente apenas oferendas de frutos e grãos (Mara Keller, "The Mysteries of Demeter and Persephone, Ancient Greek Goddesses of Fertility, Sexuality and Rebirth").

[61] Na formulação dessa definição de racional e irracional, sou grata ao filósofo Herbert Marcuse e a sua discussão da razão em *One-Dimensional Man* (Boston: Beacon Press, 1961).

[62] Julian Haynes, The Origins of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind (Boston: Houghton Mifflin, 1977).

[63] Ver, por exemplo, C. A. Newham, *The Astronomical Significance of Stonhenge* (Leeds: John Blackburn, 1972). Da mesma forma, Mellaart descreve Çatal Hüyük como possuidora de "tecnologia avançada na tecelagem, trabalhos em madeira e metalurgia" e "práticas avançadas na agricultura e criação de gado" *(Çatal Hüyük,* ii).

[64] J.E. Lovelock, *Gaia* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1979).

[65] James Mellaart, *Excavations at Hacilar* (Edinburgh: Edinburgh University Press, 1970), 2:iv.

[66] *Ibid.,* vi

[67] *Ibid.,* 249.

Capítulo 6: A realidade de pernas para o ar: parte I (pp. 114-127)

[1] 1. Esquilo, *Oréstia* (Chicago, University of Chicago Press, 1953), 158.

[2] *Ibid.*

[3] *Ibid.,* 161.

[4] *Ibid..* 153.

[5] Ver, por exemplo, Hugh LIoyd-Jones, introdução a *Agamemnon, The Libation Bearers, The Eumenides* (Englewood Cliffs, N J: Prentice Hall, 1970).

[6] Joan Rockwell, Fact in Fiction: The Use of Literature in the Systematic Study of Society (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1974), cap. 5.

[7] George Thompson, *The Prehistoric Aegean* (Nova Iorque: Citadel, 1975); H. D. F. Kitto, *The Greeks* (Baltimore: Penguin Books, 1951), 19.

[8] Rockwell, *Fact in Fiction,* 163.

[9] *Ibid.,* 162.

[10] *Ibid.*

[11] Ésquilo, *Oréstia,* 167.

[12] Rockwell, *Fact in Fiction,* 150.

[13] Ésquilo, *Oréstia,* 164.

[14] Para uma excelente análise de Spencer e outros teóricos androcêntricos do século XIX, ver Martha Vicinus, org., *Suffer and Be Still: Women in the Victorian Age* (Bloomington, IN: Indiana University Press, 1972), esp. 126-45.

[15] Ver, por exemplo. Números 32, l Crônicas 5.

[16] Ver David Loye e Riane Eisler, "Chaos and Transformation: Implications of Non-Equilibrium Theory for Social Science and Society", em *Behavioral Science,* 32 (1987), 53-65.

[17] Ver, por exemplo, Humberto Maturana, "The Organization of the Living: A Theory of the Living Organization", em *Journal of Man-Machine Studies* 7 (1975): 313-32 e Vilmos Csanyi, *General Theory of Evolution* (Budapeste: Akademiai Kiado, 1982).

[18] Ver, por exemplo, Vilmos Csanyi e Georgy Kampis, "Autogenesis: The Evolution of Replicative Systems", em *Journal of Theoretical Biology* 114 (1985): 303-21.

[19] Ver, por exemplo, 2 Reis 18:4; Números 31; 2 Crônicas 33

[20] George Orwell, *1984.*

[21] Ver Mary Daly, *Gyn/Ecology: The Metaethics of Radical Feminism* (Boston: Beacon Press, 1978), para este importante *insight.*

[22] Ver A *Bíblia Dartmouth* (Boston: Houghton Mifflin, 1950) para um relato de como os estudiosos têm conseguido reconstituir o processo de compilação da Bíblia ao longo de centenas de anos por diversas "escolas" de rabinos e padres. Ver especialmente 5-11.

[23] *Ibid.,* 9.

[24] *Ibid.,* 10.

[25] *Ibid.,* 10.

[26] *Ibid.*

[27] *Ibid.*

[28] Marija Gimbutas, *The Goddesses and Gods of Old Europe,* 7000-3500 B.C. (Berkeley e Los Angeles, University of California Press, 1982), 93.

[29] *Ibid.,* 149. Ver, por exemplo, ilustração 59, Erich Neumann, *The Great Mother* (Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1955).

[30] Para uma visão geral da onipresença das imagens da serpente associadas à Deusa, nas culturas balcânicas, européias, asiáticas e até mesmo americanas, ver ilustrações em Neumann, *The Great Mother.*

[31] Ver, por exemplo, Joseph Campbell, *The Mythic Image* (Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1974), 295.

[32] Ver, por exemplo, *ibid.,* 296. Ver também Jane Harrison, *Prolegomena to the Study of Greek Religion* (Londres: Merlin Press, 1903, 1962), para uma visão geral das origens da serpente na mitologia grega.

[33] Gimbutas, The Godesses and Gods of Old Europe, 149.

[34] Merlin Stone, *When God Was a Woman* (Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1976), 67.

[35] A *Bíblia Dartmouth,* 146; 2 Reis 18:4.

[36] Campbell, *The Mythic Image,* 294.

[37] 2 Reis 18:4.

[38] Para uma discussão sobre as origens de Eva, ver, por exemplo, Robert Graves e Raphael Datai, *Hebrew Myths* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1963), 69.

[39] **Génese 3:16. A passagem "à mulher disse ele, multiplicarei enormemente vosso sofrimento e concepção: em sofrimento concebereis o filho, e vosso desejo deve ser o de vosso esposo, e ele deverá governar-vos" faz sentido quando a história da expulsão do paraíso é vista como uma fábula androcrática sobre como o povo agrícola (ou horticultor) igualitário, o qual venerava a Deusa, foi conquistado por pastoralistas belicosos de supremacia masculina, e como isso marcou o fim das liberdades sexual e de reprodução das mulheres. A passagem "multiplicarei enormemente vosso sofrimento e concepção" sugere que naquela época as mulheres não só perderam o direito de escolher com quem fariam sexo, mas também o direito de usar métodos de controle da natalidade. Verifica-se que o uso de contraceptivos remonta à Antiguidade pelos antigos papiros egípcios que descrevem o uso de espermicidas. Ver Norman Himes,** *Medical History of Contraception* **(Nova Iorque: Schocken, 1970), 64.**

[40] **Para um trabalho extraordinário do século XIX, que desafia não só o saber convencional de seu tempo mas a própria Bíblia, ver Elizabeth Cady Stanton,** *The Woman's Bible* **(reeditado em** *The Original Feminist Attack on the Bible,* **introdução de Barbara Welter (Nova Iorque, Amo Press, 1974). Publicado pela primeira vez em 1895, a despeito das objeções de muitas outras feministas, que o consideraram terrivelmente sacrílego ou irrelevante em uma época secular ou culta,** *The Woman´s Bible* **é o trabalho de diversas estudiosas feministas. Embora algumas delas busquem reconciliar a Bíblia com as aspirações feministas, Elizabeth Cady Stanton, talvez a mais notável das feministas do século XIX, foi direto ao âmago da questão, identificando e criticando as muitas passagens nas quais se supunha que as mulheres eram consideradas, por ordem divina, criaturas inferiores. Desde então, particularmente durante as décadas de 1970 e 1980, muitas mulheres reexaminaram a Bíblia, dando importantes contribuições ao saber religioso. Para alguns enfoques sobre esta nova pesquisa, ver Gail Graham Yates, "Spirituality and the American Feminist Experience",** *Signs 9* **(outono de 1983): 59-72; Arme Barstow Driver, "Review Essay: Religion",** *Signs 1* **(inverno de 1976): 434-42; Rosemary Ruether, "Feminist Theology in the Academy",** *Christianity and Crisis* **45 (1985); 55-62; ver também Carol P. Christ e Judith Plaskow, eds.** *Womanspirit Rising* **(Nova Iorque: Harper & Row, 1979); Nancy Auer Falk e Rita Gross, org.,** *Unspoken Worlds* **(Nova Iorque: Harper & Row, 1980): Chariene Spretnak, org.,** *The Politics of Woman's Spirituality* **(Nova Iorque: Doubleday Anchor, 1982); Elisabeth Schussier Fiorenza,** *In Memory of Her* **(Nova Iorque: Crossroad, 1983); Rosemary Radford Ruether, org.,** *Religion and Sexism: Images of Women in Jewish and Christian Traditions* **(Nova Iorque: Simon & Schuster, 1974); Mary Daly,** *Beyond God the Fa-ther* **(Boston: Beacon, 1973); Susannah Herschel, org.,** *On Being a Jewish Feminist* **(Nova Iorque: Schocken Books, 1982). Um trabalho recente, conciso e excelente é o de Carol P. Christ "Toward a Paradigm Shift in the Academy and in Religious Studies", em** *Transfomúng the Consciousness of the Academy,* **Christy Farham, org. (Bloomington, IN: Indiana University Press, 1987). Para uma fascinante reinterpretação da história bíblica de Sara, ver Savina J. Teubal,** *Sarah the Priestess: The First Matriarch of Genesis* **(Chicago: Swailow Press, 1984)**

Capítulo 7: A realidade de pernas para o ar: parte II (pp. 128-143)

[1] **Marija Gimbutas, "The First Wave of Eurasian Steppe Pastoralists into Copper Age Europe",** *Joumal of Indo-European Studies, 5* **(inverno de 1977): 297.**

[2] **Números 31, Josué 6,7, 8,10,11.**

[3] **Na atualidade uma maior complexidade tecnológica e social também está criando novos papéis, e uma das principais questões contemporâneas é saber se os mais lucrativos e prestigiosos devem novamente ser destinados aos homens.** *Breaking Free,* **sequência deste livro, examina tal questão. Para uma interessante discussão sobre tal tema da organização tecnológica e social na pré-história de uma perspectiva masculina, ver Lewis Mumford,** *The Myth of the Machine: Technics and Hwnan Development* **(Nova Iorque: Harcourt, Brace & Worid, 1966).**

[4] **Ver capítulo 3 para uma discussão de como uma maior complexidade social e tecnológica não leva necessariamente à dominação masculina, e como em Creta as mulheres mantiveram suas posições de poder e** *status* **enquanto prevaleceu um modelo de parceria na organização social.**

[5] **Edwin Oliver James,** *The Cult of the Mother Goddess* **(Londres: Thames & Hudson, 1959), 89. Em** *When God Was a Woman* **(Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1976), Merlin Stone observa especificamente a este respeito a importância de distinguir as formas que o culto à Deusa tomou** *antes e depois* **da imposição da dominação masculina. Mas infelizmente, em grande parte deste trabalho, de resto excelente, Stone não separa os dois claramente. Em conseqüência, é comum encontrarmos deidades femininas adoradas em períodos de dominação masculina discutidas dentro do mesmo contexto daquelas que representam a antiga Deusa, sem distinção entre Atena, Ishtar ou Cibele (todas elas deidades associadas à guerra) e a Deusa da pré-história, tal como as figuras de "Vênus" grávidas do paleolítico e a Grande Deusa-Mãe de Çatal Hüyük, as quais inicialmente são identificadas à regeneração da vida.**

[6] **6. Rohrlich-Leavitt, "Woman in Transition: Crete and Sumer", em** *Becoming Visible,* **Renate Bridenthal e Claudia Koonz, org. (Boston: Houghton Mifflin, 1977), 55. Para uma excelente coleção de ensaios de estudiosos relacionados**

com a questão fundamental de saber como as religiões posteriores têm refletido e perpetuado a degradação e subjugação das mulheres, ver Rose-mary Radford Ruether, *Religion and Sexism: Images of Women in Jewish and Christian Traditions* (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1974). Outros trabalhos mais recentes: de Carol Christ e Judith Plaskow, *Womanspirit Rising: A Feminist Reader in Religion* (San Francisco: Harper & Row, 1979); Charlene Spretnak, ed. *The Politics of Women's Spirituality* (Nova Iorque: Doubleday Anchor, 1982); e Mary Daly, *Gyn/Ecology: The Metaethics of Radical Feminism* (Boston: Beacon Press, 1978). Ver também Riane Eisler. "Our Lost Heritage: New Facts on How God Became a Man", *The Humanist* 45 (maio/junho 1985):26-28

[7] Raphael Patai, *The Hebrew Goddess* (Nova Iorque: Avon, 1978), 12-13. Mesmo na Bíblia lemos que o templo de Salomão também foi usado no culto a deuses e deusas, ao invés de Jeová.

[8] *Ibid,* 48-50. A despeito de todas as informações neste trabalho relativas a nossa herança religiosa ginocêntrica, a interpretação de Patai de modo geral inclui-se em um paradigma dominador. Para um enfoque diferente, de uma perspectiva feminista, ver Carol P. Christ, "Heretics and Outsiders: The Struggle over Female Power in Western Religion", *Soundings* 61 (outono de 1978); 260-280.

[9] Ver, por exemplo, Jeremias 44:17. Stone, *When God Was a Woman,* apresenta uma excelente discussão sobre este ponto. Ver também Elizabeth Gould Davis, *The First Sex* (Nova Iorque: Penguin Books, 1971), o qual contém interessante documentação sobre a enorme força do culto à Deusa, não somente entre as mulheres, mas também entre os homens, em épocas medievais. Por exemplo, Davis cita as cartas de Ciril, onde lemos que no século quinto d.C., quando eles foram informados de que dali em diante a Igreja estaria disposta a permitir-lhes o "culto à Virgem Maria como Mãe da Igreja", o povo de Éfeso dançou nas ruas (pág. 246).

[10] Para uma interessante análise da etimologia da palavra hebraica para a deidade, *Elohim,* ver S. L. MacGregor Mathers, *The Kabbalah Unveiled* (Londres: Routiedge & Kegan Paul, 1957) discutido em June Singer, *An-drogyny* (Nova Iorque: Anchor Books, 1977), 84. Mathers não somente salienta que *Elohim é o* nome feminino para deidade com final masculino, mas também que a palavra hebraica *ruach* (Espírito Santo) é feminina, assim como, naturalmente, a palavra *hochma* (sabedoria), todas antigas designações da Deusa.

[11] Para uma análise bastante convincente sobre como antigos mitos e símbolos foram "roubados e alterados, distorcidos e deformados" (pág. 75), ver Daly, *Gyn/Ecology,* esp. o cap. 2. Um aspecto fascinante desta e de outras análises deste tema reside em como através de caminhos independentes muitos estudiosos estão hoje chegando à mesma conclusão básica: o trabalho do dominador foi tão bem-sucedido na remodelação do mito que as "profecias" de Orwell em *1984* são "descrições do que já aconteceu". Pois não foi somente o fato de nossa pré-história — e com ela a Deusa — ter sido apagada; a danificação do pensamento forjada pelo expurgo de palavras sexualmente igualitárias de nossa linguagem impossibilitou "perceber o pensamento herege além da percepção de que ele era herege". Como em *1984,* as palavras necessárias não existem mais (Daly, *Gyn/Ecology,* 330-31; Orwell, *1984,* 252). Para algumas tentativas anteriores, não-feministas, de decifrar mitos religiosos e clássicos que, de forma distorcida, remontam a tempos pré-domina-dores, ver, por exemplo, Robert Briffault, *The Mothers* (Nova Iorque: Johnson Reprint, 1969); Jane Harrison, *Prolegomena to the Study of Greek Religion* (Londres: Merlin Press, 1903, 1962); M. Esther Harding, *Women's Mysteries* (Nova Iorque: Putnam, 1971); Erich Neumann, *The Great Mother* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1955); Robert Graves, *The White Goddess* (Nova Iorque: Vintage Books, 1958); Helen Diner, *Mothers and Amazons* (Nova Iorque: Julian Press, 1971); Frazer, *The Golden Bough* (Nova Iorque: MacMülan, 1922); J. J. Bachofeb, *Myth, Religion and Mother Right,* tradução Ralph Manheim (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1861, 1967). O termo *direito materno,* embora às vezes usado de maneira diferente, significa simplesmente um sistema de sucessão matrilinear e não patrilinear, em outras palavras, a linhagem traçada por parte da mãe, ao invés de, como em nossa época, por parte do pai.

[12] Ver, por exemplo, Josué 6:21; Deuteronômio 12:2-3. Como na tradição cristã, muitas vezes os judeus foram acusados de matar o Filho de Deus e de outras "perversidades", que para grande parte da história europeia serviu para a racionalização da perseguição e matança daqueles, é imperioso salientar que tais práticas não foram invenções dos hebreus, mas características de sociedades dominadoras. Para dois importantes artigos que questionam alegações equivocadas (ou implicações) de que os judeus são culpados do patriarcado, ver Judith Plaskow, "Blaming Jews for Inventing Patriarchy" e Annette Daum, "Blaming Jews for the Death of the Goddess", ambos *em Lilith,* 1980, nº 7:11-13.

[13] A *Bíblia Dartmouth* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), 146. À semelhança das fontes mais convencionais, *A Bíblia Dartmouth* denomina a primeira parte da Bíblia judaico-cristã o Antigo Testamento, embora estudiosos judeus observem que para os judeus existe somente um único livro sagrado; por conseguinte, os termos *Escrituras Hebraicas* ou *Bíblia Hebraica* seriam mais apropriados do que *Antigo Testamento.* Neste livro eu teria preferido usar o termo *Bíblia Hebraica.* Mas logo tomou-se evidente que isto causaria grande confusão, já que a maior parte das pessoas a quem consultei presumiram que isso se referia aos Escritos Apócrifos ou mesmo pergaminhos hebraicos recentemente encontrados (como os Pergaminhos do Mar Morto), e não à primeira parte da Bíblia.

[14] Ver, por exemplo. Números 31:18.

[15] **Êxodo 12:7.**

[16] **Números 31:9,17,18.**

[17] **Juizes 19:24. O fato de leitores, incluindo estudiosos da Bíblia, por tanto tempo terem conseguido ignorar placidamente o que tais passagens dizem sobre a desumanidade masculina com as mulheres é um horrível testemunho do poder do paradigma predominante. O fato de hoje uma nova onda de analistas bíblicos estarem independentemente reavaliando tais passagens e chegando independentemente às mesmas conclusões (ver por exemplo Mary Daly,** *Beyond God the Father* **[Boston: Beacon, 1973] é um testemunho estimulante do poder do ressurgimento contemporâneo de uma visão de mundo de parceria - assunto ao qual ainda voltaremos.**

[18] **Juizes 19:25-28.**

[19] **Génese 19.**

[20] **Levítico 12: 6-7.**

[21] **Neumann,** *The Great Mother,* **313.**

[22] *Ibid.***, 312**

[23] *New Catholic Encyclopedia***, vols. 2, 5:** *Hastings Encyclopedia of Religion and Ethics***, vol l.**

[24] **Ver, por exemplo, Joseph Campbell,** *The Mythic Image* **(Princeton: Princeton University Press, 1974), 59-64**

[25] **Daly,** *Gyn/Ecology,* **17-18, 39. Daly, teóloga, afirma vigorosamente que não somente se substituiu a árvore da vida pelo "símbolo necrófilo de um corpo morto pendurado em madeira morta", mas também o "patriarcado" é "em si mesmo a religião predominante em todo o planeta, sendo sua mensagem fundamental a necrofilia".**

Capítulo 8: O outro lado da história: parte I (pp. 144-160)

[1] **Pronuncia-se como se lê.**

[2] **Jane Harrison,** *Prolegomena to the Study of Greek Religion* **(Londres: Merlin Press, 1903,1962), 646.**

[3] **Jacquetta Hawkes,** *Dawn of the Gods: Minoan and Mycenean Origins of Greece* **(Nova Iorque: Random House, 1968), 261.**

[4] **Peças gregas posteriores tais como a** *Oréstia* **de Esquilo confirmam isto, pois aí rainhas como Clitemnestra estão claramente no poder, e seus maridos são citados como consortes.**

[5] **Hesíodo,** *Trabalhos e Dias,* **citado em John Mansley Robinson,** *An Introduction to Earty Greek Philosophy* **(Boston: Houghton Mifflin, 1968), 4.**

[6] **Heráclito, citado em Edward Hussey,** *The Pre-Socratics* **(Nova Iorque: Scribner, 1972), 49.**

[7] **Hesíodo, citado em Robinson,** *Early Greek Philosophy, 5.*

[8] **J. V. Luce,** *The End of Atlantis* **(Londres: Thames & Hudson, 1968), 158.**

[9] *Ibid.***,159**

[10] *Ibid.*

[11] **Por exemplo, Anaximandro (nascido em 612 a.C.) sob alguns aspectos rudimentares previu a teoria da evolução de Darwin. Ele afirmou a respeito das origens da vida humana que os protótipos de seres humanos foram originalmente produzidos como criaturas semelhantes a peixes, as quais antes de atingirem a maturidade deixavam a água e iam para a terra, mudando seu aspecto exterior semelhante ao de um peixe, emergindo em forma humana. Estas idéias sugerem que Anaximandro possa ter conhecido algo do desenvolvimento do embrião humano (Hussey,** *The Pre-Socratics,* **26; Robinson,** *Early Greek Philosophy,* **33-34)**

[12] **Robinson,** *Early Greek Philosophy***, 46.**

[13] **Hussey,** *The Pre-Socratics***, 14.**

[14] *Ibid,* **13.**

[15] *Ibid.*

[16] **Como já observado, estudiosos tais como Nicolas Platon e Jacquetta Hawkes têm escrito sobre as raízes cretenses da civilização grega. Conforme escreveu Platon: "Uma brilhante civilização produzida por povo tão dinâmico não poderia desaparecer sem deixar traços" (Nicolas Platon,** *Crete,* **Genebra: Nagel Publishers, 1966, 69.) Também é importante o fato de que ilustres cientistas filósofos pré-socráticos, como Xenófano de Calophon, Pitágoras de Samos**

e Tales, Anaximandro e Anaxímenes de Mileto, tenham morado em ilhas do Mediterrâneo Oriental e cidades na costa sul de Anatólia, sítios de culturas milenares de culto à Deusa, as quais só foram destruídas quando do violento ataque dório que prenunciou a Grécia homérica.

[17] A idéia de um universo unificado e inter-relacionado (anteriormente simbolizado pela Deusa como Mãe e Provedora) no qual tudo se relaciona ou mantém ligação, ao invés, como nas teorias androcráticas teológicas e científicas, de se constituir em hierarquias, expressa-se em algumas das declarações de Anaxágoras. "Em tudo", escreveu ele, "as coisas pertencentes a uma única ordem universal não são separadas uma da outra, ou apartadas com um machado - tampouco o quente do frio ou o frio do quente" (citado em Robinson, *Early Greek Philosophy,* 177-81).

[18] Hussey, *The Pre-Socratics*, 17.

[19] *Ibid,* 19.

[20] Ver, por exemplo, Robinson, *Early Greek Philosophy,* 34, 35, 89, 94, 137, 168.

[21] Marija Gimbutas, *The Goddesses and Gods of Old Europe,* 7000-3500 B.C. (Berkeley e Los Angeles: University of Califórnia Press, 1982), 102, 196.

[22] *Ibid,* 198.

[23] Erich Neumann, *The Great Mother* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1955), 275.

[24] Hussey, *The Pre-Socratics,* 14.

[25] Robinson, *Early Greek Philosophy*, 70.

[26] *Ibid*, 80.

[27] Harrison cita Aristóxeno como fonte da informação de que Pitágoras aprendeu ética com Temistocléia *(Prolegomena,* 646). Hawkes escreve que, como reformador do orfismo, Pitágoras adotou um "forte feminismo". *(Dawn of the Gods,* 283.)

[28] Harrison, *Prolegomena,* 646.

[29] *Ibid*, Hawkes, *Dawn of the Gods*, 284.

[30] Harrison, *Prolegomena,* 647.

[31] Platão, *República,* Livro 4.

[32] Ver também ilustrações sobre uma urna cineraria mostrando cerimônias de iniciação nas quais Ceres é entronizada e sua grande serpente, enroscada em torno dela, é acariciada pelo iniciado. À esquerda de Ceres está outra figura feminina, sua filha e deusa gémea, Perséfone (Harrison, *Prolegomena,* 546). Para um estudo novo e fascinante dos Mistérios de Elêusis, ver Keller, "The Mysteries of Demeter and Persephone, Ancient Greek Goddeesses of Fertility, Sexuality and Rebirth" (ainda não publicado). Conforme salienta Keller,os Mistérios de Elêusis preservaram muitos dos elementos do antigo culto à Deusa. Escreve ela: "Os ritos de Ceres e Perséfone falam das experiências da vida mais misteriosas de todos os tempos: nascimento, sexualidade, morte; e o maior de todos os mistério.s o amor duradouro. Nesta religião do Mistério, o povo do antigo mundo mediterrâneo expressava sua satisfação com a beleza e abundância da natureza, incluindo a colheita frugal de sua safra; com o amor pessoal, a sexualidade e a procriação; e no renascimento do espírito humano, embora através do sofrimento e da morte. Cícero escreveu a respeito destes ritos: 'Deram-nos não somente uma razão para viver com alegria, mas também para morrer com mais esperanças.' " (pág. 2).

[33] Augustine, citado em Harrison, *Prolegomena,* 261.

[34] Hawkes, *Dawn of the Gods*, 286.

[35] Elise Boulding, *The Underside of History* (Boulder, CO: Westview Press, 1976), 260-62. Conforme observa a filósofa feminista Mara Keller, é relevante o fato de Aspásia aparentemente originar-se de Anatólia, onde a Deusa ainda era primordial e as mulheres ainda eram em grande medida independentes (comunicação particular com Mara Keller, 1986). Aspásia, que chegou a Atenas em 450 a.C., abriu uma escola para mulheres e também proferia muitas conferências. Suas conferências eram frequentadas por Sócrates, Péricles e outros homens famosos (Will Durant, *The Life of Greece.* (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1939), 253.

[36] Harrison, *Prolegomena,* 646.

[37] Mary Beard, *Woman as a Force in History* (Nova Iorque: Macmilian, 1946),326.

[38] *Sappho: Lyrics in the Original Greek,* traduzido por Willis Bamstone (Nova Iorque: Anchor, 1965). A maior parte dos trabalhos de Safo foi queimada por fanáticos cristãos, juntamente com outros escritos "pagãos". Mas, conforme indaga Keller, por que Homero (o qual exaltava a guerra) foi poupado e os trabalhos de mulheres como Safo (a qual

exaltava o amor) foram destruídos? Para discussões sobre Safo, a qual Platão denominou a Décima Musa, ver, por exemplo, Hawkes, *Dawn of the Gods,* 286; Boulding, *Underside of History,* 260-62.

[39] Boulding, *Underside of History,* 260-62.

[40] Exemplos: *The Women at Demeter's Festivals*, e *The Women in Politics*, de Aristófanes.

[41] Robinson, *Early Greek Philosophy*, 269-70.

[42] *Ibid,* 286, 285.

[43] Tucídides, *History of the Peloponnesian War*, 267.

[44] Robinson, *Early Greek Philosophy*, 287.

[45] Aristóteles, *Política.*

[46] Génese 1-3.

[47] Fritjof Capra, *The Tuming Point: Science, Society, and lhe Rising Culture* (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1982), 282. Ed. bras.; *O ponto de mutação: ciência, sociedade e a cultura emergente* (São Paulo: Cultrix).

Capítulo 9: O outro lado da história: parte II (pp. 161-176)

[1] Leonard Swidier, "Jesus Was a Femimst", *The Catholic World,* janeiro de 1971,177-83.

[2] Ver, por exemplo, João 20: l -18.

[3] Entrevista com o professor S. Scott Bartchy em "Tracing the Roots of Christianity", *The UCLA Monthly* 11 (novembro-dezembro de 1980):5.

[4] Ver, por exemplo, Elizabeth Schussier Fiorenza, "Women in the Early Christian Movement", em Carol Christ e Judith Plaskow, orgs. *Wonwnspirit Rising: A Feminist Reader in Religion* (San Francisco: Harper & Row, 1979), 91-92; Elise Boulding, *The Underside of History* (Boulder, CO: Westview Press, 1976), 359-60. Fiorenza *em Memory of Her* (Nova Iorque: Crossroad, 1983) é um trabalho grandioso sobre o saber contido no Novo Testamento a partir de uma perspectiva feminista.

[5] James Robinson, org., *The Nag Hammadi Library* (Nova Iorque: Harper & Row, 1977). Isso de forma alguma implica que estes antigos evangelhos cristãos não sejam documentos androcráticos. É difícil julgar em que medida é função das variadas traduções por que passou, por exemplo, a última tradução, do copto para o inglês, realizada pelo Projeto Gnóstico Copto, do Instituto de Antiguidade e Cristianismo. Mas as imagens predominantes da linguagem mostram claramente que esses documentos foram escritos em uma época em que homem e a conceptualização masculina da deidade já dominavam. Entretanto, não há dúvida de que uma das maiores heresias nestes evangelhos reside no fato de diversos deles conterem uma volta à concepção pré-androcrática dos poderes governadores do universo em forma feminina, com referências aos poderes criativos e à sabedoria da Mãe. (Ver, por exemplo, *Evangelho de Tomás, Evangelho de Filipe; A Hipóstase dos Arcontes, Sophia de Jesus Cristo; O Trovão, Mente Perfeita; O Segundo Tratado da Grande Seth.)* Talvez a mais notável heresia que permeia todos estes evangelhos (que se originam de uma diversidade de tradições filosóficas e religiosas) seja o fato de desafiarem o dogma de que a hierarquia é de origem divina. Mesmo acima de tais motivos gilânicos como simbolismo do poder divino como feminino e referências a Maria Madalena como a companheira mais amada e fiel de Jesus está o fato de encontrarmos aí a cabal rejeição da noção de que a *gnose,* ou conhecimento, só possa ser obtida através da hierarquia da Igreja - através de papas, bispos e padres - os quais se tomaram, e ainda são, a marca registrada do cristianismo ortodoxo.

[6] Elaine Pagels, *The Gnostic Gospels* (Nova Iorque: Random House, 1979), xix.

[7] *Ibid.,* xix. Note-se que o Édito de Milão de Constantino, em 313 d.C., marcou o princípio da aliança da Igreja cristã com as classes dominantes romanas.

[8] Helmut Koester, "Introduction to the Gospel of Thomas", *The Nag Hammadi Library,* 117.

[9] Marcos, 16:9-20, Robinson, org., *The Nag Hammadi Library,* 471-74; Pageis, *The Gnostic Gospeis,* 11.

[10] Robinson, org., *Nag Hammadi Library,* 43, 138. Para uma análise dessas passagens, ver Pagels, *The Gnostic Gospels,* cap. l.

[11] Ver Pagels, *The Gnostic Gospels,* 11-14.

[12] *Ibid.,* 14. Algumas das escrituras cristãs oficiais ainda contêm traços dessa mensagem gilânica. Ver, por exemplo, João 8:32: "E deveis saber a verdade, e a verdade deverá libertar-vos."

[13] *Ibid.*, cap.3.

[14] *Ibid.,* xvii, 41.

[15] *Ibid.,* 41-42, grifos do original.

[16] *Ibid..* 42-43.

[17] *Ibid.,* 42.

[18] *Ibid.,* 54.

[19] Robinson, org., *The Nag Hammadi Library,* 461-62.

[20] Pagels, *The Gnostic Gospels*, 52.

[21] *Ibid..* 56-57.

[22] *Ibid.,* 52-53.

[23] *Ibid.,* 49.

[24] *Ibid.,* cap. 3; ver também p. 50 e segs.

[25] *Ibid..* 52-53.

[26] Entrevista com o professor S. Scott Bartchy em "Tracing the Roots of Christianity", 5.

[27] Ilya Prigogine e Isabel Stengers, *Order Out of Chaos* (Nova Iorque: Ban-tam, 1984), especialmente caps. 5, 6.

[28] Constance Parvey, "The Theology and Leadership of Women in the New Testament", em Rosemary Radford Ruether, org., *Religion and Sexism: ímages of Women in Jewish and Christian Traditions* (Nova Iorque: Simon & Schuster,1974),118.

[29] Pagels, *The Gnostic Gospels*, 62-63.

[30] Abba Eban, *My People: The Story of the Jesus* (Nova Iorque: Random House, 1968).

[31] Pagels, The Gnostic Gospels, 63.

[32] *Ibid.,* p. 49.

[33] *Ibid.,* xviii.

[34] Ver, por exemplo, *New Columbia Encyclopedia* (Nova Iorque: Columbia University Press, 1975), 634; H. G. Wells, *The OutUne of History* (Nova Iorque: Garden City Publishing, 1920), 520; Elizabeth Gould Davis, *The First Sex* (Nova Iorque: Penguin Books, 1971), 234,237; Hendrik Van Loon, *The Story of Mankind* (Nova Iorque: Bom & Liveright, 1921), 135.

[35] Ver, por exemplo, Wells, *Outline of History,* 522-26; Davis, *The First Sex,* cap. 14; G. Rattray Taylor, *Sex in History* (Nova Iorque: Ballantine, 1954).

[36] Pagels, *The Gnostic Gospels*, 69.

[37] *Ibid.,* 57, grifos acrescentados

[38] Ver, por exemplo, *New Columbia Encyclopedia*, 61; Davis, *The First Sex*, 420

[39] New Columbia Encyclopedia, 705, 1302; Davis, The First Sex. 420.

[40] Pagels, *The Gnostic Gospels*, 68.

[41] Will Durant e Ariel Durant, *The History of Civilization* (Nova Iorque: Simon & Schuster), vol. 4, *The Age of Faith,* 843.

Capítulo 10: Modelos do passado (pp. 177-199)

[1] Ilya Prigogine e Isabel Stengers, *Order Out of Chaos* (Nova Iorque: Bantam, 1984); Edward Lorenz, "Irregularity: A Fundamental Property of the Atmosphere", *Telius,* 1984, n^0 36A: 98-110; Ralph Abraham e Christopher Shaw, *Dynanúcs: The Geometry of Behavior* (Santa Cruz, CA: Aerial Press, 1984).

[2] Prigogine e Stengers, *Order Out of Chaos,* 169-70.

[3] Abraham e Shaw, *Dynamics: The Geometry of Behavior*.

[4] *Ibid.*

[5] **Prigogine e Stengers,** *Order Out of Chaos,* **189-90.**

[6] *Ibid.,* **citações (em ordem) de 187,176-77.**

[7] **Para as teorias cíclicas da história e economia, ver, por exemplo, Walter Kaufman,** *Hegel: A Reinterpretation* **(Garden City; Nova Iorque: Doubleday, 1965); Oswald Spengler,** *The Decime of the West* **(Nova Iorque: Knopf, 1926-1928); Pitirim Sorokin,** *The Crisis of Our Time* **(Nova Iorque: Dutton, 1941); R. Hamil, "Is the Wave of the Future a Kondratieff?"** *The Futurist,* **outubro de 1979; Arthur Schiesinger,** *The Tides of Politics* **(Boston: Hou-ghton Mifflin, 1964); David Loye,** *The Leadership Passion* **(San Francisco: Jossey-Bass, 1977**

[8] **Henry Adams,** *The Education of Henry Adams* **(Nova Iorque: Houghton Mifflin, 1918), 441-42.**

[9] *Ibid.,* **388. Para uma interessante interpretação enfatizando o elevado valor do "feminino" em Adams, ver Lewis Mumford, "Apology to Henry Adams", em** *Interpretation and Forecasts: 1922-1972* **(Nova Iorque: Har-court Brace Jovanovich, 1973), 363-65.**

[10] **G. Rattray Taylor,** *Sex in History* **(Nova Iorque: Ballantine, 1954).**

[11] **Ver, por exemplo, Wilhelm Reich,** *The Mass Psychology of Fascism* **(Nova Iorque: Farrar, Strauss, Giroux, 1980).**

[12] **Taylor,** *Sex in History,* **cap. 5.**

[13] *Ibid.* **Ver particularmente a comparação patrista/matrista na p. 81.**

[14] **Para uma excelente biografia (e história de seu tempo), ver Marion Meade,** *Eleanor of Aquitaine* **(Nova Iorque: Hawthorn Books, 1977). Ver também Robert Briffault,** *The Troubadors* **(Bloomington, IN: Indiana University Press, 1955).**

[15] **Taylor,** *Sex in History,* **84.**

[16] *Ibid.,* **91.**

[17] *Ibid.,* **85.**

[18] **Heinrich Kramer e James Sprenger,** *Malleus Maleficarum,* **trad. para o inglês de Montague Summers (Londres: Pushkin Press, 1928), publicado originalmente em 1490 com a bênção do papa como guia para os inquisidores na caça às bruxas.**

[19] **Gregory Zilboorg, citado em Barbara Ehrenreich e Deirdre English,** *Witches, Midwives and Nurses: A History of Women Healers* **(Oíd Westbury, Nova Iorque: Feminist Press, 1973), 7.**

[20] *Ibid.*

[21] *Ibid.,* **10. Para uma profunda abordagem deste assunto, ver também Wendy Faulkner, "Medical Technology and the Right to Heal", em Wendy Faulkner e Erik Arnold, orgs.** *Smothered by Invention: Technology in Women s Lives* **(Londres: Pluto Press, 1985). Esta pesquisa-relatório bem documentada mostra que, como a Igreja adentrou o negócio de especialização de médicos nas universidades sancionadas pela Igreja (as quais excluíam mulheres), as curandeiras tradicionais (mulheres sábias ou "bruxas" acusadas de deterem "poderes mágicos") primeiro tiveram de ser desacreditadas e em seguida eliminadas. Decretou-se também que nestes "julgamentos de bruxas" os médicos deveriam ser trazidos a fim de julgar se o estado de saúde de uma pessoa (bom ou mau) era resultado de causas naturais ou bruxaria. A Igreja não só conseguiu afastar as mulheres (tanto as alfabetizadas quanto as empesinas curandeiras), como conseguiu também desacreditar muitos medicamentos antigos dessas mulheres — ar puro e banhos, por exemplo, que os novos médicos especializados pela Igreja rotularam como prejudiciais. Em vez desses, eles usaram "remédios heróicos" tais como incisões para sangramento, aplicações de sanguessugas e prescrição de purgantes venenosos. Estas "curas" ainda costumavam ser prescritas por médicos no século XIX.**

[22] **Tema central no** *Malleus Maleficarum* **é o dos atos do demónio através das mulheres, como ele o fez no jardim do Éden. "Toda bruxaria origina-se da concupiscência carnal, que nas mulheres é insaciável", diz a obra, prosseguindo, "portanto, não admira haver mais mulheres do que homens infectadas pela heresia da bruxaria (...) E abençoado seja o Elevado que até agora preservou o sexo masculino de tão grandioso crime" (citado em Ehrenreich e English,** *Witches, Midwives and Nurses,* **10). O primeiro trabalho a apresentar a visão de que as "feitiçarias" representam em parte a sobrevivência da religião pré-cristã foi o de Margaret Alice Murray,** *The Witch-Cult in Western Europe* **(Londres: Oxford University Press, 1921). Esta análise, hoje mais comumente aceita, em parte apoia também a de Jules Michelet,** *Satanism and Witchcraft* **(Nova Iorque: Citadel Press, 1970). Para outros trabalhos feministas mais contemporâneos, sobre perseguições às bruxas como medida de supressão feminina, ver, por exemplo, Elizabeth Gould Davis,** *The First Sex* **(Nova Iorque: Penguin Books, 1971), cap. 18; Mary Daly,** *Gyn/Ecology: The Metaethics of Radical Feminism* **(Boston: Beacon Press, 1978). Para alguns trabalhos de reinterpretação da natureza religiosa das bruxas (Wicca) e suas artes curativas e de parto, ver Starhawk,** *Dreaming the Dark: Magic, Sex, and Politics* **(Boston: Beacon, 1982); Margot Adier,** *Drawing Down the Monn: Witches, Druids, Goddess Worshippers and Other Pagans in América Today* **(Boston: Beacon, 1981); Starhawk,** *The Spiral Dance* **(Nova Iorque: Harper & How, 1979).**

[23] **Taylor,** *Sex in History,* **77.**

[24] *Ibid.,* **126.**

[25] *Ibid.,* **99-103. Como eles consideravam as mulheres como seres humanos iguais, a amizade ou elo não sexual entre os sexos era um princípio em Catar. Um resultado irónico foi a furiosa denúncia do "amor casto" ou "ágape" pela Igreja oficial. Eles acusaram esses "hereges" que, seguindo os ensinamentos de Cristo, denominaram sua igreja de Igreja do Amor, não só por desejar o extermínio da raça humana refreando a procriação mas por todas as formas de perversão sexual.**

[26] *Ibid.***, 125**

[27] *Ibid.***, 151**

[28] **Perdura um debate entre estudiosas feministas sobre a questão levantada no artigo de Joan Kelly-Gadol sobre se as mulheres jamais tiveram um Renascimento (Kelly-Gadol, "Did women have a Renaissance?" em** *Becoming Vi-sible,* **Renate Bridenthal e Claudia Koonz, orgs. (Boston: Houghton Mifflin, 1977). A antiga escola Burckhardt-Beard de pensamento percebeu melhorias para as mulheres durante o Renascimento italiano (Mary Beard,** *Woman as a Force in History,* **Nova Iorque: McMilIan, 1946), 272. Ruth Kelso e Kelly-Gadoí afirmam que na verdade a mulher perdeu terreno, e esteve em melhores circunstâncias no período feudal. Decerto algumas mulheres das classes dominantes feudais, notadamente Eleanor de Aquitânia e sua filha Marie of Champagne, obtiveram alguma independência (embora Eleanor tenha sido aprisionada pelo esposo durante muitos anos) e exerceram grande influência no desenvolvimento e popularização do ideal trovador de veneração e não-depreciaçâo das mulheres. Mas, como E. William Monter e outros enfatizaram, há também muita controvérsia sobre se de fato as mulheres obtiveram ganhos reais, sociais e legais durante a Idade Média (ver, por exemplo, E. William Monter, "The Pedestal and the Stake", em Bridenthal e Koonz,** *Becoming Visible,* **125). Da mesma maneira, durante o Renascimento italiano, embora escritores como Castiglione tenham advogado educação igual para as mulheres, opondo-se à noção burguesa das mulheres em papéis exclusivamente domésticos, e refletindo afinal a respeito do padrão sexual duplo, como salienta Kelly-Gadol, com algumas notáveis exceçôes como Catherine Sforza, a mulher do Renascimento dificilmente foi um ser independente em termos políticos e económicos. Em outras palavras, em** *nenhum* **período encontramos qualquer alteração fundamental da subserviência feminina aos homens. Ao contrário, o que percebemos são valores humanistas mais "femininos" lutando para surgir durante o período trovadoresco e o Renascimento italiano. Percebemos também alguns direitos e opções em expansão para as mulheres — ou ao menos algum desafio frontal a sua subserviência aos homens (tais como o desafio à escravidão e difamação sexual feminina). A idealização trovadoresca da mulher, a celebração de sua independência sexual e o ideal do Renascimento de educação igualitária para as mulheres são exemplos. Mas no fim o que percebemos é o fracasso do ímpeto gilânico em derrubar a ordem androcrática oculta, fosse ela feudal ou estatista, do século XIII ou XV. O que também observamos é que esse conflito gilânico-androcrático, contínuo e periodicamente intensificado, ainda está ocorrendo na atualidade**

[29] **Taylor,** *Sex in History,* **126. A violenta reimposição de controles androcráti-cos foi, historicamente, de particular importância em relação a qualquer alteração fundamental no modelo de relacionamento humano homem-dominador/mulher-dominada, que é a chave da androcracia. Em outras palavras, todas as tentativas históricas de elevar o** *status* **feminino (e com ele os valores "femininos") só foram permitidas até onde fosse mantido o caráter androcrático do sistema, e nunca além disso. Assim, qualquer alteração fundamental na posição subdominante das mulheres devia ser evitada a qualquer preço. Isso não significa que a resistência androcrática não tenha existido desde os primórdios de qualquer período de ascensão gilânica. Claro que ela sempre esteve presente. Mas o que percebemos repetidamente na alternância entre períodos mais gilânicos e mais androcráticos é como, com a ascensão gilânica, ascende também a resistência androcrática, com o resultado final de um período de controle androcrático ainda mais repressivo. Por exemplo, a Reforma protestante, com sua rebelião contra a autoridade absoluta dos padres da Igreja e contra a depreciação das relações sexuais entre homens e mulheres através do ideal de castidade sacerdotal, durante algum tempo assemelhou-se a uma certa melhora na situação feminina. De fato, alguns humanistas progressistas católicos, precursores da Reforma, tais como Erasmo e Thomas More, advogaram a educação para as mulheres e ensinaram que a "doutrina de Cristo não leva em conta idade, sexo, fortuna ou posição na vida" (Erasmo em** *Paraclesis).* **Além disso, as mudanças tecnológicas da Revolução Industrial transformaram essa era num período de cataclismo social e económico, em que mudanças fundamentais nas instituições e papéis teriam sido possíveis. Mas acabou não havendo mudança real na subordinação feminina ou no caráter basicamente hierárquico dessa nova institucionalização do cristianismo, com o puritanismo na verdade introduzindo um período de controle androcrático punitivo. (Para uma visão interessante da Reforma, enfocando as mulheres, ver Sherrin Marshall Wyntjes, "Women in the Reformation Era", em Bridenthal e Roonz, B***ecoming Visible).*

[30] **David Winter,** *The Power Motive* **(Nova Iorque: Free Press, 1973).**

[31] *Ibid.,* **172.**

[32] *Ibid.*

[33] *Ibid.,* **caps. 6, 7.**

[34] **Kate Millett,** *Sexual Politics* **(Nova Iorque: Doubleday, 1970); Roszak, "The Hard and the Soft", em** *Masculine/Feminine,* **Betty Roszak e Theodore Roszak, orgs. (Nova Iorque: Harper Colophon, 1969).**

[35] **Millett,** *Sexual Politics.*

[36] **Roszak, "The Hard and the Soft: The Force of Feminism in Modern Times".**

[37] *Ibid.,* **90.**

[38] *Ibid.,* **ver especialmente p. 102.**

[39] *Ibid.* **As primeiras duas citações são da página 92, e a terceira da página 91.**

[40] **David McClelland,** *Power: The Inner Experience* **(Nova Iorque: Irvington, 1975).**

[41] *Ibid.,* **340**

[42] *Ibid.,* **324**

[43] *Ibid.,* **320-21.**

[44] *Ibid.*

[45] *Ibid.,* **319**

[46] **Jessie Bernard,** *The Female World* **(Nova Iorque: Free Press, 1981); Carol Gilligan,** *In a Different Voice* **(Cambridge: Harvard University Press, 1982); Jean Baker Miller,** *Toward a New Psychology of Women* **(Boston: Beacon Press, 1976).**

[47] **Miller,** *Toward a New Psychology of Women; Women and Power.*

[48] **Bernard,** *The Female World.*

[49] **Gilligan,** *In a Different Voice.*

[50] **Lynn White, Jr.,** *Medieval Technohgy and Social Change* **(Nova Iorque: Oxford University Press, 1962), p. V.**

[51] **Beard,** *Woman as a Force in History.*

[52] *Ibid.,* **255,323-29.**

[53] *Ibid.,* **312.**

[54] **Davis,** *The First Sex.*

[55] **Ver, por exemplo, Bridenthal e Koonz, orgs.,** *Becoming Visible',* **Elise Boulding,** *The Underside of History* **(Boulder, CO: Westview Press, 1976); Nancy Cott e Elizabeth Pleck, orgs., A** *Heritage of Her Own* **(Nova Iorque: Simon & Schuster, 1979); Nawai El Sadawii,** *The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World* **(Londres: ZED Press, 1980); Gerds Lemer,** *The Majority Finds its Past: Placing Women in History* **(Nova Iorque: Oxford University Press, 1979); La Frances Rodgers-Rose, org.,** *The Black Woman* **(Beveriy Hüls, CA: Sage, 1980); Martha Vicinus org.,** *Suffer and Be Still: Women in the Victorian Age* **(Bloomington; IN: Indiana University Press, 1972); Susan Mosher Stuard, org.,** *Women in Medieval Society* **(Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1976); Tsultrim Alione,** *Women of Wisdom* **(Londres: Routiedge & Kegan Paul, 1984); Marilyn French,** *Beyond Power; On Women, Man and Morals Famity in America from the Revolution to the Present* **(Nova Iorque: Oxford University Press, 1980); Lester A. Kirkendall e Arthur E. Gravatt, orgs.,** *Marriage and the Family in the Year 2020* **(Buffalo: Prometheus Books, 1984), para citar apenas alguns estudiosos que analisaram a condição flutuante das mulheres em diferentes épocas e localidades.**

[56] **Charles Fourier, citado em Sheila Rowbotham,** *Women, Resistance and Revolution* **(Nova Iorque: Vintage, 1974), 51.**

[57] **Ver, por exemplo, Eleanor Flexner, A** *Century of StruggIe* **(Cambridge: Elknap Press of Harvard University Press, 1959).**

[58] *Ibid.* **Ver também Boulding,** *The Underside of History,* **Carol Hymowitz e Michele Weissman, orgs.,** *History of Women in América* **(Nova Iorque: Ban-tam, 1978); Ruth Brin,** *Contributions ofWomen: Social Reform* **(Minneapolis: Dillon, 1977).**

[59] **Ver, por exemplo, Riane Eisler, "Women and Peace",** *Women Speaking 5* **(outubro-dezembro de 1982): 16-18; Boulding,** *The Underside of History.* **A historiadora Gerda Lerner salienta que "a interpretação histórica da construção comum das mulheres é urgentemente necessária"** *(The Majority Finds itsPast,* **165-67).**

[60] **Neste contexto, para uma ampla discussão dq** *Book of the City of Ladies* **de Christine de Pisan, ver Joan Kelly, "Early Feminist Theory and the** *Querelles des Femmes,* **1400-1789",** *Signs* **8 (outono de 1982); 4-28.**

[61] **Ver, por exemplo,** *Take Back the Night,* **Laura Lederer, ed. (Nova Iorque: William Morrow, 1980).**

[62] **Roszak, "The Hard and the Soft".**

[63] **Ver, por exemplo, Caryl Jacobs, "Patterns of Violence: A Feminist Perspective on the Regulation of Pornography",** *Harvard Womerís Law Journal* **7 (1984): 5-55, citando também estatísticas do FBI relatando que o número de estupros nos EUA aumentou em mais de 95% na década de 60. Mesmo levando-se em conta o aumento das denúncias de estupros femininos, esta cifra indica um aumento espantoso. O aumento da pornografia relacionando prazer sexual com violência contra as mulheres (refletindo a resistência androcrática ao movimento de liberação feminina) coincidiu com este aumento.**

[64] **Ver, por exemplo, Riane Eisler, "Violence and Male Dominance: The Ticking Time Bomb",** *Humanities in Society* **7 (inverno-primavera de 1984): 3-18; Eisler e Loye, "Peace and Feminist Theory: New Directions",** *Bulletin of Peace Proposals,* **1986, n[0] l.**

[65] **Embora existam muitos aspectos inéditos no moderno movimento feminista, é um erro pensar que as mulheres nunca haviam desafiado a dominação masculina. Antigas histórias sobre a Medusa e as amazonas indicam que esta rebelião tem raízes muito profundas. Mas, como escreve Dale Spender, o sistema androcrático apagou sistematicamente todas as tentativas de auto-afinnação e rebelião, a fim de que todas as mulheres nutrissem a sensação de haver algo de anormal (e inaudito) em tais atos - e mesmo em tais pensamentos** *(Feminist Theorists: Three Centuries of Key Women Thinkers,* **Nova Iorque: Pantheon, 1983).**

Capítulo 11: Libertação (pp. 200-217)

[1] **Henry Aiken,** *The Age of ideology* **(Nova Iorque: Mentor, 1956).**

[2] **Alvin Toffler,** *The Third Wave* **(Nova Iorque: Baniam, 1980).**

[3] **Riane Eisler e David Loye,** *Breaking Free,* **a ser lançado.**

[4] **Abade de Saint-Pierre, citado em Mary Beard,** *Woman as a Force in History* **(Nova Iorque: Macmülan, 1946), 330.**

[5] *Ibid.* **150. Os Levellers, seita que sustentou a Revolução de Cromwell, a qual derrotou a monarquia britânica em 1649, sustentava também que "por direito natural de nascença todos os homens nascem iguais e semelhantes para apreciar a propriedade, liberdade e independência (...) todo homem por natureza é um Rei, Sacerdote e Profeta em seu próprio circuito e compasso naturais".**

[6] **Jean-Jacques Rousseau,** *The Social Contract* **(Nova Iorque: Hafner Press, 1954).**

[7] **Mary Wollstonecraft, "A Vindication of the Rights of Woman" em** *Feminism: The Essential Historical Writings,* **Miriam Schneir, org. (Nova Iorque: Vintage Books, 1972), 6-16.**

[8] **Para Comte, ver Aiken,** *The Age of ideology,* **128. Para Mill e Marx, ver Alburey Castell,** *An Introduction to Modern Philosophy* **(Nova Iorque: Macmülan, 1946), 455,535.**

[9] **Ronald Fletcher, "The Making of the Modern Family", em** *The Family and Its Future,* **Katherine Eiliott, org. (Londres: J. & A. Churchill, 1970), 183.**

[10] **Randolph Trumbach,** *The Rise of the Equalitarian Family: Androcratic Kinship and Domestic Relations* **(Nova Iorque: Academic Press, 1978).**

[11] **Ver, por exemplo, Max Weber,** *The Protestara Ethic an the Spirit of Capitalism* **(Londres, Allen & Unwin, 1930); e R. H. Tawney,** *Religion and the Rise of Capitalism* **(Nova Iorque: Harcourt Brace, 1926).**

[12] **Ver, por exemplo, Robert Heilbroner,** *The Worldly Philosophers* **(Nova Iorque: Simon & Schuster, 1961).**

[13] **George Gilder,** *Wealth and Poverty* **(Nova Iorque: Basic Books, 1981).**

[14] **Ver capítulo sobre Saint-Simon em Timothy Raison, org.** *The Founding Fathers of Sociology* **(Baltimore: Peguin Books, 1969); discussão sobre Charles Fourier em Heibroner,** *The Worldly Philosophers;* **Karl Marx,** *O Capital.*

[15] **. Friedrich Engels,** *The Origin of the Family, Private Property, and the State* **(Nova Iorque: International Publishers, 1972), 58, 50.**

[16] **Sheila Rowbotham,** *Women, Resistance and Revolution* **(Nova Iorque: Vintage, 1974); Kate Millett,** *Sexual Politics* **(Nova Iorque: Doubleday, 1970); Riane Eisler e David Loye, The Failure' of Liberalism: A Reassessment of Ideology from a New Feminine-Masculine Perspective",** *Political Psychology 4* **(1983): 375-91; Eisler e Loye,** *Breaking Free.*

[17] **Leon Trotsky,** *The Revolution Betrayed,* **traduzido por Max Eastman (Nova Iorque: Merit, 1965). Trotsky salienta: "Não é possível 'abolir' a família, é preciso substituí-la" (145).**

[18] **Ver, por exemplo, Dale Spender, org.** *Feminist Theorists: Three Centuries of Key Women Thinkers* **(Nova Iorque: Pantheon, 1983); Schneir, org.,** *Feminism.*

[19] **Ellen Carol du Bois, org.,** *Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony: Correspondence, Writings, Speeches* **(Nova Iorque: Schocken, 1981), 29.**

[20] **Ver Castell, 421-52,123-41, 321-36.**

[21] *Ibid.*, **340.**

[22] *Ibid.* **Citações de Nietzsche (em ordem) das pp. 358-59, 352, 353; Adolf Hitler,** *Mein Kampf* **(Boston: Houghton Mifflin, 1962).**

[23] **Ver, por exemplo, Bertram Gross,** *Friendly Fascism* **(Boston: South End Press, 1980);** *Liberty* **79 (julho-agosto de 1984) e 80 (novembro-dezembro de 1985); Eugen Weber,** *The Nationalist Revival in France***: 1905-1914 (Berkeley e Los Angeles: University of Califórnia Press, 1959); Riane Eisler, "Human Rights: The Unfinished Struggle",** *International Journal of Women's Studies* **6 (setembro-outubro de 1983): 326-35; Riane Eisler, "The Human Life Amendment and The Future of Human Life",** *The Humanist* **41 (setembro-outubro de 1981): 13-19; Alan Crawford,** *Thunder on the Right* **(Nova Iorque: Pantheon Books, 1980).**

[24] **Ver, por exemplo, Riane Eisler, "Women's Rights and Human Rights",** *The Humanist* **40 (novembro-dezembro de 1980): 4-9; Eisler e Loye, "The 'Failure' of Liberalism"; Edward L. Ericson,** *American Freedom and the Radical Right* **(Nova Iorque: Frederick Ungar, 1982). Ver também** *Liberty* **79 (julho-agosto de 1984).**

[25] **Fred Brenner, "Khomeini's Dream of an Islamic Republic",** *Liberty* **74 (julho-agosto de 1979): 11-13.**

[26] *Ibid.,* **12.**

[27] *Atlas World Press Review***, setembro de 1979.**

[28] **Brenner, "Khomeini's Dream of an Islamic Republic".**

[29] *Women's International Network News* **9 (outono de 1983): 42. Estas não foram as primeiras mulheres Baha'i a morrer por sua fé, por terem aderido à igualdade de homens e mulheres. Tahiri, uma das discípulas originais de Bab (que fundou a fé Baha'i), entregou-se à morte, proclamando: "Podem me matar, mas não podem deter a emancipação das mulheres" citado em John Huddieston,** *The Earth Is But One Country* **(Londres: Baha'i Publishing Trust, 1976): 154.**

[30] **Este ponto será examinado em profundidade em** *Breaking Free***, de Eisler e Loye. Ver também notas 23 e 24 acima.**

[31] **Isto inclui as mulheres e os homens, a fim de que as mulheres não só aceitem a própria dominação, mas apoiem os atos de violência dos homens contra outros**

[32] **Ver, por exemplo, Wilma Scott Heide,** *Feminism for the Health of It* **(Buffalo: Margaretdaughters Press, 1985); Mary Daly,** *Gyn/Ecology: The Metaethics of Radical Feminism* **(Boston: Beacon Press, 1978); Adrienne Rich,** *Of Women Born* **(Nova Iorque: Baniam, 1976); Sônia Johnson,** *From Housewife to Heretic* **(Garden City, Nova Iorque: Anchor Doubleday, 1983).** *Breaking Free,* **de Riane Eisler e David Loye analisa em profundidade a dinâmica subjacente à relação entre a dominação masculina e a guerra, enfocando a história contemporânea. Aqui deve ser observada a distinção entre sociedades belicosas e tempos de guerra. O fato de a condição feminina costumar ser inferior em sociedades belicosas não implica necessariamente que a posição das mulheres sempre decline durante períodos de guerra. Na verdade, há algumas situações em que a ausência de homens nas guerras produz uma melhoria temporária no** *status* **das mulheres, que então conseguem a oportunidade de assumir algumas "tarefas masculinas" altamente valorizadas. Como exemplo podemos citar regiões da Europa feudal, quando os homens partiram para as Cruzadas, e regiões dos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial. Mas fundamental é o fato de a independência e condição social feminina só aumentarem por um período de tempo limitado. Como não há maior valorização das mulheres e características "femininas" tais como compaixão, zelo e não-violência, as mulheres são outra vez relegadas às "funções femininas" e à subserviência quando os homens retornam - e o sistema continua pautado na supremacia masculina e na belicosidade.**

[33] **New Paradigm Symposium, Esalen Institute, Big Sur, Califórnia, 29 de novembro a 4 de dezembro de 1985.**

[34] **Ver, por exemplo, John Platt, "Women's Roles and the Great Worid Trans-formation",** *Futures* **7 (outubro de 1975); David Loye, "Men at the U.N. Women's Conference",** *The Humanist* **45 (novembro/dezembro de 1985). Robert Jungk, um dos "papas" do movimento pacifista europeu, tem também apoiado ativamente a maior participação das mulheres na política, reconhecendo ser este um pré-requisito para a paz.**

[35] *The Promise of World Peace* **(Haifa: Baha'i Worid Center, 1985), 11-12.**

[36] **Ver, por exemplo, Heide,** *Feminism for the Health of It,* **Fran Hosken,** *The Hosken Report: Genital and Sexual Mutilation of Females* **(Lexington, MA: Women's International Network News, 1979); Helen Caldicot,** *Nuclear Madness* **(Nova Iorque: Bantam Books, 1980); Pam McAllister, org.,** *Reweaving the Web of Life: Feminism and Nonviolence* **(Filadélfia, New Society Publishers, 1982); Charlene Spretnak, org.,** *The Politícs of Women'ss Spirituality*

(Nova Iorque: Doubleday Anchor, 1982); Elizabeth Dodson-Gray, *Green Paradise Lost* (Wellesley, MA: Roundtable Press, 1979); Hilkka Pietila, "Tomorrow Begins Today", ICDA/ISIS Workshop in Fórum, Nairobi, 1985.

[37] Ver, por exemplo, Abida Khanum, The Black-Eyed Houri: Women m the Moslem Worid (em elaboração); Susan Griffin, Women in Nature (Nova Iorque: Harper Colophon Books, 1978); Paula Guim AUen, The Woman Who Owned the Shadows (San Francisco: Spinster's Ink, 1983); Jean 0'Barr, Third Worid Women: Factors in Their Changing Status (Durham, NC: Duke University Center for Internacional Studies, 1976); Judy Chicago, The Dinner Party (Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1979); Alice Walker, The Color Purple (Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1982); Rose-mary Redford Ruether, org., Religion and Sexism: Images of Women in Jewish and Christian Traditions (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1974); Evelyn FoX Keller, A Feeling for the Organism: The Life and Work of Barbara Mc-Clintock (San Francisco: W. H. Freeman, 1983).

[38] Um notável trabalho sobre o tema é o de Fritjof Capra e Charlene Sprenak, Green Politics (Nova Iorque: Dutton, 1984).

[39] Como enfatiza o futurólogo Stuart Conger, assim como o papel e a caneta, carruagens e aviões, ou ábacos e computadores constituem invenções tecnológicas, as instituições que consideramos inerentes, como tribunais, escolas e igrejas, são invenções sociais. Todos são produtos da mente humana *(Social Inventions,* Prince Albert, Saskatchewan; Saskatchewan Newstart Incorporated, 1970).

Capítulo 12: O colapso da evolução (pp. 218-232)

[1] Norbert Wiener, *The Human Use of Human Beings* (Nova Iorque; Avon, 1950, 1967), ver especialmente caps. 2-3.

[2] Como escreve Wiener a partir da sua perspectiva sistémica, "A cibernética estabelece que a estrutura da máquina ou do organismo é um índice do desempenho que se pode esperar dele. (...) É tão natural para a sociedade humana basear-se no aprendizado como é para uma sociedade de formigas basear-se em um padrão herdado." *(Ibid.,* 79, 81.) Ou, como Ashley Montagu documentou, os traços que caracterizam nossa espécie - tornando-a única são a nossa grande flexibilidade, conseqüentemente nossa capacidade para inventar. Ver particularmente Ashley Montagu, *The Direction of Human Development* (Nova Iorque: Harper, 1955); *On Being Human,* 2ª edição (Nova Iorque: Dutton/Hawthorn Books, 1966); *Growing Young* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1981); *Touching,* 3ª edição (Nova Iorque: Harper & Row, 1986).

[3] Assim, Wiener escreve que "o ordenamento sistemático de funções permanentemente distribuídas" não é coerente com a estrutura do organismo humano ou com "o movimento irreversível rumo a um futuro contingente, o qual é a verdadeira condição da vida humana" - muito menos com uma forma democrática de organização social *(Human Use of Human Beings,* 70-71).

[4] *Ibid.,* 71, cap.3.

[5] Ver, por exemplo, Edward Cornish, *The Study of the Future* (Washington D.C.: The Worid Future Society, 1977).

[6] Ver, por exemplo, Mihajlo Mesarovic e Eduard Pestel, *Mankind at the Turning Point* (Nova Iorque: Dutton, 1974); *The Global 2000 Report to the Pre-sident* (Washington D.C.: US Council on Environmental Quality, U.S. Department of State, 1980); Ervin Laszio, "The Crucial Epoch", *Futures* 17 (fevereiro de 1985): 2-23; William Neufeld, "Five Potential Crises", *The Futurist* (abril de 1984).

[7] The Global 2000 Report to the President, 3

[8] *Ibid.,* 2-3.

[9] Ruth Sivard, *World Military and Social Expenditures 1983* (Washington, D.C.: World Priorities, 1983), 26.

[10] *Ibid.,* 26.

[11] *The Global 2000 Report to the Presidem,* l, 26. Há projeções de que o crescimento populacional entrará em equilíbrio. Mas, como aponta Jonas Salk, em *World Population and Human Values: A. New Reality* (Nova Iorque: Harper & Row, 1981), para que cheguemos a isso de forma humanitária, será necessária a efetiva intervenção humana.

[12] Só durante a década de 1974 a 1984, o número de pessoas na Terra aumentou de 770 milhões para 4,75 bilhões. O Banco Mundial estima que em 2025 a população global poderá praticamente duplicar, chegando a uma média de 8,3 bilhões, e que, deste total, aproximadamente 7 bilhões pertencerão ao Terceiro Mundo subnutrido e descapitalizado *(Time, 6* de agosto de 1984, 24). As projeções mais alarmantes são as do continente africano, onde a população hoje está *duplicando* a cada 23 anos, tornando o futuro do continente, nas palavras da Comissão Económica para a África, "um pesadelo" *(ZPG Repórter,* 16, março-abril de 1984): 3.

[13] Mesarovic e Pestel, *Mankind at the Turning Point,* 72.

[14] Ver, por exemplo, Lester Brown, "A Harvest of Neglect: The World's Declining Croplands", *The Futurist* 13 (abril de 1979): 141-52; Lester Brown, *State of The World Nineteen Eighty-Five* (Nova Iorque: Norton, 1985); "World Population Growth and Global Security", *Population,* setembro de 1983; Stephen D. Mumford, *American Democracy and the Vatícan: Population Growth and National Security* (Amnerst, Nova Iorque: Humanist Press, 1985).

[15] O documento com a posição dos EUA, de 30 de maio de 1984, preparado para a Conferência sobre População na Cidade do México, declarava: "O crescimento populacional é por si só um fenómeno neutro. Não é necessariamente bom ou mau." Para assombro dos economistas, continuava assim o texto: "A relação entre crescimento populacional e desenvolvimento económico não é negativa" (esboço do documento com a posição americana elaborado pelo Gabinete de Política Desenvolvimentista da Casa Branca e Conselho de Segurança Nacional, reproduzido em *ZPG Repórter* 16 (maio/junho de 1984). A credibilidade dessas declarações foi frontalmente desafiada no *World Development Report,* do Banco Mundial, divulgado em julho de 1984. Esse documento de 286 páginas observou que "em alguns países o desenvolvimento não será possível se não houver uma urgente desaceleração do crescimento populacional". O documento também declarava que o desenvolvimento económico das nações mais pobres do mundo será drasticamente refreado em razão do crescimento populacional e que o aumento do planejamento familiar e de recursos é essencial *(ZPG Repórter* 16, julho/agosto de 1984): 2. O consenso da maioria dos especialistas em demografia afirma que a posição dos EUA e sua crítica ao planejamento familiar e aos esforços no controle populacional foram ditadas por motivos ideológicos. O ICP World Plan of Action, adotado na Conferência na Cidade do México, enfatizou também que a população é "elemento fundamental no planejamento desenvolvimentista", e que "deve ser dada prioridade absoluta aos programas de ação, integrando todos os fatores populacionais e desen-volvimentistas". *(ZPG Repórter* 16; julho/agosto de 1984): 4.

[16] Ver, por exemplo, Riane Eisler, "Thrusting Women Back to Their 1900 Roles", *The Humanist* 42 (março/abril de 1982); "The Human Rights Amendment and the Future of Human Life", *The Humanist* 41 (setembro/outubro de 1981).

[17] *National New Times,* janeiro/fevereiro de 1985, 5

[18] Ver, por exemplo, Riane Eisler, "Population: Women's Realities, Women's Choices". *Confessional Record,* 98° Congresso, 2ª sessão, 1984.

[19] Rafael M. Salas, *The State of World Population 1985: Population and Women,* disponível na Divisão de Informação, UNFPA, 220 E. 42nd St. Nova Iorque, NY 10017.

[20] Como salientou a dra. Esther Boohene, coordenadora da Zimbabwe's National Child Spacing and Fertility Association, a liberdade de reprodução não é a realidade para a maioria das mulheres africanas, que ainda "devem ter a permissão de seus maridos" para praticar o controle da natalidade. *(Popline 7,* agosto de 1985): 2. Através de entrevistas com mulheres do Terceiro Mundo, Perdita Huston, em *Third World Women Speak Out* (Nova Iorque: Praeger 1979), fornece dramático *insight* do problema.

[21] Ver, por exemplo, *Draper Fund Report n° 9: Improving the Status of Women* (Washington, D.C. outubro de 1980); Kathleen Newland, *Women and Population Growth* (Washington, D.C., Woridwatch Paper 16, dezembro de 1977); Robert McNamara, *Accelerating Population Stabilization Through Social and Economic Progress,* Development Paper 24 (Washington, D.C.: Overseas Development Council, 1977).

[22] Ver, por exemplo, Julian L. Simon e Herman Kahn, orgs., *The Resourceful Earth: A Response to Global 2000* (Nova Iorque: Basil BlackweU, 1984). O argumento de Simon é o de que a Terra pode confortavelmente sustentar duas vezes a atual população global, e mais: na verdade, como a engenhosidade humana é essencial na criação do tipo de futuro que queremos, mais pessoas constituem um ativo, em vez de um problema. Simon argumenta também que a população se estabilizará naturalmente quando os benefícios do progresso material forem mais compartilhados em todo o mundo. Mas, no que se refere à maneira como isso ocorrerá, ele afirma não serem necessárias mudanças fundamentais. Decerto isto também acontecerá naturalmente, através do crescimento econômico contínuo - uma mensagem bem acolhida pêlos ricos patrocinadores da Heritage Foundation.

[23] *Ibid.* Ver também Herman Kahn: "The Unthinkable Optimist", *The Futurist 9* (dezembro de 1975): 286, no qual Kahn admite que, a despeito de seu grande otimismo sobre o futuro, haverá tragédia, mais provavelmente a disseminação da fome.

[24] Ver, por exemplo, Julian Simon, "Life on Earth is Getting Better, Not Worse", *The Futurist* 17 (agosto de 1983); 7-15. Ver Lindsey Grant, "The Cornucopian Fallacies: The Myth of Perpetual Growth", *The Futurist* 17 (a-gosto de 1983): 16-23; e Herman Daly, "Ultimate Confusion: The Economics of Julian Simon", *Futures* 17 (outubro de 1985): 446-50 para algumas críticas severas a este enfoque.

[25] Sivard, *World Military and Social Expenditures* 1983, 5.

[26] Ver notas 22, 23 e 24. Para outra crítica da posição de que o crescimento económico é a resposta, ver Gita Sen, com Caren Grown, *Development, Crisis and Alternative Visions: Third Women's Perspectives* (Nova Delhi: Dawn,

1985). Enfocando algumas das origens estruturais da fome e da pobreza, este trabalho considera a questão da pobreza a partir da perspectiva dos mais diretamente afetados: as mulheres do Terceiro Mundo.

[27] Ver, por exemplo, *State of World's Women 1985* (compilado para as Nações Unidas por New Internationalist Publications, Oxford, Grã-Bretanha); Riane Eisler, "The Global Impact of Sexual Equality", *The Humanist* 41 (maio/junho de 1981); Barbara Rogers, *The Domestication of Women* (Nova Iorque: St. Martin's, 1979).

[28] Ver, por exemplo, *Disadvantaged Women and Their Children,* U.S. Commission on Civil Rights, maio de 1983; Karin Stallard, Barbara Ehrenreich e Holiy Sklar, *Poverty in American Dream: Women and Children First* (Boston: South End Press, 1983); *Women in Poverty,* National Advisory Council on Economic Opportunity, Final Report, setembro de 1981; A *Women s Rights Agenda for the States,* Conferência sobre Estado Alternativo e Político Local, Washington, D.C., 1984.

[29] O resultado de mais de uma década de estudos governamentais e paragovernamentais inéditos, coordenados pelas Nações Unidas, está resumido em *The State of the World's Women 1985.* Ele relata que embora "a maioria das mulheres trabalhe em jornada dupla" e "cultive metade da alimentação mundial", elas "dificilmente recebem terras, e enfrentam dificuldades para obter empréstimos", "estão concentradas nas ocupações mais mal remuneradas" e "ainda ganham menos de três quartos dos salários de um homem que realiza trabalho semelhante" (p. l).

[30] Hoje está sendo extensamente documentado que as mulheres constituem não somente a grande massa pobre, mas também a maioria dos famintos do mundo. Na verdade, há muito que tais fatos são reconhecidos implicitamente, como por exemplo na Carta de Apelação da UNICEF redigida por Hugh Down, na qual ele diz que "na Etiópia a maioria dos cinco milhões de vítimas da seca e da guerra civil são as mães e seus filhos".

[31] Ver, por exemplo, June Turner, org., *Latin American Women: The Meek Speak Out* (Silver Springs, MD: Intemational Educational Development, 1981) e Huston, *Third World Women Speak Out.*

[32] Por exemplo, em 1982 a Agência para o Desenvolvimento Internacional dos EUA destinou apenas 4% de seu auxílio para a implementação de programas para mulheres (Ruth Sivard, *Women... a World Survey,* 1985, Washington D.C.: World Priorities, 17).

[33] Ver, por exemplo. Barbara Bergmann, "The Share of Women and Men in the Economic Support of Children", *Human Rights Quarterly* 3 (primavera de 1981), sobre a pobreza gerada pelo fracasso dos homens americanos em garantir o sustento dos filhos.

[34] Ver, por exemplo, *Law and the Status of Women: An International Symposium* (Nova Iorque: U.N. Centre for Social Development & Humanitarian Affairs, 1977), para informações específicas sobre como, de acordo com códigos tradicionais e modernos legais, em muitas sociedades africanas o homem não tem obrigação, legal ou de outro tipo, de cuidar de sua esposa e filhos. Ver também a entrevista com Fran Hosken, org., *Womens International News,* onde ela discute o problema com Riane Eisler e David Loye, "Fran Hosken: Global Humanitarian, *The Humanist,* setembro/outubro de 1982.

[35] Ver, por exemplo, *State of World's Women 1985; Review and Appraisal: Health and Nutrition,* World Conference to Review and Appraise the Achievements of the U.N. Decade for Women, A/Conf. 116/5/Add. 3; Rogers, *The Domestication of Women;* Sivard, *Women... a World Survey.*

[36] Sivard, *Women... a World Survey*, 25.

[37] Jacques Ellul, *The Technological Society* (Nova Iorque: Knopf, 1964).

[38] Ver, por exemplo, Herman Kahn e Anthony Weiner, *The Year 2000* (Nova Iorque; Mcmilian, 1967), 189.

[39] Ver, por exemplo, Hannah Arendt, *The Origins of Totalitarism* (Nova Iorque: Meridian Books, 1958); Robert A. Brady, *The Spirit and Structure of German Fascism* (Nova Iorque: Viking, 1937); Ernst Noite, *The Faces of Fascism* (Londres, Trinity Press, 1965); George Mosse, *Nazi Culture* (Nova Iorque: Grosset & Dunlap, 1966).

[40] Lewis Mumford, *The Myth of the Machine: Technics and Human Development* (Nova Iorque: Harcourt, Brace & Worid, 1966).

41 A análise do caráter androcrático da Alemanha de Hitler e da Rússia de Stalin será desenvolvida em Riane Eisler e David Loye, *Breaking Free.*

[42] Para um retrato vivo destes acontecimentos medievais, ver Marion Meade, *Eleanor of Aquitaine* (Nova Iorque: Hawthorn Books, 1977). Uma fascinante semelhança entre o nazismo e os cortejos da igreja medieval está na forma como ambos duravam muitas horas e usavam cantos repetitivos como forma de exaurir as pessoas, tornando-as assim mais sugestionáveis.

[43] Alburey Castell, *An Introduction to Modern Philosophy* (Nova Iorque: Macmillan, 1946), 357.

[44] Claudia Koonz, "Mothers in the Fatherland: Women in Nazi Germany", em Renate Bridenthal e Claudia Koonz, orgs., *Becoming Visible: Women in European History* (Boston: Houghton Mifflin, 1977), 469.

[45] Estudiosos como Carl Jung e Lewis Mumford, bem como Robert Graves e Mircea Eliade, mostraram a necessidade de equilíbrio entre nossas percepções "intuitivas" e "racionais". Mais recentemente, em *The Psychology of Consciousness,* Robert Omstein tenta compreender e reconciliar essas duas formas de percepção. Ele observa que o intuitivo é caracteristicamente desvalorizado como sendo mais "feminino", assim inferior na ordem *(The Psychology of Consciousness,* San Francisco: Freeman, 1972): 51. Um dos casos mais poderosos de necessidade do que ele denomina "recuperação da consciência participante" é elaborado por Morris Berman em *The Reenchantment of the World* (Ithaca, Nova Iorque: Cornell University Press, 1981), que observa que o feminismo, a ecologia e a renovação espiritual nada parecem ter em comum politicamente, porém convergem para um objetivo comum. Ver também Gregory Bateson, *Steps on a Ecology of Mind* (Nova Iorque: Ballantine, 1972), outro importante trabalho sobre a necessidade de uma visão mais holística que não desvalorize nosso lado mais "feminino", sonhador e intuitivo.

Capítulo 13: Ruptura na evolução (pp. 233-254)

[1] Frank Herbert, *Dune* (Filadélfia: Chilton, 1965); Ed. bras.: *Duna* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira).

[2] Charlotte Gilman, *Herland* (Nova Iorque: Pantheon Books, 1979, reedição).

[3] Por exemplo, E.O. Wilson ilustra o "comportamento agressivo" como "forma de técnica competitiva" na evolução citando colônias de formigas, as quais ele descreve como "notoriamente agressivas umas com as outras". Ver E. O. Wilson, *Sociobiology: The New Syntesis* (Cambridge: Harvard University Press, 1975), 244. Ele se utiliza também de sociedades de insetos para respaldar sua teoria de "seleção intra-sexual", a qual, escreve ele, "baseia-se na exclusão agressiva entre os integrantes do sexo que corteja", afirmando existir "machismo desenfreado" entre algumas espécies de abelhas (p. 320). Em seguida, ele passa a dar alguns exemplos de violenta dominação masculina entre insetos, por exemplo, em uma das espécies de mosca-varejeira, onde o macho imobiliza a fêmea através da força durante longos períodos de tempo, a fim de evitar que machos rivais a cubram (pp. 321-24). Em alguns de seus trabalhos, Wilson faz uma distinção entre o comportamento do homem e o do inseto. Por exemplo, ele descreve como "o mosquito é um autômato" no qual "a seqüência de comportamentos rígidos programados pelos gens" deve "desdobrar-se rápida e infalivelmente desde o nascimento", ao passo que "em vez de especificar um único traço, os gens humanos possibilitam a *capacidade* de desenvolver uma certa amplitude de traços" *(On Human Nature,* Cambridge: Harvard University Press, 1978): 56, grifos do original. Mas a importância geral do que Wilson afirma é tamanha que não fica difícil perceber por que ele é citado com tanta freqüência, para provar noções da agressão e dominação masculinas inevitáveis. Por exemplo, ao explicar sua teoria evolutiva do "investimento paternal", Wilson escreve que como "os machos investem relativamente pequeno esforço no acasalamento (...) eles levam vantagem mantendo o máximo possível de investimentos femininos" - o que presumivelmente só os machos mais agressivos conseguem, eliminando assim os gens dos machos "inferiores" *(Sociobiology,* 324-5). Outra vez ele ilustra a teoria sociobiológica de que a evolução favorece a agressão masculina através de uma experiência com insetos, favorita dos sociobiólogos: a experiência de 1948 de Bateman envolvendo o acasalamento de dez *Drosophila melanogaster,* espécie de inseto (p. 325). Esta experiência é seguida de uma discussão sobre como os animais são fundamentalmente polígamos, porque o acasalamento dos machos mais "preparados" com mais de uma fêmea fornece uma vantagem evolutiva a toda a espécie (p. 327). Em outro ponto, Wilson sustenta que as "vantagens reprodutivas conferidas pela dominação" estendem-se também a nossa espécie. Para consubstanciar tal ponto de vista, ele cita um único exemplo: os índios Yanomami, no Brasil, uma tribo de supremacia masculina altamente belicosa onde o infanticídio feminino é praticado. Ali "os machos politicamente dominantes geram um número desproporcional de filhos". E, relata Wilson, a impressão dos antropólogos que descrevem o que denominam um tipo de "seleção natural" foi a de que "os índios polígino, especialmente os chefes, tendem a ser mais inteligentes do que os não polígino". Baseando-se nesse fato, Wilson infere que sua hipótese de "vantagem da dominação na reprodução competitiva" se baseia em evidência "convincente" (p. 288).

[4] Ver, por exemplo, Vilmos Csanyi, *General Theory of Evolution* (Budapeste: Akademiai Kiado, 1982); Ervin Laszio, *Evolution: The Grana Synthesis* (Boston: New Science Library, 1987); Niles Eldredge, *Time Frames* (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1985). Como resume Margaret Mead: "Ao longo da evolução cósmica e biológica houve opções e pontos críücos. Se considerarmos seriamente o processo de evolução, veremos que ele não precisaria ter tomado este rumo. Ele poderia ter seguido muitos outros." ("Our Open Ended Future", *The Next Billion Years,* Lecture Series, UCLA, 1973).

[5] Sherwood Washburn, "Tools and Human Evolution", *Scientific American* 203 (setembro de 1960): 62.

[6] Ilya Prigogine e Isabel Stengers, *Order Out of Chaos* (Nova Iorque: Bantam, 1984) esp. 160-76; Eldredge, *Time Frames,* 189.

[7] Ervin Laszlo, "The Crucial Epoch", *Futures* 17 (fevereiro de 1985): 16.

[8] Jonas Salk, *Anatomy of Reality* (Nova Iorque: Columbia University Press, 1983), 12-15.

[9] Ver, por exemplo, Marija Gimbutas, *The Goddesses and Gods of Old Europe, 7000-35000 B.C.* (Berkeley e Los Angeles: University of Califórnia Press, 1982), 91.

[10] Durante as Cruzadas e a Inquisição, a cruz passou de novo a ser associada à morte e à tortura. Uso moderno e espantoso da cruz como símbolo da morte e opressão é o que faz a Ku Klux Klan nos EUA.

[11] Ver, por exemplo, *Liberty* 80 (novembro/dezembro de 1985): 4. Citando o ex-presidente Ronald Reagan, que pelo menos em onze ocasiões sugeriu que o fim do mundo está para chegar - declaração grave de um homem capaz de provocar este fim.

[12] Esta remitificação está sendo contestada pela regressão global ao "fundamentalismo" - palavra-chave para a mitologia religiosa androcrática. Esta regressão está sendo tão intensa justamente em razão do enorme movimento mundial pela criação de novos mitos e reinterpretação dos antigos de modo mais gilânico.

[13] Há também um novo género de arte moderna da Deusa. Ver, por exemplo, Gloria Orenstein, "Female Creation: The Quest for the Great Mythic Mother", conferência; e Gloria Orenstein, "Artist as Shaman", exibição artística na Women's Building Gallery, Los Angeles, California, 4-28 de novembro de 1985.

[14] Também é importante que o nascimento do movimento ecológico seja muitas vezes associado à publicação de um livro por uma mulher: *The Silent Spring,* de Rachel Carson (Boston; Houghton Mifflin, 1962). O ex-Secretário do Interior James Udall escreveu: "Uma grande mulher despertou a nação com a força de seu relato sobre o perigo que nos cerca."

[15] Ver, por exemplo, Françoise D'Eaubonne, *Le Feminism ou La Mort (Feminism or Death)* (Paris: Pierre Horay, 1974); Elizabeth Dodson-Gray, "Psycho-Sexual Roots of Our Ecological Crises" (trabalho distribuído por Roundtable Press, 1974); e Susan Griffin, *Woman and Nature* (Nova Iorque: Harper Colophon, 1978), para uma análise relacionando nossa crise ecológica com nosso sistema de supremacia masculina e de valores masculinos.

[16] Shirley McConahay e John McConahay, "Sexual Permissiveness, Sex Role Rigidity and Violence Across *Cultures",Journal of Social Issues,* 33 (1977), 134-43.

[17] Este aspecto é detalhado em Riane Eisler e David Loye, *Breaking Free.* Ver também Eisler, "Violence and Male Dominance: The Ticidng Time Bomb", *Humanities in Society 1* (inverno/primavera de 1984): 3.

[18] O termo *consciousness raising* (elevação da consciência) foi uma contribuição do movimento de liberação das mulheres no fim da década de 60, quando as mulheres se reuniram em grupos para compartilhar uma crescente compreensão de como muitos de seus problemas supostamente pessoais constituíam problemas sociais comuns da metade da humanidade em uma sociedade androcrática.

[19] Este ponto também será examinado em profundidade em *Breaking Free,* de Eisler e Loye, a ser publicado.

[20] Ver também Eisler e Loye, "Peace and Feminist Theory: New Directions", *Bulletin of Peace Proposals* n° l (1986); Eisler, "Women and Peace", *Women Speaking* 5 (outubro/dezembro de 1982): 16-18; Eisler, "Our Lost Heritage; New Facts on How God Became a Man", *The Humanist* 45 (maio/junho de 1985): 26-28.

[21] Por exemplo, em dezembro de 1985 veteranos da Guerra do Vietnã estavam panfletando em frente a lojas de brinquedos, a fim de conscientizar as pessoas sobre como são destrutivos os brinquedos de guerra. Como declarou um veterano a uma entrevista em um canal de TV, se eles vendem bonecos de Rambo e GI Joe (Comandos em Ação) glamourizando a guerra, deviam ao menos fazer alguns amputados, para mostrar como realmente é a guerra.

[22] *The Futurist,* fevereiro de 1981, 2.

[23] O crescimento do movimento internacional feminino sofreu grande impulso durante a Primeira Década das Mulheres nas Nações Unidas (1975-1985), com um número cada vez maior de homens começando também a reconhecer que não pode existir verdadeiro desenvolvimento social ou econômico sem mudanças fundamentais na condição das mulheres. Por exemplo, na abertura da Conferência Final das Nações Unidas pela Mulher, em Nairobi, Quénia, em julho de 1985, o presidente do Quénia, Daniel Arap Mói, afirmou que "um século XXI de paz, desenvolvimento e respeito mundial aos direitos humanos permanecerá uma ilusão sem a total participação das mulheres". O vice-presidente do Quénia, Mwai Kibaki, falou recentemente sobre como as mulheres africanas, as quais muitas vezes concebem a cada 13 meses, "estão desamparadas, fracas e infelizes diante da difícil tarefa de precisar amamentar e cozinhar para três ou quatro filhos (...) com mais um na barriga (...) e devem ser libertadas" (Mói e Kibaki citados em David Loye, "Men at the U.N. Women's Conference", *The Humanist* 45 (novembro/dezembro de 1985): 28, 32.

[24] Ver, por exemplo, Mary Daly, *Gyn/Ecology: The Metaethics of Radical Feminism* (Boston: Beacon, 1978); e Wilma Scott Heide, *Feminism for the Health of It* (Buffalo: Margaretdaughters Press, 1985).

[25] Ver Louise Bruyn, *Feminism: The Hope for a Future* (Cambridge, MA: American Friends Service Committee, maio de 1981) para uma vigorosa articulação do que Daly denomina "raízes misóginas de agressão androcrática"

(Gyn/Ecology, **357). Ver também Eisler e Loye, "Peace and Feminist Theory: New Directions" e "Peace and Feminist Thought: New Directions",** *World Encyclopedia of Peace,* **Laszlo e Yoo, orgs. (Londres: Pergamon Press, 1986).**

[26] **Jean Baker Miller,** *Toward a New Psychology of Women* **(Boston: Beacon, 1976), 86.**

[27] *Ibid.,* **69.**

[28] *Ibid.* **Citações (em ordem) de 83, 87 e 69.**

[29] *Ibid.* **Citações (em ordem) de 95 e 83 (grifos do original).**

[30] **Abraham Maslow,** *Toward a Psychology ofBeing* **(Nova Iorque: Van Nostrand-Reinhold, 1968).**

[31] **Alfred Adler,** *Understanding Human Nature* **(Greenwich, CT: Fawcett, 1954).**

[32] **Pesquisa enfocando diferentes características de tipos de personalidade gilânica e androcrática relatada por Eisler e Loye,** *Breaking Free.* **Ver também Riane Eisler "Gylany: The Balanced Future",** *Futures* **13 (dezembro de 1981): 499-507.**

[33] **Maslow,** *Toward a Psychology of Being***.**

[34] **Fritjof Capra,** *The Turning Point: Science, Society, and the Rising Culture* **(Nova Iorque: Simon & Schuster, 1982); Ed. bras.:** *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente* **(São Paulo; Cultrix).**

[35] **É uma ironia que hoje, com os cientistas do sexo masculino descobrindo como o enfoque linear tradicional "masculino" é limitado, esteja havendo uma maior abertura à idéia de qie provavelmente ambos os sexos possuem capacidades inatas de pensamento semelhantes. Embora existam algumas diferenças biológicas, a habilidade feminina de processar informações mais holísticas provavelmente se deve sobretudo à socialização e a papéis sexuais estereotipados. Por exemplo, ao contrário dos homens, as mulheres têm sido condicionadas socialmente de forma a ver suas vidas basicamente em termos de relacionamento interpessoal, estando mais sintonizadas com as necessidades dos outros.**

[36] **Salk,** *Anatomy of Reality***, 11-19.**

[37] **O trabalho definitivo sobre McCIintock é o de Evelyn Fox Keller, A** *Feeling for the Organism The Life and Work of Barbara McCIintock* **(San Francisco:W. H. Freeman, 1983).**

[38] **Ashley Montagu, citado em** *Woodstock Times,* **7 de agosto de 1986.**

[39] **Hillary Rose, "Hand, Brain and Heart: A Feminist Epistemology for the Natural Sciences",** *Signs 9* **(outono de 1983): 81.**

[40] **Ver, por exemplo, Evelyn Fox Keller,** *Reflections on Gender and Science* **(New Haven: Yale University Press, 1985); Carol Christ, "Toward a Paradigm Shift in the Academy and in Religious Studies", em Christie Farnham, org.,** *Transforming the Conciousness of the Academy* **(Bloomington,** *IN:* **Indiana University Press, 1987); Rita Arditti, "Feminism and Science", em** *Science and Liberation,* **Rita Arditti, Pat Brennan e Steve Cavrak, orgs. (Boston: South End Press, 1979).**

[41] **Salk,** *Anatomy of Reality***, 22.**

[42] **Miller,** *Toward a New Psychology of Women***, cap. 11.**

[43] *Ibid.,* **130.**

[44] **Para uma visão da luta feminista pelo voto no século XIX, ver Eleanor Flexner, A** *Century of StruggIe* **(Cambridge: Bellknap Press of Harvard University Press, 1959). Para uma visão da luta pelo acesso à educação superior no século XIX, ver Mabel Newcomer, A** *Century of Higher Education for Women* **(Nova Iorque: Harper & Brothers, 1959). Algumas fontes do movimento de liberação das mulheres do século XX são Vivian Gomick e Barbara Moran,** *Woman in Sexist Society* **(Nova Iorque: Basic Books, 1971); Robin Morgan, org.,** *Sisterhood is Powerful* **(Nova Iorque: Random House, 1970); Johnson,** *From Housewife to Heretic* **(Garden City, Nova Iorque: Doubleday Anchor, 1983); Riane Eisler,** *The Equal Rights Handbook* **(Nova Iorque: Avon Books, 1978).**

[45] **Para uma discussão sob o enfoque de Gandhi, ver Marlilyn Ferguson,** *The Aquarian Conspiracy: Personal and Social Transformation in the 1980's* **(Los Angeles: Tarcher, 1980), 119-120. Ver também Louis Fisher,** *The Life of Mahatma Gandhi* **(Nova Iorque: Harper & Brothers, 1950).**

[46] **Miller,** *Toward a New Psychology of Women,* **116. A distinção entre poder** *para* **e poder** *sobre é* **a distinção simbolizada pelo Cálice e a Espada**

[47] **Ver, por exemplo, Morgan, org.,** *Sisterhood is Powerful;* **Marilyn French,** *Beyond Power: On Women, Men, and Morals* **(Nova Iorque: Ballantine, 1985); Adrienne Rich,** *Of Woman Born* **(Nova Iorque; Bantam, 1976); Devaki Jain,** *Woman's Quest for Power: Five Indian Case Studies* **(Ghanziabad: Vikas Publishing House, 1980); Marielouise Janssen-Jurreit, trad. Verne Moberg,** *Sexism: The Male Monopoly on History and Thought* **(Nova Iorque: Farrar, Straus & Giroux, 1982).**

[48] **Erich Neumann,** *The Great Mother* **(Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1955), 333-34.**

[49] **Alvin Toffler,** *The Third Wave* **(Nova Iorque: Bantam, 1980).**

[50] **Ruth Sivard,** *World Military and Social Expenditures 1983* **(Washington, D.C.: Worid Priorities, 1983), 5, 26.**

[51] **Willis Harman, "The Coming Transformation",** *The Futurist,* **fevereiro de 1977,5-11.**

[52] **Mihajlo Mesarovic e Eduard Pestel,** *Mankind at the Turning Point* **(Nova Iorque: Dutton, 1974), 157.**

[53] *Ibid.,* **146-7**

[54] **John McHale,** *The Future of the Future* **(Nova Iorque: Ballantine, 1969), 11.**

[55] **Ver, por exemplo, T. W. Adorno, Else Frenkel-Brunswik, Daniel Levinson, R. Nevitt Sanford,** *The Authoritarian Personality* **(Nova Iorque: Harper & Row, 1950), particularmente o trabalho de Frenkel-Brunswik sobre como os indivíduos criados em famílias rigidamente hierárquicas são particularmente propensos a priorizar a aquisição material em vez das relações emocionalmente satisfatórias que são incapazes de estabelecer. Esta dinâmica social e pessoal é examinada em profundidade em** *Breaking Free,* **de Eisler e Loye.**

[56] **John Stuart Mill,** *Principies of Political Economy,* **W. J. Ashley, org., nova edição de 1909, baseada na 7ª edição de 1871 (Nova Iorque: Longman, Green, 1929). Ver também Hellbroner,** *The Woridly Philosophers* **(Nova Iorque: Simon & Schuster, 1961).**

[57] *State of World's Women 1985* **(compilado para as Nações Unidas por New Internationalist Publications, Oxford, UK), l.**

[58] **Ibid.**

[59] **Hazel Henderson,** *The Politics of the Solar Age* **(Nova Iorque: Anchor Books, 1981), 171.**

[60] *Ibid.* **Citações (em ordem) de 337, 364 e 373.**

[61] **James Robertson,** *The Sane Alternative* **(St. Paul, MN: River Basin Publishing, 1979).**

[62] **Joseph Huber, "Social Ecology and Dual Economy", excerto em inglês de** *Anders Arbeiten-Anders Wirtshaften* **(Frankfurt: Fischer-Verlag, 1979).**

[63] **Fico grata a Hillary Rose e seu "Hand, Brain and Heart: A Feminist Epistemology for the Natural Sciences" por sua notável articulação desta questão fundamental (ver nota 39).**

[64] **Esta transformação econômica é discutida mais detalhadamente em** *Breaking Free,* **de Eisler e Loye e Emergence, Riane Eisler.**

[65] **Ver Riane Eisler, "Pragmatopia: Women's Utopias and Scenarios for a Possible Future", trabalho apresentado na Society for Utopian Studies Eleventh Conference, Asilomar, Califórnia, 2-5 de outubro de 1986, para a primeira introdução do conceito de** *pragmatopia* **(o que em grego significa lugar verdadeiro, e um futuro realizável, em contraste com o termo convencional** *utopia,* **que significa literalmente "lugar nenhum").**

[66] **Como a atual taxa de crescimento populacional não pode ser suportada pelo sistema ecológico da Terra, a questão não é saber se o crescimento populacional se estabilizará, mas como. Ver, por exemplo, Jonas Salk,** *World Population and Human Values: A New Reality* **(Nova Iorque: Harper & Row, 1981). Ver também Riane Eisler, "Peace, Population and Women's Roles", em** *World Encyclopedia of Peace,* **Laszlo e Yoo, orgs.**

[67] **Esta questão será discutida mais profundamente em** *Emergence,* **Eisler. Ver também D'Eaubonne,** *Le Feminism ou La Mort;* **Elizabeth Dodson-Gray,** *Green Paradise Lost* **(Wellesley, MA: Roundtable Press, 1979).**

[68] **Ver, por exemplo, The State of the Worlds Women 1985; Barbara Rogers, The Domestication of Women: Discrimination in Developing Societies (Nova Iorque: St. Martin's, 1979); Mayra Buvinic, Nadia Joussef e Barbara Von Elm, Women- Headed Households: The Ignored Factor in Development Planning (Washington, D.C.: International Center for Research on Women, 1978); May Rihani, Development as if Women Mattered (Washington, D.C.: Overseas Development Council, 1978); Riane Eisler, "The Global Impact of Sexual Equality",** *The Humanist* **41 (maio/junho de 1981).**

[69] **Ver, por exemplo, Sivard,** *World Military and Social Expenditures, 1983,* **Riane Eisler e David Loye, "The Failure' of Liberalism: A Reassessment of Ideology from a New Peminine-Masculine Perspective",** *Political Psychology 4 (19S3): 375-91.*

[70] **Ver, por exemplo, Luther Gerlach e Virginia Hine,** *People Power Change: Movements of Social Transformation* **(Indianápolis: Bobbs-Merrill, 1970).**

[71] **Ver, por exemplo, E. F. Schumacher,** *Small is Beantiful* **(Nova Iorque: Harper & Row, 1973); Henderson,** *The Politics of the Solar Age.*

[72] **Para o cenário androcrático sobre novas tecnologias de controle da natalidade ver, por exemplo, Wendy Faulkner e Erik Arnold, orgs.,** *Smothered by Invention: Technology in Women's Lives* **(Londres: Pluto Press, 1985) e Rita Arditti, Renate Duelli Klein e Shelley Minden, orgs.,** *Test Tube Women: What Future for Motherhood?* **(Londres: Routledge & Kegan Paul, 1984).**

[73] **Para um trabalho que examina algumas dessas possibilidades, ver Martin Camoy e Derek Sherer,** *Economic Democracy* **(Nova Iorque: Sharpe, 1980).**

[74] **Henderson,** *The Politics of the Solar Age,* **ambas as citações de 365.**

[75] **Riane Eisler, "Human Rights: The Unfínished Struggle",** *International Journal of Women's Studies* **6 (setembro/outubro de 1983): 326-35.**

[76] **Riane Eisler, Dissolution: No-Fault Divorce, Marriage and the Future of Women (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1977).**

[77] **Mead, "Our Open-Ended Future"; Riane Eisler e David Loye, "Childhood and the Chosen Future",** *Journal of Clinical Child Psychology 9* **(verão de 1980).**

[78] **David Loye,** *The Sphinx and the Rainbow: Brain, Mind and Future Vision* **(Boston: New Science Library, 1983).**